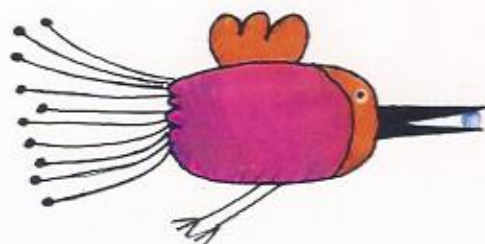


AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA

andré thevet



AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA

André Thevet

No final de seu livro, com comovedora humildade, André Thevet afirma não ter podido adquirir a correção de linguagem que tantos possuem, atribuindo o fato à circunstância de desde cedo ter-se dedicado à navegação. Diz, de sua obra, que foi escrita "sob o tumulto das tempestades e as agruras sofridas tanto na terra quanto no mar." Mas não deixa de prometer que depois escreveria mais amplamente a respeito da situação e das distâncias dos lugares que pôde observar pessoalmente, no Levante, no Meridião e no Poente, o que de fato fez. Era na verdade, um narrador, muito mais, como alguns severos críticos posteriores consideraram, que um sábio, um geógrafo, um naturalista. Foi, sim, um humanista, e até exagera na demonstração de seu saber clássico, quando, a propósito ou sem propósito, cita Estrabão, Diodoro, Plínio, costumes orientais em comparação com hábitos da gente miserável, que é como, com raríssimas exceções, trata ele os brasileiros ou outros nativos da América. Invoca a três por dois a mitologia, Cícero, Vergílio, exibindo sua erudição clássica do Século XVI. E fustiga, com virulência, os muçulmanos, que nada tinham a ver com a narrativa.

Interessante é que, em nenhum momento deste livro se fale que os franceses tentaram invadir o Brasil, já sob pleno domínio dos portugueses. Obviamente, não alude à sua expulsão. . . Os fatos são por demais conhecidos, para que os repitamos aqui. Thevet se refere a uma ida ao Pólo Antártico, que deveria existir, já que existia um Pólo Ártico. . . Tal itinerário implicaria na passagem pela Baía da Guanabara, na fundação do Forte Coligny, como coisas naturais, possessão de terras abandonadas. A França Antártica não passou de um episódio algo rocambolesco, entremeado de aventuras, de pirataria, de lutas diplomáticas e religiosas. De passagem, relato de animais, aves e peixes raros, de selvagens antropófagos e nus, de referências desairosas a portugueses e espanhóis.

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL

1. LAGOA SANTA E A VEGETAÇÃO DE CERRADOS BRASILEIROS — Eugênio Warming e Mário G. Ferri.
2. A VEGETAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL — C.A.M. Lindman e Mário G. Ferri.
3. ECOLOGIA: temas e problemas brasileiros — Mário Guimarães Ferri.
4. VIAGEM PELAS PROVÍNCIAS DO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS — Auguste de Saint-Hilaire.
5. VIAGEM PELO DISTRITO DOS DIAMANTES E LITORAL DO BRASIL — Auguste de Saint-Hilaire.
6. VIAGEM AO ESPÍRITO SANTO E RIO DOCE — Auguste de Saint-Hilaire.
7. VIAGEM ÀS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO — Auguste de Saint-Hilaire.
8. VIAGEM À PROVÍNCIA DE GOIÁS — Auguste de Saint-Hilaire.
9. VIAGEM A CURITIBA E SANTA CATARINA — Auguste de Saint-Hilaire.
10. VIAGEM AO RIO GRANDE DO SUL — Auguste de Saint-Hilaire.
11. SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MINAS GERAIS E A SÃO PAULO (1822) A. de Saint-Hilaire.
12. VIAGEM AO BRASIL (1865-1866) — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz.
13. VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL — George Gardner.
14. VIAGEM NO INTERIOR DO BRASIL — J. Emanuel Pohl.
15. HIST. DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS DURANTE OITO ANOS NO BRASIL — Gaspar Barléu.
16. O SELVAGEM — General Couto de Magalhães.
17. DUAS VIAGENS AO BRASIL — Hans Staden.
18. VIAGEM PELA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO — Auguste de Saint-Hilaire.
19. HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS NA ILHA DO MARANHÃO — Claude d'Abbeville.
20. MEMÓRIAS PARA A HISTÓRIA DA CAPITANIA DE SÃO VICENTE — Frei Gaspar da Madre de Deus.
21. NOTAS SOBRE O RIO DE JANEIRO — John Luccock.
22. OS CADUVEOS — Guido Boggiani.
23. PEREGRINAÇÃO PELA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO — Augusto Emilio Zaluar.
24. CONTRIB. P/A HIST. DA GUERRA ENTRE O BRASIL E BUENOS AIRES — Por Uma Testemunha Ocular.
25. MEMÓRIA SOBRE A VIAGEM DO PORTO DE SANTOS À CIDADE DE CUIABÁ — Luís d'Alincourt.
26. MEMÓRIAS DO DISTRITO DIAMANTINO — Joaquim Felício dos Santos.
27. COROGRAFIA BRASÍLICA — Aires de Casal.
28. A VIDA NO BRASIL — Thomas Ewbank.
29. VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DO BRASIL — Alcide D'Orbigny.
30. A SELVA AMAZÔNICA: DO INFERNO VERDE AO DESERTO VERMELHO? — R. Goodland e H. Irwin.
31. HISTÓRIA DA GUERRA DO PARAGUAI — Max Von Versen.
32. HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA — Sebastião Rocha Pita.
33. VIAGENS AO INTERIOR DO BRASIL — John Mawe.
34. BRASIL: AMAZONAS — XINGU — Príncipe Adalberto da Prússia.
35. NAS SELVAS DO BRASIL — Theodore Roosevelt.
36. VIAGEM DO RIO DE JANEIRO A MORRO VELHO — Richard Burton.
37. VIAGEM DE CANOA, DE SABARÁ AO OCEANO ATLÂNTICO — Richard Burton.
38. IV SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO — Bases para utilização agropecuária.
39. ASCENÇÃO (1825-1870) — Vida de D. Pedro II — 1º Vol. — Heitor Lyra.
40. FASTÍGIO (1870-1880) — Vida de D. Pedro II — 2º Vol. — Heitor Lyra.
41. O DECLÍNIO (1880-1891) — Vida de D. Pedro II — 3º Vol. — Heitor Lyra.
42. HISTÓRIA DO MOVIMENTO POLÍTICO DE 1842 — José Antônio Marinho.
- * 43. O PAÍS DAS AMAZONAS — Barão de Santa Anna Nery.
- * 44. VIAGEM AO TAPAJÓS — Henry Coudreau.
45. AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA — André Thevet.
- * 46. O BRASIL — Ferdinand Denis.
- * 47. EXPLORAÇÃO DA GUIANA BRASILEIRA — Hamilton Rice.
- * 48. DIÁRIO DO BRASIL — W.C. Von Eschwege.
49. VIAGEM AO XINGU — Henry Coudreau.

AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

Thevet, André, 1502-1590.

T362s As singularidades da França Antártica / André Thevet; tradução
de Eugênio Amado. — Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da
Universidade de São Paulo, 1978.

(Reconquista do Brasil; v. 45)

1. África — Descrição e viagens 2. América — Descrição e
viagens 3. América — Narrativas — Até 1600 4. Índios 5. Brasil —
História — Franceses no Rio de Janeiro, 1555-1567 I. Título. II. Série.

CDD-917

-916

-970.01

-970.1

-981.03113

78-0258

Índices para catálogo sistemático:

1. África: Descrição e viagens 916
2. América: Descrição e viagens 917
3. América: Índios 970.1
4. França Antártica: Brasil: História 981.03113
5. Franceses no Rio de Janeiro, 1555-1567: História 981.03113
6. Índios: América 970.1
7. Narrativas de viagens, até 1600: América 970.01



*Obra publicada
com a colaboração da*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Waldyr Muniz Oliva.

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri

Comissão Editorial:

Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri (Instituto de Biociências). **Membros:** Prof. Dr. Antonio Brito da Cunha (Instituto de Biociências), Prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz (Faculdade de Medicina), Prof. Dr. Pêrsio de Souza Santos (Escola Politécnica) e Prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros (Faculdade de Educação).

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL

Dirigida por MÁRIO GUIMARÃES FERREI

VOL. 45



Capa de
CLÁUDIO MARTINS



LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LIMITADA

Belo Horizonte: Rua da Bahia, 902 – Fones: 222-8630 e 222-7002
Av. Afonso Pena, 766 – Fones: 222-6140 e 224-5151

andré thevet

AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA

Tradução de
Eugenio Amado

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LTDA.

1978

Direitos de propriedade literária e artística
da presente edição da
EDITORA ITATIAIA LIMITADA
Belo Horizonte — Brasil

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

SUMÁRIO

Privilégio Real	9
Dedicatória	10
Prefácio aos Leitores	12
Advertência ao Leitor	15
<i>Capítulo I</i>	
Embarque do Autor	17
<i>Capítulo II</i>	
Do Estreito Antigamente Denominado Calpe, e Hoje Gibraltar	21
<i>Capítulo III</i>	
Da África em Geral	23
<i>Capítulo IV</i>	
Da África em Particular	25
<i>Capítulo V</i>	
Das Ilhas Afortunadas, Atualmente Chamadas de Canárias	27
<i>Capítulo VI</i>	
Da Alta Montanha do Pico	31
<i>Capítulo VII</i>	
Da Ilha do Ferro	33
<i>Capítulo VIII</i>	
Das Ilhas da Madeira	35
<i>Capítulo IX</i>	
Do Vinho da Madeira	37
<i>Capítulo X</i>	
Do Promontório Verde e de Suas Ilhas	39
<i>Capítulo XI</i>	
Do Vinho de Palmeira	43
<i>Capítulo XII</i>	
Do Rio Senegal	47
<i>Capítulo XIII</i>	
Das Hespérides, Também Denominadas Ilhas de Cabo Verde	51
<i>Capítulo XIV</i>	
Das Tartarugas e de Uma Erva Chamada Orcela	53
<i>Capítulo XV</i>	
Da Ilha do Fogo	57
<i>Capítulo XVI</i>	
Da Etiópia	59
<i>Capítulo XVII</i>	
Da Guiné	63
<i>Capítulo XVIII</i>	
Da Linha Equinocial e das Ilhas de São Tomé	67

<i>Capítulo XIX</i>	
De Que Não Somente a Zona Equatorial é Habitável, Como Também Todo o Mundo, a Despeito da Opinião dos Antigos.	71
<i>Capítulo XX</i>	
Da Enorme Quantidade e Diversidade dos Peixes Existentes à Altura da Linha Equinocial	75
<i>Capítulo XXI</i>	
De Uma Ilha Chamada Ascensão	79
<i>Capítulo XXII</i>	
Do Promontório da Boa Esperança & de Diversas Singularidades Nele Observadas, E Também da Nossa Chegada às Índias Americanas ou França Antártica	81
<i>Capítulo XXIII</i>	
Da Ilha de Madagáscar ou de São Lourenço	85
<i>Capítulo XXIV</i>	
Da Nossa Chegada à França Antártica, ou América, no Lugar Denominado Cabo do Frio	89
<i>Capítulo XXV</i>	
Do Rio Guanabara, ou Rio de Janeiro, e de Como Esta Terra Aonde Chegamos Recebeu o nome de França Antártica	93
<i>Capítulo XXVI</i>	
Dos Peixes do Rio Guanabara	95
<i>Capítulo XXVII</i>	
Da América em Geral	97
<i>Capítulo XXVIII</i>	
Da Religião dos Americanos	99
<i>Capítulo XXIX</i>	
Dos Americanos de Ambos os Sexos e de Sua Maneira de Viver	101
<i>Capítulo XXX</i>	
Dos Alimentos e Bebidas dos Selvagens	105
<i>Capítulo XXXI</i>	
Contra a Opinião Daqueles Que Dão os Selvagens Como Sendo Peludos	107
<i>Capítulo XXXII</i>	
Da Árvore Que os Americanos Chamam de “Jenipapo” E da Qual Extraem Uma Tintura	109
<i>Capítulo XXXIII</i>	
De Uma Árvore Chamada “Pacoveira”	111
<i>Capítulo XXXIV</i>	
Do Modo Pelo Qual os Selvagens Fazem Incisões em Seus Corpos	113
<i>Capítulo XXXV</i>	
Dos Sonhos, Visões e Ilusões dos Americanos, e da Perseguição Que Lhes Movem os Espíritos Malignos	115
<i>Capítulo XXXVI</i>	
Dos Falsos Profetas e Magos Desta Terra, os Quais se Comunicam Com os Espíritos Malignos – E Também de Uma Árvore Chamada “Auaí”	117

<i>Capítulo XXXVII</i>	
Da Crença Dos Selvagens Americanos de Que a Alma Seja Imortal	121
<i>Capítulo XXXVIII</i>	
De Como Estes Selvagens Fazem Guerra Uns Contra os Outros, Especialmente Contra Aqueles Que Chamam de “Margajás” e “Tabajaras”; e de Uma Árvore Chamada “Airi”, da Qual Fazem Suas Clavas de Guerra	123
<i>Capítulo XXXIX</i>	
De Como os Selvagens Combatem Tanto na Água Quanto em Terra	127
<i>Capítulo XL</i>	
De Como Esses Bárbaros Matam e Devoram Seus Prisioneiros de Guerra	131
<i>Capítulo XLI</i>	
De Como Esses Selvagens São Extraordinariamente Vingativos	135
<i>Capítulo XLII</i>	
Do Casamento Entre Os Selvagens Americanos	137
<i>Capítulo XLIII</i>	
Das Cerimônias Fúnebres, do Sepultamento e dos Funerais Que os Selvagens Realizam	139
<i>Capítulo XLIV</i>	
Das “Mortugabas” e da Benevolência Com Que os Selvagens Tratam os Estrangeiros	143
<i>Capítulo XLV</i>	
Descrição de Uma Doença Chamada “Piá”, à Qual Estão Sujeitas as Populações da América, Tanto nas Ilhas Quanto na Terra Firme	147
<i>Capítulo XLVI</i>	
Das Doenças Mais Frequentes na América e do Método Que Usam os Selvagens para Curá-las	151
<i>Capítulo XLVII</i>	
Da Maneira de Comerciar dos Selvagens. de Uma Ave Chamada Tucano. das Especiarias Desta Terra	153
<i>Capítulo XLVIII</i>	
Das Aves Comuns na América	157
<i>Capítulo XLIX</i>	
Das Veações e Outras Raças Apanhadas Pelas Selvagens	161
<i>Capítulo L</i>	
De Uma Árvore Chamada “Ivuraé”	165
<i>Capítulo LI</i>	
De Uma Outra Árvore, Chamada “Iebeaçu”, e das Abelhas Que a Frequentam	167
<i>Capítulo LII</i>	
De Um Estranhíssimo Animal Chamado “Aí”	169
<i>Capítulo LIII</i>	
Como os Americanos Fazem Fogo. de Sua Crença no Dilúvio. das Ferramentas Que Usam.	171
<i>Capítulo LIV</i>	
Do Rio das Vasas, Juntamente Com Alguns Animais Existentes em Seus Arredores, e da Terra Que se denomina Marpião	175

<i>Capítulo LV</i>	
Do Rio da Prata e das Regiões Cercunvizinhas	179
<i>Capítulo LVI</i>	
Dos Estreitos de Magalhães e de Darien	183
<i>Capítulo LVII</i>	
Do Fato de Serem os Nossos Antípodas a Aquelles Que Vivem Entre o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães	187
<i>Capítulo LVIII</i>	
De Como os Selvagens Praticam a Agricultura e Fazem Plantações da Raiz de Mandi- oca. de Uma Árvore Chamada "Penô-açu".	191
<i>Capítulo LIX</i>	
Como Foi Descoberta a Terra Americana e Encontrado o Pau-Brasil, Além de Nume- rosas Outras Árvores Que só Existem Nessa Terra	195
<i>Capítulo LX</i>	
De Nossa Partida da França Antártica ou América	197
<i>Capítulo LXI</i>	
Dos Canibais da Terra Firme e das Ilhas. De Uma Árvore Chamada "Acauju". . . .	199
<i>Capítulo LXII</i>	
Do Rio das Amazonas, Também Chamado Oreliana, Pelo Qual é Possivel Navegar à Terra das Amazonas e à França Antártica	203
<i>Capítulo LXIII</i>	
Desembarque dos Espanhóis na Região em Que Encontram as Amazonas	206
<i>Capítulo LXIV</i>	
Da Continuação da Viagem a Morpião e ao Rio da Prata	209
<i>Capítulo LXV</i>	
A Partilha dos Territórios do Rei de Espanha e do Rei de Portugal	211
<i>Capítulo LXVI</i>	
Divisão das Índias Ocidentais em Três Partes	213
<i>Capítulo LXVII</i>	
Da Ilha dos Ratos	215
<i>Capítulo LXVIII</i>	
A Continuação de Nossa Viagem e a Descrição do Astrolábio Náutico	219
<i>Capítulo LXIX</i>	
Passagem do Equador ou Linha Equinocial	221
<i>Capítulo LXX</i>	
Do Peru e das Suas Principais Províncias	225
<i>Capítulo LXXI</i>	
Das Ilhas do Peru (Especialmente a Hispaniola)	229
<i>Capítulo LXXII</i>	
Das Ilhas de Cuba e Lucaias	233
<i>Capítulo LXXIII</i>	
Descrição da Nova Espanha, Situada nas Índias Ocidentais, e da Grande Cidade de Temistitã	235

<i>Capítulo LXXIV</i>	
Da Península da Flórida	239
<i>Capítulo LXXV</i>	
Da Terra do Canadá (ou dos Bacalhaus, Como Foi Precedentemente Designada) Des- coberta Nestes Nossos Tempos, e da Maneira de Viver dos Seus Habitantes . .	243
<i>Capítulo LXXVI</i>	
De Uma Outra Região do Canadá	245
<i>Capítulo LXXVII</i>	
Sobre a Religião e a Maneira de Viver dos Pobres Canadenses, e de Como Resistem Eles ao Frio	247
<i>Capítulo LXXVIII</i>	
Do Vestuário dos Canadenses, de Como Trazem as Cabeleiras e de Que Modo Criam os Filhos	251
<i>Capítulo LXXIX</i>	
Do Modo de Guerrear dos Canadenses	255
<i>Capítulo LXXX</i>	
Das Minas, das Pedrarias e de Outras Singularidades Existentes no Canadá	259
<i>Capítulo LXXXI</i>	
Dos Terremotos e das Saraivas aos Quais Está Muito Sujeito o Canadá	261
<i>Capítulo LXXXII</i>	
Da Região Denominada Terra Nova	263
<i>Capítulo LXXXIII</i>	
Das Ilhas dos Açores	267

PRIVILÉGIO REAL

Henrique, pela graça de Deus Rei de França, ao Preboste de Paris, ao Bailio de Ruão, ao Senescal de Lião, Toulouse, Bordéus, ou a seus lugar-tenentes, e a todos os nossos outros funcionários e oficiais, saúde.

Nosso amado Fr. André Thevet, de Angoulême, fez-nos saber que após haver longamente viajado pela América e por outras terras e ilhas descobertas nestes nossos tempos, redigiu, com enorme sacrifício e labor, as singularidades de todas essas regiões, tendo-as disposto com toda a propriedade, para contentamento e proveito das pessoas estudiosas do nosso Reino, e para ilustração e enriquecimento das boas letras.

Sendo seu grande desejo mandar imprimir e editar estas Singularidades, requer de nós a graça e a permissão de fazê-lo em qualquer Livraria ou Impressora de nossas cidades de Paris e Lião, ou onde melhor lhe aprouver. Receia ele, todavia, que outros impressores de nosso Reino, pretendendo frustrar-lhe o labor, publiquem o dito livro, ou vendam aqueles que tiverem sido editados por outra pessoa que não a por ele encarregada de tal incumbência. Em vista disso, vem requerer de nós a concessão de nossas cartas e graças especiais.

Atendendo à sua solicitação e tendo em vista as causas aludidas, além de outras que se nos ocorrem, concedemos ao dito solicitante, por meio da presente, permissão e graça especial para que apenas a ele seja reservado o direito de mandar publicar o dito livro pelas Livrarias e Impressoras de nossas cidades de Paris, Lião e outras, cabendo-lhe a escolha daquelas que lhe parecerem mais capazes e diligentes.

E a fim de que a dita Livraria ou Impressora encarregada por Thevet de tal incumbência possa ressarcir-se das despesas que houver feito para esta impressão, fica por nós terminantemente proibido a todas as outras livrarias e impressoras, assim como a qualquer outras pessoas de nossos citados Prebostados, Bailiados e Senescalias, e a todos os nossos súditos em geral, que imprimam, ou que façam imprimir, ou que vendam, ou que distribuam o dito livro até o prazo de dez anos após a sua primeira impressão, a contar do dia em que estiver terminado de ser impresso, sem a permissão e o consentimento da dita Livraria ou Impressora, e isto sob a pena de confiscação dos livros publicados e de multa arbitrária. Assim vos ordenamos e cientificamos por meio desta de que, pela presente graça, mercê e outorga, cada um de vós esteja obrigado a deixar e consentir que possa o dito suplicante — ou aquele, ou aqueles aos quais houver ele incumbido da impressão — desfrutar plena e pacificamente da presente concessão que lhe outorgamos. E a fim de que não possa quem quer que seja pretextar ignorância, ordenamos que a cópia desta seja inserida no princípio dos livros que serão impressos, inteira e exata como neste presente original. Porque assim nos apraz que se faça.

Dado em Saint Germain em Laye, no décimo oitavo dia do mês de dezembro do ano da graça de mil quinhentos e cinquenta e seis, o décimo de nosso Reinado.

(Assim vo-lo apresento, assinado por el-Rei.)

A MONSENHOR,
O REVERENDÍSSIMO CARDEAL DE SENS, GUARDA DOS SELOS
DE FRANÇA, FREI ANDRÉ THEVET DESEJA PAZ E FELICIDADE.

Monsenhor: Sabendo suficientemente o quanto vos apraz — após os mui louváveis e não menos laboriosos encargos nos quais el-Rei houve por bem empregar vosso providente saber e prudência — não somente ler, como também escutar uma boa história que sirva para recrear vosso espírito, concedendo-lhe uma deleitável pausa em seus graves e sérios afazeres, tomei a atrevida iniciativa de apresentar-vos este relato da longínqua viagem por mim empreendida às Índias Americanas (que outrossim chamamos de França Antártica, por ter sido em parte descoberta e mesmo povoada pelos nossos pilotos), terra que hoje em dia se pode considerar como a quarta parte do mundo, não só por estar tão afastada de nossos horizontes, como também pela diversidade da natureza de seus animais e de seus tempos e climas. Ademais, parece que os cosmógrafos não tomaram conhecimento desta terra, pois todos eles continuam acreditando piamente que o mundo esteja limitado àquelas partes que os antigos nos descreveram.

Estou ciente de que minha narrativa não passa de um trabalho por demais insignificante para ser mostrado diante de vossos olhos. Todavia, a grandeza de vosso nome ampliará a pequenez de minha obra. Além do mais, tendo em vista a certeza (que pessoalmente constatei) de vossa benevolência e virtude, e do prazer que tendes em escutar o relato dos fatos admiráveis, facilmente compreendereis ser minha intenção unicamente levar ao vosso conhecimento e oferecer-vos algo que vos cause algum contentamento, e com o qual porventura vos distrairíeis um pouco das enormes e em tão alto grau estafantes preocupações que se vos apresentam. Acaso seria o espírito tão incansável que jamais se aborreceria, que nunca se consumiria, se se ocupasse sem repouso nos graves assuntos do governo de uma república? Soi às vezes acontecer que, para alívio do corpo, prescreva o médico a mudança da alimentação. Assim também sente-se o espírito eventualmente atraído pelas repousantes e amenas narrativas de fatos variados, sendo-lhe estas tão agradáveis de escutar que os ouvidos até parecem sentir comichões!

É por essa razão que os antigos, mormente os filósofos, apartavam-se às vezes do convívio com o povo e do envolvimento com as atividades públicas. Assim é que o grande orador Cícero testemunha ter-se muitas vezes ausentado do Senado de Roma (a despeito do grande pesar que isto causava entre os cidadãos), retirando-se para sua casa de campo, a fim de poder dedicar-se mais livremente às suas doces musas.

Por conseguinte, já que, assim como Cícero entre os romanos, sois, por vossa notável erudição, prudência e eloquência, o principal condutor e administrador da triunfante República Francesa, e ainda, tal qual o aristocrata descrito por Platão na sua *República*, um amante da ciência e da virtude, não seria fora de propósito que o imitásseis e seguísseis também no tocante a esse aspecto.

Quanto a mim, Monsenhor, cujas primeiras boas vindas, logo após ter retornado completamente estafado e alquebrado daquela tão longa viagem, foram as que me concedeu a vossa benignidade, pude assim constatar que de fato sois o patrono de todas as virtudes e de todos aqueles que a elas se dedicam. Daí, pareceu-me não poder dedicar com mais justiça senão a vós este meu insignificante trabalho. Recebei-o, Monsenhor, com toda a benevolência, pois é com a melhor e mais afetuosa intenção que vo-lo apresento e ofereço. E se lerdos o que nele se contém, quero crer que encontrareis assuntos que irão por certo recrear-vos, o que me tornará vosso eterno devedor (conquanto eu já me sinta, por diversas outras razões, profundamente grato à vossa consideração), colocando-me aqui, humilde e obedientemente, ao vosso inteiro dispor.

Rogo ao Criador que vos conceda toda a prosperidade.

Fr. A Th.

PREFÁCIO AOS LEITORES

Considerando o quanto que a longa experiência dos fatos e a fiel observação das diversas terras e nações, juntamente com seus costumes e modos de vida, contribuem para aumentar a perfeição do homem, sendo estas atividades, ademais, as mais louváveis de todas, pois só elas de fato permitem que se enriqueça o espírito com heróica virtude e sólida ciência, resolvi empreender uma segunda grande viagem, pouco depois de ter publicado a narrativa de minha navegação ao Levante, quando visitei a Grécia, a Turquia, o Egito e a Arábia.

Então, colocando-me mais uma vez sob a proteção e guarda do grande Governador do Universo (esperando que fosse merecedor de Sua Graça), abandonei-me à sorte e à mercê de um dos mais inconstantes e impiedosos elementos, em pequenas, frágeis e inseguras embarcações de madeira (nas quais era mais de se esperar a morte que a vida), a fim de navegar em direção ao Pólo Antártico, nunca antes alcançado e nem sequer conhecido pelos antigos. Realmente, se examinarmos os escritos de Ptolomeu e outros, veremos que se naquele tempo ainda não fora reconhecido nem mesmo o nosso Hemisfério Setentrional, menos ainda o teriam sido as terras situadas além da Linha Equinocial, consideradas então como inabitáveis. . .

E foi assim que, após numerosas jornadas, arribamos às Índias Americanas, nos arredores do Capricórnio, terra firme habitada e de boa temperatura, da qual damos a seguir uma descrição completa e pormenorizada. Ousei tentar tal empresa imitando o exemplo de vários outros ilustres personagens, cujos gestos heróicos e cujos atrevidos empreendimentos, celebrados pela História, conservam seus autores vivos em nossa memória e merecedores de perpétua honra e glória imorredoura. O que teria levado o grande poeta Homero a celebrar Ulisses com tamanho engenho em seu poema, senão as longas peregrinações e perambulações deste por diversos lugares, passando, após a pilhagem de Tróia, por inúmeras experiências, seguindo ora por águas, ora por terras? Que outra razão teria Virgílio para que tão admiravelmente escrevesse a respeito do troiano Enéias (a quem, contudo, acusam alguns historiadores de ter miseravelmente deixado sua própria terra cair nas mãos do inimigo), senão o haver este resistido valorosamente ao furor das ondas impetuosas e a outras adversidades marítimas, tendo enfrentado e visto tantas coisas antes que tivesse por fim alcançado a Itália?

Ora, desde que o Soberano Criador dotou o homem de duas essências totalmente diferentes, uma elementar e corruptível, outra celeste, divina e imortal, do mesmo modo colocou todas as coisas que estão abaixo do firmamento sob o poder do homem e para seu uso. Contudo, a fim de que este pudesse adquirir o conhecimento necessário para alcançar esta supremacia, permitiu que alguns obstáculos lhe estorvassem o caminho, pois de outro modo ele se abastardaria, caindo na ociosidade e na indolência. E uma vez que é o homem uma criatura maravilhosamente bem feita, tendo-lhe sido reservada a prática dos atos virtuosos dos quais é Deus a causa primeira, é por isto que lhe foi permitido escolher o elemento que mais lhe agrade para executar seu desígnio, quer seja o mar, quer seja a terra.

Pode entretanto acontecer, como aliás se vê com muita frequência, que algumas pessoas, sob tal pretexto, abusem dessa liberdade. O negociante que se arrisca imprudentemente, por avariza ou insaciável cobiça dos bens particulares e temporais, é tão digno de censura — conforme se pode ver nas *Epístolas* de Horácio — quanto digno o é de louvor aquele que, para embelezamento e ilustração de seu espírito, e em prol do bem comum, se expõe voluntariamente a todo tipo de riscos.

Assim o fizeram o sábio Sócrates e seu discípulo Platão, cujas peregrinações por terras estranhas tinham por objetivo a aquisição de um máximo de conhecimentos filosóficos, a fim de poder comunicá-los ao público, sem que pretendessem com isto obter louvores ou recompensas. Cícero não enviou seu filho Marco a Atenas para que este, além de aprender filosofia com Cratipo, também ali pudesse habituar-se aos costumes e modos de vida dos cidadãos atenienses? Lisandro, eleito governador dos lacedemônios devido à sua magnanimidade, valentemente empreendeu diversas expedições contra Alcibíades, seu denodado e bravo inimigo. E Antíoco, comandante de suas forças navais, que apesar de seus defeitos e erros foi um homem que nunca se deixou abater, inflingiu tamanha perseguição ao inimigo, por terra e mar, que um dia, por fim, conseguiu alcançar a rendição de Atenas.

Temístocles, tão versado na arte militar quanto na filosofia, após ter demonstrado aos atenienses o quanto desejava expor sua vida em prol da liberdade da pátria, convenceu-os de que a prata extraída das minas, comumente distribuída entre o povo, fosse empregada na construção de navios, fustas e galeras, a fim de combater Xerxes. Este, em razão de haver derrotado a tal frota, tendo afundado diversas naus e posto em fuga as outras, desejando festejar a feliz vitória, presenteou seu próprio inimigo com três das mais importantes cidades de seu império!

Que razão teria levado Seleuco Nicanor, o imperador Augusto César e diversos outros príncipes e pessoas notáveis a usarem em seus distintivos e insígnias o delfim e a âncora senão a de demonstrar à posteridade que a arte náutica é, entre todas as outras, a primeira e a mais honrosa?

Eis aí, não querendo mais alongar-me, alguns exemplos de como a navegação é tanto mais excelente quanto mais difíceis são os meios para realizá-la. O que, aliás, vale para todas as coisas, inclusive a virtude, conforme testemunhou Aristóteles por experiência própria.

E que a navegação é sempre acompanhada de perigo, do mesmo modo como um corpo o é de sua sombra, já bem o demonstrou o filósofo Anacársis. Tendo certa vez perguntado qual era a espessura das pranchas e tábuas com as quais se armavam os navios, ao lhe responderem que era de apenas quatro dedos, rematou com este comentário: "Não vai além disto a distância que medeia entre a vida e a morte daquele que navega no mar. . .

Tende em vista, porém, que o fato de mencionar essas figuras de tão alta consideração não significa que eu tenha a vã pretensão de comparar-me a elas, nem muito menos a de igualá-las. Creio, todavia, que a magnificência de Alexandre não impediu seus sucessores de tentarem alcançar a fortuna a todo o custo, do mesmo modo que o eminente saber de Platão não chegou a intimidar Aristóteles, que nem por isto deixou de discorrer livremente acerca da Filosofia.

Assim sendo, e já que não é minha intenção ser considerado, qual Diógenes entre os atenienses, uma pessoa ociosa e inútil, decidi registrar por escrito as numerosas e notáveis coisas que diligentemente observei enquanto durou minha navegação entre o Meridiano e o Poente. Dou aqui a localização e a situação dos lugares, definindo seu clima, sua zona e

seu paralelo, informando se se trata de mar, de ilha ou de terra firme, além de descrever a temperatura do ar, os costumes e modos de vida dos habitantes, o aspecto e as características dos animais aquáticos e terrestres, das árvores, dos arbustos e de seus respectivos frutos, dos minerais e das pedras preciosas, e tudo representado visualmente por meio de ilustrações que tentei fazer com a máxima fidelidade possível.

De resto, sentir-me-ei sobremodo feliz se quiserdes receber este insignificante trabalho com a mesma boa vontade com a qual vo-lo apresento. Tenho plena certeza de que todos ireis apreciá-lo bastante, mormente se tiverdes em vista o ingente esforço da longa e penosa peregrinação que intentei realizar com o fito de poder pessoalmente observar e depois publicar os pormenores mais notáveis que pude anotar e recolher, como podereis ver nas páginas seguintes.

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Não duvido de modo algum, Leitor, que o presente relato não te cause um certo espanto, tanto pela diversidade dos assuntos aqui expostos, quanto por tantos outros fatos que poderão, à primeira vista, parecer antes monstruosos que naturais. No entanto, creio firmemente que, após teres refletidamente considerado a grandiosa pujança de nossa Mãe Natura, tal opinião não mais encontrará guarida em teu espírito.

Igualmente não deverás estranhar que a descrição de diversas árvores (as palmeiras, por exemplo) e de determinadas feras e aves esteja em total desacordo com a de nossos modernos estudiosos do assunto. Estes, por não terem visitado aquelas terras (e pela pouca experiência e cultura que possuem), não merecem ser inteiramente dignos de crédito. Solicitamos que reças aos naturais dessas regiões, ora vivendo entre nós, ou àqueles dentre os nossos que também realizaram a mesma viagem, pois só tais pessoas poderão estabelecer a indubitável verdade.

Por outro lado, se algumas expressões francesas deste livro parecerem ásperas ou mal empregadas, a culpa deve ser atribuída à febre e à morte. À febre, que de tal modo prostrou o Autor após o seu regresso, que o impediu de rever este livro antes de entregá-lo ao Impressor, o que se fez apressadamente, cumprindo a determinação de Sua Eminência, o Cardeal de Sens. A morte, que arrebatou AMBROISE DE LA PORTE, pessoa estudiosa e versada na língua francesa, à qual fora entregue a inteira incumbência desta edição.

Queremos assegurar-te, todavia, de que nosso dever não foi de modo algum esquecido, e de que unicamente pretendemos, como recompensa, que esta obra seja de teu inteiro agrado.

M. de la Porte

CAPÍTULO I

EMBARQUE DO AUTOR

Todas as coisas foram feitas para o homem. — Diferença entre a arte e a natureza. — Utilidade da navegação. — Causa da navegação do Autor às Américas. — Louvores ao Senhor de Villegagnon. — Embarque dos franceses para as Índias Americanas. — Havre da Graça e o porquê deste nome. — Superstições dos antigos quando iam navegar.

Todos os elementos, e tudo o mais que existe entre a Lua e o centro da Terra, parecem ter sido feitos (como aliás o foram) para o homem. Assim é que a Natureza, mãe de todas as coisas, tem sempre agido de forma sempre igual, colocando e guardando no âmago das coisas as maiores preciosidades e excelências de sua obra. Ela própria encontra-se presente ali dentro, ao contrário do que ocorre com as coisas artificiais.

O artista mais hábil, seja ele Apeles ou Fídias, trabalha apenas superficialmente quando pinta, grava ou orna um navio ou uma estátua. Por conseguinte, só o exterior é embelezado e polido, enquanto que a parte interna permanece bruta e mal acabada. Na Natureza, contudo, vemos exatamente o contrário. Tomemos como exemplo, primeiramente, o corpo humano. Todo o engenho e a excelência da Natureza estão contidos na parte interna e central de nosso corpo, como de resto ocorre em todos os outros corpos naturais. A parte externa, superficial, nada é em comparação com a interna, sendo desta que provém seu próprio acabamento, sua própria perfeição.

Mostra-nos a Terra, exteriormente, uma face triste e melancólica, recoberta, em sua maior parte, por pedras, espinhos, cardos e coisas que tais. No entanto, se vem o lavrador abri-la com arado ou charrua, ali encontrará a excelência do solo, pronto a produzir a mancheias e a recompensá-lo centuplicadamente.

A virtude vegetativa encontra-se também no interior da raiz e do tronco da planta, protegida pela dura casca que a recobre, e que é ora simples, ora dupla. Também a parte mais preciosa do fruto, onde está contida a própria capacidade de produzir e engendrar seu semelhante, fica abrigada no lugar mais seguro, ou seja, no centro do fruto.

Portanto, do mesmo modo que o lavrador que rasga a terra e dela tira seu sustento, há pessoas que, não se contentando em contemplar a vasta superfície das águas, preferem sulcar os mares em barcos ou navios, os instrumentos dessa nobre atividade que é a navegação. E como, deste modo, têm-se encontrado e recolhido riquezas inestimáveis (o que não é fora de propósito, de vez que todas as coisas foram feitas para o homem), tomou-se a navegação pouco a pouco tão comum entre os homens, que muitos, passando mesmo além de incertas e perigosas ilhas, alcançaram por fim a boa e fértil terra firme, realizando um feito que, pelo que se deduz dos textos antigos, não foi nunca dantes igualado.

A principal causa de nossa navegação às Índias Americanas deveu-se ao seguinte: o Senhor de Villegagnon¹, Cavaleiro de Malta, homem generoso e que alia uma vasta experiência náutica à prática da virtude, recebeu ordens de Sua Majestade no sentido de empreender uma determinada viagem, tendo-as aceito após madura reflexão. Estando suficientemente informado de minha excursão à região do Levante, assim como da colaboração que eu poderia prestar a seu empreendimento, solicitou-me instantemente que o acompanhasse, autorizado que estava por el-Rei, meu Senhor e Príncipe (ao qual devo toda honra e obediência), que me ordenara expressamente assisti-lo na execução de sua empresa. De bom grado aceitei participar da mesma, tanto pelo desejo de obedecer a meu Príncipe, dentro de minhas escassas possibilidades, quanto por tratar-se de empreendimento honesto, conquanto laborioso.

E assim foi que no sexto dia do mês de maio de 1555, o dito Senhor de Villegagnon havia tomado as devidas providências com respeito à segurança e comodidade dos navios, assim como sobre as munições e demais petrechos de guerra — o que exigiu maiores preparativos do que os necessários para equipar um exército que marcha por terra, em razão da quantidade e da sortida qualidade das pessoas, pois ali se misturavam gentis-homens, soldados e artífices diversos, em suma: a melhor equipagem que foi possível arranjar. Finalmente, chegou o momento do embarque, que se deu na moderna cidade de Havre da Graça. Este nome, gostaria de registrar aqui de passagem, acredito que provenha da palavra grega *avlóps*, que significa mar ou estreito. Ou então, se se preferir a forma *Haure*, esta poderia derivar de “ab hauriendis aquis” (de onde as águas são hauridas)².

Este porto da Normandia é banhado pelo nosso grande Mar Gaulês. Deixando para trás a terra firme, penetramos neste imenso mar, também com justa razão denominado *Oceano* (do grego *okys*, conforme pensam alguns), totalmente à mercê dos ventos e das ondas.

É sabido que os gentios, em sua religião supersticiosa e abusiva, ofereciam, aos seus diversos deuses, votos, preces e sacrifícios, de acordo com a necessidade da ocasião. Daí provém o costume, usado ainda hoje por muitos navegantes, de atirar-se às águas uma moeda, na hora da partida, à guisa de presente e oferenda, homenageando os deuses do mar a fim de torná-los propícios e favoráveis.

Já outros atribuem poderes divinos aos ventos, buscando apaziguá-los por meio de estranhas cerimônias, como as que contam que os calabreses realizavam em honra de Iapix (nome de certo vento), ou as atribuídas semelhantemente aos turíngios e panflienses. Também lemos na Eneida, de Virgílio (se bem que tal obra não seja digna de fé), como foi que o miserável troiano, em razão dos rogos de Juno a Éolo, rei dos ventos, conseguiu atravessar o mar a salvo, acarretando com isso a posterior querela entre os deuses.

Nisto tudo podem-se constatar os evidentes erros e abusos deste infernal paganismo que cegava os antigos, fazendo-os atribuir a uma criatura verdadeiramente insignificante e sujeita ao poder do homem o que só ao Criador pertence. A Ele, portanto, aqui e sempre louvarei, bendizendo-O por ter-se revelado a nós, livrando-nos de tão tenebrosa ignorância e, no que me concerne, por ter-nos favorecido enormemente durante toda a nossa viagem, permitindo que navegássemos de vento em popa e que pudéssemos tranqüilamente cruzar

¹ Respeitou-se a grafia do autor.

² Ambas as etimologias são fantasiosas. Havre (que o autor grafia “Hable”) é denominação de origem germânica — significa “porto”. (N. do T.)

o Estreito e alcançar as Canárias, ilhas que ficam a 27 graus da Linha Equinocial e a cerca de quinhentas léguas de nossa França.

Por diversas razões, pareceu-me mais conveniente iniciar este relato a partir do momento de nosso embarque, por ser este o método mais correto. Assim procedendo, espero amigo leitor, que seja de vosso agrado este livro, para que eu vos possa conduzir de ponto em ponto e de um lugar ao outro, do princípio ao fim, diretamente, como se com o fio de Teseu, observando a longitude e a latitude de cada local. Se contudo o que aqui se encontra não for digno de vosso refinado julgamento, rogo-vos que me desculpeis, considerando a dificuldade que existe para que um homem sozinho, sem apoio ou patrocínio de algum príncipe ou grão-senhor, possa explorar e descobrir terras longínquas, observando as coisas singulares que nelas existem, e ainda por cima queira realizar tantas outras grandes empresas quantas lhe forem possíveis. . .

Lembro-me haver Aristóteles definido bem esse problema quando disse que seria extremamente difícil, ou mesmo impossível, que alguém realizasse feitos notáveis e dignos de louvores, desde que não dispusesse dos meios, ou seja, de bens materiais. Acrescente-se a isto que a vida do homem é curta e sujeita a mil fortunas e adversidades.

CAPÍTULO II

DO ESTREITO ANTIGAMENTE DENOMINADO CALPE, E HOJE GIBRALTAR

Estreito de Gibraltar. — Ilhas e outras singularidades de Gibraltar. — Ebuso, ou leviza, e Frumentária. — Rio Malua. — Rio Sala. — Diversas teorias sobre como se erigiram as Colunas de Hércules. — Costumes dos antigos reis e senhores. — Quem foi este Hércules que deu seu nome às colunas. — Tartessa, antiga cidade africana. — Gibraltar, ponto de tráfico entre a Europa e a África.

Com vento calmo e propício, costeamos a Espanha pela esquerda, até chegarmos defronte a Gibraltar, sem daí muito nos aproximarmos por diversas razões. Fizemos uma parada nesse local.

Esse estreito acha-se nos limites da Espanha, separando a Europa da África, tal qual o de Constantinopla, entre a Europa e a Ásia. Julgam-no alguns como a origem do Mar Mediterrâneo. O Oceano, muito cheio, teria transbordado e penetrado terra a dentro através do estreito. Eis como escreveu Aristóteles no capítulo III de seu livro *Do Mundo*: "O Oceano, que nos rodeia por todos os lados, derrama-se no ocidente, junto das Colunas de Hércules, formando assim o nosso mar, que é como que uma baía, mas de boca muito estreita."

Perto deste estreito encontram-se duas ilhas bem próximas uma da outra, habitadas por bárbaros, corsários e escravos. Estes, na sua maioria, trazem cadeias nas pernas e trabalham na extração de sal, do qual se faz ali considerável tráfico. Dessas ilhas, a maior é a austral que vista de longe, apresenta a forma de um triângulo. Os antigos chamavam-na de Ebuso, mas seu nome atual é leviza. A outra, chamada Frumentária, está voltada para o setentrião³. É muito difícil navegar até aí por causa dos rochedos que se vêem à flor d'água, além de outros inconvenientes.

Em compensação, esta região é favorecida pela presença de diversos rios navegáveis que aí deságuam, como o Malua (N. do T.: Muluia), que separa a Mauritânia da Cesariânia, e um outro chamado Sala, cuja nascente fica na montanha de Dura (N. do T.: Durdus). Este rio, após atravessar o reino de Fez, divide-se em dois braços, com a forma da letra grega delta, desaguando depois nesse estreito. Existem aí ainda outros cursos d'água, cuja citação fica para outra oportunidade.

Acrescento ainda, apenas de passagem, que nas costas d'África, do Estreito ao Trópico de Câncer, quase não se notam subirem ou descerem as águas do mar. Entre-

³ Uma estranha descrição das Ilhas Pitiusas, as Baleares mais ocidentais, cuja "proximidade" de Gibraltar é de cerca de 700 km. De correto salva-se apenas a indicação de que Ibiza é maior que Formentera. O formato "triangular" de uma ilha de quatro lados e a inversão da posição de cada ilha, levam à presunção de que Thevet teria baseado sua descrição no exame de alguma carta rudimentar medieval, nas quais era comum a colocação do sul na parte superior do mapa. (N. do T.)

tanto, à medida que nos aproximamos do grande Rio Níger, a onze graus do Equador, podemos perceber alguns sinais das marés ocasionadas pelas águas deste rio.

Neste estreito do Mar Mediterrâneo há duas montanhas de notável altura, uma defronte à África, outrora denominada Galpe (de acordo com Pompônio Mela), hoje Gibraltar. A outra é chamada de Abila. Ao conjunto de ambas denominou-se "Colunas de Hércules", pois, ao que se dizia, formavam elas outrora uma montanha contínua, chamada Briaréu, que Hércules teria dividido em duas. O herói fizera isto depois de concluídos seus trabalhos, quando regressava da Grécia e julgou não dever ou poder ultrapassar este ponto devido à ampla vastidão do mar que se estendia no horizonte até onde a vista alcançava.

Outros acreditam que o mesmo Hércules, a fim de deixar um sinal rememorativo de suas heróicas façanhas, ali tenha erigido, do lado da Europa, duas colunas de admirável altura. Pois havia antigamente o costume, entre os senhores e nobres, de levantar altas colunas, ou então seus próprios túmulos, no local onde encerravam suas viagens e empresas, mostrando por este meio sua grandeza e importância em relação aos demais. Assim, vemos que Alexandre deixou alguns marcos nos locais da Ásia Maior por onde passou. Por idêntica razão, erigiu-se o Colosso de Rodas. Outro tanto pode-se dizer do Mausoléu, relacionado entre as sete maravilhas do mundo, edificado por Artemísia em honra de seu marido, devido à amizade que lhe consagrava. O mesmo pode ser dito das pirâmides de Mênfis, sob as quais estavam inundados os reis do Egito. Defronte à entrada do Mar Maior⁴, Júlio César mandou erigir uma alta coluna de mármore branco. Encontram-se gravuras desta coluna e do Colosso de Rodas na minha *Descrição do Levante*.

Como, no entanto, houve diversos Hércules, queremos dizer que este do qual aqui se trata, de acordo com Arriano, o Historiógrafo, é o mesmo que era celebrado entre os túrcicos. Foi em sua homenagem que eles edificaram Tartesso, na costa defronte à Espanha, onde estão as colunas às quais nos referimos. Ali ergueram um templo consagrado ao herói, construído no estilo fenício, onde se realizavam as cerimônias e os sacrifícios característicos dos tempos antigos. Daí seu nome de *Lugar de Hércules*.

O estreito é hoje um verdadeiro asilo e valhacouto de ladrões, piratas e bandidos do mar — turcos, mouros e berberes — inimigos de nossa religião cristã. Vagando com seus navios, assaltam os mercadores provenientes da África, da Espanha e até mesmo da França. O que mais se deplora, contudo, é a captura de muitos cristãos aos quais tratam como animais, utilizando-os desumanamente em todos os seus serviços, e isso não se falando na perdição de suas almas, em razão da violação e transgressão das leis do Cristianismo.

⁴ Trata-se do Mar Negro. (N. do T.)

CAPÍTULO III

DA ÁFRICA EM GERAL

O Cabo de Cantim. — As quatro partes da Terra, segundo os geógrafos modernos. — Diferentes etimologias da palavra *África*. — Situação da África. — Colunas de pedra com caracteres fenícios. — Costumes e religiões dos africanos. — Causa da existência de animais monstruosos na África. — Provérbio.

Passando além do Estreito, acompanhamos a costa africana, que também ficou à nossa esquerda, pelo espaço de oito dias, até à altura do Cabo de Cantim, distante trinta e três graus da Linha Equinocial. Vamos descrever sumariamente este continente.

De acordo com Ptolomeu, a África é uma das três partes da Terra (ou melhor, das quatro, segundo os geógrafos modernos, em vista das posteriores navegações que levaram ao descobrimento de numerosas terras desconhecidas dos antigos, como por exemplo as Índias Americanas, que adiante pretendemos descrever.)

O nome África, ao que ensina Josefo, provém de Áfer, o qual, como se lê nas histórias gregas e latinas, tendo subjugado esta terra e reinado sobre ela, terminou por lhe dar seu nome. A denominação antiga era *Libia*, palavra que viria, como querem alguns, do grego *libys*, nome do vento sul que lá é tão freqüente e familiar, ou então do nome do antigo rei Libs. África também poderia ser uma palavra composta da partícula negativa *a* e de *phrike*, que significa “frio”, ou seja, “onde não há frio algum”. Outro nome pelo qual se designava outrora o continente era Hespéria.

Quanto à sua situação, a África começa efetivamente no Oceano Atlântico, terminando no Estreito da Arábia (ou no Mar do Egito, como prefere Apiano), assim como em poucas palavras a descreve tão bem Aristóteles. Dão-na outros como começando no Nilo e terminando setentrionalmente no Mediterrâneo. Acrescente-se que se dá o nome de *África* (segundo afirma Josefo em suas *Antigüidades Judaicas*) a todas as terras compreendidas entre o Mar do Setentrião, ou Mediterrâneo, e o Oceano Meridional. Distinguem-se, todavia, a *África Nova* e a *Antiga*. A Nova começa nos Montes da Lua, tendo seu ponto final ao Cabo da Boa Esperança, no Mar Meridional, a trinta e cinco graus abaixo da Linha Equatorial, compreendendo portanto vinte e cinco graus de latitude. Quanto à África Antiga, divide-se em quatro províncias, sendo a Barbaria a primeira, e vindo a seguir a Mauritânia ou Tangitana, a Cirenaica e a Cesariânia.

Toda a população da África Nova é pretíssima. Esta região era pouco habitada outrora, sendo-o hoje bem mais, e isso sem se levar em conta os diferentes povos da região interior, cuja diversidade de costumes e religiões bem mereceria uma viagem especial para que fossem estudados.

Ptolomeu não faz menção da parte costeira meridional, por não ser esta conhecida na sua época. Diversos autores descreveram-na mais amplamente, como Plínio, Pompônio Mela, Estrabão, Apiano e outros; por isto, prefiro não me deter neste assunto.

Afirma Herodiano tratar-se a África de uma terra fecunda e populosa, onde vivem pessoas de diversos tipos e diferentes modos de vida. Que os fenícios a tenham habitado durante algum tempo, provam-no os caracteres em língua fenícia gravados em certas colunas de pedra que ainda se vêem na cidade de Tíngis (N. do T: Tânger), denominada hoje em dia Tamar e pertencente ao rei de Portugal.

Quanto aos costumes, sabe-se que, assim como as temperaturas do ar de lugares distintos, assim também as pessoas adquirem temperamentos variados, ocorrendo conseqüentemente a diversificação dos costumes, pela afinidade que existe entre a alma e o corpo, como o demonstra Galeno em seu livro. Vemos em nossa Europa, até mesmo dentro da França, uma certa diferenciação de costumes de acordo com a região. Age-se de um determinado modo na Céltica, de outro na Aquitânia, e de ainda um outro na Gália Bélgica: em cada uma das três encontrar-se-á alguma diferença. Assim, de modo geral, consideram-se os africanos cautelosos, os sírios avarentos, os sicilianos sagazes, os asiáticos voluptuosos.

Existe também grande variedade de religiões. Há os que são pagãos, porém com características bem diferentes dos gentios do passado. Há os maometanos e há os que praticam o Cristianismo de maneira bem estranha e diversa da nossa.

Quanto aos animais selvagens, também são grandemente diferentes. Diz Aristóteles serem crudelíssimas as feras asiáticas, robustas as européias e, as da África, monstruosas. Devido à raridade das águas, inúmeros animais de diversas espécies são obrigados a procurar o mesmo lugar a fim de matarem a sede. Ali costumam entrar em contato uns com os outros, devido ao calor que os torna um tanto ou quanto dispostos e fáceis. Assim se originam diversos animais monstruosos, nos quais diversas espécies estão representadas em um só indivíduo, donde o provérbio: "a África sempre produz alguma coisa de novo".

Este mesmo provérbio chegou a afetar os próprios romanos, em vista de suas freqüentes viagens e expedições a esta terra, à qual por longo tempo dominaram. Assim como Cipião, por isto mesmo cognominado "o Africano", muitos romanos traziam da África estranhos hábitos, sabe-se lá quais, dando origem a comentários e provocando escândalo, e isso não só na cidade, mas em toda a República!

CAPÍTULO IV

DA ÁFRICA EM PARTICULAR

A parte da África chamada Barbaria, e o porquê deste nome. — Religião e cerimônias dos bárbaros. — Meca, sepulcro de Maomé. — Viagem dos turcos a Meca. — Corbã. — Egípcios, os primeiros inventores das letras e caracteres. — Os bárbaros são muito belicosos. — Santa Cruz, cidade da Barbaria. — Fertilidade da Barbaria.

No que se refere à parte da África que costeamos enquanto prosseguíamos rumo ao Oceano Atlântico, é ela constituída pela Mauritânia e a Barbaria (assim chamada pela diversidade e estranheza das maneiras de seus povos). Habitam-na turcos, mouros e outros nativos. É verdade, porém, que alguns de seus trechos são pouco povoados, senão mesmo desertos, quer devido ao excessivo calor, que os obriga a ficar inteiramente nus, cobrindo apenas as partes pudendas, quer pela esterilidade de alguns lugares arenosos.

Também há que se referir à enorme quantidade de animais selvagens — leões, tigres, dragões, leopardos, búfalos, hienas, panteras e outros — que obrigam os naturais a seguir em grupos, quando têm de sair para seus negócios, armados de arcs, flechas e outros armamentos. Se saem para pescar, por exemplo, e são surpreendidos em pequeno número, fogem para o mar, mergulhando e salvando-se a nado (no que se adestram por força do hábito que a necessidade criou), ou então, se não forem tão hábeis ou não souberem mesmo nadar, trepam nas árvores, evitando também por este meio o perigo representado por tais feras. O fato é que, de Gibraltar ao Cabo Verde, os naturais perecem mais frequentemente em razão dos ataques das feras do que por causas naturais.

Seguem a desgraçada lei de Maomé, e ainda mais supersticiosamente que os próprios turcos. Antes de rezarem sua oração nos templos e mesquitas, lavam-se inteiramente, presumindo que purgarão tanto o espírito quanto o corpo por meio desta lavação exterior e cerimoniosa, com um elemento corruptível. Esta prece é feita quatro vezes por dia, pelo que pude observar entre os turcos de Constantinopla.

Nos tempos em que os pagãos adotaram inicialmente esta religião diabólica, eram eles obrigados a fazer uma vez na vida uma peregrinação a Meca, onde está inumado seu profeta gentio. Caso contrário, não poderiam esperar alcançar as delícias que lhes haviam sido prometidas. Ainda hoje em dia os turcos observam tal preceito, formando caravanas que seguem para esta peregrinação inteiramente apetrechadas, como se partissem para a guerra, para se defenderem das incursões dos árabes que dominam algumas montanhas do trajeto. Vi algumas destas caravanas quando estive no Cairo, e a magnificência e triunfal pompa que nelas imperam!

Tais costumes também são observados pelos mouros e outros maometanos da África (e ainda mais curiosa e estritamente, devido a seu enliseiramento e obstinação). Foi isso que me deu azo a dissertar aqui neste trecho a respeito dos turcos e da viagem que têm de fazer antes de partirem para a guerra ou realizarem algum empreendimento de grande

importância. E quando lhes faltam os meios de realizar esta peregrinação sacrificam algum animal, tanto faz se selvagem ou doméstico. A este sacrifício dá-se — tanto em turco quanto em árabe — o nome de *corbā*, palavra que tomaram emprestada dos hebreus e caldeus, e que significa presente ou oferenda. Este sacrifício não é feito pelos turcos do Levante, e isso já desde antes da tomada de Constantinopla.

Os mouros possuem seus sacerdotes, que são os maiores impostores do mundo. Eles fazem crer ao povo que conhecem os segredos de Deus e de seu Profeta, de vez que conversam freqüentemente com ambos. Além disso, empregam uma extravagante maneira de escrever, atribuindo a si próprios a primazia do uso da escrita entre todos os outros povos do mundo. Destarte, nem sequer mencionam os egípcios, aos quais a maior parte dos que estudaram a Antigüidade dão a prioridade da invenção do sistema de escrever e representar, por meio de figuras, o que foi concebido pelo espírito.

A este respeito, assim se expressou Tácito: “Os egípcios foram os primeiros que representaram e exprimiram as concepções do espírito por intermédio de figuras de animais, gravando sobre as pedras, para a memória dos homens, as coisas antigamente feitas e sucedidas.”

Portanto, dizem-se eles os inventores das letras e caracteres. E esta invenção (como se pode ver nos livros) foi levada à Grécia pelos fenícios, que então dominavam os mares, e que também a si atribuíam a primazia de um invenção que, na realidade, tinham trazido do Egito.

Os homens desta parte fronteira à Europa são muito belicosos, tendo o costume de se ungirem com azeite, que possuem em abundância, antes de empreenderem qualquer exercício violento. Assim também o faziam outrora os atletas e outros, a fim de que as partes do corpo — músculos, tendões, nervos e ligamentos — abrandadas pelo azeite, se tornassem mais prontas e propícias a todos os movimentos, de acordo com o tipo do exercício, de vez que toda coisa macia e flexível é menos sujeita a romper-se.

Fazem guerra principalmente contra os espanhóis que habitam a costa que lhes fica defronte — em parte, por causa da religião; em parte, por outros motivos. O fato é que os portugueses, de algum tempo para cá, conquistaram alguns pontos da Barbária, neles tendo edificado cidades e fortalezas, e também induzido nossa religião. Entre essas cidades, destaca-se a que eles denominaram Santa Cruz, por haverem aí chegado no dia desta celebração, tendo-se detido no sopé de uma bela montanha. Há cerca de dois anos, porém, a canalha local, reunida em grande número no alto da referida montanha, atirou-lhes grandes pedras e calhaus arrancados dos rochedos vizinhos, de maneira que aqueles tiveram de abandonar o lugar. E entre eles existe hoje uma tal inimizade, que suas transações comerciais — de açúcar, azeite, arroz, couros e outras mercadorias — têm de ser feitas por meio de intermediários.

Aí há abundante produção de ótimos frutos, tais como laranjas, tangerinas, limões, romãs, etc. que utilizam na falta de melhores viandas, assim como usam o arroz em lugar do trigo. Tomam azeite assim como nós bebemos vinho. Vivem até uma idade bem avançada, mais (ao que me parece) por causa da sua forçada sobriedade no consumo de carne, do que por quaisquer outras razões.

CAPÍTULO V

DAS ILHAS AFORTUNADAS, ATUALMENTE CHAMADAS DE CANÁRIAS

Situação das Ilhas Afortunadas e por que foram assim denominadas pelos antigos. — Número das Ilhas Afortunadas. — Por que estas ilhas são agora chamadas de Canárias. — Ombrion. — Uma árvore estranha. — Junônia. — Ilha das Neves. — Canária. — Seus habitantes, convertidos à fé cristã. — Excelência destas ilhas. — Açúcar da Canária. — O arbusto chamado *papel*. — A erva *orcela*. — Breu, a goma negra, e o modo de fazê-lo. — Madeira combustível, utilizada em lugar de velas.

Mantendo a costa da Barbaria sempre à esquerda, continuamos de vento em popa, até que os instrumentos náuticos nos deram a conhecer que já podíamos então aproximar-nos das Ilhas Afortunadas, situadas defronte à Mauritânia, do seu lado ocidental. Foram assim denominadas pelos antigos devido à sua fertilidade e boa temperatura do ar. Então, no dia primeiro de setembro desse ano, às seis horas da manhã, avistamos pela primeira vez o cume da montanha de uma dessas ilhas, da qual falaremos mais ampla e particularmente dentro em pouco.

De acordo com algumas pessoas, estas ilhas são em número de dez, mas três delas não são mencionadas pelos autores, devido a serem inteiramente desabitadas. Das outras sete, quatro estão a vinte e um graus da Linha Equinocial, a saber: a de Tenerife, a Ilha do Ferro, a da Gomeira e a maior de todas, a que particularmente recebe o nome de Canária. As três outras, Forteventura, Palma e Lançarote, estão a vinte e oito graus da linha. Pode-se ver, por conseguinte, que entre a primeira e a última, de norte para sul, permeia uma distância de um grau, equivalente a dezessete léguas e meia, de acordo com as informações dos pilotos. (Como não pretendo, daqui para a frente, dar estas equivalências, quem quiser calcular em graus celestes a quantidade de léguas e estádios que a Terra contém, e a relação que existe entre a légua e o grau — coisa que deve observar todo aquele que quiser descrever as regiões como um verdadeiro cosmógrafo — deverá consultar Ptolomeu, que trata deste assunto pormenorizadamente em sua *Cosmografia*.)

A denominação de *Canária*, antigamente, aplicava-se apenas à maior dessas ilhas, devido aos cães que aí viviam em grande quantidade. Assim o afirmaram diversos autores, a começar por Plínio, que ainda acrescenta que o rei Juba teria trazido daí dois desses cães.

Hoje em dia, todas são denominadas “as Canárias”, sem qualquer distinção. Particularmente, contudo, eu penso que elas teriam sido assim denominadas antes pela sua abundância de canas e bambus selvagens, que aí crescem à beira-mar. Não me refiro à cana-de-açúcar, cujo plantio foram os espanhóis que iniciaram quando vieram colonizar estas ilhas, mas sim às canas bravas, que há tempos aí existem. Quanto aos cães, grandes ou pequenos, não é verossímil que os tenha havido nestas ilhas. Digo isto porque pude constatá-lo pessoalmente, de vez que todos os selvagens, descobertos de algum tempo para cá, jamais tiveram conhecimento de gatos ou de cães, conforme teremos

oportunidade de demonstrar mais amplamente. Todavia, sei que os portugueses para aí levaram alguns cães, coisa que continuam fazendo até os dias de hoje, a fim de adestrá-los para a caça às cabras e a outros animais selvagens.

É Plínio quem assim o diz: "A primeira ilha é denominada Ombrion, ali não havendo qualquer sinal de casas ou edificações. Nas partes alagadas do alto das montanhas crescem árvores de aspecto semelhante ao das fêrulas, porém de cor branca ou negra, e que, espremidas, dão água (as negras dão uma água muito amarga, ao passo que a água das brancas é boa de se beber). A outra ilha chama-se Junônia. Nesta há apenas uma casinha toda construída de pedra. Próximo a ela, acha-se uma outra ilha, de mesmo nome, porém menor. E uma outra, onde abundam os grandes lagartos. Defronte a estas, fica a que é chamada de Ilha das Neves, por estar sempre coberta de neve⁵. A ilha seguinte é a Canária, assim denominada, como já o dissemos, devido à enorme quantidade de cães que ela possui (dois dos quais daí foram trazidos por Juba, rei da Mauritânia). Nesta, há alguns vestígios de antigas construções."

Estas ilhas foram outrora habitadas por povos selvagens e bárbaros, que ignoravam a Deus e eram completamente idólatras, adorando o Sol, a Lua e alguns outros planetas, como se fossem divindades soberanas, das quais recebessem todos os benefícios. Entretanto, os espanhóis derrotaram-nos, subjugando-os há cinquenta anos. Uns foram mortos, enquanto que os demais foram reduzidos ao cativeiro e à escravidão. Depois de se terem estabelecido, os espanhóis aí introduziram a fé cristã, de maneira que já não existem desses primitivos habitantes, exceção feita a alguns que se refugiaram nas montanhas, como a do Pico, por exemplo (da qual trataremos pouco abaixo).

De fato, esta terra é refúgio de todos os degredados da Espanha, os quais, como punição, são enviados para aí em exílio. E como há um incontável número de escravos, eles os empregam para trabalhar na terra e em todos os outros serviços pesados.

Não posso deixar de ficar profundamente intrigado com o fato de serem tão diferentes entre si os habitantes destas ilhas e os do continente africano — conquanto vizinhos tão próximos — no que se refere à língua, à cor, à religião e aos costumes. Há que considerar, entretanto, que os romanos, no tempo do Império, conquistaram e subjugaram a maior parte da África, sem contudo tocarem nestas ilhas (ao contrário do modo como agiram no Mediterrâneo), apesar de serem elas excepcionalmente férteis, servindo presentemente de celeiro e adega dos espanhóis. assim como o foi a Sicília para os romanos e genoveses. E tendo sido bem cultivada uma terra já de si tão boa, são excelentes os seus rendimentos e emolumentos, especialmente no que se refere ao açúcar que, além de excepcionalmente bom, é produzido em abundância, de vez que os espanhóis vêm se dedicando há algum tempo ao plantio de cana, não só nestas ilhas, como em todos os outros lugares que conquistaram. Estes outros, contudo, não produzem um açúcar tão bom quanto o das Canárias. A causa de ser este açúcar tão apreciado e solicitado é que as ilhas mediterrâneas das proximidades da costa grega (como Mitilene, Rodas e outras cidades) que produziram um açúcar de muito boa qualidade antes que tivessem caído nas mãos dos turcos, perderam inteiramente suas plantações, seja por negligência, seja por outro motivo qualquer.

Não vi produção de açúcar em todo o Levante, a não ser no Egito. Extraído da cana cultivada às margens do Nilo, o açúcar egípcio é muito apreciado pelos consumidores e pelos mercadores, sendo seu comércio mais expressivo que o das Canárias.

⁵ O texto original de Plínio refere-se a *nevoeiros*, e não a *neves*. (N. do T.)

Os antigos apreciavam sobremaneira o açúcar da Arábia, que era maravilhosamente reconfortante e de soberanas propriedades medicinais, quase não sendo empregado para outras finalidades. Hoje em dia, porém, a voluptuosidade aumentou bastante, especialmente em nossa Europa, de modo que não se saberia preparar nem mesmo uma refeição trivial sem que todos os molhos não contenham açúcar, ou às vezes até mesmo as carnes. Sob a alegação de que seu uso levaria ao efeminamento do povo, o açúcar era proibido por lei aos atenienses, exemplo que foi seguido pelos lacedemônios. Não obstante, os grãos-senhores turcos tomam água açucarada, de vez que o vinho lhes é vedado por suas leis. Quanto a este, inventado pelo grande médico Hipócrates, era outrora permitido apenas para as pessoas doentes e depauperadas. Presentemente, contudo, ele nos é tão usual quanto o é raro naquelas outras regiões.

Após esses rápidos comentários a propósito do açúcar, retomemos nosso assunto principal:

Existe trigo em quantidade nestas ilhas, cujo vinho também é muito bom, melhor que o de Candia⁶, onde se encontram as malvasias, das quais tratarei no capítulo referente às Ilhas da Madeira.

Há carnes em quantidade suficiente, em razão da existência de cabras selvagens e domésticas, e de aves de todo tipo. Em matéria de frutos, há fartura de laranjas, limões, romãs, etc. São comuns as palmeiras e há grande produção de mel de primeira.

Nas margens dos rios cresce um arbusto que se chama *papel*. Nas águas destes rios vivem os peixes chamados *siluros* (que Paulo Jônio, em seu livro sobre os peixes, acredita serem esturjões). À falta de melhor alimento, é desses peixes que se servem os pobres escravos, exaustos após seu longo esforço.

E já que se tocou no assunto, sinto-me obrigado a dizer, pelo menos de passagem, que os escravos são duramente tratados pelos espanhóis, e mais ainda pelos portugueses, levando uma vida pior do que a que teriam se estivessem entre turcos ou árabes. Sou constrangido a referir-me a tais maus tratos por tê-los eu próprio presenciado.

Entre outras plantas, encontra-se, junto às montanhas, uma erva vulgarmente conhecida por *orcela*, da qual se faz copiosa colheita para se fabricarem tinturas.

De outra planta, muito abundante em Tenerife, os canarinos extraem uma resina negra, a que chamam de *breu*. Para tanto, abatem os pinheiros, que ali existem em grande quantidade, até completar umas dez ou doze carradas de troncos, que são empilhados em cruz por cima de um buraco redondo de profundidade média. Isso feito, ateam fogo na parte superior dessa pilha, e então a resina cai no buraco. Outros procedem de maneira menos trabalhosa, apenas cavando um buraco ao pé da árvore e incendiando-a em seguida.

Esta resina propicia-lhes grandes lucros, em razão do comércio que dela fazem com o Peru. Ela é usada exclusivamente para calafetar navios e outras embarcações.

Os pobres que vivem nas montanhas utilizam o cerne avermelhado dessa árvore, cortando-o em bastões bem compridos, de meia braça de comprimento por uma polegada de espessura, que acendem numa extremidade, servindo-se deles em lugar de velas. Também os espanhóis assim procedem.

⁶ Candia (hoje Iráklion): principal cidade da Ilha de Creta. (N. do T.)

CAPÍTULO VI

DA ALTA MONTANHA DO PICO

A admirável altura e o circuito da Montanha do Pico. — Altura do Etna e de outras montanhas. — Ptolomeu tinha conhecimento desta montanha. — Pedras porosas e outras de tipos diferentes.

Em uma destas ilhas, chamada Tenerife, há uma montanha cuja altura é tão excepcional que nem se lhe podem comparar os montes da Armênia, os da Pérsia, os da Tartária, ou até mesmo o próprio Monte Líbano, na Síria, ou tampouco os montes Ida e Atos — e nem mesmo o Olimpo, tão celebrado pela História. Ela possui pelo menos sete léguas de circuito e dezoito léguas do sopé ao cume, e é chamada de Montanha do Pico⁷. Conserva-se durante quase todo o tempo nebulosa e escura, recoberta por vapores densos e frios, assim como também pelas neves. Por isto, não se pode enxergá-la com facilidade, o que eu atribuo ao fato de situar-se seu cume próximo da região média da atmosfera, a qual é, por antiperístase, mais fria que as outras duas, conforme nos ensinam os filósofos. Disto decorre que a neve não pode derreter-se, por não ocorrer nessa região a reflexão dos raios solares, o que só se dá mais próximo do sopé da montanha. É por isto que a parte superior permanece constantemente fria.

Esta montanha possui uma tal altitude que pode ser vista do mar, quando o tempo está tranqüilo, a cinquenta léguas de distância ou até mais. Seu topo, de perto ou de longe que se olhe, apresenta o formato da letra grega ômega. Certa vez, consegui enxergar o Monte Etna, na Sicília, de uma distância de trinta léguas, assim como vi, quando navegava nas proximidades de Chipre, um dos montes da Armênia, a cinquenta léguas daquele ponto, e isto conquanto eu não possuía uma visão tão boa quanto a de Linceu que, postado no promontório siciliano de Lilibéia, enxergava distintamente os navios no porto de Cartago. Alguns por certo acharão estranho este fato, presumindo que o alcance da vista não atinja um tão longínquo horizonte. Isto é verdade quando se olha para a frente, mas não o é quando se olha para cima.

Os espanhóis tentaram por diversas vezes alcançar o topo desta montanha. Vários já o fizeram, saindo com tropas de mulas e levando pão, vinho e outras provisões. Entretanto, ninguém até hoje regressou de tais expedições, de acordo com o testemunho de pessoas que aí vivem há mais de dez anos. Elas são de opinião de que nessa montanha, tanto em seu topo como nos flancos, vivem ainda alguns daqueles nativos selvagens, escondidos, alimentando-se de raízes e caça, assaltando todos aqueles que se arriscam a reconhecer e explorar o Pico.

Também Ptolomeu teve conhecimento dessa montanha, tendo escrito que numa ilha, além das Colunas de Hércules, havia uma elevação tão espantosamente alta que seu cume se conservava sempre coberto pelas neves.

⁷ O Pico de Teide mede, na realidade, 3710 m (N. do T.)

As águas que descem copiosamente desta montanha irrigam toda a ilha que, por isto, produz com abundância a cana-de-açúcar e outros cultivos. Não existem aí outras fontes, e aí da ilha se não fossem essas águas, pois ela, devido à sua proximidade do Trópico de Câncer, tornar-se-ia estéril em consequência do seu excessivo calor.

A ilha produz abundantemente certas pedras muito porosas, parecendo esponjas, tão leves que o peso de uma delas, do tamanho de uma cabeça humana, não chega a meia libra. . .

Há também outras pedras, semelhantes à escória de ferro. E ainda outras, a quatro ou cinco léguas desta montanha, que recendem a enxofre, donde acreditarem os habitantes que aí existam jazidas desta substância.

CAPÍTULO VII

DA ILHA DO FERRO

A Ilha do Ferro e o porquê de tal nome. — Fertilidade da Ilha do Ferro. — Leite e queijo provocam cálculos. — Diferentes alimentos de diversos povos. — O leite, alimento excelente. — A Ilha do Ferro fica sob a linha diametral. — Valor do grau.

De todo este arquipélago, quero particularmente descrever a Ilha do Ferro, próxima de Tenerife, assim denominada por causa do minério de ferro que nela existe (do mesmo modo que a Ilha das Palmas tira seu nome de suas abundantes palmeiras, e assim por diante). Embora seja ela a ilha de menores dimensões (tem apenas seis léguas de circuito), é todavia a mais fértil de todas, destacando-se pelos seus canaviais, criações, pomares, hortas e belos jardins. Como as demais, também é habitada por espanhóis.

Não havendo trigo suficiente para o consumo de seus moradores, disto decorre que a maior parte deles, inclusive os escravos, é obrigada a recorrer ao leite de cabra e ao queijo, produzidos aí com fartura. É por isto que os insulares têm um aspecto que revela sua saúde e boa disposição e são excepcionalmente bem nutridos: devem-no à constância de sua alimentação, à qual já se habituaram, e à boa temperatura do ar, que também muito os favorece.

Algum meio-filósofo ou meio-médico (ressalvando-se as honras para quem as merece) poderá perguntar, ao ler o trecho precedente, se os canarinos não sofreriam de cálculos em decorrência do consumo destes alimentos, pois leite e queijo provocam tais concreções (como já se constatou em muitos de nossos contrterrâneos europeus). Eu lhe responderia que o queijo em si pode ser bom ou mau, e portanto provocar ou não os ditos cálculos, de acordo com a quantidade consumida e a predisposição da pessoa. A verdade é que nós outros não nos contentamos com uma refeição constituída de uma única espécie de alimento ou bebida, ingerindo às vezes vinte e cinco ou trinta coisas diferentes, tantas quantas possam caber "entre a sela e a barrigueira", apenas para honrar cada uma delas — e isto sempre em grandes quantidades, e frequentemente. E quando nessa refeição incluem-se os queijos com fartura, isso só poderá ser prejudicial, em vista de achar-se a natureza sobrecarregada de alimentos. Acrescente-se que o queijo em si já é bastante difícil de ser queimado e digerido. Mas quando o estômago vai bem e não se encontra debilitado por freqüentes abusos, ele não só poderá digerir qualquer tipo de queijo, seja o de milão, seja o de Bethune, como até mesmo coisas mais duras, se for preciso.

Mas voltemos à nossa narrativa, pois não cabe a um cosmógrafo dissertar sobre assuntos de medicina.

Nas Índias, vimos certos selvagens que, durante uma guerra que se arrastou por sete ou oito meses, alimentavam-se exclusivamente da farinha de certas raízes secas e duras, aparentemente não possuíam qualquer valor nutritivo ou substância.

Os habitantes de Creta e Chipre quase não se alimentam de outra coisa que não leite e seus derivados (aliás, melhores que os das Canárias, visto que nas duas ilhas se usa leite de vaca, e não da cabra como nas Canárias). Sem querer alongar-me neste assunto, quero contudo lembrar que o leite de vaca é mais denso e gordo que qualquer outro, enquanto que o de cabra é medíocre.

O leite é um ótimo alimento, porque se transforma prontamente em sangue, visto ele próprio não passar de sangue que se branqueou nas mamas. Plínio, no Livro II, capítulo 42º, conta que Zoroastro sobreviveu no deserto durante vinte anos, alimentando-se somente de queijo. Os panfilienses, quando em guerra, quase não possuíam outros alimentos senão seus queijos de leite de jumenta e de camela. Eu mesmo tive oportunidade de ver que os árabes, quando atravessam os desertos do Egito, não bebem água, mas sim leite, sendo que também o dão aos seus cavalos.

Acrescento ainda, para não deixar de fora nada que se relacione com este assunto, que os antigos espanhóis, segundo afirmam Estrabão e Possidônio, viviam durante a maior parte do ano apenas de cebolas. Delas faziam seu pão. De certas raízes, sua bebida. Assim viviam não só os espanhóis, como também diversos outros povos, conforme nos conta Virgílio nas *Geórgicas*. Felizmente, o tempo nos fez evoluir para um modo de viver mais suave e humano.

Em todas essas ilhas, os homens são muito mais robustos e dispostos ao trabalho que os espanhóis em sua pátria, apesar de não saberem as primeiras letras ou terem qualquer estudo, sendo extremamente incultos.

Diremos por fim que esta ilha se localiza precisamente sob a Linha Diametral, baseado no que me informaram diversas pessoas versadas em assuntos náuticos, tanto as de nacionalidade portuguesa quanto as de nacionalidade espanhola, e de acordo com o que consta em suas cartas náuticas. A Linha Diametral é a que divide a Terra no sentido norte-sul⁸, do mesmo modo como a Equinocial o faz em sentido leste-oeste. Uma define as longitudes, do levante ao poente; a outra estabelece as latitudes, de norte para sul. Ambas são iguais em tamanho, de vez que contêm 360 graus. E cada grau, como já dissemos anteriormente, mede dezessete léguas e meia. E assim como a Linha Equinocial divide o globo em dois, com seus vinte e quatro climas (12 no Oriente e outro tanto no Ocidente), assim também esta Diametral, que passa sobre nossa ilha (do mesmo modo que a outra linha atravessa as ilhas de São Tomé), corta todos os paralelos, dividindo a esfera terrestre pela metade, correndo do setentrão para o meridiano.

Nenhuma outra coisa observei nesta ilha que fosse digna de ser descrita, exceto que ali há grande quantidade de escorpiões, e mais perigosos do que os que vi na Turquia. Estes, como pessoalmente pude constatar, são diligentemente procurados e apanhados pelos turcos, que os utilizam para o fabrico de um óleo medicinal, de uso bastante difundido entre os doutores locais.

⁸ Não confundir esta "Linha Diametral" da época de Thevet com o Meridiano Zero de Greenwich, cuja adoção internacional data de menos de cem anos. A longitude da Ilha do Ferro (Hierro) é de 18º W. (N. do T.)

CAPÍTULO VIII

DAS ILHAS DA MADEIRA

As Ilhas da Madeira, das quais os antigos não tinham conhecimento. — “Madeira”: o que esta palavra significa na língua portuguesa. — Situação das Ilhas da Madeira. — O açúcar da Madeira, famoso entre os demais. — Doces da Madeira. — Fertilidade das ilhas da Madeira. — Resina. — Espécie de guáiaço. — Sangue-de-dragão. — O cinabre de Dioscorides.

A respeito das Ilhas da Madeira, não se encontra nos Autores qualquer menção indicando que este arquipélago tenha sido conhecido ou descoberto senão há apenas sessenta anos, quando os espanhóis e portugueses se arriscaram a empreender suas numerosas navegações no Oceano. E, conforme há pouco dissemos, Ptolomeu tinha conhecimento não só das Afortunadas, quanto mesmo das ilhas e do promontório do Cabo Verde. Também Plínio menciona que Juba teria trazido dois cães da Grande Canária. Diversos outros autores discorreram igualmente sobre estas outras ilhas.

Foram os portugueses, por conseguinte, os primeiros que descobriram o arquipélago acerca do qual agora trataremos, tendo-lhe dado o nome de *Madeira* devido às florestas que recobriam as ilhas, então inteiramente desertas⁹.

Situam-se estas ilhas do lado do poente, entre Gibraltar e as Canárias, das quais ficam a 63 léguas. Sua distância da Linha Equinocial é de cerca de 32 graus. Quando as costeamos, ficaram à nossa mão direita.

A fim de conhecer e cultivar estas ilhas, segundo me contou um mestre-piloto português, houve necessidade de se incendiarem tanto as árvores maiores quanto as menores da ilha principal, que tem a forma de um triângulo, qual delta grego, possuindo um circuito de cerca de 14 léguas. O fogo, porém, durou pelo espaço de cinco a seis dias, e era de tal intensidade e ardor que os portugueses se viram na contingência de se afastarem dali com seus navios. Os que não conseguiram alcançar as embarcações, atiraram-se ao mar, ali permanecendo até que passasse o furor das chamas. Tão logo o fogo cessou, porém, lançaram-se eles ao trabalho de deitar ao solo diversas sementes, que ali germinaram maravilhosamente bem, em razão da boa disposição do terreno e da amenidade do clima. Depois construíram casas e fortalezas, de maneira que não se encontra hoje em dia um lugar tão belo e aprazível quanto este.

Entre outras coisas, plantaram cana extensivamente, delas extraindo ótimo açúcar, que hoje em dia já desfruta de certa celebridade, fazendo-se dele considerável tráfico.

As pessoas que atualmente habitam esta ilha são muito mais civilizadas e humanas do que as das Canárias, procedendo, nas suas relações comerciais com todos os outros

⁹ Conquanto um portulano italiano datado de 1351 já mostre essas ilhas, considera-se que seu descobridor tenha sido João Gonçalves Zarco, que as avistou em 1418. (N. do T.)

povos, com a maior probidade possível. Os produtos mais importantes são açúcar, vinho (do qual trataremos mais amplamente), mel, cera, laranjas, tangerinas, limões, romãs e couros de cabra. Fazem também muitos doces, os melhores e mais delicados que se poderiam desejar, dando-lhes formas de homens, mulheres, leões, pássaros e peixes, do que resulta serem belos de se contemplar e melhores ainda de se degustar! Além disso, envolvem suas frutas nestes doces, tornando-as cristalizadas, permitindo com isso que sejam conservadas e transportadas para o estrangeiro, causando-nos prazer e deleite.

Esta ilha, além de maravilhosa, é fertilíssima, devendo-o à sua natureza e situação (com suas belas montanhas cobertas de florestas, e os seus frutos exóticos, que não temos na Europa), assim como às suas nascentes e fontes que regam os campos, permitindo a existência de extensas pastagens, onde vive uma fauna variada. Ademais, com seu trabalho diligente, os colonos enriqueceram seus terrenos agrícolas.

Entre as árvores que aí existem, diversas produzem resinas, que os naturais com o tempo aprenderam a utilizar proveitosamente. Lá se encontra uma espécie de guaiaco que, por não ser tão bom quanto o das Antilhas, não é tido por eles em alta conta. Pode ser, contudo, que desconheçam a maneira correta de prepará-lo. Há também algumas árvores que produzem, em determinada época do ano, um tipo de resina muito boa chamada de "sangue-de-dragão". Para extraí-la, escavam no pé da árvore um orifício bem largo e profundo. Esta árvore também produz um fruto amarelo, do tamanho de uma cereja, muito bom para refrescar e desalterar a sede, seja em caso de febre, seja por qualquer outra razão. Essa goma ou resina não é muito diferente do cinabre descrito por Dioscorides. Diz ele que o cinabre era trazido da África, sendo vendido muito caro, não havendo sequer quantidade suficiente para as necessidades dos pintores. E por ser vermelho vivo que alguns presumiram tratar-se o cinabre de sangue-de-dragão (entre eles Plínio, na sua *História Natural*, livro XXXIII, cap. 7º)¹⁰. Mas tanto o cinabre quanto o sangue-de-dragão não são nativos desta ilha, como pensavam os antigos, sendo mesmo desconhecidos de seus habitantes. De maneira que, baseando-me nas informações dos Autores e no que eu pude pessoalmente constatar, a tal goma a que me referi deve ser em tudo por tudo semelhante ao cinabre e ao sangue-de-dragão propriamente dito, tendo como eles as mesmas qualidades adstringentes e refrigerativas.

Não poderia esquecer suas singulares frutas, tais como os enormes limões, e as laranjas, e as tangerinas, ou a grande variedade de suas romãs (doces, vinosas, ácidas, agri-doces), cuja casca, por ser muito adstringente, é ali empregada para curtir e preparar couros. Acho que aprenderam isto com Plínio, que trata do assunto no volume XIII, cap. 19º da obra citada.

Estas ilhas tão férteis e aprazíveis deverão brevemente superar em delícias as da Grécia, até mesmo a própria Quios, tão celebrada por Empédocles, Apolônio de Rodas e diversos outros autores.

¹⁰ Gaffarel, no seu estudo crítico desta obra de Thevet, indica que a passagem em questão é encontrada no capítulo 38º, e não no 7º. (N. do T.)

CAPÍTULO IX

DO VINHO DA MADEIRA

Vinho e açúcar da Madeira. — Malvasia de Candia. — Vinho da Ilha da Palma. — Utilidade do vinho tomado com moderação.

Já dissemos quanto os terrenos da Madeira são apropriados para o cultivo de numerosas espécies de bons frutos. Devo agora falar do vinho que, entre todos os alimentos úteis e necessários à vida humana, se não ocupa o primeiro lugar, garanto que mereceria pelo menos o segundo, por sua excelência e perfeição. Vinho e açúcar, pela afinidade de temperamentos que possuem, exigem também as mesmas condições quanto ao clima e ao solo. É por isto que nas Ilhas da Madeira, ao lado de sua abundante produção de excelente açúcar, fabrica-se também um bom vinho, conquanto seja incerto o local de onde vieram as plantas e mudas das videiras. Afirmaram-me os espanhóis que elas não foram trazidas do Levante, nem de Candia, sendo este vinho, entretanto, tão bom quanto os destas regiões, senão melhor. Isso só se poderia atribuir, por conseguinte, à excelência de seus terrenos.

Sabe-se que Ciro, rei dos medas e assírios, antes de partir para a conquista do Egito ordenou que se plantassem numerosas videiras trazidas da Síria, que depois produziram bom vinho, mas inferior ao da Madeira. As malvasias de Candia também são tão excelentes quanto seu vinho, e eram grandemente apreciadas nos banquetes dos romanos, que só a tomavam uma vez em cada refeição, a fim de abrir o apetite. Estas malvasias eram muito mais famosas que os vinhos de Quios, de Mitilena e do Cabo Arvisio. Por sua excelência e suavidade, foram consideradas a bebida dos deuses.

Hoje em dia, contudo, os vinhos que estão adquirindo reputação cada vez maior são os da Madeira e os da Ilha da Palma, uma das Canárias, onde se produz vinho branco, tinto e clarete, dos quais se faz considerável tráfico com a Espanha e outros países. No lugar de fabricação, os melhores são vendidos a nove ou dez ducados a pipa. Ao serem transportados para outra parte, entretanto, tornam-se excepcionalmente fortes. Então, se não forem tomados com grande moderação, serão antes veneno que alimento.

Platão considerava o vinho como um alimento notável, excelente para o corpo, despertando o espírito para a prática das virtudes e das boas ações, mas desde que usado com comedimento.

O mesmo Plínio afirmava ser o vinho um soberano medicamento. Plenamente cientes de tal fato, os persas tinham a certeza de que obteriam melhores resultados em seus empreendimentos se, ao invés de realizá-los em jejum tomassem vinho antes — mas desde que moderadamente, ou seja, numa quantidade proporcional à capacidade de cada pessoa. Como já dissemos, o que torna prejudiciais os alimentos é o seu consumo em excesso.

No meu modo de pensar, este vinho fica melhor quando já tem dois ou três anos. Durante o primeiro ano, ele conserva o ardor do sol, que só se consome com o tempo,

quando então restará apenas o calor natural do vinho. Isto já se deu, portanto, com os nossos vinhos da safra de 1556. Outro modo pelo qual se pode dissipar este calor ardente é transportando-se o vinho de um lugar para outro.

Devo ainda acrescentar que nestas ilhas medram tão exuberantemente as ervas e árvores, e conseqüentemente seus frutos, que os madeirenses são obrigados a cortar e queimar parte desta vegetação, substituindo-a por plantações de cana-de-açúcar, que aí crescem maravilhosamente, produzindo açúcar em seis meses. Os que a plantam em janeiro, cortam-na em junho, e a proporção dos meses é sempre igual, não importando aquele em que se tenha iniciado o cultivo. Deste modo, consegue-se evitar que o calor do sol prejudique a planta.

Eis, resumidamente, o que pudemos observar quanto às singularidades da Ilha da Madeira.

CAPÍTULO X

DO PROMONTÓRIO VERDE E DE SUAS ILHAS

Promontório é o que chamamos de cabo. — Jalu, atualmente Cabo Verde, e o porquê desta denominação. — Golfo de Arguim. — Promontório da Etiópia. — A enorme extensão da Etiópia. — Mouros brancos. — Religião e costumes dos habitantes do Cabo Verde. — Barbazins e sereres, povos africanos. — Almadias. — O Rio Nigritis, hoje Senegal. — Ilhas desabitadas, próximas de Cabo Verde. — Uma estranha árvore.

Os antigos davam o nome de promontório a uma ponta de terra avançando consideravelmente mar a dentro, podendo ser avistada de longe. É o que modernamente designamos por cabo, uma vez que constitui parte saliente do conjunto, assim como a cabeça em relação ao corpo. Alguns autores adotaram a forma *promontorium* a *prominendo*, que julgo ser a preferível.

Este cabo ou promontório do qual pretendemos falar situa-se na costa africana entre a Barbaria e a Guiné, no reino do Senegal, a 15 graus da Linha Equinocial. Outrora denominado Jalu pelos naturais, foi depois rebatizado de Cabo Verde pelos navegantes que o descobriram, em razão da enorme quantidade de suas árvores e arbustos, e de que estes se conservam verdes durante a maior parte do ano.

Ao contrário, o que ocasionou a denominação do Cabo Branco foi o fato de ali serem comuns as areias brancas como a neve, sem que existam quaisquer vestígios de ervas ou árvores. Este cabo fica a 70 léguas das Ilhas Canárias. Perto dele há um golfo do mar, que os naturais denominam Arguim, nome que igualmente dão a uma ilhota próxima. Também é chamado de Cabo das Palmas, pela abundância de suas palmeiras.

Ptolomeu sabia da existência do Cabo Verde, ao qual chamou de Promontório da Etiópia, mas não passava daí seu conhecimento da África. De minha parte, considero correta esta denominação, pois a Etiópia possui uma enorme extensão, a ponto de muitos terem afirmado que ela se localiza em parte na Ásia e em parte na África. Entre esses autores destaca-se Gema Frísio, ao qual se deve a afirmação de que os Montes Etiópicos ocupam a maior parte da África, prolongando-se para sul até à foz do Rio Nigritis no Oceano Ocidental.

Este cabo é notável e enorme, estendendo-se consideravelmente pelo mar a dentro. Ladeiam-no duas belas montanhas. Toda a região é habitada por povos extremamente selvagens — mas não tanto quanto os das Índias Meridionais — e negríssimos como os da Barbaria. Há que notar que de Gibraltar até à terra do Preste João e até Calicute, numa extensão de 3 000 léguas, a população é toda negra. Eu mesmo pude ver, em Jerusalém, três bispos das terras do Preste João, os quais tinham ido visitar o Santo Sepulcro. Eles eram muito mais negros do que os nativos da Barbaria. Isto vem a propósito para demonstrar que os habitantes de toda a África não são totalmente iguais em coloração, como também não possuem costumes e modos de vida semelhantes, o que se deve à diversidade

das regiões, umas mais quentes que as outras. Os da Arábia e do Egito são um meio-termo entre o branco e o negro. Outros, os chamados *mouros brancos*, são trigueiros ou pardos. E há por fim aqueles que são inteiramente negros, como se tivessem sido torrados.

Os naturais do Cabo Verde, em sua maioria, vivem inteiramente nus como os índios. Prestam obediência a um rei, que em sua língua chamam de *mauí*. Apenas alguns homens e mulheres escondem suas partes pudendas com peles de animais. Uns poucos vestem-se com roupas de panos ordinários, que recebem quando comerciam com os portugueses.

Os nativos tratam os estrangeiros de modo bastante afável e humano. Antes de tomarem suas refeições, lavam o corpo e os membros. Por outro lado, cometem grave erro no que se refere ao preparo dos alimentos, fazendo-o sem capricho ou asseio, além de não se importarem de comer carnes estragadas e peixes podres. O peixe, por sua umidade, e a carne, por sua consistência tenra, aí deterioram imediatamente, em razão do calor abrasador, assim como acontece em França no verão, visto também que a umidade é propícia à putrefação, que tem no calor sua causa eficiente.

Suas choças e abrigos são iguais, redondos à maneira de pombais, cobertos de junco marinho, do qual também se servem para fazer seu leito, onde repousam e dormem.

Quanto à religião, possuem diversos princípios muito estranhos e contrários à verdadeira fé. Uns adoram ídolos, outros a Maomé, especialmente os do reino de Gâmbia. Crêem uns que há um Deus, autor de todas as coisas, enquanto que outros adotam certas crendices não muito diferentes daquelas dos turcos. Alguns dentre eles vivem mais austeramente do que os demais, trazendo ao pescoço uma caixinha, fechada de todos os lados e colada com goma, tendo a forma de um pequeno cofre ou estojo, onde trazem escritas diversas de suas invocações. Durante determinados dias, não a tiram do pescoço, na crença de que enquanto a trazem consigo não correm risco algum.

Para o casamento, reúnem-se uns com os outros e trocam algumas promessas, sem nenhuma outra cerimônia.

Esses nativos vivem alegres, apreciando enormemente as danças, que praticam de noite em honra à Lua, para a qual voltam freqüentemente o rosto enquanto dançam, numa espécie de ritual de reverência e adoração. Foi isto o que me afirmou um amigo que viveu entre eles durante algum tempo.

Um pouco além, vivem os barbazinos e sereres, contra os quais os do Cabo Verde fazem guerra perpétua, se bem que todos eles sejam muito semelhantes entre si. Os barbazinos, contudo, são mais selvagens, cruéis e belicosos. Os sereres são vagabundos, sempre errando pelos desertos, assim como os árabes, pilhando tudo o que podem, sem lei nem rei. Merece seu respeito apenas aquele dentre eles que realizou alguma proeza ou algum ato de bravura na guerra. Explicam o fato de não terem rei alegando que se estivessem submetidos ao domínio de alguém, este poderia tomar-lhes os filhos e usá-los como escravos, a exemplo do modo como procede o rei do Senegal.

Para seus combates navais, os nativos do Cabo Verde usam geralmente pequenas embarcações feitas de casca de árvore, de quatro braças de comprimento, às quais em sua língua chamam de *almadias*.

Arco e flecha são suas armas, sendo as flechas pontiagudas e envenenadas, não havendo salvação possível para os que forem feridos por elas. Além disso, usam lanças de bambu, em cuja ponta, no lugar de ferro, colocam dentes de feras ou de peixes, sabendo manejá-las habilmente.

Quando fazem prisioneiros de guerra, guardam-nos para comerciar com os estrangeiros, trocando-os por alguma mercadoria, uma vez que não possuem nenhum tipo de moeda. Ao contrário dos canibais e dos índios do Brasil, não devoram e nem matam os cativos.

Não posso deixar de mencionar que nesta região deságua um belíssimo rio, outrora denominado Nigritis, atualmente Senegal. Sua natureza é a mesma do Nilo, do qual ele procede, segundo afirmam determinados autores. O Senegal passa pela alta Líbia e pelo reino de Organa, atravessando toda esta terra pelo meio e irrigando-a, assim como o Nilo ao Egito. Por esta razão, foi denominado Senegal. Os espanhóis tentaram por diversas vezes penetrar nessa região, através deste rio, a fim de subjugar os nativos. Conseguiram subi-lo de certa feita por cerca de oitenta léguas. Como não houve meio algum de entrar em contato com os estranhos e bárbaros povos do interior, preferiram retirar-se, a fim de evitar maiores inconvenientes.

O que esses selvagens comerciam são escravos, bois, cabras e, principalmente, couros. É tamanha a fatura de tais mercadorias que, em troca de cem libras de ferro, pode-se obter uma junta de bois — e das melhores!

Vangloriam-se os portugueses de terem sido os primeiros a introduzirem na região cabras, vacas e touros, que cresceram e se multiplicaram. Afirmam também que foram eles que trouxeram diversas plantas e sementes, como por exemplo arroz, limão, laranja. Quanto ao milho-zaburro, é nativo do lugar, aí existindo em boa qualidade.

Próximo ao promontório há três ilhotas costeiras (que não devem ser confundidas com as que chamamos de Ilhas do Cabo Verde, das quais trataremos depois), maravilhosas pelas belas árvores que possuem. Todavia, não são habitadas. Os moradores das cercanias visitam-nas muitas vezes para pescar, daí trazendo peixe em abundância. Após secarem os peixes e reduzirem-nos a pó, fabricam a farinha de peixe, que usam em lugar do pão.

Numa dessas ilhas encontra-se uma árvore, cujas folhas são semelhantes às da figueira. Seu fruto tem cerca de dois pés de comprimento, sendo sua grossura proporcional ao tamanho e o aspecto parecido com o das grandes e compridas abóboras da Ilha de Chipre. Algumas pessoas comem este fruto do mesmo modo que usamos para comer melancias ou melões. Dentro dele há uma semente da grossura de uma fava, parecida com um rim de lebre. Alguns dão estas sementes para os macacos, outros fazem com elas colares. Quando as sementes são bem desenvolvidas e estão bem secas, tais adornos são muito bonitos.

CAPÍTULO XI

DO VINHO DE PALMEIRA

Minhol. — Diversas espécies de palmeiras. — A ave fênix e por que é assim chamada. — Um dito. — Uma propriedade das palmeiras. — Modo de fabricar o vinho de palmeira. — Propriedades do vinho de palmeira. — Outro tipo de bebida.

Tendo escrito o mais resumidamente possível, no capítulo precedente, o que merecia ser dito acerca do Promontório Verde, quero agora tratar particularmente, já que o assunto vem bem a propósito, das palmeiras e das bebidas que delas os selvagens negros aprenderam a extrair. Uma dessas bebidas é o vinho de palmeira, ao qual chamam de *ninhol* em sua língua. Mostra-nos isto quantos são os meios que Deus, pai e criador de todas as coisas, nos dá para amenizar nessa existência, de tal modo que, se um faltar, outro se nos é dado. Disso decorre não haver indigência na vida humana, a não ser que a pessoa se abandone ao vício e à negligência. Não obstante, Ele nos fornece diversos meios, fazendo-o unicamente porque assim lhe apraz. E assim sendo, já que nesta região não cresce, como em outras, a vinha (talvez porque não tenha sido plantada e cultivada com cuidado), não havendo conseqüentemente vinho para o consumo (coisa que ocorre até em alguns pontos da Europa), os naturais conseguiram substituir esta bebida, que não podem fabricar, por uma similar, contando para tanto com sua arte, seu engenho e o auxílio da Divina Providência.

A palmeira é uma árvore maravilhosamente bela e bem acabada, quer pelo seu tamanho, quer pelo seu perpétuo verdor, além de possuir diversas espécies, diferindo de aspecto conforme o lugar. Nos países europeus, como na Itália, por exemplo, as palmeiras crescem abundantemente, especialmente na Sicília, mas são estéreis. Em alguns pontos da fronteira espanhola há palmeiras que dão um fruto de gosto amargo e desagradável. Já as da África dão frutos muito doces, como também as do Egito, de Chipre, de Creta e da Arábia. Na Judéia, mormente em Jericó, as palmeiras são abundantes, muito altas e excelentes. O vinho que dela se faz é ótimo, mas perturba o cérebro.

Entre as palmeiras, existem as masculinas e as femininas. A palmeira-macho floresce nos ramos, enquanto que a fêmea germina sem flor. Eis um fato maravilhoso e digno de consideração, relatado por Plínio e por diversos outros autores: nas florestas de palmeiras nativas, quando se abatem os machos, as fêmeas tornam-se estéreis e não mais frutificam; dir-se-ia que “enviuaram”, assim como mulheres que perderam os maridos.

Essa árvore exige clima quente, solos arenosos, vítreos e salinos. Caso contrário, há que salgar a raiz antes de se fazer o plantio. Quanto ao fruto, sua polpa fica por fora, desenvolvendo-se primeiro e envolvendo um caroço lenhoso que constitui a semente da árvore, assim como vemos nas maçãs. Tanto isto é verdade, que se encontram coquinhos sem caroço no mesmo cacho em que estão os outros.

Além do mais, esta árvore, depois de morta, renasce por si própria. Deve ser por isto que o nome desta planta designa a ave que chamam de *fênix*, palavra que em grego significa *palmeira*, visto que também ela possui esta capacidade de auto-renascimento.

Outra coisa a respeito desta árvore tão decantada é que ela serviu de base para a expressão “levar a palma”, que significa “alcançar o triunfo e a vitória”. A causa seria o antigo costume de usar-se a palma, que se conserva sempre verdejante, como a coroa de todas as vitórias, de vez que cada modalidade de jogo ou exercício tinha sua árvore ou erva particular, como o louro, a murta, a hera e a oliveira. Ou, como outros preferem, porque esta árvore teria sido primitivamente — antes do loureiro — consagrada a Febo, tornando-se portanto a que primeiro serviu para simbolizar a vitória. É Auro Gélío quem nos explica o porquê deste simbolismo, quando diz que essa árvore possui uma propriedade que a torna semelhante aos homens virtuosos e magnânimos: jamais cede ou verga sob o peso de um fardo. Antes, pelo contrário: quanto mais carregada está, mais direita ela fica, como uma forma de resistência. Isto pode ser confirmado em Aristóteles (nos *Problemas*), em Plutarco (nas *Simposíacas*), em Plínio e em Teofrasto. E parece vir a propósito o que diz Virgílio:

“Jamais debes ceder ao mal que te importuna
Suporta com denodo o fardo da Fortuna.”

Bem, daqui por diante, é tempo de voltarmos ao nosso promontório. Ali, tanto pela influência do ar extremamente quente (pois a região situa-se na Zona Tórrida, a 15 graus da Linha Equinocial), quanto mais pela boa natureza do terreno, crescem inúmeras palmeiras, das quais os nativos extraem um líquido que guardam, pois ele constitui uma de suas bebidas. Golpeando-se a árvore, a um ou dois pés do chão, com algum instrumento perfurante, dela sai uma espécie de licor, que eles recolhem em vasos de barro da altura do corte, guardando-o depois em outras vasilhas para seu uso.

Para evitar que a bebida azede, acrescentam-lhe um pouco de sal, como se faz entre nós com o verdasco. Assim, o sal consome a umidade própria do licor, o que, se não fosse feito, impedi-lo-ia de fermentar e amadurecer, e ele se corromperia inevitavelmente.

Na cor e na consistência, esta bebida assemelha-se aos vinhos brancos da Champagne e de Anjou. Seu gosto é excelente, melhor que o das sidras da Bretanha. Trata-se de um vinho muito apropriado para refrescar e desalterar a sede que constantemente aflige os nativos devido ao calor excessivo e contínuo dessa terra.

Os frutos destas palmeiras são pequenas tâmaras, tão excessivamente ácidas que não se prestam para comer, conquanto o líquido que delas se extrai não deixe de ser bastante agradável de se beber, sendo ali tão apreciado como o são entre nós os bons vinhos.

Os antigos egípcios, antes de colocarem os corpos dos mortos no bálsamo, tendo-os preparado de acordo com seu costume a fim de melhor preservá-los da putrefação, lavavam-nos três ou quatro vezes neste líquido, ungindo-os em seguida de mirra e cinamomo.

Esta bebida, na falta de um vinho melhor, é usada em diversas regiões da Etiópia. Alguns mouros preparam semelhantemente, do fruto de uma de suas árvores, um outro tipo de beberagem, porém extremamente ácida, assim como um verdasco ou uma sidra rascante, feita de frutos ainda não amadurecidos.

Como não pretendo ser prolixo, deixarei de descrever diversos frutos e raízes que os habitantes da região utilizam como alimento ou remédio. Embora seja apenas a experiência que lhes ensinou o uso dessas plantas, eles bem sabem como tratar suas doenças.

E uma vez que eles evitam diversos prazeres e voluptuosidades bastantes usuais em nossa terra, são por isto bem mais robustos e aptos do que nós, resistindo às lesões externas, por maiores que sejam. Nós outros, ao contrário, devido à nossa constituição assaz delicada, abatemo-nos por qualquer coisa. . .

CAPÍTULO XII

DO RIO SENEGAL

O Reino do Senegal, assim chamado devido ao nome do rio. — Teorias antigas sobre a origem do Nilo e do Senegal. — Montanhas da Líbia. — Nenhum autor antigo teve um perfeito conhecimento de toda a África. — O Novo Mundo. — As Ilhas Hespérides, outrora descobertas pelos cartagineses. — A *Ilha Atlântica* da época de Platão. — Diversidade das regiões e dos costumes dos habitantes do Senegal. — Uma árvore frutífera e seu óleo de inúmeras propriedades.

Embora eu não me tenha proposto a descrever neste trabalho todas as terras, cidades, vilas, rios, golfos e montanhas, nem dar suas distâncias e localização ou demais coisas pertinentes à Geografia (o que, contudo, compete a um verdadeiro geógrafo), não me pareceu todavia que seria fora de propósito a descrição mais pormenorizada de alguns lugares mais importantes. Acho, ao contrário, que o relato dessas coisas que eu próprio pude ver seriam motivo de prazer e contentamento tanto para o prezado leitor quanto para meus melhores amigos, em favor dos quais penso que nunca poderei fazer o suficiente para retribuir a boa vontade e a amizade que me dedicam. Acrescente-se que eu me propus, desde o início do livro, a escrever inteiramente a verdade acerca daquilo que tive a oportunidade de ver e conhecer.

Este rio tão famoso, cujo nome serve para designar também a região e o reino pelos quais passa, tem, além dessa denominação de Senegal, diversas outras, assim como o nosso Mar Mediterrâneo, que recebe diferentes designações nas várias regiões que ele banha. O Senegal nasce na Líbia e deságua perto do Cabo Verde, sobre o qual falamos há pouco. Do cabo até às margens do rio estende-se uma região muito plana, arenosa, estéril, e que por isso não abriga tantos animais carnívoros quanto outros lugares. Dos rios deste trecho do litoral africano, é o primeiro e o mais conhecido, por ser o que separa os terrenos secos e áridos dos férteis. Ele procede da alta Líbia e irriga diversos reinos e terras. Sua largura é de cerca de uma légua, o que no entanto é bem pouco em relação à de alguns rios da América, dos quais trataremos mais pormenorizadamente dentro em pouco. Antes de desaguar no oceano, ao contrário dos outros rios que atingem o mar diretamente, o Senegal bifurca-se, correndo seus dois braços a uma distância de cerca de meia légua um do outro, ambos com profundidade suficiente para serem adentrados por navios pequenos.

Alguns dos autores antigos, como Solino (no seu livro intitulado *Polihystor*), Júlio César e outros, afirmam que o grande Rio Nilo, o que atravessa todo o Egito, teria suas nascentes nas mesmas montanhas que o Senegal, coisa que não me parece muito verossímil. O certo é que a nascente do Nilo situa-se bem além do Equador, pois este rio provém das altas montanhas de Beda, as mesmas que os antigos autores chamavam de Montes da Lua, que separam a África Antiga da Nova, assim como os Pirineus servem de separação entre a França e a Espanha. Estas montanhas estão situadas na Cirenaica, a 15 graus da Linha Equinocial. Quanto ao rio do qual ora se trata, o Senegal, este procede de duas

montanhas, uma chamada Mandro e a outra Tala, que ficam a mais de mil léguas das Montanhas de Beda. Isto mostra o quanto erraram os antigos por não terem realizado as explorações que hoje têm sido feitas pelos Autores modernos.

As Montanhas de Lua situam-se na Etiópia inferior, enquanto que as de onde se origina o Senegal localizam-se na chamada Líbia interior, cujas principais montanhas são as de Usergata (de onde procede o Rio Bergada), de Casa (da qual provém o Rio Dardo) e o Monte Mandro, que julgo ser a mais elevada destas montanhas, pelo fato de que todos os cursos fluviais situados entre os rios Salato e Massa, distantes entre si cerca de 70 léguas, nele têm suas nascentes. Citam-se ainda os montes Girgila (do qual desce um rio chamado Cinfo) e Hagapole (de onde provém o Rio Subo, repleto de bons peixes, além dos detestáveis e perigosos crocodilos).

A verdade é que Ptolomeu descreveu, da melhor maneira que pôde, diversas nações e regiões estranhas, principalmente a África, e nela a Etiópia. Entretanto, não encontro nenhum autor antigo que possuísse conhecimentos tão bons e precisos, a respeito dessa região, que me pudessem proporcionar uma efetiva satisfação. Ptolomeu termina sua descrição quando chega ao promontório de Praso, que fica a 15 graus de latitude, sendo o ponto mais longínquo de que ele tinha notícia (como também o diz Glareano no fim de sua descrição da África). Do mundo inferior, pouca coisa fala. Essas terras, conquanto já conhecidas em sua época, não o eram inteiramente, pois uma boa parte do mundo meridional só foi descoberto nos dias atuais. Quantas e quantas coisas foram acrescentadas aos escritos de Ptolomeu, e que podem ser vistas examinando-se a *Tábua Geral*, esta verdadeiramente de sua autoria.

O leitor comum, mesmo não sendo bastante versado em Cosmografia e outras ciências, sabe que os antigos dividiam o mundo em três partes desiguais, a saber, Europa, Ásia e África. Sobre elas, uns escreveram a verdade, outros o que lhes passou pela cabeça. Contudo, nenhum deles tocou nas Índias Ocidentais, que constituem hoje a quarta parte do mundo e que foram descobertas pelos viajantes modernos, assim como também a maior parte das Índias Orientais, Calicute, etc. Quanto às Índias Ocidentais (França Antártica, Peru, México), hoje vulgarmente designadas como o Novo Mundo, alcançam até à latitude de 52 graus e meio do Equador, onde se situa o Estreito de Magalhães, compreendendo diversas outras províncias dos lados norte e sul, voltados para o Levante e abaixo do Trópico de Capricórnio, no Oceano Meridional, e na região setentrional, às quais Arriano, Plínio e outros historiógrafos não fazem qualquer menção, uma vez que ainda não tinham sido achadas em sua época. Alguns chegam a citar certas ilhas que teriam sido descobertas pelos cartagineses, as quais presumo que fossem as do arquipélago das Hespérides, ou então as Ilhas Afortunadas.

Afirma Platão, no *Timeu*, que no passado teria existido, no Oceano Atlântico, um vasto continente. De minha parte, considero fictícia tal terra, pois se ela fosse real, ou pelo menos verossímil, outros além de Platão teriam escrito a seu respeito. E, como se sabe, o mundo conhecido dos antigos, constava destas partes: primeiramente, do lado do Levante, até à fronteira da *Terra Incógnita*, próxima da Ásia Maior, e às Índias Orientais. Para o sul, pouca coisa se achavam: praticamente só até à parte da Etiópia meridional denominada Agisimbra. E, para o norte, as ilhas da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, até às Montanhas Hiperbóreas, que constituíriam, segundo a opinião de alguns, o ponto extremo da terra setentrional.

Retornemos ao Senegal: Do mesmo modo que são bastante diversos tanto este rio quanto o território que ele banha, assim também são muito diferentes entre si as inúmeras tribos que vivem em suas margens. Aqui, homens muito negros, de alta estatura, corpos

fortes e ágeis, vivendo numa região verdejante e cheia de belas árvores frutíferas. Acolá encontra-se justamente o contrário, sendo os homens mais pálidos e de menor estatura.

Quanto aos costumes do povo desta região do Senegal, nada mais posso acrescentar ao que já escrevi sobre os dos habitantes do Cabo Verde, senão que os dos senegaleses são ainda piores! A causa é que os cristãos não se atrevem muito a desembarcar aí para comerciar ou fazer aguada, como em outros pontos do litoral, a não ser que queiram ser mortos ou escravizados. Tudo o que os nativos fazem é vil e desprezível. Poucos dentre eles consideram a paz como algo desejável. Vivem ociosamente, exceto quando estão trabalhando no preparo da terra para a sementeira do arroz, já que trigo e vinha aí inexistem de todo. O trigo, porque não pode crescer, diferentemente do que ocorre alhures em outros pontos da Barbária e da África em geral. A razão disto é que as chuvas, aí, são muito raras. Essa secura, somando-se ao excessivo calor, impede a semente de germinar. Logo que a chuva molha suas terras, põem-se os senegaleses a lavrá-las. Em três meses o arroz está maduro e pronto para ser colhido.

Suas bebidas são o licor de palmeira e a água. Entre as árvores dessa região, existe uma tão grossa quanto o nosso carvalho. Seus frutos são do tamanho de tâmaras. O caroço dá um óleo que tem propriedades maravilhosas. A primeira é a de tornar a água amarela como açafrão; com ela tingem suas vasilhas de beber e seus chapéus feitos da palha de junco ou de arroz. Esse óleo, além do mais, tem cheiro semelhante ao da violeta-de-março e sabe a azeite de oliva; por isto, usam-no geralmente para temperar o peixe, o arroz e vários outros pratos.

Eis o que eu pretendia dizer a respeito do rio e da região do Senegal, que se limita a leste com a terra de Thueusar, a sul com o reino de Gâmbia, e a oeste com o Mar Oceano.

Prosseguindo nossa viagem, alguns dias depois já chegávamos à altura da Etiópia, e seu trecho denominado Reino da Núbia, que possui grande extensão e está dividido em diversos principados e províncias, dos quais falaremos posteriormente.

CAPÍTULO XIII

DAS HESPÉRIDES, TAMBÉM DENOMINADAS ILHAS DE CABO VERDE

Situação das Ilhas de Cabo Verde. — Ilha de São Tiago. — Ilha de São Nicolau. — Ilhas de Flera, Plintana, Pinturia e Foyon. — Marroquins da Espanha.

Logo que deixamos nosso promontório à esquerda, pretendendo seguir um percurso que fosse o mais reto possível, tomamos o rumo sudoeste, inclinado um quarto para sul, nele permanecendo por cerca de um dia inteiro. Mas lá para as dez ou onze horas soprou um vento contrário que nos desviou para a direita, na direção de umas ilhas designadas em nossas cartas náuticas pelo nome de Ilhas de Cabo Verde. Distam duzentas léguas das Ilhas Afortunadas ou Canárias, 60 do cabo e 100 léguas de Budomel, que fica no continente africano, seguindo a costa da Guiné em direção ao Pólo Antártico.

Estas ilhas são em número de dez, sendo duas delas habitadas por portugueses, que foram os que primeiramente as descobriram e conquistaram. Uma delas, a que é chamada São Tiago, é a mais povoada de todas. Quem aí realiza considerável comércio são os mouros, tanto os que vivem na terra firme quanto os que navegam para as Índias, a Guiné e o Manicongo, na Etiópia. Esta ilha fica a 15 graus da Linha Equinocial. A outra ilha chama-se São Nicolau e é também habitada por portugueses.

As demais ilhas, Flera, Plintana, Pinturia e Foyon, não são tão povoadas, se bem que nelas vivam alguns colonos e escravos, enviados pelos portugueses para cultivar as terras mais férteis e, principalmente, para preparar as peles de cabras, que aí existem em grande quantidade, e com as quais se faz intenso comércio. Para tanto, duas ou três vezes por ano os portugueses chegam a essas ilhas com navios e munições, trazendo consigo os cães e as redes que usam para caçar as cabras selvagens. Destas, depois de esfoladas, aproveitam-se somente as peles, que eles curtem com terra e sal, dentro de recipientes apropriados, o que evita seu apodrecimento. Esses couros são levados para seu país, onde com eles se fazem os seus universalmente famosos marroquins.

Cada habitante destas ilhas é obrigado a entregar, como tributo ao Rei de Portugal, seis mil cabras, selvagens ou domésticas, salgadas e secas. Quem as recolhe são os navegantes que por aí passam, vindos da Corte e dirigindo-se com seus grandes navios para as Índias Orientais, Calicute, etc. A carne das cabras é utilizada para sua alimentação durante essa viagem, que dura dois anos ou mais, devido à distância e aos trabalhos que tal empresa exige.

De resto, os ares destas ilhas são pestilentos e malsãos, a ponto de terem sido acometidos por doenças os primeiros cristãos que iniciaram sua colonização, o que presumo ser devido tanto à temperatura do ar, que em tais paragens não pode ser salubre, quanto às suas súbitas variações.

Também são muito comuns as febres altas, além de fluxos de sangue, mormente entre os escravos. Ambos os males não podem ser atribuídos senão aos humores excessivamente quentes e acres provocados pelo trabalho contínuo e pela má nutrição. Juntam-se a estes fatores dois outros que ainda mais agravam esta situação: as altas temperaturas do ar e a má qualidade da água.

CAPÍTULO XIV

DAS TARTARUGAS E DE UMA ERVA CHAMADA ORCELA

Quatro espécies de tartarugas. — A tartaruga marinha. — Modo de pegar as tartarugas marinhas. — Espessura dos cascos das tartarugas marinhas, e para que são utilizados. — Escudos de casco de tartaruga. — História de um fidalgo português. — Este português curou-se da lepra. — Antipatia entre a tartaruga e a salamandra. — A erva "orceia".

Já que pretendemos aqui descrever algumas das singularidades que pudemos observar nos locais por onde passamos, viria a propósito falar agora das tartarugas que, assim como as cabras, são bastante numerosas nas Ilhas de Cabo Verde.

Existem quatro espécies de tartarugas: as terrestres, as marinhas, as de água doce e as dos pântanos. Evitando ser prolixo, resumir-me-ei à descrição pormenorizada das que se encontram na orla marítima deste arquipélago.

A tartaruga marinha sobe do mar para a praia na época da desova. Com suas unhas, escava na areia uma cova, pondo ali seus ovos (pois ela pertence ao número dos ovíparos, conforme ensina Aristóteles). A seguir, cobre-os tão bem que não se consegue vê-los nem encontrá-los, até que o fluxo da maré montante acabe por descobri-los. Depois, em decorrência do calor do sol que ali é muito violento, o filhote acaba de se formar e rompe a casca do ovo, assim como fazem os pintos, surgindo então inúmeras tartaruguinhas do tamanho de caranguejos (que são uma espécie de peixe), que a vazante da maré se encarrega de arrastar para o mar.

Entre estas tartarugas encontram-se algumas de tão assombroso tamanho, aí mesmo nestas ilhas de que falo, que quatro homens não conseguem carregar uma — o que não só ouvi de pessoas dignas de fé, como até mesmo pude ver. Plínio narra que as tartarugas do Mar Índico são tão grandes que seus cascos podem até cobrir uma habitação de tamanho médio. Diz ainda que, nas ilhas do Mar Vermelho, com eles se podem fazer barcos que de fato navegam. Acrescenta o mesmo autor que existem tartarugas semelhantes a essas no Estreito da Carmânia e no Mar Pérsico.

Há diversas maneiras de pegá-las. Algumas vezes, este enorme animal, desejoso de nadar e respirar mais livre e tranquilamente, busca a superfície do mar, um pouco antes do meio-dia, quando o ar está calmo. Deixando o casco fora d'água, fica este exposto aos raios do sol, que o secam completamente, fazendo com que a tartaruga não mais possa mergulhar, tendo de ficar flutuando, queira ou não queira, quando é então apanhada.

Diz-se também que elas saem do mar durante a noite, em busca de alimento, e que, depois de fartas e cansadas, adormecem sobre as águas, próximo à praia, onde são apanhadas facilmente, desde que é possível escutá-las a roncar enquanto dormem. Estas são algumas dentre as diversas maneiras de pegá-las. Deixo de mencionar as restantes para não prolongar demasiadamente o assunto.

Quanto aos cascos que as cobrem, podem os leitores fazer uma idéia de sua espessura, calculando-a proporcional ao seu tamanho. Por isto, no litoral do Estreito de Magalhães e do Rio da Prata, os selvagens fazem com eles escudos redondos, à maneira dos escudetes barceloneses, usando-os na guerra para se protegerem das flechas atiradas pelos inimigos. Do mesmo modo agem as amazonas das proximidades do litoral do Pacífico, protegendo-se com esses cascos ao se verem atacadas em suas choças e cabanas. De minha parte, posso afiançar que vi uma carapaça de tartaruga tão resistente que não se deixava atravessar pelas balas de arcabuz!

É desnecessário explicar o modo que os insulares cabo-verdianos usam para preparar a carne de tartaruga, já que é o mesmo que empregamos para cozinhar a carne do boi ou de carneiro. O aspecto da carne de tartaruga lembra o da vitela, da qual também muito se aproxima no paladar. Contudo, os selvagens das Índias Americanas não a comem de modo algum, imbuídos da absurda idéia de que ela, sendo um alimento pesado, iria torná-los igualmente pesados, o que lhes causaria problemas quando partissem para a guerra, já que, faltos de ânimo, não poderiam perseguir agilmente o inimigo, ou então escapar de suas mãos.

Contarei por fim a história de um fidalgo português atacado de lepra, o qual, devido ao enorme aborrecimento provocado pelo seu mal, ansiava por todos os meios afastar-se de seu país. Tendo chegado à mais completa desesperança, resolveu, após tomar conhecimento da conquista dessas belas ilhas pelos seus patrícios, partir para aí, a fim de se distrair um pouco. Assim, arrumou a melhor equipagem que lhe foi possível, isto é, excelentes navios, tripulação, munições e gado (especialmente cabras, que levou em grande número), e por fim chegou a uma das ilhas. Ali, quer devido à inapetência decorrente de seu mal, quer por estar enfasiado da carne que usualmente consumia em sua pátria, ficou desejoso de comer ovos de tartaruga, o que logo se transformou num hábito que ele manteve por dois anos a fio. Com isso, curou-se da lepra. Eu gostaria de saber se sua cura deve ser atribuída à mudança de ares que ele experimentou, ou a este exótico prato. O que penso, na verdade, é que tanto uma coisa quanto a outra tiveram sua parcela de participação.

Plínio, quando enumera as virtudes alimentícias e medicinais da tartaruga, não faz qualquer menção ao fato de que ela possa ser utilizada contra a lepra. Diz, todavia, que sua carne é um eficaz antídoto contra diversos venenos, especialmente o da salamandra, devido à antipatia existente entre os dois animais, inimigos mortais um do outro.

Compete aos médicos pesquisar se a carne de tartaruga possuiu ou não alguma propriedade oculta e particular que curasse a lepra. A experiência tem confirmado que diversos medicamentos possuem certas propriedades das quais não se tinha dantes muita certeza. É por isto que julgo aconselhável que se façam experiências com este tipo de tartaruga, ou com as terrestres, quando não for possível dispor das marinhas. Penso que seria bem melhor e mais seguro conseguir essas tartarugas do que as víboras geralmente receitadas para esta moléstia, e que entram na composição da famosa teriaga, visto não ser prudente manipular tais animais, devido à peçonha que possuem.

Seja como for, o que quer que se diga deste novo medicamento baseia-se naquela primeira experiência. Diz-se que muitas pessoas seguiram o exemplo daquele fidalgo, tendo sido bem sucedidas. É isto o que queremos relatar a respeito das tartarugas. Quanto às cabras que ele trouxe, elas ali se multiplicaram bastante. Alguns afirmam que todas as cabras do arquipélago descendem destas, pois nunca dantes foram vistos tais animais nessas ilhas.

Resta-nos agora falar de uma erva que os cabo-verdianos chamam de orcela. Trata-se de uma espécie de musgo que cresce no topo dos altos e inacessíveis rochedos, não precisando de terra para medrar, e que ali existe em grande abundância. Para sua colheita os insulares prendem algumas cordas no alto das montanhas e dos rochedos; depois, agarrando-se à sua ponta solta, escalam o rochedo enquanto o vão roçando e cortando as orcelas com certos instrumentos, à maneira dos limpadores de chaminés. Colocam depois as plantas cortadas em cestos ou outros recipientes que são baixados para o sopé presos a uma corda. Como já dissemos precedentemente, a importância desta erva reside em seu emprego no fabrico de tintas.

CAPÍTULO XV

DA ILHA DO FOGO

A Ilha do Fogo e por que é assim denominada. — A montanha de Pozzuoli.

Entre as diversas singularidades que observei, não quis omitir a Ilha do Fogo, assim chamada devido ao fato de expelir continuamente uma chama tão impressionante, que os antigos, se dela tivessem qualquer conhecimento, a teriam incluído nos seus livros, ao lado de outras fenomenais curiosidades da natureza, assim como as montanhas Vesúvio e Etna, das quais se contam coisas incríveis. Quanto ao Etna, na Sicília, este vulcão costuma expelir chamas por vezes espantosamente reboantes, como as que ocorreram na época de M. Emílio e T. Flamínio, conforme nos conta Orósio. Diversos outros historiógrafos confirmaram o fenômeno, como por exemplo Estrabão, que afirma tê-lo visto e estudado a fundo. Acredito que de fato exista algo de real nestas descrições, mesmo porque foram vistas por alguns dos que as descreveram. Afinal de contas, tais singularidades não estão localizadas tão distantes de nós que não possamos ir observá-las pessoalmente com nossas próprias vistas, as mais fidedignas testemunhas dos fatos narrados nos livros.

Sei bem que um dos nossos modernos escritores, ao afirmar que uma das Canárias está perpetuamente expelindo fogo, referia-se, de fato, a esta ilha de que ora falamos, tornando-a pela outra.

Aristóteles, no *Livro das Maravilhas*, fala de uma ilha desabitada, descoberta pelos cartagineses, que lançava uma espécie de chama produzida por suas matérias sulfurosas, além de numerosos outros fenômenos. Não pense o leitor, no entanto, que se tratava desta Ilha do Fogo, e menos ainda do Monte Etna, já que era então por demais sabido que este se localizava defronte ao reino dos cartagineses. E quanto à montanha de Pozzuoli, esta situa-se em terra firme. Se alguém quiser afirmar o contrário, replicarei que de minha parte jamais encontrei qualquer indicação de algum conhecimento desta ou de outras ilhas do Poente, quer distantes, quer próximas, ou mesmo do Continente Ocidental, senão depois de 1530.

Há também uma outra montanha na Islândia, chamada Hecla, que em determinadas ocasiões lança pedras sulfurosas, e tantas que as terras de cinco ou seis léguas ao seu redor tornaram-se estéreis devido às cinzas de enxofre que as recobrem.

A ilha de que ora falamos possui cerca de 7 léguas de perímetro. Foi com razão denominada Ilha do Fogo porque sua montanha, que tem 679 passos de circuito e 1055 braças de altura, expele continuamente uma chama pelo topo, podendo-se avistá-la do mar a trinta ou quarenta léguas de distância. Enxerga-se a chama muito mais claramente à noite do que durante o dia, uma vez que, como ensina a boa filosofia, uma luz mais forte anula a mais fraca. O fenômeno chega a provocar um certo terror nos navegantes que o vêem pela primeira vez. A chama é acompanhada de um mau cheiro difícil de se descrever, rescendendo um pouco a enxofre, o que leva a crer na existência de alguma jazida desta substância no interior da montanha.

Não se deve julgar estranho este tipo de fogo. Trata-se de um fenômeno natural, como nos ensinam os filósofos. E que tais lugares estão repletos de enxofre e outros minerais muito cáusticos, dos quais resulta um vapor quente e seco semelhante ao fogo. E como o fogo não pode existir sem o ar, eis o porquê de subirem estes vapores à superfície pelo primeiro respiradouro que encontram, em consequência da agitação que o ar lhes transmite. Daí também saem as águas minerais quentes, chocas, por vezes adstringentes, como as das fontes e termas da Alemanha e da Itália. Também em Esclavônia, perto de Apolônia, encontra-se uma fonte que jorra da rocha, de onde se vê brotar uma chama, donde serem todas as águas das proximidades como que ferventes.

Esta ilha é habitada por portugueses, assim como o são várias outras do arquipélago. O calor ardente de sua montanha, no entanto, não impede que ela tenha solo fértil e produza várias espécies de bons frutos. Além de seus excelentes ares, destaca-se a ilha pelas boas nascentes e belas fontes. O mar que o rodeia não extingue seu calor violento, à semelhança do que ocorre com a sempre ardente Quimera que, de acordo com o que narra Plínio, só se apaga quando a cobrem com tefra ou feno, enquanto que a água só faz aumentar-lhe o fogo.

CAPÍTULO XVI

DA ETIÓPIA

Extensão da Etiópia. — O Rio Senegal, outrora Nigritis. — O reino de Etabexe. — Os ictiófagos. — Amizade dos antropófagos para com seu rei. — Meroé, ex-Sabá, capital da Etiópia. — Por que os etíopes e outros povos são de cor negra. — Indianos e etíopes praticam a magia.

Conquanto diversos cosmógrafos já tenham descrito suficientemente a região etiópica, e entre eles mesmo alguns dos modernos viajantes que recentemente realizaram proveitosas navegações, visitando numerosas e longínquas partes deste litoral africano, isto entretanto não me impedirá, apesar de meus minguados dotes intelectuais, de apresentar aqui algumas singularidades que observei ao passar por estas costas, navegando rumo à imensa América.

A Etiópia é tão extensa que não se contém apenas dentro da Ásia ou da África. Por isto, costuma-se dividi-la em duas. A parte que fica na África, hoje denominada Índia, limita-se, ao levante, com o Mar Vermelho; ao setentrião, com o Egito e a África exterior, ao sul, com o Rio Nigritis, que dissemos chamar-se modernamente Senegal; do lado do poente, compreende a África interior e estende-se até à beira do Oceano.

“Etiópia” provém do nome de Etíops, filho de Vulcano. Todavia, esta terra já teve diversas outras denominações. Apresenta-se montanhosa no ocidente, pouco habitada no levante e arenosa do centro até às bordas do Mar Atlântico.

Outros descrevem-na dizendo que há duas Etiópias. Uma é a que se situa abaixo do Egito; trata-se de uma vasta e rica região, onde se localiza Meroé, uma das maiores ilhas do Nilo. Daí para o oriente estendem-se os domínios do Preste João. A outra parte não é totalmente conhecida, sendo-o apenas nas bordas. Ainda não foi completamente descoberta devido à sua imensidão.

Existem ainda os que a dividem de outra maneira, a parte asiática e a que fica na África (hoje chamada de Índias do Levante), limitada pelo Mar Vermelho na Barbaria, e pela Líbia e o Egito no setentrião. Constitui uma região bastante elevada, cujas montanhas mais notáveis são as de Beda, Jone, Bardite, Mecha e Lifa.

Alguns autores escreveram que os primitivos etíopes e egípcios eram os povos mais brutos e ignorantes de todos, levando uma vida bárbara, quais feras selvagens, sem domicílio fixo, dormindo onde quer que a noite os surpreendesse, num tipo de vida ainda pior que o dos atuais masovios.

Do Equador às terras antárticas estende-se uma vasta região da Etiópia onde vivem enormes elefantes, tigres e rinocerontes. Entre os braços do Nilo fica a principal região produtora de cinamomo. E o reino de Etabexe, situado de ambos os lados do Nilo, é habitado por cristãos.

Outro povo etiópico é o dos chamados *ictiófagos*, que se alimentam exclusivamente de peixes, e que outrora estiveram sob o domínio de Alexandre, o Grande. Há também os *antropófagos*, que vivem nas vizinhanças dos Montes da Lua. Daí, em direção ao Trópico de Capricórnio, até ao Cabo da Boa Esperança, estende-se a área restante, habitada por incontáveis povos com as mais diversas aparências, mas todas monstruosas. Acredita-se que tenham sido os primeiros que povoaram a terra e também os primeiros que inventaram as crenças e cerimônias religiosas. Como não existem estrangeiros em sua terra, não foram submetidos ao jugo da escravidão, tendo sempre vivido em liberdade até o dia de hoje.

É admirável ver-se a honra e a amizade que dedicam a seu rei. Assim, quando acontece de sofrer o soberano a mutilação de alguma parte do corpo, seus súditos (especialmente os da sua criadagem) deceparam-se a mesma parte, considerando ser coisa imprópria permanecerem sãos e inteiros enquanto seu rei está mutilado!

A maior parte desta gente vive completamente despida por causa do excessivo calor do sol. Há alguns, contudo, que cobrem com peles suas partes pudendas; outros, a metade do corpo; uns poucos, o corpo inteiro.

A capital da Etiópia, Meroé, é aquela cidade que foi outrora denominada Sabá. Foi Cambises quem lhe deu o nome atual.

Entre os etíopes há diversidade de religiões. Alguns são idólatras, como veremos mais adiante. Outros adoram o sol, mas apenas o nascente, desdenhando-o quando se põe no ocidente.

Esta terra possui coisas surpreendentes. Para as bandas da Índia, vivem animais enormes, canzarrões, elefantes, rinocerontes de espantoso tamanho, dragões, basiliscos e outros, além de árvores tão altas que não há flecha d'arco que lhes chegue à copa, e muitas outras coisas admiráveis, como nos conta Plínio em sua *História Natural*, livro XVII, capítulo II.

Os nativos alimentam-se usualmente de sorgo e cevada, com os quais preparam também algumas beberagens. Quase não fazem uso de outros frutos ou de outras árvores, a não ser de umas determinadas palmeiras. Além disso, em algumas áreas desta terra abundam as pedras preciosas.

Parece-me também que não seria despropositado afirmar que a cor negra mais ou menos acentuada da população depende da maior ou menor ardência do calor, já que esta coloração é decorrente da adustão superficial produzida pelo calor do sol, que é igualmente a causa de serem os nativos excessivamente tímidos. A temperatura do ar, excepcionalmente alta, absorve o calor natural do coração e de outros órgãos internos. Tornam-se os habitantes, por causa disto, intimamente frios, destituídos de seu calor interno e abrasados apenas por fora, à semelhança de outras coisas que são tostadas e queimadas só superficialmente. A ação do calor sobre os materiais, quaisquer que estes sejam, não acarreta senão a dissolução e a desintegração dos elementos, que será tanto mais rápida e completa quanto mais duradouro e violento for ele. Destarte, quando se consumirem os elementos mais delicados, nada mais restará senão a parte terrestre do humor, que retém a cor e a consistência da terra, como se pode ver nas cinzas e na madeira queimada. Por isto, tendo sido assim queimada a pele deste povo, nela nada mais resta que a parte terrestre do humor, já que as outras se desintegraram, o que lhe dá a cor que ela apresenta.

Os nativos, ademais, são tímidos, conforme o disse há pouco, o que se deve à sua frigidez interna, uma vez que a coragem é consequência natural e exclusiva de um ardente calor do coração. Daí serem os gauleses e outros povos que vivem nas proximidades do

Setentrião, ao contrário dos que acabamos de descrever, frios por fora (devido à baixa temperatura do ar) e excepcionalmente quentes em seu íntimo, tornando-se por conseguinte destemidos, corajosos e plenos de audácia.

Quanto a discutir por que estes negros têm o cabelo crespo, os dentes alvos, os lábios grossos e as pernas tortas, ou por que suas mulheres possuem o vício da incontinência (além de diversos outros), isto seria coisa muito extensa, que prefiro deixar a cargo dos filósofos, já que não pretendo ultrapassar os limites deste trabalho.

Os nativos da Etiópia e das Índias praticam a magia, visto que possuem diversos materiais e as ervas próprias destas cerimônias. O fato é que existem, entre as coisas, simpatias e antipatias ocultas que apenas uma longa experiência permite conhecer.

Devido ao fato de termos costado uma extensa região da Etiópia denominada Guiné, pretendo a seguir descrevê-la particularmente.

CAPÍTULO XVII

DA GUINÉ

A Guiné, parte da baixa Etiópia. — São idólatras todos os que habitam entre a Guiné e o Cabo da Boa Esperança. — Castor e Pólux, também chamadas "estrelas brilhantes do mar". — Costumes e modos de vida dos guinéus. — A mal arejada Guiné. — A malagueta, uma das especiarias mais procuradas. — Tráfico de marfim. — O elefante, um animal cuja inteligência se aproxima da humana.

Após termos feito aguada no Cabo Verde, tratamos de seguir em frente, aproveitando um vento de nordeste excepcionalmente favorável para nos conduzir em linha reta à Equinocial, que pretendíamos ultrapassar. Entrementes, quando chegávamos à altura da Guiné, situada na Etiópia, o vento virou completamente, o que é freqüente nesta região onde os ventos, além de inconstantes, são muitas vezes acompanhados de chuvas, tempestades e trovões, tornando assaz perigosa a navegação nestas paragens. Por isto, no dia 14 de setembro chegamos à Guiné, região que se estende desde o litoral até bem no interior do continente.

Esta terra é habitada por um povo muito estranho, devido à sua idolatria e à sua superstição tenebrosa e ignorante. Antes de ter sido descoberta, e seus habitantes conhecidos, acreditava-se que eles tivessem a mesma religião e o mesmo modo de vida dos nativos da alta Etiópia ou do Senegal. Viu-se, porém, que tais conceitos eram totalmente errôneos, pois todos os povos que vivem entre o Senegal e o Cabo da Boa Esperança são idólatras, ignorando a existência de Deus e dos Seus mandamentos. Tão cegos são estes pobres indivíduos que trazem consigo, durante o dia inteiro, o primeiro animal com que depararam pela manhã, seja pássaro ou serpente, doméstico ou selvagem. Carregam-no até para seus negócios, como uma divindade protetora de seus atos. Assim, quando saem a pescar em suas pequenas canoas feitas da casca de certas árvores, colocam-no, envolvido em folhas, numa das extremidades da embarcação, acreditando que ele lhes trará boa sorte durante todo o dia, seja no mar, seja na terra, preservando-os de todo infortúnio.

Em Deus, pelo menos, acreditam, concebendo-o como um ser imortal, porém desconhecido, sempre lá em cima, bem distante, não se dando nunca a conhecer. Tal erro é em nada diferente daqueles dos antigos gentios que adoravam diversos deuses sob a forma de imagens e simulacros. Portanto, antes que se imagine que esses pobres bárbaros não crêem em Deus, é bom que se lembre que tal não ocorre, conquanto eles prefiram adorar as coisas corruptíveis.

Conta Diodoro da Sicília que foram os etíopes os que primeiro tiveram conhecimento dos deuses imortais, aos quais começaram a cultuar e a sacrificar vítimas. Foi isto o que o poeta Homero quis representar em sua *Ilíada*, ao relatar a visita de Júpiter à Etiópia, juntamente com outros deuses, tanto por causa dos sacrifícios que ali se faziam em sua honra, quanto pela amenidade e doçura do clima local. (Isto faz-nos lembrar o que

se conta de Castor e Pólux que, quando estavam no mar acompanhando o exército grego que se dirigia a Tróia, desapareceram no ar e nunca mais foram vistos. Daí nasceu a crença de que tivessem sido arrebatados e alçados à condição de divindades marinhas. Por isso, muitas pessoas lhes dão o nome de "estrelas brilhantes do mar".)

Os guinéus não possuem templos, igrejas ou quaisquer outros locais dedicados a sacrifícios ou orações. Além disso, são incomparavelmente mais perversos que os habitantes da Barbária e da Arábia, tanto que os estrangeiros não se atrevem a parar ou descer nesta região, a não ser quando garantidos por reféns, pois de outro modo seriam presos como escravos.

A maior parte desta gentilha anda inteiramente nua, se bem que uns poucos, depois que sua terra passou a ser mais freqüentada, estão se acostumando a usar uns camisolões de fibra de junco ou algodão, trazidos de outros países.

Seu comércio de gado não é tão intenso quanto o da Barbária. Também os frutos são poucos, em razão da seca e do calor excessivo, por sua vez decorrentes da localização desta região na Zona Tórrida.

Os guinéus vivem até uma idade avançada, sem se mostrarem caducos. Assim, um homem de cem anos parece não ter mais que quarenta. Entretanto, alimentam-se das carnes de animais selvagens, sem cozimento, mal preparadas. Fazem uso ainda de certos peixes e de grande quantidade de ostras. Estas são de tamanho grande, com mais de meio pé de comprimento, porém mais perigosas de se comerem do que qualquer outro peixe. Dão um caldo semelhante ao leite. Os nativos, contudo, comem sem medo tanto as do mar quanto as de água doce.

Estão continuamente em guerra contra outras nações. Arco e flecha são suas armas, igual ao que se vê entre os outros etíopes e africanos. Também as mulheres tomam parte nas batalhas, procedendo da mesma forma que os homens. A maior parte traz argolões de fino ouro ou outro metal nas orelhas e nos lábios, assim como também nos braços.

A água desta terra é muito perigosa. Seus ares também são insalubres. Presumo que isto seja devido ao vento quente e úmido do sul, que aí sopra freqüentemente, causando a putrefação de todas as coisas, como nós mesmos tivemos tempo suficiente para comprovar. É por isto que as pessoas oriundas de terras mais temperadas, vindo à Guiné não conseguem permanecer por muito tempo sem contrair doenças. Isso ocorreu conosco. Vários companheiros morreram e diversos outros ficaram muito doentes por longo espaço de tempo, e foi com grande dificuldade que puderam ser salvos. Foi por isto que não permanecemos nesta terra por muito tempo.

Não posso deixar de falar da malagueta, que é o principal produto da Guiné e constitui o carregamento usual dos navios estrangeiros que aqui vêm. Trata-se da melhor e mais procurada de todas as especiarias. Os portugueses são os que mais se destacam neste comércio. Esta planta, nativa nos campos, tem a aparência da cebola. (Se nos tivesse sido possível, gostaríamos de ter feito seu desenho, mas nossa estadia no local resumiu-se ao mínimo necessário.). A malagueta proveniente de Calicute e das Molucas não tem a mesma aceitação desta.

Os guinéus trocam ouro por sal com seus vizinhos bárbaros, de um modo muito estranho: para determinados pontos adrede estabelecidos por mútua combinação, cada parte leva sua mercadoria; os guinéus, sal; os outros, ouro fundido. E sem qualquer comunicação entre ambas, em razão de sua desconfiança recíproca (a mesma que existe entre turcos e árabes e certas tribos selvagens da América entre si), deixam em dois lugares determinados o sal e o ouro que cada uma trouxe. Isto feito, cada parte dirige-se

ao local onde a outra depositou sua mercadoria. Se os guinéus acham que o ouro ali deixado compensa suficientemente o sal que trouxeram, levam-no consigo; caso contrário, deixam-no ali mesmo. Neste caso, vendo os outros que o ouro não foi considerado bastante, vão acrescentando novas quantidades até que ambas as partes se sintam satisfeitas, quando então cada uma volta carregando o que lhe pertence.

É preciso notar, contudo, que estes negros de que falamos são mais experientes e civilizados que os outros, devido ao contato que mantêm com os diversos mercadores que por ali passam. Com isto, levam-nos a trocar seu ouro por ninharias como camisas e outras vestimentas ordinárias, facas, ferragens e diversas bugigangas. Assim também procedem os portugueses com os mouros da Guiné, que lhes dão em troca diversos produtos, entre os quais o marfim, que conhecemos por *dente de elefante*. Contou-me um desses mercadores que de certa feita trouxe um carregamento de doze mil destas presas, encontrando-se entre elas uma de excepcional tamanho, pesando cem libras!

Como já dissemos, há muitos elefantes na Etiópia. Os nativos caçam este animal do mesmo modo que nós outros caçamos o javali, havendo apenas pequenas diferenças nos métodos e ardis que empregam. Comem sua carne, que seria excelente, de acordo com o que vários deles me asseguraram (no que achei melhor acreditar, assim evitando maiores discussões e antes que me visse obrigado a tirar a prova).

Não me alongarei aqui na descrição das virtudes e propriedades deste que é o mais dócil de todos os animais e o que mais se aproxima da inteligência humana. É por isto que ele foi tão celebrado pelos antigos, e continua sendo-o também pelos autores modernos. Plínio, Aristóteles e inúmeros outros escreveram bastante sobre este animal e sua carne. Quanto a esta, afirmam que é medicinal e específica contra a lepra, podendo ser ingerida pela boca ou aplicada externamente após ser reduzida a pó. As presas, que chamamos de marfim, confortam o coração e o estômago, sendo que sua substância serve para auxiliar o parto. Não pretendo, contudo, repetir o que estes autores escreveram, por não ser este o nosso objetivo precípuo, e a fim de não me afastar muito do nosso propósito inicial.

Entretanto, não posso deixar de narrar algo que eu próprio vi. Quando acontece de casualmente pegarem alguns filhotes de elefante, os nativos criam-nos e ensinam-lhes mil pequenas habilidades, pois estes animais são extremamente dóceis e aprendem as coisas com muita facilidade.

CAPÍTULO XVIII

DA LINHA EQUINOCIAL E DAS ILHAS DE SÃO TOMÉ

Um rio que é uma verdadeira mina de ouro e prata. — Castelo da Mina. Os rios Cania e Régio. — Monstro marinho de aspecto humano. — Descrição da Linha Equinocial. — Causa da denominação "equinocial". — Solstício de inverno. — Solstício de verão. — Temperatura do ar na linha equinocial. — Ilha dos Ratos. — Ilha de São Tomé ou Santo Homero. — Abundância de peixes diversos à altura do Equador. — Água doce no mar equatorial.

Deixando à nossa esquerda esta região da Guiné, depois de aí termos permanecido bem pouco por causa da insalubridade do ar (conforme explicamos pouco atrás), prosseguimos em nossa rota, costeando sempre o litoral. A meio caminho entre o Cabo das Palmas e aquele que se costuma chamar de Três Pontas, passamos por um belíssimo rio onde viam grandes embarcações¹¹. Através deste rio realiza-se intenso comércio por toda esta região e transporta-se uma grande quantidade de ouro e prata em bruto. Foi isto que levou os portugueses a desembarcarem neste ponto, tendo logo entrado em contato com os habitantes e edificado uma fortaleza à qual denominaram — e não sem razão — Castelo da Mina, pois o ouro que daí sai é incomparavelmente mais fino que o de Calicute ou das Índias Americanas.

Este lugar fica a cerca de três graus e meio da Linha Equinocial. Ali se encontra um grande rio, que provém das montanhas da região denominada Cania, e um outro menor, de nome Régio. Ambos possuem bons peixes, mas também perigosos crocodilos, assim como o Nilo e o Senegal (que teriam, ao que se diz, a mesma origem). Nas areias destes rios, as quais se assemelham a ouro em pó, os nativos caçam crocodilos e comem sua carne, que é uma de suas veações preferidas.

Não posso deixar de relatar o que me contaram acerca do fato de ter sido visto, nas proximidades de Castelo da Mina, um monstro marinho de aspecto humano, que fora atirado à praia pela maré. Ouviram-se ainda os estentóreos uivos da fêmea que era arrastada pelo refluxo das águas, desesperada pela perda do macho, fato realmente digno de grande admiração. Coisas que tais mostram-nos a diversidade de animais que o mar, assim como a terra, produz e sustenta.

Tendo por fim alcançado a Linha Equinocial, não posso deixar de escrever alguma coisa a seu respeito, antes de que ela fique para trás. Esta linha imaginária, também chamada Círculo Equinocial ou Equador, corresponde ao percurso aparente do Sol quando este passa pelo meio do universo, dividindo-o conseqüentemente em duas partes iguais. Dá-se isto duas vezes por ano, ou seja, a 14 de setembro e a 11 de março, quando o Sol passa exatamente pelo zênite da Terra, seguindo do Levante para o Ocidente e descrevendo este círculo imaginário, paralelo aos trópicos e às demais linhas circulares

¹¹ Os cabos das Palmas e Três Pontas conservaram seus nomes. O "belíssimo rio" é o Volta. (N. do T.).

situadas entre os dois pólos. Como se sabe, o Sol caminha obliquamente durante todo o ano, seguindo pela eclíptica do Zodíaco, salvo nos dias que mencionamos, quando se encontra exatamente no nadir daqueles que vivem no Equador. Disto decorre a simetria de seu horizonte, no qual nenhum dos pólos é mais elevado que o outro. Nesta linha, os dias e as noites são sempre iguais, donde seu nome de *equinocial*. Entretanto, à medida que o Sol se afasta de um dos pólos, vai-se ampliando a desigualdade entre os dias e as noites, enquanto se eleva o outro pólo. Continuando o Sol pouco a pouco esta declinação, prossegue pelo seu zodíaco oblíquo, até quase ao Trópico de Capricórnio. Alcançando este trópico, além do qual não passa, produz o solstício de inverno. Ao voltar, repassa pela mesma Linha Equinocial, prosseguindo até atingir o Signo de Câncer, onde se dá o solstício de verão. No seu percurso, o Sol determina seis signos entre a Equinocial e cada um dos trópicos.

Os antigos acreditavam que esta região ou zona situada entre os trópicos fosse inabitável, devido ao seu excessivo calor. Pensavam o mesmo a respeito das terras vizinhas dos pólos, por serem demasiadamente frias. De algum tempo para cá, no entanto, esta zona tem sido freqüentada em consequência das navegações, e suas terras vão sendo povoadas, não obstante o calor que ali faz, mas em virtude de sua fertilidade e abundância de diversas coisas boas. Assim, foram colonizadas as ilhas de São Tomé e outras, das quais falarei dentro em pouco.

Alguns autores, argumentando que o frio das noites equatoriais compensaria o calor dos dias, concluíram que o clima daí poderia ser considerado bom, aduzindo diversas outras razões que por ora prefiro não comentar. O certo é que o calor equatorial, quando cruzamos a linha, não me pareceu mais violento que o nosso da época de São João. De resto, são aí freqüentes os trovões, as chuvas e as tempestades. Em vista disto, tanto nas ilhas de São Tomé quanto numa outra denominada Ilha dos Ratos há tanta vegetação verde quanto seria possível existir, não se notando nestas plantas qualquer sinal de esturricamento.

Estas linhas, localizadas sobre a Linha Equinocial e designadas em nossas cartas pelos nomes de Santo Homero ou São Tomé, estão hoje colonizadas pelos portugueses, conquanto não sejam tão férteis quanto algumas outras. Efetivamente, seus colonos produzem algum açúcar, que serve como artigo de troca nas transações que realizam com os bárbaros e etíopes, dos quais comprem ouro fundido, pérolas, almíscar, ruibarbo, cássia, gado, aves e outras coisas, dependendo da região.

Em São Tomé as estações do ano são desiguais e totalmente diferentes das que se vêem em outras terras. As pessoas estão ali mais sujeitas às doenças do que nas zonas setentrionais. Esta desigualdade provém do Sol, cujas virtudes nos são transmitidas através do ar que permeia entre ele e nós. Conforme dissemos, o Sol, duas vezes por ano, passa perpendicularmente por sobre esta parte da Terra, quando então descreve um círculo que corresponde à Linha Equinocial. Isto ocorre nos meses de março e setembro.

Nas vizinhanças do Equador encontra-se uma tal abundância de peixes de incontáveis espécies, oferecendo um espetáculo maravilhoso quando aparecem à tona d'água. Tive a oportunidade de vê-los quando faziam tal escarcéu ao redor de nossos navios que só com grande dificuldade conseguíamos escutar o que outra pessoa nos dizia. Se isto é consequência do calor solar ou se há qualquer outra razão que explique tal fato, é assunto que prefiro deixar para os filósofos.

Resta dizer que, nas vizinhanças da Linha Equinocial, a água do mar, conforme pude verificar, é mais doce e agradável ao paladar do que a de quaisquer outras partes, onde as águas são muito salobras. Muita gente, no entanto, afirma justamente o contrário,

presumindo que ela seja tanto mais salgada quanto mais próximo se encontre do Equador, onde o calor é mais violento. É dele que proviria a adustão e a salinidade do mar. Por outro lado, a água tornar-se-ia mais doce à medida que nos aproximamos dos pólos. Acredito, contudo, que assim como não são uniformes as temperaturas do ar entre os pólos e a Linha Equinocial, também a água não é aquecida por igual, sendo que, na região equatorial, a boa temperatura do ar acompanha a das águas. Assim penso, porquanto deve haver uma razão pela qual as águas desta área não sejam tão salgadas quanto as de outras regiões.

Transposta a Linha Equinocial, foi-se tornando o mar tanto mais tranqüilo e sereno quanto mais nos aproximávamos do Cabo da Boa Esperança.

CAPÍTULO XIX

DE QUE NÃO SOMENTE A ZONA EQUATORIAL É HABITÁVEL, COMO
TAMBÉM TODO O MUNDO, A DESPEITO DA OPINIÃO DOS ANTIGOS.

A grande avidez de saber, inata ao homem. — Opiniões de diversos filósofos a respeito da habitabilidade ou não de todo o Mundo. — As cinco zonas em que se divide a Terra. — Zona Frígida. — Zona Temperada. — Zona Tórrida. — A outra Zona Temperada. — A outra Frígida. — Tanto a Zona Tórrida quanto os Montes Hiperbóreos são habitáveis. — A Zona Tórrida é a melhor, mais cômoda e mais salubre de todas as regiões.

Evidencia-se a magnitude da curiosidade humana tanto pela avidez de tudo saber quanto pela necessidade de adquirir bens materiais e de evitar a ociosidade. Por isto (como disse o Sábio e, posteriormente, o poeta Horácio em suas *Epístolas*), enfrenta o homem todos os perigos e trabalhos, a fim de que finalmente, depois de afastada a pobreza, possa desfrutar de uma existência mais tranqüila, sem aborrecimentos ou enfado. Por conseguinte, deveria bastar-lhe saber e aceitar que o Soberano Artífice construiu com Suas próprias mãos este universo de formato todo redondo, fazendo-o de maneira que as águas ficassem separadas das terras, a fim de que cada um pudesse comodamente viver em seu próprio elemento, ou pelo menos naquele ao qual mais se adaptasse. Todavia, não contente com isto, quis o homem saber se seriam habitadas todas as partes deste universo. Pelo empenho e diligência dos antigos em busca desta resposta, tenho-os como tão dignos dos mais altos louvores quanto os escritores e navegantes modernos. Foram eles que nos chamaram a atenção para estes problemas a cujo estudo nos temos dedicado com enorme sacrifício durante toda a nossa vida, mas cujas respostas ainda estamos longe de poder encontrar.

Tales, Pitágoras, Aristóteles e muitos outros, tanto gregos quanto latinos, afirmaram não ser possível que fossem habitadas todas as partes do Mundo; uma, por causa do seu excessivo e insuportável calor; duas outras, devido ao seu prolongado e rigoroso inverno. Outros autores dividiam o Mundo em duas partes, chamadas *hemisférios*, dizendo que uma delas de modo algum poderia ser habitada, enquanto que a outra, a parte na qual vivemos, seria necessariamente povoada. E assim, das cinco partes da Terra, excluíam três, donde se conclui que, segundo sua opinião, restariam somente duas zonas habitáveis. . .

A fim de possibilitar uma compreensão melhor do assunto (conquanto eu esteja certo de que os mais esclarecidos não ignorem tais coisas), darei aqui uma explicação mais ampla e pormenorizada. Querendo provar que a maior parte da Terra seria inabitável, dividiram-na os antigos em cinco zonas, por meio das quais julgavam poder calcular as dimensões mundiais. Destas zonas, duas são frias, duas temperadas e uma quente. Se o leitor quiser saber onde se localizam as cinco, basta seguir o método ensinado por Probo Gramático: estenda a mão esquerda para o sol nascente, com os dedos esticados e separados, de modo a poder enxergar o sol pelos intervalos entre eles. Em seguida, dobre cada

dedo em forma de um círculo. Assim, o polegar corresponderá à Zona Frígida setentrional, que seria inabitável — segundo afirmavam os antigos — em razão de sua excessiva frialdade. As descobertas posteriores, no entanto, mostraram que toda esta região é povoada, inclusive as terras situadas nas proximidades do pólo, as que ficam além do Paralelo Ártico e junto às Montanhas Hiperbóreas, como a Escávia, a Dácia, a Suécia, a Gócia, a Noruega, a Dinamarca, o País de Tule, a Livônia, a Pilápia, a Prússia, a Rússia e a Rutênia, onde não há senão gelo e inverno perpétuo, ali vivendo uma população primitiva, traiçoeira e selvagem. Isto foi-me confirmado pelo testemunho do Senhor de Cambray, natural de Bourges, Embaixador do Reno junto aos países setentrionais, Polônia, Hungria e Transilvânia, pessoa notável por sua erudição e seu conhecimento de diversas línguas, digno de tal missão e encumbência. Entretanto, temos que desculpar os antigos por não serem totalmente dignos de fé, devido a basearem suas afirmações antes em conjecturas do que na experiência.

Mas voltemos às zonas terrestres. O outro dedo indica a Zona Temperada, habitável, que se estende até ao Trópico de Câncer, se bem que as terras das proximidades desta linha sejam mais quentes do que propriamente temperadas, como o são as que se situam no meio da zona, ou seja, entre este trópico e o pólo.

O terceiro dedo representa a Zona Tórrida, situada entre os dois trópicos. Deve-se tal nome ao excessivo calor do sol que, por assim dizer, cresta e “torra” toda esta faixa, o que fez com que a julgassem inabitável.

O quarto dedo é a outra Zona Temperada, a dos antípodas, localizada entre o Trópico de Capricórnio e o pólo oposto, sendo também habitada.

O quinto dedo, o mindinho, representa a outra Zona Frígida, que os antigos igualmente julgaram inabitável pelas mesmas razões alegadas em relação ao pólo oposto. Também o mesmo que dissemos quanto à zona setentrional correspondente pode-se aplicar a esta, visto serem ambas idênticas.

Portanto, depois de empregado este sistema, mais facilmente se conhecerão quais as partes da Terra que, segundo a opinião dos antigos, seriam ou não habitáveis. Plínio, reduzindo as áreas povoadas, escreveu que destas cinco zonas, três devem ser excluídas em vista de não serem habitáveis: as que correspondem ao polegar, ao mindinho e ao dedo médio. Ele também nega que se possam colonizar as ilhas do Mar Oceano. E, em outro trecho, diz que apenas são povoadas as terras abaixo do zodíaco.

As razões que se alegam em favor da inabitabilidade destas três zonas são o intenso frio que domina nas duas regiões polares (devido à longa distância e à ausência do sol) e o calor ardente e excessivo que impera na Zona Tórrida, em virtude da proximidade e da contínua presença do sol. É isto o que afirmam quase todos os teólogos modernos. Não obstante, pode-se demonstrar o contrário pelos escritos de vários autores, inclusive os acima citados, pela autoridade dos filósofos (especialmente os modernos), pelo testemunho das Sagradas Escrituras e, sobretudo, pela comprovação pessoal, coisa que eu próprio pude fazer, assim como também o fizeram Estrabão, Mela e Plínio. Estes, posto que defendam a teoria das zonas, não deixam de citar a existência de habitantes na Etiópia, na península que os antigos chamavam de Áurea, na Ilha de Taprobana, em Malaca e em Sumatra, todas na Zona Tórrida. Escrevem também que a Escandinávia, as Montanhas Hiperbóreas e as terras das circunvizinhanças do pólo setentrional (das quais falamos pouco atrás) são povoadas e habitadas. Ao que diz Heródoto, estas montanhas localizavam-se exatamente no pólo. Ptolomeu, embora não as coloque em tal latitude, localiza-as a mais de 70 graus da equinocial.

O primeiro que mostrou que as terras entre as duas zonas temperadas eram habitáveis foi Parmênides, conforme cita Plutarco. Vários outros escreveram que a Zona Tórrida não só deveria ter habitantes, mas até que seria densamente povoada! Averróis, no Capítulo IV de seu livro *Do Céu e do Mundo*, chega a prová-lo, citando o testemunho de Aristóteles. O mesmo pensam Avicena (como se vê na *Segunda Doutrina*) e Alberto Magno (no Capítulo VI da *Natureza das Regiões*), que se esforçam para demonstrar, por meio de razões naturais, que esta zona é habitável, e até mesmo mais cômoda para a vida humana do que a dos trópicos. Desta maneira, acabamos tendo de concluir que esta zona seria melhor, mais cômoda e mais salubre para a vida humana do que qualquer outra, porquanto assim como o frio nos é desfavorável, o calor é propício ao corpo humano, de vez que nossa vida não passa de calor e umidade, enquanto que a morte é frio e secura.

Disto tudo podemos concluir, então, que toda a Terra é povoada, não sendo a inexistência de habitantes causada quer pelo fato de uma região ser estéril, como comprovei na Arábia desértica e em outras regiões. Ademais, Deus dotou o homem, ao criá-lo, de meios para sobreviver em qualquer parte da Terra, seja ela quente, fria ou temperada. Foi Ele mesmo quem disse aos nossos primeiros pais: "Crescei e multiplicai-vos". E a experiência — como já tantas vezes aqui o dissemos — ainda mais aumenta nossa certeza da vastidão do mundo e de sua capacidade de acomodar todas as criaturas, o que se tem podido constatar tanto pelas contínuas navegações através dos mares, quanto pelas longínquas viagens através do interior dos continentes.

CAPÍTULO XX

DA ENORME QUANTIDADE E DIVERSIDADE DOS PEIXES EXISTENTES À ALTURA DA LINHA EQUINOCIAL

O marsuíno, e por que é assim chamado. — Bonitos. — A fonte que torna os peixes dourados. — As douradas, segundo Aristóteles e Plínio. — Descrição da dourada. — A dourada era grandemente apreciada na Antigüidade.

Antes de deixar o Equador, desejo mencionar particularmente os peixes que se encontram numa faixa de 7 ou 8 graus de cada lado desta linha. Esses peixes, cujas cores são variadas, apresentam-se em número tão elevado que não é possível contá-los, nem mesmo tentando calcular sua quantidade do mesmo modo como se procede com relação ao trigo empilhado no celeiro. E note-se que muitos peixes acompanharam nossos navios por mais de 300 léguas, principalmente as douradas, das quais pouco abaixo trataremos mais pormenorizadamente. Os marsuínos, tão logo percebiam ao longe os navios, nadavam impetuosamente em nossa direção, e assim indicavam aos marinheiros o lado de onde iria soprar o vento, pois eles, ao que dizem, nadam sempre no sentido oposto, e em grandes cardumes de até 4 ou 5 centenas de indivíduos. O nome *marsuíno* vem do latim *maris sus*, que significa *porco do mar*. De fato, estes peixes apresentam alguma semelhança física com os suínos: além de grunhirem de modo parecido, têm o focinho em forma de bico de pato. Possuem na cabeça um canudo pelo qual respiram, assim como as baleias.

Os marujos pegam-nos em grande número, por meio de determinados instrumentos de ferro com a ponta aguçada e em gancho, mas quase nunca comem sua carne, porquanto há peixes melhores. O fígado, entretanto, constitui um excelente e delicado alimento, lembrando o gosto do fígado de porco. Quando este peixe está prestes a morrer, emite fortes guinchos, semelhantes aos dos porcos quando estão sendo sangrados.

A fêmea só dá duas crias de cada vez. Por isto, causa realmente admiração ver o incrível número desses animais e escutar o escarcéu que aprontam no mar, mais estentóreo que uma torrente despencando de alta montanha. Pode ser que alguns achem que tudo isto que estou dizendo seja inacreditável e fictício, mas asseguro que é exatamente assim como acabei de descrever: eu próprio vi.

Conforme disse há pouco, aqui existem peixes de todas as cores. Há os vermelhos, como os que são chamados de *bonitos*; há também as *douradas*, metade cor de ouro, metade azuladas, mais reluzentes que lápis-lazúli; há ainda os esverdeados, os negros, os cinzentos, etc. Não me arrisco a afirmar, contudo que conservem fora do mar para sempre essas cores tão vivas. Conta Plínio que existe na Espanha uma fonte em cujas águas os peixes apresentam uma cor dourada. Fora dela, contudo, suas cores são as mesmas de sempre. O fenômeno deve ser provocado pela coloração da água que separa o peixe dos nossos olhos, do mesmo modo que um vidro verde torna esverdeadas todas as coisas que enxergamos através dele.

Mas voltemos à dourada. Diversos autores, antigos e modernos, escreveram a respeito da natureza dos peixes, porém muito superficialmente, de vez que não os teriam visto, conhecendo-os apenas de ouvir contar, especialmente no que concerne à dourada. Aristóteles escreve que este peixe tem quatro nadadeiras, duas superiores e duas inferiores; que desova no verão e que fica escondido durante longo espaço de tempo. E não conclui sua descrição. . . Plínio, no meu modo de entender, apenas repetiu as palavras de Aristóteles, quando escreveu sobre o mesmo peixe, tendo igualmente dito que ele fica escondido no fundo do mar durante um certo tempo. Mas Plínio vai mais além quando define este tempo como sendo a época dos calores excessivos, aos quais a dourada não conseguiria resistir.

Gostaria de ter desenhado este peixe. No entanto, já que não tive tempo nem oportunidade, deixo para fazê-lo em outra ocasião. Encontram-se douradas grandes como salmões, ao lado de outras bem menores. O peixe possui uma crista, que vai da cabeça até à cauda, toda da mesma tonalidade de um finíssimo lápis-lazúli, e tão delicada que é impossível imaginar-se cor mais bela ou mais suave. A parte inferior tem cor semelhante à do ouro fino dos ducados, donde seu nome de “dourada” (que Aristóteles chamou em grego de *chrysóphrys*, palavra que seus tradutores passaram para *aurata*).

As douradas são predadores, como bem as descreve Aristóteles, tendo uma excepcional avidez pelos peixes-voadores, aos quais perseguem na água como se fossem cães caçando lebres no campo, ou seja, saltando no ar para agarrá-los. Alguns escapam, outros não.

Inúmeras douradas seguiram nossos navios noite e dia, sem jamais abandoná-los, durante mais de seis semanas, até que não mais acharam o mar a seu gosto.

Sabe-se que este peixe foi muito apreciado e considerado como fina iguaria entre os nobres da antiguidade, em virtude de sua carne extremamente delicada e saborosa. Conforme se pode ver nos livros, Sérgio encontrou um modo de levar um deles para Roma, a fim de servi-lo num banquete do Imperador, tendo o prato sido extraordinariamente apreciado. E desde então passou a dourada a gozar de tal estima entre os romanos, que não se fazia um banquete suntuoso sem que a servissem como uma singularidade. E como não é fácil pegá-la no verão, o senador Sérgio resolveu criar douradas em viveiros, a fim de que o peixe não faltasse em nenhuma estação. Por esta razão, ganhou este senador o apelido de “Aurata”, à semelhança do que aconteceu com Licínio “Murena”, assim chamado porque se dedicava com desvelo à sua criação de moréias (*muraena* é moréia em latim).

As douradas mais apreciadas eram as que vinham de Tarento para serem criadas no Lago Lucrino, conforme testemunha Marcial no Livro III das suas *Epigramas*. Sua carne é muito mais saborosa no inverno do que no verão, pois tem cada coisa sua época própria. Cornélio Celso recomenda este peixe aos doentes, especialmente aos febris, por constituir um alimento saudável, sendo sua carne leve, tenra e enxuta.

Encontram-se as douradas em muito maior quantidade no Mar Oceano do que no Mar do Levante. Sabe-se que cada trecho marítimo não pode conter, evidentemente, todo tipo de peixe. O curiosíssimo *helops* não é encontrado senão na Panfília, ao passo que o *ilus* e o *scquarus*¹² só vivem no Mar Atlântico, e assim por diante.

Alexandre o Grande, estando no Egito, encomendou duas douradas, pagando por elas dois marcos de ouro, a fim de verificar se tais peixes seriam realmente tão deliciosos quanto os descreviam algumas pessoas em sua época. Levaram-lhe então dois desses

¹² Estes três peixes, cujos nomes foram tirados da *História Natural* de Plínio, provavelmente são, respectivamente, o esturjão, o atum e o bodião. (N. do T.)

peixes vivos, desde o Mar Oceano (pois são muito raros alhures), até Mênfis, onde ele se encontrava. Esta história foi-me relatada em Damasco, na Síria, por um médico judeu.

Eis aí, leitor, o que consegui aprender a respeito da dourada, deixando a critério de cada um consultar, como o fiz, os escritos de várias pessoas eruditas, entre as quais Monsenhor Guilherme Pellicier, bispo de Montpellier, que estudou a natureza dos peixes mais fiel e objetivamente do que qualquer outro escritor contemporâneo.

CAPÍTULO XXI

DE UMA ILHA CHAMADA ASCENSÃO

Da Ilha de Ascensão e o porquê de tal nome. — Aves de diversas espécies e em grande número. — As aves chamadas *aponares*. — Cabo da Boa Vista e a Ilha dos Aponares. O porquê deste nome. — A Ilha da Ascensão, como diversas outras, não é habitada.

Sem nos afastarmos de nosso rumo, avistamos, no dia 26 de outubro, uma ilha desabitada, situada a oito graus da Linha Equinocial. Logo à primeira vista, quisemos batizá-la de “Ilha dos Pássaros”, devido à enorme quantidade de aves que ali existe. No entanto, consultando nossas cartas marítimas, vimos que esta ilha já fora há algum tempo descoberta pelos portugueses, sendo que estes lhe deram o nome de Ascensão por terem aí arribado no dia desta festa.

Quando ao longe avistamos as aves volteando sobre o mar, logo conjecturamos que ali perto deveria existir uma ilha. E à medida que dela nos fomos aproximando, passamos a ver um incontável número de aves de diferentes espécies e plumagens, saindo de sua ilha em busca de comida e vindo para os navios, onde até podiam ser apanhadas com a mão, depois do quê só com grande dificuldade conseguíamos desembaraçar-nos delas. Se lhes estendíamos a mão, pousavam nela tranqüilamente, deixando-se pegar da maneira que cada um quisesse. (Não se encontrou nesta multidão de aves nenhuma cuja espécie fosse semelhante às nossas, o que talvez pareça inacreditável para alguns.) Mesmo quando parávamos de segurá-las, elas não fugiam de modo algum, deixando-se novamente pegar e prender como da primeira vez!

Entre outras, há nesta ilha uma ave de grande tamanho, que acredito ser a que chamam de “aponar”. Por ter asas curtas, não pode voar. É grande e robusta como nossa garça-real, tendo o ventre branco, as costas negras como carvão e o bico semelhante ao dos corvos, especialmente dos corvos-marinhos. Quando ferida de morte, grunhe como um porco.

Quis descrever esta ave, no meio de tantas outras, porque há grande número delas em uma ilha bem na direção do Cabo Boa Vista, ao lado da Terra Nova, a qual é denominada Ilha dos Aponares¹³. Também ali esta ave é tão abundante que de certa feita os marinheiros de três grandes navios franceses que se encontravam no Canadá encheram por duas vezes os seus respectivos escaleres com estas aves, caçadas nas praias da tal ilha, bastando para tanto descer à terra e tangê-las na direção das embarcações, assim como se faz com os carneiros no matadouro, para que elas ali entrassem. Foi devido a esta lembrança que acabei citando particularmente o aponar nas linhas precedentes.

Voltando à Ascensão, que de resto é uma linda ilha, tendo apenas seis léguas de circuitos e possuindo montanhas recobertas de belas árvores, arbustos verdejantes, ervas e flores; isto sem nos esquecermos do seu incalculável número de aves, às quais, aliás, já

¹³ A ilhota e as aves foram assim denominadas por Jacques Cartier, o explorador do Canadá, grande amigo de Thevet. (N. do T.)

Aponar

nos referimos. Penso que se esta e tantas outras ilhas oceânicas desertas que se localizam aquém e além da Linha Equinocial fossem povoadas e cultivadas, os lucros que elas renderiam não seriam menores que os de Tenos, Lemnos, Mitilena, Negropono, Rodes ou Candia, nem de quaisquer outras ilhas do Mar do Helesponto, inclusive as Cíclades. No imenso Oceano, de fato, encontram-se algumas ilhas com mais de 80 léguas de circuito, outras com menos, porém desabitadas na sua quase totalidade.

Após termos deixado esta ilha, começamos a enxergar quatro estrelas de admirável brilho e grandeza, dispostas em forma de uma cruz, localizadas, entretanto, bem longe da direção do Pólo Antártico. Os marinheiros habituados a estes mares chamam a esta constelação de *Carro*. Alguns deles acham que uma delas é a Estrela do Sul, que seria fixa e imóvel como a Estrela do Norte, que chamamos de Ursa Menor. Esta estrela já não podia ser vista antes mesmo que tivéssemos ultrapassado o Equador, do mesmo modo que várias outras do Hemisfério Setentrional.

CAPÍTULO XXII

DO PROMONTÓRIO DA BOA ESPERANÇA & DE DIVERSAS SINGULARIDADES NELE OBSERVADAS, E TAMBÉM DA NOSSA CHEGADA ÀS ÍNDIAS AMERICANAS OU FRANÇA ANTÁRTICA

A Índia Meridional. — O Cabo da Boa Esperança, e por que é denominado “Leão do Mar”. — Rinocerontes, ou “bois-da-etiópia”. — Extensão das Índias Orientais. — Mar Índico. — Os rios Indo e Tartar. — Para os navegantes, um sinal de aproximação da América. — Montanhas de Croismouron. — Maqué. — Cabo do Frio. — Gechay. — Costume que têm os selvagens de devorar seus inimigos.

Depois de termos passado a Linha Equinocial e as ilhas de São Tomé, prosseguimos em nossa rota, acompanhando o trecho do litoral etiópico conhecido como Índia Meridional, indo na direção do Trópico de Inverno. Nas vizinhanças desta linha fica o enorme e famoso promontório da Boa Esperança, que os pilotos chamam de “Leão do Mar”, impressionante e medonho devido às suas dimensões e às dificuldades da navegação em suas águas. Este cabo é ladeado por duas altas montanhas, uma voltada para o oriente e outra para o ocidente.

Nesta região são muito numerosos os *rinocerontes*, assim chamados pelo fato de terem um chifre no focinho. Outros preferem denominá-los “bois-da-etiópia”. Trata-se de um animal deveras monstruoso, inimigo do elefante, com o qual está perpetuamente em guerra. Por esta razão, gostavam os romanos de promover combates entre estas duas feras, usando-as em alguns dos seus espetáculos grandiosos, especialmente quando da coroação de um imperador ou da investidura de um grande magistrado (como se faz ainda hoje, empregando-se ursos, touros e leões). O rinoceronte não é tão grande quanto o elefante, e nem tal qual por aqui o imaginamos. O que me deu a condição de poder afirmar isso foi um antiquíssimo obelisco que vi quando ia do Egito à Arábia, no qual estavam gravadas algumas figuras de animais ao invés de letras (como se usava no passado), uma das quais mostrava o rinoceronte, mas sem a franja, o chifre ou as malhas com que nossos pintores o representam. Foi por isto que coloquei a gravura de um rinoceronte nesta obra. Ao se preparar para o combate contra o elefante (é Plínio quem nos conta), o rinoceronte amola o chifre numa certa pedra, e sempre investe contra o ventre do inimigo, por ser esta a parte mais vulnerável de seu corpo.

Encontra-se também ali grande quantidade de asnos selvagens, inclusive espécimes de uma raça que apresenta entre os olhos um chifre de dois pés de comprimento. Vi um destes chifres quando me encontrava na cidade egípcia de Alexandria. Fora trazido de Meca por um nobre turco que dizia ser aquele chifre possuidor das mesmas virtudes contra os venenos que o do licorne. A este animal, Aristóteles chama de *asno-das-índias*.

À altura deste magnífico promontório fica a bifurcação das rotas para o Poente e para o Levante. Os que desejam ir às Índias Orientais, ou seja, para Calicute, Taprobana,

Melinde, Cananor, etc. tomam à esquerda, costeando a Ilha de São Lourenço (N. do T.: Madagáscar), rumando o navio para leste, inclinando-o levemente para sudeste, tendo à popa ventos de oés-noroeste.

Este trecho das Índias que se estende a partir do Cabo para o Levante é de tal modo vasto que é considerado por diversos autores como a terceira parte do mundo. Mela e Diodoro dizem que o mar que banha as Índias do Meridião ao Oriente é tão imenso que só com enorme dificuldade pode ser atravessado (mesmo com ventos constantemente propícios, esta travessia demora 40 dias). Este mar é denominado Índico porque banha a região das Índias que se estende setentrionalmente até ao Monte Cáucaso. Já a palavra "Índias" vem do nome do Rio Indo (do mesmo modo que "Tartária" provém do Rio Tartar, que passa pelas terras do Grão-Cã).

As Índias Orientais são habitadas por povos que apresentam grande diversidade tanto de costumes quanto de religiões. Boa parte da população presta obediência ao Preste João, adotando, conseqüentemente, o Cristianismo. Os restantes, ou são maometanos (como já dissemos atrás quando falamos da Etiópia), ou são idólatras.

O outro caminho da bifurcação do Cabo da Boa Esperança é o que segue para a direita e leva à América. Foi o que tomamos, favorecidos que fomos por ventos muito bons e propícios. No entanto, tivemos que navegar ainda durante muito tempo, em razão da enormidade da distância a ser percorrida e também porque os ventos a seguir se mostraram contrários, retardando um pouco a viagem até à altura do paralelo de 18 graus, quando de novo voltaram a ser-nos favoráveis.

Antes de prosseguir a narrativa, todavia, não posso deixar de relatar um fato digno de ser sempre lembrado: Quando nos encontrávamos a cerca de umas 50 léguas do litoral americano, começamos a perceber o aroma da brisa terrestre, absolutamente diverso do que se sente em alto mar. Agora, chegava até a nós o suave odor das árvores, ervas, flores e frutos da terra. Bálsamo algum, nem mesmo o do Egito, jamais me pareceu tão perfumoso e agradável! Deixo à imaginação de cada um avaliar a alegria com que os pobres navegantes receberam esta brisa, conquanto estivessem há tempos privados de pão e até mesmo da esperança de um dia alcançar os meios necessários para seu regresso.

No dia seguinte, o último do mês de outubro, avistamos as altas montanhas de Croismouron¹⁴, mas não era este o lugar aonde pretendíamos chegar. Em vista disto, seguimos costeando a terra, a umas 3 ou 4 léguas de distância da mesma, sem demonstrar intenção de arribar, por estarmos bem cientes de que os selvagens deste lugar eram seguros aliados dos portugueses. E como por nada deste mundo ali atracáramos, prosseguimos a viagem até o dia 2 de novembro, quando ancoramos no lugar denominado Maqué¹⁵, a fim de colher diversas informações, especialmente as referentes às tropas do Rei de Portugal. Chegando com nossos esquifes a esse lugar, quando já nos preparávamos para descer à terra, apresentaram-se somente quatro selvagens, todos anciãos (os jovens estavam fora, guerreando). A princípio, fugiram de nós, julgando que éramos portugueses, seus inimigos. Os nossos, porém, deram-lhes tais e tantas provas de amizade, que eles por fim se aproxi-

¹⁴ Algum trecho da Serra do Mar capixaba, que a escassez dos dados fornecidos não permite identificar ao certo. Gaffarel presume ser a Serra do Espinhaço, hipótese tão absurda que nem vale a pena considerar. Estêvão Pinto, após longo exame do assunto, conclui que o nome Croismouron poderia ser corruptela de "Caramuru", e que essas montanhas "deviam ser os contrafortes meridionais da Serra dos Aimorés", o que é muito falar para pouco explicar. (N. do T.)

¹⁵ Macaé. No original, *Maquéh* (N. do T.)

maram de nós. Entretanto, depois de ali permanecermos durante apenas 24 horas, fizemo-nos à vela para o Cabo do Frio, a 25 léguas de Maqué.

Esta região maravilhosa foi descoberta e era povoada por portugueses. Deram-lhes estes o seu nome atual — a denominação antiga dos nativos era “Gechay” — e construíram ali um forte, pretendendo fixar residência no local em virtude da amenidade do clima. Mas pouco tempo depois, devido a razões que ignoro, os selvagens que viviam nos arredores mataram e devoraram os portugueses, como o fazem costumeiramente aos seus inimigos. E a animosidade parece que continua, pois vimos, quando aí chegamos, que os índios mantinham aprisionados dois infelizes portugueses, o que restava da tripulação de uma pequena caravela que tinham capturado, e aos quais esperava o mesmo destino, de recente memória, dos seus outros sete companheiros. Foi-lhes providencial nossa chegada, porquanto, movidos por grande compaixão, resgatamos e libertamos os pobres diabos das mãos daqueles bárbaros.

Voltemos ao Cabo da Boa Esperança, que Pompônio Mela denomina de “Fronte da África”, porque ali se estreita o continente, como que num ângulo, voltando-se depois pouco a pouco para o setentrião, do lado oriental, sendo lá o final da terra firme africana, do qual Ptolomeu jamais teve conhecimento. Este cabo é também o ponto mais importante da África Nova, que se estende, na direção do Trópico de Capricórnio, até às montanhas da Habacia (N. do T.: Abissínia) e da Gaiácia.

A vasta e plana região adjacente ao Cabo é pouco habitada, por ser muito agreste. Sua população é bárbara, selvagem e até mesmo monstruosa. Entretanto, não se deve acreditar que os homens dali sejam tão disformes quanto no-los são apresentados pelas descrições de determinados autores. . . Estes, por certo, deviam estar dormindo e sonhando quando tiveram o descaro de afirmar que ali haveria indivíduos com orelhas pendentes até à altura do calcanhar, ou então com apenas um olho no meio da testa (aos quais chamam de *arismases*), e outros sem cabeça, e ainda outros que só teriam um pé, porém tão descomunal que podiam com ele cobrir-se do ardor do sol (a estes outros, chamam de *monomérios*, *monosceles* e *ciápodes*).

Existem ainda certos autores, entre eles até alguns modernos, que descrevem, com igual descabimento, seres ainda mais estranhos, revelando uma total falta de critério, de razão e de conhecimento de causa. Não pretendo absolutamente negar a existência de monstros que fujam às normas e padrões da natureza (desde que sejam conhecidos pelos filósofos e confirmados pela experiência), mas sim rejeitar fatos que nos são apresentados como verdadeiros, conquanto não o sejam.

Agora voltemos de novo ao nosso promontório. Nesta região encontram-se diversas feras extremamente perigosas e peçonhentas, entre as quais o *basilisco*, que é mais nocivo para as pessoas que vão pescar no litoral, sejam elas nativas ou estrangeiras. Como se sabe, o basilisco é um animal venenoso que mata o homem apenas com seu olhar. Seu corpo mede cerca de 9 polegadas. A cabeça é levantada, lembrando um ferrete em brasa, ostentando no alto, qual coroa, uma pequena mancha branca. A goela é avermelhada, e o restante da cara puxado para negro. Tive a oportunidade de ver a pele deste animal que me foi mostrada por um árabe do Cairo.

O basilisco afugenta todas as outras serpentes apenas com seu silvo (conforme ensina Luciano), restando assim só ele como o único senhor dos campos. A fuinha é sua inimiga mortal, de acordo com Plínio.

Em suma, repetindo o que disse Salústio, mais pessoas morrem na África devido às feras selvagens do que por outras razões quaisquer. Não podíamos deixar de dizer aqui pelo menos algumas palavras a este respeito.

CAPÍTULO XXIII

DA ILHA DE MADAGÁSCAR OU DE SÃO LOURENÇO

Fertilidade da Ilha de São Lourenço. — O "chicotin", ao qual damos o nome de noz-da-índia. — Diversas utilidades deste fruto. — Ilha do Príncipe. — Sete espécies de palmeiras das Índias Americanas. — Melões de extraordinário tamanho. — A erva "espargão". — Abundância de sândalo verdadeiro. — A estranha ave "pá". — O asno índico e o órix. — O âmbar gris, excelente cordial.

Devido ao meu grande desejo de não omitir coisa alguma que seja útil ou necessária aos leitores, reforçado pelo fato de que penso ser um dever do escritor tratar de tudo quanto se relacione com seu assunto sem deixar nenhum aspecto de lado, agora descreverei esta ilha tão célebre, localizada a 78 graus de longitude e a 11 graus e 30 minutos de latitude, densamente habitada por bárbaros negros há algum tempo. Os nativos têm quase o mesmo tipo de religião que os maometanos, se bem que alguns pratiquem uma forma diferente de idolatria.

A ilha foi descoberta pelos portugueses, que a denominaram São Lourenço, conquanto seu antigo nome indígena fosse Madagáscar. Trata-se de um lugar excepcionalmente rico e fértil, possuindo todos os tipos de riqueza, em virtude de ser maravilhosamente bem situado. Em decorrência disto, a terra ali produz árvores frutíferas que se desenvolvem espontaneamente, sem que seja preciso plantá-las ou cultivá-las. Apesar disto, seus frutos são tão doces e saborosos como se tais árvores tivessem sido enxertadas. É verdade que também temos em nossa pátria frutos silvestres, ou seja, os que a terra produz independente da colaboração humana. Tais frutos, porém, são desagradáveis, tendo um sabor muito amargo e estranho, ao contrário de nossos frutos cultivados. Isso não ocorre em Madagáscar, onde, ademais, encontram-se frutos muito melhores que os da terra firme, ainda que ilha e continente se encontrem dentro da mesma zona climática.

Entre os vegetais existe um que os nativos denominam "chicotin". A árvore que dá este fruto é semelhante a uma tamareira do Egito ou da Arábia, tanto no tamanho quanto nas folhagens. Conhecem-se estes frutos em nossa terra, para onde vêm trazidos por navios, sendo entre nós conhecidos como "nozes-da-índia". Os mercadores vendem-nos a preços bem altos, porquanto, além das despesas da viagem, os frutos são muito bonitos, sendo sua casca utilizada depois como vasilha. O vinho guardado durante algum tempo neste recipiente, adquire qualquer coisa que melhora seu paladar, por causa do aroma e da fragância do fruto, cujo cheiro lembra o da noz-moscada. Além do mais, aqueles que adquirem o hábito de bebê-lo neste fruto, segundo me afirmou um judeu que era o primeiro médico do Paxá do Grão-Cairo quando ali estive, ficam imunes às dores de cabeça e dos lados. O fruto possui ainda virtudes diuréticas. E o que mais me convenceu de tudo isto foi a experiência, a melhor mestra que conheço.

Plínio e outros não se esqueceram disso, dizendo que todas as espécies de palmeiras são cordiais, sendo indicadas para o tratamento de diversas indisposições. O "chicotin" é inteiramente aproveitável. Sua polpa superficial é bem saborosa, e o caroço melhor ainda, desde que seja comido logo após a colheita da noz. Os etíopes e indianos, quando indispostos, pilam o caroço e bebem o líquido resultante, que é branco como o leite, reanimando-se logo em seguida. Quando se faz uma boa colheita destas nozes, preparam-se certas iguarias à base deste suco, fervendo-o juntamente com farinha de raízes ou de peixe. O líquido não se conserva por muito tempo, mas enquanto não se estraga é incomparavelmente melhor que qualquer outra bebida doce. Para conservá-lo, fervem-no em grande quantidade, guardando-o depois que se esfria em determinadas vasilhas. Algumas pessoas gostam de tomá-lo misturado com mel, dando-lhe assim um sabor mais agradável. A árvore do "chicotin" é tão macia que qualquer instrumento que se lhe encoste a faz verter um líquido adocicado bom para se beber e para matar a sede.

Todas as ilhas situadas nas costas da Etiópia, como a Ilha do Príncipe, a exatamente 35 graus de longitude e a 2 graus de latitude norte, assim como as de Mopata, Zanzibar, Mafia, Santa Apolônia e São Tomé — esta sob a linha do Equador — são ricas e férteis, estando geralmente cobertas destas palmeiras e de outras árvores que também dão excelentes frutos.

Encontram-se diversas outras espécies de palmeira que dão frutos (se bem que isto não ocorra com todas), como por exemplo as palmeiras-do-egito (tamareiras). E em todas as Índias da América e do Peru, tanto no continente quanto nas ilhas, os tipos de palmeiras existentes são sete, cada um dando uma espécie de coco diferente. Entre estas, algumas produzem tâmaras tão saborosas quanto as do Egito, da Arábia Feliz e da Síria.

Nesta ilha, ademais, encontram-se melões tão assombrosamente grandes que mal podem ser abraçados por um homem. Geralmente, são de cor avermelhada, havendo alguns, contudo, que são brancos ou amarelos. Estes melões são mais saudáveis que os nossos, especialmente os que são consumidos em Paris, tratados só com água e esterco, o que acarreta enormes prejuízos para a saúde humana.

Há ainda diversas espécies de ervas apreciadas por suas virtudes cordiais, entre as quais uma que se chama espargão, semelhante à nossa chicória do mato, que eles aplicam sobre as chagas e feridas, inclusive as causadas pelas víboras e outros animais peçonhentos, de vez que esta planta tira o veneno para fora do corpo.

É também abundante, nas florestas e bosques da ilha, o sândalo verdadeiro. Bem que eu gostaria de que esta madeira se tornasse artigo de intenso comércio por estas bandas, facilitando-nos deste modo a aquisição deste produto legítimo, o que seria de grande proveito para todos nós, em vista de sua excelência e das propriedades que possui, como podemos ver nos livros.

Quanto aos animais úteis ao homem, quer sejam feras selvagens, quer peixes ou aves, existem nesta ilha em tamanha quantidade quanto seria possível imaginar. Falando primeiramente das aves, aqui apresentamos a gravura de um pássaro bastante estranho, parecido com nossas aves de rapina, de bico aquilino, "orelhas" enormes pendentes até à garganta, o cocuruto da cabeça levantado à maneira de bico de diamante, pés e pernas combinando com o resto do corpo, e plumagem basta, na qual predomina a cor prateada, exceção feita à cabeça e às orelhas, que têm tonalidade puxada para o negro. Chamam-na os nativos de *pá*, palavra persa que significa "pé" ou "perna". Alimenta-se de serpentes, que são aí muito abundantes e de diferentes espécies, o que também se pode dizer em relação às aves, que são, além do mais, completamente diversas das nossas.

Quanto aos animais selvagens, são aí numerosos os elefantes e duas espécies de unicórnios. Uma é um tipo de asno-das-índias, mas sem a pata fendida que caracteriza os que se encontram na Pérsia. A outra é a que se chama *órix*, palavra que significa "pé fendido". Já os asnos selvagens, encontros no continente, aí absolutamente não existem.

A propósito da existência dos licornes, não possuo o menor conhecimento. De fato, quando eu me encontrava nas Índias Americanas, alguns selvagens, vindos de umas 60 ou 80 léguas do ponto onde nos estabelecêramos, ao serem interrogados por nós sobre diversos assuntos, contaram que em sua região havia grande número de umas enormes feras que deviam ser uma espécie de vacas selvagens, ostentando na testa apenas um único chifre comprido, medindo cerca de uma braça. Mas daí a poder afirmar que efetivamente se tratassem de licornes ou onagros, não posso fazê-lo de modo algum, desde que não pude pessoalmente confirmar sua existência. Esta é a única prova que tive da existência dos licornes, e achei que deveria contar este caso, apesar de ser a América tão distante da ilha de que ora estamos tratando.

Conforme dissemos, vivem na Ilha de Madagáscar numerosas serpentes e lagartos de extraordinário tamanho. Pode-se apanhá-los facilmente e sem riscos. Os nativos negros costumam comê-los, e aos sapos também, à semelhança do que se vê entre os selvagens da América. Os lagartos malgaxes têm comprimento pouco menor que a grossura de uma perna e são muito delicados e apetitosos. Existem também diversos e excelentes peixes e pássaros que os selvagens igualmente utilizam como alimento.

Entre os singulares peixes dos mares de Madagáscar, podemos citar as baleias, aí numerosas, cujo âmbar é extraído pelos nativos. Muitos acreditam que seria este o âmbar-gris, que é para nós um raro e precioso artigo, apreciado pelo fato de ser um bom cordial e de servir para reconfortar as partes mais nobres do corpo humano. Os mercadores estrangeiros fazem dele grande comércio nestas bandas.

CAPÍTULO XXIV

DA NOSSA CHEGADA À FRANÇA ANTÁRTICA, OU AMÉRICA, NO LUGAR DEMOMINADO CABO DO FRIO

O *Cauim*, beberagem dos indígenas. — O *avati*, uma espécie de sorgo. — O supersticioso costume que os selvagens observam em relação ao preparo desta bebida. — Um rio de águas salgadas. — Aves de plumagens diversas. — O manto de plumas trazido da América. — A ave vermelha denominada *ara*. — Os burgaus, e para que são usados pelos selvagens. — Favas marinhas.

Finalmente, a Divina Clemência permitiu que chegássemos à terra firme, depois de tanto e tão ingentes esforços que uma viagem extensa como esta forçosamente acarreta. Isto não se deu, porém, tão cedo quanto queríamos e esperávamos, pois só avistamos a terra no segundo dia de novembro. Então, ao invés de repousar, tivemos de prosseguir em busca de locais apropriados para o nosso estabelecimento. Nosso assombro era idêntico ao dos troianos quando alcançaram a Itália. Assim, depois de nossa curta estadia naquele primeiro ponto em que descemos à terra (relatado no capítulo precedente), tornamos a embarcar e prosseguimos até ao Cabo do Frio.

Os selvagens do lugar receberam-nos muito bem, coisa que demonstraram à sua maneira, com expressivos sinais de júbilo. Apesar disto, ali não permanecemos por mais do que três dias. Seguindo seu costume, os indígenas vieram um a um para saudar-nos, repetindo sempre a palavra *caraiubê*, que significa “salve” ou “seja bem-vindo”. E querendo mostrar-nos, logo que chegamos, todas as maravilhas de sua terra, um de seus maiores, o *morbixauaçu*¹⁶, ou seja, seu rei, presenteou-nos com farinha de raízes e *cauim*, beberagem feita de um espécie de sorgo chamado *avati*, cujos grãos são do tamanho de ervilhas¹⁷. Há o *avati* preto e branco. A maior parte da colheita é empregada no fabrico desta bebida, para o quê ferve-se o *avati* juntamente com outras raízes, obtendo-se um licor de coloração semelhante à do vinho clarete. Esta beberagem é muito apreciada pelos selvagens, que com ela se embriagam, tomando-a como nós outros bebemos vinhos, conquanto seja o *cauim* espesso como mosto de vinho.

Agora, leitor, olha só uma superstição relacionada com o preparo desta bebida, e que é mais estranha que se poderia imaginar: Depois de ferver o milho em enormes vasos de argila engenhosamente fabricados e que têm a capacidade de um moio, algumas donzelas mastigam os grãos cozidos, cuspidos-os em seguida em outra vasilha utilizada apenas para este fim. No caso de ser chamada alguma mulher casada para colaborar nesta tarefa, é necessário que ela se abstenha das relações com seu marido durante alguns dias; caso contrário, a bebida jamais alcançaria a necessária perfeição. Feito isto, fervem novamente o líquido até que ele esteja purgado, como se faz entre nós ao vinho do tonel. Só tomam a bebida alguns dias depois do seu preparo.

¹⁶ Morubixaba-açu, isto é, grande chefe. No original, morbichaouassoub. (N. do T.)

¹⁷ Avati, abati ou auati era o nome indígena do milho, cereal então pouco conhecido na Europa. (N. do T.)

Após termos sido assim recepcionados, levou-nos o chefe a uma laje de cerca de 5 pés de comprimento, na qual se viam umas ranhuras que pareciam ter sido feitas por uma vara ou um bastão, e as marcas de dois pés, que os indígenas afirmam ser de seu grande *Caraiha*, ao qual reverenciam como os turcos a Mafoma, dizendo que foi ele quem lhes ensinou a fazer e a usar o fogo, e a como plantar as raízes, a eles que antes viviam apenas de folhas e ervas, quais animais.

Sempre acompanhados pelo rei, não deixamos de percorrer e reconhecer cuidadosamente o lugar. Ali, entretanto, apesar de haver diversas comodidades necessárias para o nosso estabelecimento, não se encontrava água doce, que teria de ser buscada em local muito distante. Em vista disto, resolvemos não nos estabelecer e nem prolongar nossa permanência neste lugar, o que fizemos com pesar, considerando sua excelência e a amenidade de seu clima.

Encontra-se nesta região um rio de águas salgadas¹⁸ que passa entre duas montanhas muito próximas entre si (a apenas uma pedrada de distância) e penetra pelo interior por cerca de 36 léguas. Este rio possui diversas espécies de peixes de boa qualidade, destacando-se entre eles as "mulatas", que são tantas que de certa feita vimos um selvagem pegar mais de mil destes peixes com um só lanço de rede!

Ali também existem inúmeros pássaros de diversas espécies e plumagens. Alguns são vermelhos como escarlata fina; outros são brancos, plúmbeos ou manchados como os esmerilhões. Destas plumas os indígenas fazem penachos de vários tipos, usando-os como ornamento quando saem em missão de guerra ou na cerimônia da execução dos prisioneiros. Também fazem com eles mantos e cocares à moda local. Quem quiser poderá ver um desses mantos, pois fiz presente de um deles ao Senhor de Troistieux, fidalgo da casa do Reverendíssimo Monsenhor Cardeal de Sens, Guarda dos Selos de França, grande apreciador de todas as singularidades e admirador das pessoas virtuosas.

Entre as inúmeras aves que aí vivem, todas tão diferentes das nossas do hemisfério norte, uma, que na língua dos nativos é chamada de *ará*, é tão grande quanto uma garça-real, mas tem plumagem vermelha como sangue-de-drago.

Vêem-se também incontáveis árvores e arbustos que se conservam verdes durante o ano inteiro, sendo que a maioria produz gomas de diferentes tipos e cores.

Encontram-se ainda, à beira-mar, pequenos moluscos chamados burgaus, cuja casca é do tamanho de uma ervilha. Trazem-nos ao pescoço os selvagens, enfiados como pérolas, especialmente quando se acham doentes, já que acreditam que os mesmos estimulam o ventre, servindo-lhes de purgante. Já outros reduzem as conchinhas a pó, ingerindo-o depois pela boca. Dizem que este pó serve para estancar hemorragias. Penso que esta segunda propriedade entra em choque com a primeira, a purgativa; não obstante, pode ser que a diversidade das substâncias de que se compõe o molusco permita que possua ambas as virtudes. E assim é que mais comumente se vê o uso destes colares e pulseiras entre as mulheres do que entre os homens.

Sobre toda a extensão das planícies arenosas litorâneas desta região são abundantes as árvores que dão um fruto ao qual denominam os espanhóis "fava marinha". Estas favas são redondas como tostões, porém maiores, mais grossas e avermelhadas. À primeira vista, parecem até artificiais. Os nativos não ligam a elas a menor importância. Já os espanhóis apreciam-nas sobremaneira, importando-as em grande quantidade para seu país. As damas e senhoritas espanholas costumam trazê-las ao pescoço, em engastes de ouro ou prata, dizendo-as portadoras de propriedades contra cólicas, dores de cabeça, etc.

¹⁸ Trata-se do canal que liga a Lagoa de Araruama ao mar. (N. do T.)

Em suma, trata-se este de um lugar aprazível e fértil. E quando se penetra no interior, depara-se com uma extensa planície, coberta de árvores diferentes das nossas da Europa e cortada por belos rios piscosos, de águas maravilhosamente límpidas. Entre os peixes destes rios, descreverei um que pode ser considerado como verdadeiramente monstruoso, considerando que se trata de um peixe de água doce. Consta deste volume sua gravura, sendo ele de fato tal e qual nela o representamos. Seu comprimento e seu volume são pouco menores que os do nosso arenque. É revestido de placas, desde a cabeça até a cauda, assim como um pequeno animal terrestre que os selvagens chamam de *tatu*. Tem a cabeça bem mais volumosa que o corpo e possui três ossos na espinha. Parece tratar-se de um peixe bom de se comer, ou pelo menos é isto o que pensam os selvagens, que o chamam em sua língua de *tamuatã*.

CAPÍTULO XXV

DO RIO GUANABARA, OU RIO DE JANEIRO, E DE COMO ESTA TERRA AONDE CHEGAMOS RECEBEU O NOME DE FRANÇA ANTÁRTICA

Guanabara, assim chamada por sua semelhança com um lago. — A mandioca, uma raiz que os selvagens usam como alimento e com a qual fazem farinha. — França Antártica. — A ilha que foi inicialmente fortificada pelo Senhor de Villegagnon. — Um rochedo do qual se origina um lago.

Não sendo conveniente permanecer no Cabo do Frio, pelas razões que já citamos, tratamos de abandonar aquele local, saindo em busca de outro mais apropriado. Os nativos receberam esta notícia com grande pesar, pois contavam com nossa permanência ali por longo tempo e com a aliança que lhes tínhamos assegurado quando de nosso desembarque.

Navegamos pelo espaço de quatro dias, até que, a dez de novembro, encontramos a barra de um grande rio chamado de Guanabara¹⁹, pelos nativos (devido à sua semelhança com um lago) e de Rio de Janeiro pelos primeiros descobridores do local, situado a cerca de 30 léguas do nosso ponto de partida. Os ventos contrários que enfrentamos durante o percurso retardaram bastante nossa viagem.

Depois de passarmos por numerosas ilhotas que bordejam o litoral e pela estreita boca deste rio, da largura de um tiro de arcabuz, achamos que seria interessante entrar nesta barra e ir para a terra com nossos barcos. Fomos imediatamente recebidos pelos habitantes da maneira mais hospitaleira possível. Advertidos de nossa chegada, arrumaram-nos um verdadeiro palácio à moda da terra, todo alcatifado ao redor de belas folhas e ervas odoríferas, querendo os selvagens com isso representar sua satisfação, complementando-a com ostensivos sinais de alegria e convidando-nos a imitá-los nestas demonstrações de júbilo. Os mais destacados eram os anciãos, que se revezavam no governo da tribo. Eles dirigiram-nos saudações à sua moda e em seu idioma, em tudo demonstrando sua grande admiração. Em seguida, conduziram-nos ao lugar que nos tinham preparado. Chegavam-nos víveres de todos os lados, como por exemplo a farinha feita de uma raiz que chamam de mandioca, diversas raízes grandes e pequenas, todas de ótimo sabor, e outros alimentos locais. Assim, logo que chegamos e após os louvores e agradecimentos (dos quais um verdadeiro cristão não se pode esquecer). Aquele a quem ficamos devendo a paz que reinou sobre as águas e os ventos — em suma, a Quem nos propiciou os meios para que chegássemos sãos e salvos ao termo desta viagem — de outra coisa não tratamos senão de nos divertir e repousar, deitados nas verdes ervas, assim como os troianos quando reencontraram a bondosa Dido após tantos naufrágios e tempestades. Diz Virgílio, entretanto, que eles traziam consigo do bom vinho velho, enquanto que nós de outra coisa não dispúnhamos que da boa água fresca. . .

¹⁹ *Ganabara*, no original.

Depois de permanecermos ali pelo espaço de dois meses, durante os quais procedemos ao exame de todas as ilhas e sítios da terra firme, batizou-se toda a região circunvizinha, que fora por nós descoberta, de França Antártica. Não se encontrou um lugar mais conveniente para estabelecer-se uma colônia fortificada do que uma ilhota minúscula, de apenas uma légua de circuito, situada quase na boca deste rio de que estamos falando, à qual se deu o nome de Coligny, assim como também o forte nela edificado. Trata-se de uma ilha muito aprazível, recoberta de enorme quantidade de palmeiras, cedros, paus-brasis e arbustos aromáticos, verdejantes durante todo o ano. Na verdade, ali não havia água doce, mas esta não tinha de ser trazida de muito longe.

Em seguida, o Senhor de Villegagnon, para se garantir contra possíveis ataques destes selvagens, que se ofendem com extrema facilidade, e também contra os portugueses, se estes alguma vez quisessem aparecer por ali, fortificou o lugar da melhor maneira que pôde. Os víveres eram-nos fornecidos pelos selvagens e constituídos dos alimentos do país, a saber, peixes e veação diversa, constante da carne de animais selvagens (pois eles, diferentemente de nós, não criam gado), além de farinha feita das raízes já dantes mencionadas. Pão e vinho não havia. Em troca destes víveres, recebiam de nós alguns objetos de pequeno valor, como facas, podões e anzóis.

Entre as curiosidades do lugar, há ali um brejo ou lago, situado próximo da barra, cujas águas provêm, na sua maior parte, de um rochedo extraordinariamente alto que se ergue na paisagem, em forma de pirâmide, tendo a base proporcional à altura, o que não deixa de ser uma coisa quase inacreditável. O rochedo está exposto de todos os lados às ondas e à fúria do mar.

Este lugar localiza-se a 23 graus e meio a sul da Linha Equinocial, à altura do Trópico de Capricórnio.

CAPÍTULO XXVI

DOS PEIXES DO RIO GUANABARA

Ostras que contêm pérolas. — Maneira de pescar dos selvagens. — O *panapaná*, uma espécie de peixe. — A *inevoneá*, um tipo de raia. — Árvores carregadas de ostras, e a razão disto.

Não quero prosseguir este relato sem antes mencionar particularmente os deliciosos peixes encontrados abundantemente neste belo rio da Guanabara ou de Janeiro. Há ali grande diversidade de moluscos, tanto dos grandes quanto dos pequenos. Entre eles destacam-se as ostras, de casca reluzente como pérolas finas, muito usadas como alimento pelos selvagens, que geralmente as comem junto com uns peixinhos que são apanhados pelas crianças. Estas ostras são da espécie que contém pérolas, e estas podem realmente ser encontradas em algumas, conquanto não sejam tão preciosas quanto as de Calicute ou de outros pontos do Levante.

Os adultos pescam peixes maiores, que são também abundantes neste rio. A maneira de pescar que empregam é a seguinte: entrando inteiramente despidos na água doce ou salgada, acertam o peixe com suas flechas, no que são muito destros, puxando-os em seguida para fora d'água por meio de cordinhas de algodão ou de casca de árvores, quando não acontece que os próprios peixes, depois de mortos, subam naturalmente para a superfície.

A fim de não alongar muito o assunto, descreverei especialmente alguns dos monstruosos peixes cujas gravuras podem ser vistas neste livro, como por exemplo o *panapaná*²⁰, cuja pele é semelhante à do caçã, grosseira e áspera como uma lixa. Este peixe possui seis fendas estreitas de cada lado da goela, dispostas do mesmo modo como as da lampreia. A cabeça é tal qual se vê representada na gravura. Os olhos ficam quase nas extremidades da cabeça, a um pé e meio de distância um do outro. Trata-se de um peixe bastante raro, e sua carne não é lá das melhores, tendo um gosto que lembra a da carne do caçã.

Neste rio há também grande abundância de raias de uma espécie diferente das nossas: são duas vezes mais largas e mais compridas, com a cabeça chata e alongada, em cuja extremidade existem dois longos cornos, cada qual de um pé de comprimento, no meio dos quais ficam seus olhos. Têm seis fendas sob o ventre, todas próximas umas das outras, e uma cauda de dois pés de comprimento, delgada como a de um rato. Os selvagens por nada comeriam estes animais, pela mesma razão por que também não comem a carne das tartarugas: como este peixe caminha muito vagarosamente sob as águas, tornar-se-iam lentos como ele aqueles que o comessem, transformando-se em presa fácil do inimigo, impedidos que ficariam de correr com ligeireza. Na língua dos indígenas, a raia é denominada *inevoneá*.

²⁰ Trata-se do "caçã-panã" (*Sphyrna tiburo*). (N. do T.)

Os peixes deste rio são todos bons de se comer, assim como os do mar vizinho à barra. Não são, porém, tão delicados quanto os da zona equatorial ou os de outros pontos do mar.

Falando a respeito de peixes, não posso deixar de relatar um fato maravilhoso e digno de ser lembrado. No território que fica ao lado do rio, próximo do mar, encontram-se umas árvores e uns arbustos que ficam inteiramente cobertos e carregados de ostras, de alto a baixo. Como o leitor deve saber, quando a maré sobe, uma grande onda penetra pela terra a dentro, repetindo-se este fenômeno duas vezes a cada 24 horas. Esta onda cobre a maioria destes arbustos, especialmente os mais baixos. Como as ostras possuem uma certa viscosidade própria, ficam agarradas nos seus ramos em quantidades incríveis. Por isto, quando os selvagens as querem comer, cortam estes ramos cheios de ostras (lembrando galhos de pereira carregados de frutas), levando-os consigo para casa. Preferem estas ostras do mangue às graúdas de alto mar, alegando que as miúdas são mais saborosas e sadias, ao passo que as outras geralmente produzem febres.

CAPÍTULO XXVII

DA AMÉRICA EM GERAL

A América que os antigos desconheciam. — Foi Américo Vespúcio quem primeiro descobriu a América. — Situação da América. — Quem são os habitantes da América. — América, terra fertilíssima. — Partes da América habitadas por espanhóis e portugueses.

Tendo descrito de modo particular os lugares nos quais permanecemos por algum tempo antes de nosso definitivo desembarque, especialmente aquele onde se encontra atualmente estabelecido o Senhor de Villegagnon juntamente com diversos franceses, ou seja, na região deste notável curso d'água que batizamos de Rio de Janeiro, assim como as terras que se estendem nas circunvizinhanças desses locais, falta agora descrever alguns outros pormenores dos quais tomamos conhecimento durante nossa permanência no país.

Sabe-se com certeza que os antigos cosmógrafos jamais tiveram conhecimento deste continente. Por esta razão, dividiam a Terra habitada em apenas três partes, ou seja, Europa, Ásia e África. Mesmo a propósito destas três, eram poucos os conhecimentos que possuíam. Não tenho a menor dúvida de que se os antigos soubessem da existência da América e de sua vastíssima extensão, por certo tê-la-iam considerado como constituindo a quarta parte do mundo, especialmente por ser esta terra muito maior do que qualquer uma das outras três.

O continente recebeu mui justamente a denominação de América por causa do nome de quem a descobriu em primeiro lugar, Américo Vespúcio, notável por sua perícia náutica e pelos seus notáveis empreendimentos. Depois dele, inúmeras pessoas descobriram a maior parte dos lugares situados entre o Temistitã²¹ e a Terra dos Gigantes²², perto do Estreito de Magalhães. Quanto a que se possa chamar a América de "Índias", não vejo razão alguma que o justifique, uma vez que a região oriental assim denominada tirou tal nome do famoso Rio Indo, que se acha bem distante daqui. O correto seria, portanto, chamá-la apenas de América ou de França Antártica.

Este continente situa-se, na realidade, entre os dois trópicos, estendendo-se mesmo além do de Capricórnio. Limita-se a ocidente com o país de Temistitã e com as Molucas; a sul, com o Estreito de Magalhães; dos dois outros lados com o Mar Oceano e com o Pacífico. Na verdade, perto de Darien e das Furnas²³, o continente estreita-se bastante, com o mar penetrando profundamente terra a dentro.

²¹ Corruptela de "Tenochtitlan", nome pelo qual os astecas designavam o México. (N. do T.)

²² Trata-se da parte meridional da Argentina, a Patagônia, então habitada pelos índios pés-grandes ou patagões, que as exageradas narrativas quinhentistas davam como de anormal estatura. (N. do T.)

²³ "Furnas" ou "Funduras" são os primitivos nomes da atual Honduras. (N. do T.)

Agora temos de descrever a parte que ficamos conhecendo melhor por tê-la frequentado mais, que é a situada nas alturas do trópico brumal, e mesmo um pouco mais a sul. Além dos cristãos que aí se estabeleceram depois da chegada de Américo Vespúcio, esta região era e ainda é habitada por estranhíssimos povos selvagens, sem fé, lei, religião e nem civilização alguma, vivendo antes como animais irracionais, assim como os fez a natureza, alimentando-se de raízes, andando sempre nus tanto os homens quanto as mulheres, à espera do dia em que o contato com os cristãos lhes extirpe esta brutalidade, para que eles passem a vestir-se, adotando um procedimento mais civilizado e humano. É por isto que devemos louvar afetuosamente ao Criador por ter permitido que possuíssemos uma idéia mais clara das coisas, não deixando que fôssemos assim brutais como estes pobres americanos.

Quanto aos terrenos que se encontram por toda a América, são fertilíssimos, repletos de árvores que dão excelentes frutos, sem exigirem cultivo ou cuidados. Não há dúvida de que se estes terrenos fossem cultivados produziriam maravilhosamente, tendo em vista sua situação, suas belíssimas montanhas e vastas planícies, seus rios piscosos e a grande fertilidade das terras, tanto insulares quanto continentais.

Hoje em dia os espanhóis e portugueses habitam uma grande parte da América — as Antilhas do Atlântico, as Molucas no Pacífico, a terra firme que se estende até Darien, Paria²⁴ e Palmaria²⁵, além dos territórios mais meridionais, como a Terra do Brasil.

São estes os aspectos gerais da América.

²⁴ A Costa de Paria é o nome do litoral venezuelano fronteiro à Ilha de Trinidad. (N. do T.)

²⁵ Costa do Suriname, à altura da atual Paramaribo. (N. do T.)

CAPÍTULO XXVIII

DA RELIGIÃO DOS AMERICANOS

Religião dos selvagens da América. — Tupã. — Raízes de jetica. — O *Caraíba*. — A América foi descoberta no ano de 1497. — Os canibais, povos que se alimentam de carne humana. — *Mair*.

Conforme dissemos precedentemente, esta pobre gente vive realmente sem religião e sem lei. Na verdade, não existe criatura dotada de razão que seja tão cega a ponto de não enxergar, na ordem que rege o céu e a Terra, o Sol e a Lua, o mar e os acontecimentos de todo dia, algo além da capacidade humana, ou seja, a mão de um Artífice Supremo. É por isto que não existe nação tão bárbara que não possua, por instinto natural, uma crença religiosa qualquer e alguma idéia da existência de Deus. Todos aceitam que deva existir algum poder superior, mas poucos o conhecem de fato, a não ser aqueles favorecidos com esta revelação pela graça especial de Nosso Senhor. Tal ignorância, conseqüentemente, deu origem ao aparecimento das diversas religiões existentes, havendo aquelas pessoas que reconhecem o Sol como o supremo soberano; outras, a Lua, ou as estrelas, ou ainda inúmeras outras divindades, das quais todos já ouviram falar.

No que se refere a este assunto, os selvagens deste lugar mencionam um Grande Ser, cujo nome em sua língua é Tupã, acreditando que viva nas alturas e faça chover e trovejar. Não conhecem, entretanto, um modo de dirigir-lhe louvores ou preces, nunca o fazendo e nem possuindo lugares reservados para tal. Quando lhes falamos a respeito de Deus, como algumas vezes o fiz, eles nos escutam atentos e maravilhados, perguntando eventualmente se não seria este Deus o mesmo profeta que lhes ensinou a plantar os tubérculos que chamam de *jetica*²⁶. Aprenderam com seus pais que, antes do conhecimento desta e de outras raízes, alimentavam-se somente de ervas e de raízes, como os animais. Contam que uma vez apareceu entre eles um grande *caraíba*, ou seja, um profeta, que se dirigiu a uma jovem e lhe confiou uma raiz volumosa denominada jetica, semelhante ao nabo limusino, ensinando-lhe a cortá-la em fatias, plantando-as depois na terra. Assim fez a moça, e este conhecimento tem sido desde então transmitido de pai para filho até os dias de hoje. E foi tamanho o sucesso deste cultivo, que os indígenas atualmente possuem grande abundância desta raiz, quase não comendo outra coisa, pois tal alimento é para eles tão comum quanto o é para nós o pão.

Desta raiz encontram-se duas espécies, ambas do mesmo tamanho. A primeira, depois de cozida, torna-se amarela como marmelo. Já a outra fica esbranquiçada. Ambas têm folhas iguais às do maná e não dão sementes. Por isto, plantam-nas os selvagens cortando as raízes em rodela, como costumamos fazer aos rabanetes antes de colocá-los nas saladas. Assim replantadas, multiplicam-se abundantemente. E como se trata de uma planta desconhecida de nossos médicos e botânicos, achei interessante reproduzir aqui uma gravura da mesma.

²⁶ No original, "hetich". A jetica (*Ipomoea batatas*) é mais conhecida como batata-doce. (N. do T.)

Logo que esta terra foi descoberta (o que se deu, conforme dissemos, no ano de 1497, por ordem do Rei de Castela), estes selvagens, admirados de ver os cristãos que lhes pareceram estranhíssimos tanto na aparência quanto no procedimento, acreditaram que os mesmos fossem profetas, passando a reverenciá-los como deuses. Mas quando a canalha viu que os cristãos adoeciam, morriam e estavam sujeitos às suas mesmas paixões, começou a desprezá-los e maltratá-los sistematicamente, estendendo este procedimento aos colonos que depois se estabeleceram entre eles, espanhóis e portugueses na sua maioria. E assim é que, quando estão irritados, os selvagens não hesitam em matar um cristão e devorá-lo, do mesmo modo como fazem aos seus inimigos. Mas isto só ocorre em determinadas regiões, especialmente naquelas em que vivem os *canibais*, que não se alimentam de outra coisa senão de carne humana. Esta é para eles assim como a de boi ou a de carneiro para nós.

Os índios, além disso, deixaram de chamar o branco de *caraíba*, que significa “profeta” ou “semideus”, preferindo chamar-nos, desdenhosa e infamantemente, de *mair*, nome de um dos seus antigos profetas que eles detestam e tratam com desprezo.

Quanto a Tupã, respeitam-no muito, acreditando que não more em um único lugar, mas que esteja sempre indo e vindo de um ponto para outro, revelando aos profetas indígenas seus grandes segredos.

No que concerne à religião destes bárbaros, foi isto o que pessoalmente ouvi e aprendi da boca de um intérprete francês que, vivendo há dez anos entre os selvagens, já era capaz de entender perfeitamente sua língua.

CAPÍTULO XXIX

DOS AMERICANOS DE AMBOS OS SEXOS E DE SUA MANEIRA DE VIVER

Modo de viver dos habitantes da América. — Adamitas heréticos que praticam o nudismo. — Opinião dos turlupinos e dos filósofos cínicos a respeito da nudez. — Por que Júlio César usava barrete, contrariando o costume dos romanos. — Estatura e cor da pele dos americanos.

Nos capítulos precedentes, quando relatamos nossa navegação pelas costas africanas, dissemos que os nativos da Barbaria, da Etiópia e mesmo alguns das Índias andavam quase inteiramente nus, salvo no que se refere às partes pudendas, que cobriam com tangas de algodão ou de peles, costume incomparavelmente mais tolerável que o dos americanos, que andam nus em pêlo, do modo como saíram do ventre materno. Assim procedem tanto os homens quanto as mulheres, sem qualquer acanhamento ou vergonha. No caso de quererdes saber se tal costume seria devido à indigência ou ao calor, responder-vos-ia que eles poderiam fazer algumas camisas de algodão, já que sabem confeccionar suas redes de dormir. Também poderiam preparar vestimentas de peles de animais selvagens, vestindo-as como fazem os canadenses, pois estes animais são ali numerosos e fáceis de pegar. Quanto a animais domésticos, não os criam. Dizem eles, entretanto, que assim despidos ficam mais desimpedidos e dispostos para quaisquer exercícios, o que não ocorreria se estivessem vestidos. Confirmando tal idéia, quando acontece de trazerem consigo alguma camisa leve (que teriam ganho às custas de muito trabalho) e deparam com seus inimigos, tiram-na imediatamente, antes mesmo de empunhar o arco e a flecha que são suas armas habituais, acreditando que a roupa lhes estorvaria a destreza e a agilidade nos combates, causando-lhes problemas para fugir ou movimentar-se diante deles e facilitando seu aprisionamento. Daí ficarem nus em pêlo, com o que mostram ser indivíduos grosseiros e ignorantes. Não obstante, anseiam por ganhar roupas, camisas, chapéus e outras peças de vestuário, considerando-as objetos caros e preciosos. Preferem deixá-los guardados em suas choças, ao invés de vesti-los, com receio de que se estraguem. Usam-nos eventualmente, contudo, durante as suas *cauinagens*, isto é, quando passam alguns dias em bebedeiras e comilanças em homenagem aos pais ou parentes falecidos, ou nas solenidades que culminam com a execução dos prisioneiros inimigos.

Mesmo quando estão vestidos com alguma camisa ou saia barata, tiram a roupa, colocando-a nos ombros quando têm de sentar no chão, com medo de que ela se estrague. Todavia, há entre eles alguns velhos que escondem suas partes vergonhosas com folhas, no mais das vezes por causa de alguma indisposição local.

Afirmam alguns indivíduos que nos primeiros tempos da colonização européia homens e mulheres viviam nus, escondendo suas partes secretas, assim como está escrito com relação aos nossos primeiros pais. Sabe-se que os homens daquela época viviam por mais tempo que os de hoje, sem contraírem tantas moléstias. Em vista disto, sustentam essas pessoas que todos deveríamos andar nus, do mesmo modo que Adão e Eva no paraíso terrestre. Ora, não se lê em lugar algum que esta nudez seja do agrado e da vontade

de Deus. Sei que alguns heréticos denominados adamitas admitem erroneamente tal teoria, e que seus seguidores vivem inteiramente nus, de modo igual ao dos americanos de que estamos tratando, indo rezar nos seus templos e sinagogas completamente despidos. É fácil ver que tudo isto não passa de uma opinião evidentemente errônea, pois se as Sagradas Escrituras nos testemunham que Adão e Eva, antes de seu pecado, estavam nus, dizem-nos a seguir que eles depois se cobriram com peles, tal como podemos observar hoje em dia entre os selvagens do Canadá.

Muitas outras pessoas têm caído neste mesmo erro, como os turlupinos, por exemplo, e os filósofos chamados de cínicos, os quais argumentam — chegando até a ensiná-lo publicamente — que o homem não deve esconder aquilo que a natureza lhe concedeu. Com tal atitude, estes hereges, aos quais não foi negada a graça do conhecimento das coisas, podem ser considerados mais inconvenientes que nossos selvagens da América.

Os romanos, apesar dos costumes exóticos que caracterizavam sua maneira de viver, não andavam nus. É verdade, contudo, que as estátuas e imagens que se viam em seus templos representavam seres inteiramente despidos, conforme conta Tito Lívio. Curiosamente, também não usavam toucas ou barretes, a não ser alguns poucos dentre eles, como Caio César, por exemplo, que tinha o costume de pentear seus cabelos para a frente por ser calvo na parte frontal da cabeça. Assim dissimulava sua calvície. Ele chegou até mesmo a obter consentimento para usar uma touca ou barrete que lhe servia para esconder a parte pelada da cabeça.

Eis o que tínhamos a dizer a respeito desses selvagens. Já quanto aos peruanos, vi que usavam umas camisolas curtas de algodão, confeccionadas à moda do país. E, não fugindo do assunto, quero acrescentar, citando Plínio, que nos confins das Índias (evidentemente, das Índias Orientais, uma vez que Plínio jamais teve conhecimento da América), para as bandas do Ganges, viviam certos povos de pequena estatura que também se cobriam com umas folhas largas e compridas.

Ainda a respeito destes pobres selvagens, posso dizer que eles têm um olhar deveras aterrador e um modo de falar austero, repetindo muitas vezes as mesmas palavras. Sua linguagem, conquanto seca e algo obscura, é mais facilmente compreensível que a dos turcos ou de outros povos levantinos, o que posso afirmar por experiência própria.

Os índios sentem grande prazer em falar de maneira confusa, vangloriando-se das vitórias obtidas e triunfos alcançados sobre os inimigos. Os mais velhos mantêm sua palavra e são mais fiéis que os jovens. Todos eles, contudo, são muito propensos ao furto. Não que roubem uns dos outros, mas não podem ver um cristão ou forasteiro, que não o despojem de seus pertences. Ao ouro e à prata não dão a menor importância, visto que desconhecem seu valor.

Quando alguém os irrita, despejam sobre ele terríveis ameaças, assegurando que irão espancá-lo até à morte. Mas não obstante qualquer incivilidade que acaso demonstrem, estão sempre prontos a fazer prazeirosamente qualquer serviço, em troca de alguma ninharia que se lhes queira dar, mesmo que a tarefa consista em guiar um estrangeiro por 50 ou 60 léguas pelo interior a dentro, enfrentando mil dificuldades e perigos. Além do mais, em vista de diversos outros atos que praticam, posso dizer que são até mesmo mais caridosos e honestos que os próprios cristãos.

Nus como andam, possuem uma tez avermelhada, puxada para a cor do leão. Por que não estariam tão queimados quanto os negros da Etiópia? Deixo a explicação para os filósofos naturais. Os americanos, além disto, são bem conformados e possuem membros

bem proporcionados. Seus olhos, contudo, são mal feitos, ou seja, são negros e vesgos. Esta característica confere ao seu olhar um aspecto que lembra o das feras selvagens. Por fim, são altos, bem dispostos, alegres e pouco propensos às doenças, a não ser quando são atingidos por flechas em combate.

CAPÍTULO XXX

DOS ALIMENTOS E BEBIDAS DOS SELVAGENS

Os selvagens vivem sem lei. — Do horror que a carne salgada inspira aos americanos. — Tipos de carnes usados habitualmente pelos selvagens. — O lagarto dos americanos. — O silêncio que os selvagens mantêm durante as refeições. — O licor de avati. — Modo de viver dos antigos. — Tanto mais delicados os alimentos quanto menos robustas as pessoas.

Pode-se facilmente deduzir que a incivilidade dessa boa gente no que concerne aos seus hábitos alimentares é a mesma que demonstram em relação a tudo o mais. E como não possuem algum critério que lhes permita escolher o que é bom, separando-o daquilo que não presta, comem de todas as carnes, a qualquer dia e hora, sem moderação alguma. É verdade que, por uma temerosa e particular superstição, evitam comer carnes de animais vagarosos, sejam terrestres ou aquáticos. Já as de animais que voam ou correm com ligeireza, tais como veados e corças por exemplo, comem-nas todas. Isto é devido à crença de que aquele alimento os tornaria muito pesados, estorvando-lhes os movimentos quando se vissem atacados pelos inimigos.

Também não gostam de alimentos salgados, chegando a proibi-los às suas crianças. Quando vêem os cristãos comendo carnes salgadas, censuram-nos por seu desregramento, dizendo que elas irão encurtar-lhe a vida. Não obstante, consomem qualquer tipo de carne e de peixe, que assam de um modo típico. As carnes que mais apreciam são as de animais selvagens, roedores de diversas qualidades e tamanhos, certas espécies de sapos maiores que os nossos, jacarés e outros bichos, levando-os inteiros ao fogo, peles e entranhas inclusive. Comem-nos em seguida, sem qualquer outro complemento ou acréscimo. Assim preparam todos os animais que comem, mesmo os jacarés, uma espécie de lagarto da grossura de um leitão de um mês, tendo o comprimento proporcional ao volume e a carne bastante apetitosa, conforme testemunham os que dela provaram. Estes lagartões são tão mansos que costumam aproximar-se das pessoas, comendo as coisas que estas lhe atiram, sem timidez ou receio. Os selvagens matam-nos a flechadas. Sua carne lembra a do frango.

Ostras e mariscos são os únicos alimentos que eles cozinham em água fervente. De resto, não têm hora certa de comer, fazendo-o sempre que estão com apetite. Se sentem fome à noite, depois do primeiro sono, levantam-se tranquilamente, comem, depois voltam e dormem de novo.

Durante as refeições, mantêm-se admiravelmente em completo silêncio, costume mais louvável que o nosso de ficar à mesa tagarelando. Gostam da carne bem passada, comendo-a sempre pausadamente. Por isto, riem-se de nós, que devoramos os alimentos, ao invés de comê-los com o necessário vagar. Ademais, nunca comem carne senão depois que ela esteja suficientemente fria.

Um hábito deveras estranho que têm é o de nunca beberem quando estão comendo, e vice-versa: quando se põem a beber, não comem coisa alguma — e olhe que suas bebe-

deiras podem durar até mesmo um dia inteiro! Isso acontece quando realizam grandes solenidades ou festins em comemoração à matança dos inimigos ou sob qualquer outro pretexto. Em tais festejos, outra coisa não fazem senão beber durante todo o dia, sem nada comer. A bebida que tomam é feita daquele milho grão branco ou preto que chamam de avati. E depois de terem bebido deste modo, apartam-se uns dos outros, comendo então indiferentemente de tudo o que houver.

O alimento mais comum desta pobre gente, mais consumido que a própria carne, são os peixes do mar, ostras e coisas semelhantes. Os que moram longe do mar, pescam nos rios. Os selvagens também dispõem da grande variedade de frutas que a natureza lhes proporciona. Nem por isso deixam de viver longamente, com saúde e boa disposição. A propósito, queremos lembrar que os antigos se alimentavam mais de peixes do que de carne. Heródoto, neste particular, afirma que os babilônios viviam apenas de peixe. As leis de Triptolemo, segundo Xenofonte, proibiam o uso da carne aos atenienses. Porquanto, não é de se estranhar o fato de que alguém possa viver só de peixe, sem comer carne. Mesmo no início do povoamento da Europa, antes de que se trabalhasse e cultivasse a terra, viviam os homens de modo ainda mais austero, totalmente desabituaados ao uso da carne ou do peixe. Entretanto, eram indivíduos robustos, que viviam longamente e nada tinham do efeminamento que caracteriza os homens de hoje em dia, os quais, quanto mais delicadamente são tratados, vão-se tornando mais sujeitos às doenças e fraquezas a cada dia que passa!

Pois bem; conforme dissemos, os selvagens alimentam-se de carnes e de peixes, fazendo-o do modo como está representado na gravura. Alguns comem deitados ou então sentados nas redes. O mais comum é ver o decano da família na rede e seus parentes ao redor, servindo-o, como se a própria Natureza lhes houvesse ensinado a respeitar os mais velhos.

Outro bom costume deles é o seguinte: o primeiro que pegou alguma grande presa, seja terrestre ou aquática, distribuirá a mesma entre todos. Se houver cristãos, estes também entrarão na partilha e serão liberalmente convidados a comer daquela dádiva do bom Deus. Eles consideram uma grave ofensa qualquer recusa de nossa parte.

Outra coisa é que quando alguém entra pela primeira vez em suas cabanas, logo os selvagens perguntam: — “*Marabicera?*”²⁷ (Como é seu nome?). E pode a pessoa ficar certa de que eles nunca mais esquecerão seu nome depois que o escutam uma única vez, pois são dotados de excelente memória. (A propósito, outros homens de excepcional memória, de acordo com Plínio, foram Ciro, rei dos persas; Cinéias, legado do rei Pirro; Mitridates e César). Só depois de conversar um pouco com o visitante é que perguntam se ele deseja alguma coisa (—“*Marapipô?*”). Durante toda a visita, acumulam o hóspede com inúmeras gentilezas.

²⁷ No original, *Marabissere*.

CAPÍTULO XXXI

CONTRA A OPINIÃO DAQUELES QUE DÃO OS SELVAGENS COMO SENDO PELUDOS

Certa espécie de erva que tem virtudes depilatórias. — Monstro de aspecto humano, coberto de escamas. — Os abantes, um povo da Ásia. Um costume dos atenienses.

Muita gente compartilha da absurda idéia de que estes a quem chamamos de selvagens teriam, pelo fato de viverem pelos campos e florestas quase que como animais, os corpos recobertos de pêlos, assim como os ursos, cervos ou leões. Alguns artistas chegam a pintar belos quadros, dando-lhes tal aparência. Essas pessoas, ao descreverem os selvagens, revestem-nos de bastos pêlos dos pés à cabeça, presumindo que esta densa pilosidade lhes seja tão inseparável quanto a negrura o é de um corvo. . . Nada mais falso, e contudo tenho encontrado certos indivíduos que obstinadamente persistem nesta crença, afirmando — e até mesmo chegando a jurar — que os selvagens são de fato hirsutos. Esta certeza não advém da observação pessoal, já que tais pessoas jamais depararam com um selvagem, mas meramente do fato de ser esta a opinião geral. Quanto a mim, que tive a oportunidade de vê-los pessoalmente, posso afirmar seguramente que o aspecto dos selvagens é exatamente o oposto.

Tanto os nativos das Índias Orientais quanto os da América saem do ventre materno tão bonitinhos e lisos quanto as crianças européias. E se os pêlos lhes surgem com o passar do tempo, aliás acontece também conosco, arrancam-nos à unha, de todas as partes do corpo, deixando que cresçam apenas os cabelos da cabeça, tal é o horror que lhes inspiram os outros cabelos, tanto aos homens quanto às mulheres. Mesmo as sobrancelhas, que os homens deixam crescer normalmente, são cortadas e raspadas pelas mulheres. Para tanto, fazem uso de uma erva cuja folha é afiada tal qual uma navalha. Esta planta tem certa semelhança com os juncos que nascem perto das águas.

Os selvagens depilam todo o corpo, incluindo a barba e os pelos amatórios. De algum tempo para cá, depois que passaram a ter contato com os cristãos e aprenderam a malhar o ferro, inventaram um modo de fazer umas pinças com as quais arrancam seus pêlos do corpo.

Portanto, leitor, não se deixe levar, doravante, pela opinião geral, nem creia na aparência que os pintores emprestam aos selvagens, pois a estes artistas é permitido representar as coisas do jeito que acharem melhor, assim como aos poetas é concedida a licença de darem asas à sua imaginação criadora. Quando ocorre eventualmente que uma criança indígena saia do ventre materno recoberta de penugem, e que a seguir o cabelo cresça e se espalhe por todo o seu corpo (como, aliás, também acontece a algumas crianças francesas), isto não passa de um acidente da natureza, algo assim como se alguém nascesse com duas cabeças ou coisa semelhante. . .

Tais fatos não devem ser considerados como assombrosos, uma vez que médicos e filósofos conhecem perfeitamente suas causas. Eu mesmo vi, na Normandia, uma criança recoberta de escamas, como uma carpa. São imperfeições da natureza.

No entanto, acredito, baseado na interpretação do Capítulo XIII do Livro de Isaías²⁸, que existam certos monstros de aparência humana chamados *sátiros*. Eles vivem nas florestas e são peludos como feras selvagens. Os escritos dos poetas estão repletos de alusões a estes sátiros, assim como a faunos, ninfas, dríades, hamadríades, oréades e outros tipos de monstros que já não existem hoje em dia como no passado, quando o espírito maligno se esforçava para iludir os homens, usando de todos os meios e assumindo mil disfarces. Hoje, porém, depois que Nosso Senhor se comunicou à Humanidade movido pela compaixão e nos concedeu um poder maior que o destes espíritos (conforme testemunham as Santas Escrituras), eles foram expulsos do nosso meio. Na África, ainda se podem encontrar monstros disformes, por aquelas razões já alegadas no início deste livro, além de outras que prefiro não citar no momento.

Por fim, os americanos trazem os cabelos cortados de maneira quase idêntica à dos monges, sem deixá-los crescer abaixo das orelhas. É por precaução que raspam a parte anterior da cabeça, segundo a explicação que me foi dada por um de seus chefes, uma vez que longas barbas e cabeleiras dariam ocasião ao inimigo de agarrá-los por elas. Ademais, os selvagens aprenderam com seus ancestrais que a depilação e o corte dos cabelos lhes confere uma excepcional coragem.

Se estes selvagens tivessem conhecido a Ásia, eu chegaria a crer que teriam aprendido tal coisa com os *abantes*, o povo que inventou esta moda de raspar a cabeça, acreditando que com isso enfrentaria seus inimigos com maior denodo e habilidade.

Plutarco, quando conta a vida de Teseu, diz que os éforos de Atenas, isto é, os tribunos daquela república, tinham a obrigação de ir a Delfos oferecer a tonsura de seus cabelos e perucas. O certo é que Teseu, tendo mandado raspar a parte dianteira da cabeça (como fazem hoje os americanos), fê-lo à imitação da moda destes *abantes*.

Sabe-se também que Alexandre, rei da Macedônia, ordenou aos soldados que prendessem seus opositores macedônios, sugerindo que os agarrassem pelas barbas e cabeleiras, então usadas compridas, pois entre eles não havia barbeiros que as soubessem cortar ou raspar. Sabe-se, outrossim, que os primeiros barbeiros que surgiram na Itália eram oriundos da Sicília.

Eis o que tínhamos a dizer quanto à pilosidade dos americanos.

²⁸ Thevet refere-se ao versículo 21: "As feras terão aí seu covil, os mochos freqüentarão as casas, as avestruzes aí morarão, e os sátiros aí farão suas danças." (N. do T.)

CAPÍTULO XXXII

DA ÁRVORE QUE OS AMERICANOS CHAMAM DE "JENIPAPO" E DA QUAL EXTRAEM UMA TINTURA

Jenipapo: a árvore e o fruto. — Maneira de preparar a tintura de jenipapo. — Como os selvagens pintam o corpo. — A resina de *usub*. — Outra árvore que também se chama jenipapo. — A erva chamada de *petum* e para quê a utilizam. — A fonte de Lincese e suas propriedades.

O jenipapo é uma árvore que os selvagens da América têm em grande estima por causa da fruta que ela dá e que também tem este mesmo nome. Apreciam-na não porque seja boa de comer, mas por causa de uma certa utilidade que possui. Na cor e no tamanho, assemelha-se ao nosso pêssego. De seu suco, pode-se produzir um corante, que os selvagens usam às vezes para tingir seu corpo inteiro. Narro a seguir o modo pelo qual preparam esta tintura.

Como não conhecem processo melhor para extrair o suco do jenipapo, os pobres diabos têm de mastigá-lo, como se fossem comê-lo, espremendo-o depois com as mãos para tirar o restante do sumo, do mesmo modo que se faz com uma esponja. O líquido assim obtido é claro como água de mina. Então, quando saem para guerrear, para visitar os amigos de outras aldeias, ou para tomar parte em alguma solenidade, esfregam este líquido no corpo todo. À medida que seca, o sumo vai adquirindo uma coloração viva, difícil de se descrever, entre o negro e o azulado. Só depois de uns dois dias, após secar completamente, é que a tintura chega à sua cor definitiva. E lá se vão os pobres coitados, tão satisfeitos com este enfeite quanto nós europeus quando saímos para uma festa ou solenidade trajando nossos veludos e cetins.

As mulheres usam este corante mais habitualmente que os homens. Estes, quando são convidados para alguma "cauinagem" com seus amigos que moram a dez ou doze léguas de distância, antes de saírem da aldeia descascam uma árvore cujo cerne tenha uma cor viva, vermelha, amarela ou outra, reduzindo a casca a pedaços bem miúdos. Depois, extraem a resina de uma outra árvore chamada *usub*, esfregando-a no corpo inteiro. Esta resina, aliás, é muito boa para as chagas, coisa que sei por experiência própria. A seguir, por cima desta goma viscosa, espalham o farelo das cascas coloridas.

Já outros, ao invés disto, fixam no corpo inúmeras peninhas de todas as cores, umas vermelhas como escarlata fina, outras de cores variadas, cobrindo a cabeça com penachos verdadeiramente deslumbrantes.

Agora, voltemos ao jenipapo. As folhas desta árvore são semelhantes às da nogueira, e seus frutos nascem quase nas extremidades dos ramos, estranhamente reunidos uns sobre os outros. Existe uma outra árvore denominada igualmente jenipapo, mas seu fruto, além de maior, é comestível.

Outra singularidade local é uma erva chamada *petum*²⁹. É muito estimada pelos selvagens, que a trazem consigo habitualmente, devido às inúmeras utilidades que ela possui. Esta erva tem alguma semelhança com a língua-de-vaca européia.

Depois de colher o *petum* com todo o cuidado, os selvagens secam as folhas à sombra, dentro de pequenas cabanas. O uso que fazem desta planta é o seguinte: depois de estar seca, envolvem uma certa quantidade dela numa folha de palmeira bem grande. Esta, depois de enrolada, fica do tamanho do crânio. A seguir, acendendo uma das pontas, aspiram a fumaça pelo nariz e pela boca. Dizem os selvagens que esta planta é muito saudável, servindo para distilar e consumir os humores supérfluos do cérebro. Utilizado desta maneira, o *petum* faz cessar a fome e a sede durante algum tempo. Por isto, usam-no com frequência, mormente quando têm algum assunto a discutir. Enquanto um traga a fumaça, o outro fala, e assim vão fazendo sucessivamente enquanto discutem. Mas as mulheres não usam jamais o *petum*.

Na verdade, quando se aspira por muito tempo esta fumaça aromática, sente-se um certo atordoamento ou embriaguês semelhante à provocada pelos eflúvios de um vinho forte. Os cristãos que vivem hoje em dia nessa terra tornaram-se grandes apreciadores desta erva aromática. No princípio, entretanto, seu uso não é destituído de perigo, pois a fumaça, até que a pessoa se acostume com ela, produz suores e fraquezas, chegando mesmo a provocar síncope, conforme eu próprio experimentei. Isto não é tão estranho quanto possa parecer, pois existem muitos outros frutos que ofendem o cérebro, conquanto sejam delicados e apetitosos. Plínio conta que há em Linceste uma fonte cuja água embriaga as pessoas. Há outra semelhante na Paflagônia.

Algumas pessoas poderão achar que não se trate de verdade, mas sim que seja inteiramente falso tudo o que dissemos a respeito desta erva, como se a natureza não pudesse conceder tal poder a uma planta, quando ela pode até mesmo dotar os animais de poderes ainda maiores, dependendo do lugar e da região. E sendo a América uma terra incomparavelmente mais bem temperada que muitas outras, por que iria a natureza privá-la de um tal benefício? E se alguém não se contentar com nosso testemunho, que leia então o Livro II de Heródoto, onde se faz menção a um povo africano que só se alimentava de ervas. Apiano conta que os partos banidos e expulsos de seu país por Marco Antônio passaram a alimentar-se de uma certa erva que lhes embotava a memória; não obstante, acreditavam que ela constituísse um bom alimento, até que passado algum tempo, começaram a morrer em consequência do seu uso. Em vista disto, o que dissemos a respeito do *petum* não deve ser considerado como coisa excepcional.

²⁹ *Petum*, *petume* ou *petima* são as designações tupis do tabaco. (N. do T.)

CAPÍTULO XXXIII

DE UMA ÁRVORE CHAMADA "PACOVEIRA".

Descrição de uma árvore chamada *pacoveira*. — *Pacova* (fruta). — Um crocodilo morto. — *Jacaré-açu*. — Uma espécie de lebre. — *Aguti* (animal).

Já que estamos tratando de árvores, descreverei agora uma, não com o mero propósito de estender esta narrativa, mas tendo em vista as excelsas qualidades e a incrível singularidade deste vegetal que não tem similar na Europa, na Ásia ou na África. Estamos falando de uma árvore que os selvagens denominam *pacoveira*³⁰, e que talvez seja a mais admirável de todas as que se conhecem até hoje. Em primeiro lugar, sua altura, do chão à copa, não ultrapassa umas duas braças. Também sua grossura nada tem de excepcional, pois um homem pode cingir o tronco de uma *pacoveira* adulta com as duas mãos. Seu caule é tão pouco resistente que se pode facilmente cortá-lo com um facão. Quanto às folhas, têm dois pés de largura e um comprimento de uma braça, um pé e quatro dedos (posso assegurar que suas dimensões são de fato estas).

Quando voltava de Jerusalém, vi, no Egito e em Damasco, uma árvore muito semelhante a esta, mas cujas folhas não alcançavam sequer a metade das dimensões citadas. Além do mais, os frutos de uma eram bastante diferentes dos da outra. Os da *pacoveira* têm cerca de um pé de comprimento, sendo bem maiores que seus congêneres asiáticos. Quanto à grossura, a desta fruta é igual à de um pepino, fruto com o qual ela aliás muito se assemelha.

Esta fruta que os selvagens chamam de *pacova* é muito gostosa quando madura, servindo ademais para ser cozida. Colhem-na os selvagens pouco antes de que ela alcance a total maturação, guardando-a em suas ocas, como também fazemos em França com nossos frutos. A *pacovas* dão em cachos de trinta ou quarenta frutas, umas por cima das outras, em pequenos ramos que pouco se distanciam do tronco, como se pode ver na gravura que consta deste livro.

O que é mais admirável nesta árvore é que ela só dá frutos uma vez. A maior parte dos selvagens, mesmo os que vivem bem no interior, alimenta-se desta fruta durante boa parte do ano, e também de uma outra que vem dos campos, chamada *uariri*³¹, a qual, a julgar pelo seu aspecto e seu tamanho, dir-se-ia proveniente de uma árvore. Entretanto, ela é produzida por um arbusto de folhas semelhantes às da palmeira, tanto em comprimento quanto em largura.

Este fruto tem um palmo de comprimento e parece uma pinha, exceto pelo fato de ser mais longo. Cresce no meio das folhas, na ponta de uma haste redonda. Dentro dele encontram-se umas como que pequenas avelãs com um carocinho branco muito gostoso

³⁰ *Pacoveira* ou *pacoveira*: bananeira. No original, *paquouere*. (N. do T.)

³¹ No original, "hoyriri". Trata-se do ariri ou guriri-do-campo (*Diplotemium campestre*). (N. do T.)

mas que, comido em excesso, é prejudicial ao cérebro (o que se dá, aliás, com todas as coisas). Dizem que a ação danosa do uariri sobre o cérebro é semelhante à produzida pelo coentro quando não devidamente preparado. Pode-se portanto presumir que se o uariri fosse também preparado, talvez perdesse tal defeito. Não obstante, os americanos comem deste fruto, mormente as crianças.

Os campos que se estendem a duas léguas do Cabo do Frio estão repletos deste arbusto, especialmente nas proximidades dos grandes charcos que vimos quando descemos em terra durante nossa volta daquele ponto. Cito ainda de passagem que nesta região dos charcos, além destes frutos, vimos um crocodilo morto. Era do tamanho de um bezerriinho, e certamente teria vindo dos tais charcos, sendo morto pelos selvagens quando passava por ali. Os americanos apreciam sua carne, como também a do lagarto, conforme relatamos há pouco. Chamam-no em sua língua de *jacaré-açu*. Estes animais são maiores que os crocodilos do Nilo.

Os nativos dizem que há um pântano de 5 léguas de circuito, defronte a Pernomeri, a 10 graus da Equinocial, para os lados da Terra dos Canibais, onde vivem jacarés do tamanho de um boi adulto, os quais expelem uma fumaça mortal pelas fauces, de tal modo que quem deles se aproxima não tarda a morrer em consequência deste bafo — ouviram-no de seus avós.

No mesmo local onde cresce aquele fruto, encontram-se, abundantemente, lebres bem parecidas com as nossas, embora não sejam tão grandes e tenham a cor um pouco diferente. Encontra-se ali também um pequeno animal chamado *aguti*³², grande como um lebrão, que tem o pêlo duro e eriçado como o do javali, a cabeça como a de uma ratazana, as orelhas e a boca semelhantes às da lebre, e uma cauda de apenas uma polegada de comprimento. Seu dorso é inteiramente glabro da cabeça à cauda, e suas patas fendidas como as do porco. Alimenta-se de frutas. Os selvagens criam os agutis como animais de estimação, mas também apreciam-nos bastante por causa de sua carne, que é excelente.

³² O mesmo que cutia. No original, *agustin*. (N. do T.)

CAPÍTULO XXXIV

DO MODO PELO QUAL OS SELVAGENS FAZEM INCISÕES EM SEUS CORPOS

O mexilhão, um marisco. — Uma pedra cuja cor lembra a da esmeralda.
— Colares de conchinhas. — Um tipo de rosário de contas brancas. —
Braceletes de escamas de peixe. — Deformações dos americanos.

Para os selvagens americanos, não lhes basta andarem inteiramente nus, pintarem o corpo de várias cores e arrancarem seus pêlos. A fim de se tornarem mais disformes, perfuram os lábios, utilizando para tanto um certo espinho agudíssimo. Fazem isto enquanto são jovens; assim, o orifício vai aumentando à proporção que o corpo cresce. Os americanos enfiam nele uma espécie de mexilhão, pequeno marisco comprido que possui uma conchinha dura semelhante às contas de um rosário. Quando o marisco sai da concha, colhem-na os selvagens, introduzindo-a depois neste orifício feito no lábio inferior do mesmo modo que se faz com as rolhas ou os espichos, a fim de tapar os barris de vinho, ficando a ponta mais grossa para dentro e a mais fina para fora.

Quando os indígenas crescem à idade núbil, trocam as conchas por certas pedras de cor tirante à da esmeralda, pelas quais têm um tal apreço que não é fácil conseguir-se uma com eles, a não ser dando-lhes em troca um presente realmente excepcional, já que elas são muito raras por aqui. São os índios de uma tribo vizinha que as trazem de uma alta montanha situada na terra dos canibais. Antes de usá-las, os selvagens pulam estas pedras com uma outra apropriada para tal fim. O polimento é tão perfeito que o mais hábil joalheiro não o faria melhor. Acredito que nesta montanha podem ser encontradas esmeraldas verdadeiras, pois penso ter visto uma entre as pedras de um dos selvagens.

Em consequência do uso de tais pedras nos orifícios dos seus lábios, os americanos ficam com o rosto totalmente deformado. Nessa deformação, encontram tão grande prazer quanto o que sente um civilizado rico exibindo suas preciosas correntes. Assim sendo, quanto mais numerosas as deformações, maior será o prestígio daquele que as possui, o qual, em virtude delas, será alçado à condição de ilustre personagem, quando não de chefe da tribo. E estas desfigurações incluem, além dos lábios e da boca, as bochechas.

As pedras que os homens trazem nos lábios têm por vezes o diâmetro de um duplo ducado, havendo mesmo algumas ainda mais largas. Sua grossura é a de um dedo médio. Chegam a quase impedir quem as usa de falar, ficando bastante difícil compreendê-los quando dizem algo, dando a impressão de que estão com a boca cheia de farinha. Quando trazem a pedra no orifício do beijo inferior, este cresce até ficar do tamanho de um punho. A grossura do ornamento permite que estimemos a capacidade de resistência desta parte situada entre a boca e o queixo. Mas quando tiram a pedra para poder falar, vê-se a saliva escorrendo pelo orifício, num espetáculo deveras repugnante. Quando algum desses patifes quer fazer zombarias com os outros, faz a língua passar por esta abertura.

As mulheres e moças não se deformam tanto quanto os homens. Trazem, no entanto, certos penduricalhos nas orelhas, feitos com as conchas de alguns mariscos grandes, do comprimento e grossura de uma vela de um tostão. Os homens ainda trazem pendurados no pescoço umas meias-luas de um pé de comprimento. Até as crianças de dois ou três anos andam com este enfeite. Os adultos também usam colares brancos, feitos com um outro tipo de conchinhas ainda menores que aquelas outras. Colhem-nas no mar e têm por estes colares uma excepcional estima. Estes rosários de contas brancas que parecem marfim — e que ultimamente têm sido vendidos em França — são feitos destas conchinhas pelos próprios selvagens. Os marinheiros que os trazem, compram-nos por uma ninharia. Quando chegaram os primeiros rosários deste tipo, quiseram fazer crer que fossem feitos de coral branco. Mais tarde, alguns passaram a afirmar que as contas eram de porcelana. . . Quem quiser, pode mandar benzer estes rosários.

Outro adorno que os selvagens usam é uma espécie de braçadeira, feita de osso de peixe, semelhante às que usam os nossos milicianos. Eles também apreciam sobremaneira as pequenas contas de vidro que são trazidas da Europa.

Para cúmulo da deformação, estes homens e mulheres ficam às vezes inteiramente negros, por se pintarem com certas tinturas que extraem dos frutos, como há pouco começamos a explicar. O interessante é que eles se pintam e se enfeitam uns aos outros. As mulheres pintam o corpo dos homens, desenhando mil motivos diferentes, como figuras, linhas onduladas, etc, tudo tão miúdo que não seria possível que alguém fizesse desenhos menores.

Não se mencionam nos livros outros povos que tivessem tais costumes. Sabe-se que os citas, quando saíam para fazer visitas de pésames aos amigos, pintavam o rosto de preto. As mulheres da Turquia, a fim de se embelezarem, pintam as unhas de vermelho ou de pérseio, mas não o resto do corpo.

Resta apenas lembrar que as mulheres da América não pintam o rosto e o corpo de seus filhos unicamente de negro, mas também de diversas outras cores, especialmente de uma semelhante ao *boli* armênio, que os selvagens fabricam a partir de uma terra pastosa como a argila. Esta tinta dura pelo espaço de quatro dias, e com ela as mulheres pintam as pernas, de maneira que, quando as vemos ao longe, chegamos a pensar que elas estariam metidas em belas calças de fina estaménha. . .

CAPÍTULO XXXV

DOS SONHOS, VISÕES E ILUSÕES DOS AMERICANOS, E DA PERSEGUIÇÃO QUE LHE MOVEM OS ESPÍRITOS MALIGNOS

Por que os americanos estão sujeitos às perseguições do espírito maligno. — *Anhã*: o que significa na língua dos selvagens. — *Grigri*. — Crendice dos selvagens quanto aos seus sonhos. — Sonhos naturais. — *Pajés*: profetas. — Anfitrião, o primeiro intérprete de sonhos. — *Pajés* ou *caraibas*.

Uma coisa admirável que ocorre com estas pobres criaturas é que elas, embora não sejam sensatas devido a estarem privadas do uso da verdadeira razão e do conhecimento de Deus, estão sujeitas a diversas ilusões fantásticas e às perseguições do espírito maligno. Conforme dizíamos atrás, ocorriam entre nós casos semelhantes, antes do advento de Nosso Senhor, já que o espírito maligno apenas se preocupa em seduzir e corromper as pessoas que não possuem o conhecimento de Deus. Assim sendo, estes pobres americanos deparam muitas vezes com um determinado mau espírito que ora assume uma forma, ora outra. Chamam-no de *Anhã*³³. Este demônio persegue-os freqüentemente, de dia e de noite, atormentando não só as almas, mas também — e especialmente — os corpos. *Anhã* castiga e machuca excessivamente os índios, fazendo com que por vezes se possa ouvi-los gritando medonhamente e suplicando a algum cristão que porventura se encontre por perto: “Não estás vendo que *Anhã* me bate? Defende-me, se quer que te sirva e corte árvores para ti” (isto porque algumas vezes trabalham para nós, cortando pau-brasil, pelo que lhes damos alguma ninharia). Por esta razão, temem sair de suas ocas à noite, a não ser que levem consigo uma tocha, pois acham que o fogo é um soberano remédio e defesa segura contra tal inimigo.

Da primeira vez que escutei estes casos, achei que não passavam de histórias fabulosas, até que vi pessoalmente um cristão exorcismar este mau espírito simplesmente invocando e pronunciando o nome de JESUS CRISTO.

Ocorre coisa semelhante com os nativos do Canadá e da Guiné. Estes também são atormentados por um espírito de aspecto monstruoso, ao qual chamam de *Grigri*, e ainda por diversas outras visões, sobretudo quando andam pelas matas.

Além do mais, em vista de serem desprovidos de razão e do conhecimento da verdade, os selvagens são muito facilmente sujeitos a cometer uma enorme quantidade de erros e loucuras. Eles atribuem enorme importância aos seus sonhos, achando que todos deverão realizar-se pouco tempo depois. Se sonharam que vão derrotar algum inimigo, ou que por ele serão derrotados, passam a acreditar nisto tão piamente quanto nós nos Evangelhos, não havendo como tentar dissuadi-los de tal idéia.

³³ No original, *Agnan*.

Efetivamente, pensam os filósofos que alguns sonhos decorram naturalmente como consequência dos humores dominantes ou de alguma outra disposição do corpo. Neste caso incluem-se os sonhos relacionados com o fogo, a água, a escuridão e coisas assim. Entretanto, fazer como os selvagens e passar a acreditar nestes sonhos é coisa impertinente e contrária à verdadeira religião.

Macróbio, falando a Cipião acerca das causas dos sonhos, diz que alguns se originam da vaidade de quem os tem, enquanto que outros se prendem às coisas que causem apreensão à pessoa.

Nem só os selvagens americanos, mas também outros povos acreditavam inteiramente nas previsões representadas pelos sonhos, como os lacedemônios, os persas, etc.

Os selvagens têm ainda uma outra crendice estranha e absurda: há uns poucos entre eles, chamados *pajés*, a quem consideram como verdadeiros profetas, declarando-lhes todos os seus sonhos para que eles os interpretem, certos de que suas palavras sejam de fato verdadeiras.

Aqui cabe dizer que a primeira pessoa que interpretou os sonhos teria sido Filon, a crer no que afirma Trogo Pompeu, que depois dele se tornou perito nesta ciência. Já Plínio é de outra opinião e dá a Anfitrião a primazia desta arte. Muitas outras coisas poderíamos aqui acrescentar com referência a sonhos e adivinhações, como por exemplo quais os sonhos que poderiam ou não ser considerados como verdadeiros, ou ainda os seus tipos e causas, dentro daquilo que se pode extrair da leitura dos autores antigos. Contudo, sendo tal assunto contrário à nossa religião, que nos proíbe de crer em tais coisas, prescrevendo-nos que acreditemos somente naquilo que ensinam as Sagradas Escrituras, evitaremos estender-nos neste tema, mesmo porque poderíamos incorrer numa infinidade de erros que de modo algum compensariam a pequena utilidade que ele porventura trouxesse.

Voltemos aos selvagens americanos. Conforme dizíamos, estas criaturas dedicam grande reverência aos seus profetas, aos quais chamam de *pajés* ou *caráibas*, palavras que equivalem a "semideuses". De fato, os americanos são, sem tirar nem pôr, tão idólatras quanto os antigos gentios.

CAPÍTULO XXXVI

DOS FALSOS PROFETAS E MAGOS DESTA TERRA, OS QUAIS SE COMUNICAM COM OS ESPÍRITOS MALIGNOS – E TAMBÉM DE UMA ÁRVORE CHAMADA “AUAI”

Quem são os profetas chamados pajés ou caraíbas, e quais são suas imposturas. – Cerimônias realizadas pelos pajés para a invocação do espírito maligno. – *Utuciré*. – Duas espécies de magia. – Contra aqueles que acreditam em bruxarias. – Teurgia, a magia condenável. – Zabulus. – Qual é a verdadeira magia. – O que significa *magus* na língua persa. – Zamolxis e Zoroastro.

Além das perseguições que sofre por parte do espírito maligno e do seu modo errôneo de interpretar os sonhos, este povo tão distanciado da verdade procede de modo tão irracional que chega ao ponto de adorar ao diabo, através de seus ministros chamados *pajés*, dos quais, aliás, já falamos. Estes pajés ou caraíbas são pessoas de má vida que se dedicam a servir ao diabo, a fim de iludir seus semelhantes. Tais impostores, para disfarçar sua malignidade e fazer-se honrar acima dos outros, não se fixam em um determinado lugar. Tornam-se vagabundos, errando aqui e ali pelas matas ou onde quer que seja, nunca regressando à aldeia junto com o restante da tribo, mas só o fazendo de raro em raro e em determinados horários. Querem com isso fazer crer que estiveram recebendo alguma comunicação dos espíritos referentes a assuntos de interesse da aldeia, e que os espíritos teriam ordenado isso ou aquilo, ou teriam dito que aconteceria tal ou qual coisa, etc. Por causa disso, são acolhidos pela aldeia com toda a honra e consideração, sendo alimentados e sustentados de tudo, sem que tenham de fazer qualquer outra coisa além disso. Os selvagens sentem-se bastante felizes quando conseguem cair nas boas graças do pajé e quando este lhes concede o privilégio de aceitar um de seus presentes.

Quando acontece que um selvagem fique irritado ou tenha alguma rixa com outro, ele logo procurará seu pajé para que este providencie o envenenamento e a conseqüente morte do seu desafeto. Para tanto, o pajé faz uso, entre outras substâncias, do fruto da árvore chamada auai³⁴. Trata-se de um fruto venenoso e mortal, da grossura de uma castanha de tamanho normal. O veneno que contém é de fato forte, especialmente no seu caroço. Os homens costumam administrar este veneno às esposas, quando com elas se zangam ainda que pelo motivo mais insignificante. Ou então são as mulheres que o dão aos maridos. . . . Quando alguma destas infelizes a quem o marido irritou encontra-se grávida, sua vingança consiste não em administrar este veneno, mas em fazer uso ela própria de uma certa erva que provoca o aborto!

Este fruto é branco e tem, tanto externamente quanto em seu caroço, a forma da letra grega delta. Colhem-no os selvagens quando este caroço rompe a casca, utilizando-o

³⁴ Numa homenagem a quem primeiro descreveu esta planta, seu nome científico é *Thevetia ahouai*. (N. do T.)

para fazer chocalhos, que usam pendurados nas pernas, e que são tão sonoros quanto os nossos. Os indígenas por nada dariam um destes frutos recém-colhidos aos estrangeiros, proibindo também às crianças de tocar neles antes que o caroço saia da casca.

A altura do auai é a mesma da pereira. Suas folhas, verdes o ano inteiro, têm três ou quatro dedos de comprimento e dois de largura. A casca é esbranquiçada. Quando se corta algum galho, o auai deixa escorrer uma seiva branca, quase cor de leite. Quando cortada, a árvore exala um cheiro terrivelmente fétido. Por isto os selvagens não utilizam de modo algum sua madeira, nem mesmo para fazer fogo.

Deixo para outra oportunidade a descrição e a enumeração das propriedades de inúmeras outras árvores que dão frutos excepcionalmente belos, mas tanto ou mais venenosos que este último de que falamos, e cuja gravura apresentamos neste livro.

Outra coisa digna de menção é que os selvagens dispensam tais honrarias e reverências aos pajés que chegam até a adorá-los, ou melhor, a idolatrá-los. Pode-se constatar isto quando o pajé regressa de algum lugar e o povilêu vai recebê-lo antes que ele entre na aldeia, prosternando-se e rogando: "Faze com que eu não fique doente, e com que nem eu e nem meus filhos morramos!". Ou então fazem súplicas mais específicas. Ao que o pajé responde: "Tu não vais morrer, nem vais ficar doente", ou coisas semelhantes.

Quando acontece às vezes de ser um pajé pilhado em erro e de não coincidirem os acontecimentos com seus presságios, matam-nos os selvagens sem qualquer problema, de vez que o consideram indigno do título e da dignidade do cargo.

Cada aldeia, de acordo com seu tamanho, mantém um ou dois destes veneráveis. E quando é necessário adivinhar qualquer coisa muito importante, os pajés realizam certas cerimônias e invocações diabólicas, procedendo do modo que a seguir descrevo: em primeiro lugar, mandam que se construa uma choça nova, não permitindo que ninguém nela habite antes de findar a cerimônia. No interior, armam uma rede branca e limpa. A seguir, levam para lá grande quantidade de víveres, incluindo sua bebida tradicional, o cauim, que deve ter sido preparado por uma virgem de dez ou doze anos, e também a farinha de raízes, que usam em lugar do pão. Tudo assim arrumado, reúne-se o povo e conduz seu profeta à cabana. Ali ele ficará sozinho, depois que uma jovem lhe trouxe água para suas abluções. Note-se, porém, que ele, antes de proceder à cerimônia, deverá abster-se de contatos com sua mulher pelo espaço de nove dias. Lá dentro, sozinho, depois que todo o povo se retirou, estende-se o pajé na rede e começa a invocar o espírito maligno, o que demora cerca de uma hora, sendo esta cerimônia desconhecida dos demais. Ao final dessas invocações, chega o espírito, dando-se a revelar pelo som de pios ou assovios (ao que dizem).

Informaram-me alguns selvagens que este mau espírito se manifesta eventualmente no meio do povo reunido. Embora não se deixe ver, dá-se a perceber por meio de ruídos ou de uivos. Então, gritam todos a uma só voz: "Nós te pedimos que digas a verdade ao nosso pajé que te espera lá dentro!".

As indagações feitas ao espírito referem-se às guerras contra seus inimigos. Perguntam-lhe sempre quem alcançará a vitória. Ouvem-se habitualmente as mesmas respostas: alguém será preso e devorado pelos inimigos, um outro será malferido por algum bicho feroz, e coisas deste tipo, dependendo do que for perguntado.

Um silvícola contou-me que seu profeta, entre outras coisas, havia previsto nossa chegada. Chamam a este espírito de *uiucirã*³⁵. Estes e muitos outros fatos foram-me

³⁵ No original, *houiulsira*. (N. do T.)

confirmados por alguns cristãos que aí vivem há muitos anos. Contaram-me também que os selvagens não se lançam a nenhuma empresa sem antes consultar seus adivinhos.

Quando a cerimônia secreta chega ao seu final, sai da cabana o pajé, sendo incontinenti rodeado pelo povo, ao qual faz uma arenga, narrando tudo o que lá dentro ele ouviu. Depois disso, só Deus é quem sabe quantas dádivas e presentes que ele recebe!

Não foram os americanos o primeiro povo que praticou a magia condenável. Já antes deles esta prática foi usual entre diversas nações, até à época de Nosso Senhor, que arruinou e aniquilou o poder que Satã exercia sobre o gênero humano. Por conseguinte, razões existem para que tal prática seja proibida pelas Escrituras.

A magia pode ser de duas espécies principais. Uma é a que o homem emprega para comunicar-se com os espíritos malignos, e a outra é a que lhe permite desvendar os segredos mais íntimos da Natureza. A primeira é, de fato, mais viciosa que a segunda, mas ambas derivam da enorme curiosidade humana. Ora, desde que temos todos aqueles conhecimentos de que temos precisão e sabemos tudo quanto apraz a Deus que saibamos, que necessidade teríamos de pesquisar e descobrir os segredos da Natureza e outras coisas, cujo conhecimento reservou Nosso Senhor para Si próprio? Tal indiscrição revela mentalidade atrasada, ignorância, ausência de fé e de boa religião. A maior vítima deste embuste é a gente simples, que crê em tais imposturas.

O que mais me causa espanto é o fato de que se permita, num país onde há leis e polícia, que pulule tais indignidades, e que se veja uma legião de bruxas velhas com suas ervas nos braços e seus cartazes pendurados ao pescoço, anunciando seus poderes misteriosos e suas cerimônias onde se alcança a cura de febres, além de outras coisas que não passam de verdadeira idolatria e que são dignas de severa punição. E o pior é que hoje em dia essa cegueira atinge até mesmo as pessoas de condição mais elevada, aquelas das quais seria de se esperar que possuíam maior discernimento e razão. Assim sendo, não deve causar admiração o fato de que os mais humildes aceitem prontamente tais embustes, já que seguem o exemplo daquelas pessoas que presumivelmente deveriam ser as mais sábias.

Ó cega estupidez! De que nos servem as Sagradas Escrituras, as leis e as outras boas ciências que Nosso Senhor nos permitiu conhecer, se vivemos dentro do erro e da ignorância, tanto quanto estes pobres selvagens, e mais grosseiramente que as próprias feras? E, apesar de tudo, gostamos de alardear estultamente nossa imensa sabedoria e nossas excelsas virtudes. Não é de admirar, portanto, que os antigos tenham incorrido em erro, já que não conheciam a verdade — embora procurassem por todos os meios esta verdade que os selvagens americanos conhecem menos ainda. A vaidade do mundo só cessará quando Deus assim o quiser.

Ora, voltando ao assunto que tínhamos começado a explicar, há uma certa magia condenável, chamada *teurgia* ou *goecia*, repleta de encantamentos, palavras, cerimônias e invocações, apresentando-se sob diversas modalidades. Diz-se que seu inventor teria sido Zabulus. Quanto à verdadeira magia, que consiste unicamente em estudar e observar os fenômenos celestes e com isto celebrar e honrar a Deus, esta tem sido louvada por inúmeras altas personalidades. Magos eram os três nobres reis que visitaram Nosso Senhor. Tal magia tem sido considerada como a sabedoria perfeita. Por isso, os persas não admitiam que se entregasse a coroa do seu império a alguém que não tivesse sido educado nos ensinamentos da magia, ou seja, a quem não fosse sábio. Isto porque *magus* em sua língua significa exatamente “sábio” na nossa, *sophós* em grego, *sapiens* em latim. Desta magia, consta que os inventores teriam sido Zamolxis e Zoroastro, não o famoso, mas o filho de Oromásio.

Magia

Em seu *Alcibiades*, Platão diz que não acredita ser a magia de Zoroastro outra coisa senão o conhecimento e a louvação de Deus. Com o objetivo de estudar esta ciência, aventurou-se ele próprio, assim como também o fizeram Pitágoras, Empédocles e Demócrito, através de mares e terras, indo alcançar aquele longínquo país.

Sabe-se que Plínio e muitos outros procuraram descrever esta ciência e indicar os lugares e as nações onde ela era praticada e estudada, os que a inventaram e desenvolveram, etc, mas tudo de modo pouco claro, sem precisar o tipo de magia ao qual se referiam, visto que dela existem diversas espécies.

Disse todas essas coisas porque elas me pareceram apropriadas para o momento, complementando nossas informações referentes aos selvagens americanos.

CAPÍTULO XXXVII

DA CRENÇA DOS SELVAGENS AMERICANOS DE QUE A ALMA SEJA IMORTAL

Contra os ateístas. — Idéias dos selvagens acerca da imortalidade da alma.
— *Xerepiquara*. — Pindauçu, chefe indígena. — Superstição dos selvagens.

Essa pobre gente, por maiores que sejam seus erros e sua ignorância, são estes sem comparação mais toleráveis que os dos condenáveis ateístas dos nossos tempos, os quais, não contentes com a graça de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus eterno — sendo portanto as mais perfeitas de todas as criaturas — esquecem-se de todos os ensinamentos das Escrituras e de todos os milagres já realizados, parecendo desdenhar de tudo isto e agindo como feras selvagens, sem lei nem razão. E já que assim o preferem, dever-se-ia tratá-los como bichos, pois não há animal irracional que não sirva ao homem e não o obedeça, conforme podemos constatar diariamente, de vez que é o Homem a imagem de Deus. Estes ateístas hão de saber algum dia se de fato nada mais resta depois que a alma deixa o corpo. Antes disto, entretanto, praza a Deus iluminá-los, ou então riscá-los em boa hora da face da terra, de modo que nunca mais venham a causar danos ao próximo.

Quanto aos nossos pobres índios, julgam eles que a alma (chamam-na de *xerepiquara*)³⁶ seja imortal. Ouvi isto deles mesmo quando lhes indaguei acerca do que aconteceria ao seu espírito depois da morte. Responderam-me que as almas daqueles que combateram corajosamente seus inimigos seguem juntamente com diversas outras almas para locais aprazíveis: bosques, jardins, pomares. Por outro lado, as dos que não lutaram com denodo em defesa de sua tribo, vão-se elas com Anhã.

Tive de certa feita a oportunidade de interrogar sobre este assunto um grande chefe indígena que viera ver-nos de trinta léguas de distância. Em um tom que se poderia chamar de furioso, respondeu-me mais ou menos nestas palavras: “Então tu não sabes que depois da morte nossas almas se retiram para uma terra longínqua e aprazível, onde se reúnem com muitas outras, conforme nos contam os pajés que as visitam freqüentemente e conversam com elas?” Eles acreditam piamente nesta idéia, considerando-a uma verdade irrefutável.

De outra feita, tendo ido visitar um outro chefe indígena chamado Pindauçu³⁷ e encontrando-o em sua rede acometido de uma febre rebelde, foi ele quem tomou a iniciativa de interrogar-me, querendo saber, entre outras coisas, o que sucederia às almas dos *maíres* (nome pelo qual nós chamam) após a morte. Respondi-lhe que elas iam para junto de Tupã, o que ele aceitou tranqüilamente, dizendo-me depois: “Vem cá: ouvi tuas belas palavras acerca de Tupã. Tu dizes que ele pode fazer qualquer coisa. Fala com ele por mim. Pede-lhe que me cure. Se eu sarar, darei a ti muitos presentes maravilhosos. Usarei

³⁶ No original, *cherepicovare*.

³⁷ No original, *Pindahousou*.

roupas, deixarei a barba crescer e honrarei a Tupã, do mesmo modo que tu." Curou-se, de fato, e o Senhor de Villegagnon resolveu batizá-lo e conservá-lo ali com ele.

Outra tola crendice dos silvícolas refere-se às tempestades e tormentas, muito frequentes nestas terras. Acreditam que sejam causadas pelas almas dos parentes e amigos de seus inimigos. Por isto, quando navegam por mar ou por rio guerreando seus vizinhos, se sobrevém uma tempestade, atiram algum objeto às águas, à guisa de oferenda, presumindo que o presente tenha a virtude de apaziguar os elementos.

Quando um selvagem morre, tenha sido chefe da tribo ou não, e algum objeto que lhe pertencesse esteja em mãos de outra pessoa, esta não o conserva consigo, mas leva-o para a oca do morto, a fim de devolvê-lo publicamente, para que seja enterrado junto com o corpo. Caso assim não proceda, acreditam os selvagens que a alma, depois de retirar-se do corpo, viria perturbá-lo por causa do tal objeto. Deus bem que poderia fazer com que muitos dentre nós passassem a pensar deste modo! Tenho absoluta certeza de que, então, tantas pessoas não mais conservariam os bens alheios sem qualquer receio ou vergonha, como se costuma fazer hoje em dia. . .

Então, tendo devolvido ao morto tudo o que lhe pertencia em vida, seu corpo é amarrado bem firmemente com cordas feitas de algodão ou das cascas de certas árvores. Os selvagens acreditam que deste modo o morto não poderá regressar do Além, coisa de que têm pavor. Dizem que isto já aconteceu a alguns de seus antepassados, e por isto resolveram agir assim. Com isto estas pobres criaturas demonstram ter tanta espiritualidade quanto engenho.

CAPÍTULO XXXVIII

DE COMO ESTES SELVAGENS FAZEM GUERRA UNS CONTRA OS OUTROS, ESPECIALMENTE CONTRA AQUELES QUE CHAMAM DE "MARGAJÁS" E "TABAJARAS"; E DE UMA ÁRVORE CHAMADA "AIRI", DA QUAL FAZEM SUAS CLAVAS DE GUERRA

Estrepes dos selvagens. — Farinha de raízes e outros víveres. — Armas dos selvagens. — *Airi* (árvore). — Ébano (árvore). — Escudos dos selvagens.

Estes selvagens da América vivem em pé de guerra com seus vizinhos, especialmente com os *margajás*³⁸ e *tabajaras*. Como não conhecem outra maneira de apaziguar suas querelas, batem-se com bravura e sem tréguas. O número dos combatentes sobe às vezes a seis mil, a dez mil, ou até mesmo a doze mil homens, quando lutam aldeias contra aldeias. Mas os índios também se matam uns aos outros quando se encontram casualmente. O mesmo costume prevalece entre peruanos e canibais.

Antes de empreender alguma grande empresa, seja de guerra ou outra qualquer, os silvícolas primeiramente reúnem-se em assembléias conduzidas pelos anciãos, nas quais não tomam parte as mulheres e crianças. Nelas, os índios procedem com urbanidade e discrição. Sucedem-se os oradores uns após os outros: todos são atentamente escutados. Terminada a arenga, cada orador passa a palavra ao seguinte, e assim por diante. Os ouvintes ficam todos sentados no chão, exceto alguns poucos que, em virtude de algum privilégio proveniente de sua linhagem ou seja lá do que for, se conservam sentados em suas redes. Vendo isto, veio-me à memória aquele louvável costume dos governantes de Tebas, antiga cidade grega, os quais também se sentavam no chão quando se reuniam para deliberar sobre as questões de sua república. Este modo de agir parece que se baseava naquela idéia que os filósofos têm como certa, de que o corpo assentado e em repouso deixa os espíritos livres das preocupações físicas e, conseqüentemente, mais prudentes.

Um estranho costume dos americanos é o de jamais acertarem entre si qualquer trégua ou acordo. Nisto não se assemelham a outras nações, mesmo em se tratando das mais cruéis e bárbaras, quais sejam as dos turcos, mouros e árabes. Penso que se Teseu por aqui aparecesse, ele que foi o primeiro a combinar uma trégua entre os gregos, ficaria totalmente embaraçado pela ineficácia de seus argumentos. . .

Eles empregam certos ardis de guerra para surpreender os inimigos. Alguns são semelhantes aos que também se usam alhures. E como a inimizade entre as tribos americanas é profunda e perpétua, os índios defrontam-se freqüentemente, lutando entre si o mais furiosamente que podem. Em vista disto, tanto os de um lado quanto os de outro são obrigados a fortificar suas aldeias com pessoal e armas.

³⁸ No original, "margageas". Os *maracajás* habitam o litoral entre a Baía de Guanabara e a foz do Rio Paraíba do Sul. (N. do T.)

Reúnem-se os índios em grande número para seus ataques de surpresa, preferindo empreendê-los à noite. Em contrapartida, também tomam suas providências para que os inimigos não os surpreendam. Fincam, ao redor de seus abrigos, numa distância de um arremesso de arco, uma infinidade de agudíssimas cavilhas de madeira, de tal maneira que quase não se podem ver suas pontas que saem do chão. A melhor comparação que me vem à mente é a dos estrepes que se usam entre nós. Seu objetivo é ferir os pés dos selvagens, sempre nus como o resto do corpo. Com isso, frustram a surpresa do assalto e os atacantes acabam por ser mortos ou aprisionados.

Os selvagens prestam grandes honras àqueles que saem de sua aldeia para atacar os inimigos dentro de seu próprio território. Se eles porventura conseguem voltar trazendo muitos prisioneiros, maiores ainda serão as festas e honrarias que lhes serão dispensadas, passando a ser tratados como reis ou grão-senhores, especialmente os que fizeram maior número de vítimas.

Quando querem surpreender uma aldeia inimiga, eles seguem à noite sorrateiramente pelas florestas, quais raposas, esperando durante todo o tempo que for necessário, até que surja a oportunidade de se arremessarem sobre os adversários. Alcançando a aldeia, usam a tática de atear fogo às cabanas dos inimigos, que assim terão de deixá-las, trazendo para fora toda a sua família e seus pertences. Neste momento, inicia-se entre eles uma confusa troca de golpes de flecha, seguindo-se um terrível corpo-a-corpo onde predominam golpes de clavas e porretes. Contemplar tal espetáculo não constitui, positivamente, um agradável passatempo. Eles se agarram e se mordem em todas as partes do corpo dos inimigos que lhes passem ao alcance das garras e dos dentes, mesmo que seja pelos beijos perfurados. A fim de intimidar os inimigos, mostram-lhes às vezes os ossos daqueles que foram derrotados e devorados por eles. Em suma, empregam todos os meios para desmoralizar os rivais.

Finda a refrega, voltam os vitoriosos com seus prisioneiros, trazendo-os maniatados como ladrões. E quando estes bravos guerreiros regressam triunfantes a seus lares, só Deus sabe das festas e do alarido com que são recebidos!

As mulheres seguem com seus maridos para a guerra. Não tomam parte nos combates, como as amazonas. Sua incumbência é a de carregar armas e víveres, preparar os alimentos, etc. Eventualmente são obrigadas a ficar fora de casa, nestas andanças, pelo espaço de cinco ou seis meses!

Quando resolvem partir para a guerra, os selvagens incendeiam suas cabanas e deixam enterrados seus pertences mais preciosos, até o dia de seu regresso.

Pelo número de mulheres a serviço de cada homem, pode-se avaliar o grau de consideração de que ele desfruta.

Suas provisões de guerra são seus alimentos comuns: farinhas de raízes (delicadíssimas enquanto novas, mas ainda perfeitamente comestíveis quando começam a ficar velhas, lembrando cevada ou aveia) e, de resto, carnes de animais selvagens e peixes, tudo defumado no moquém.

As mulheres ainda carregam as redes de algodão. Os homens não trazem nas mãos senão seus arcos e flechas.

Suas armas são grossos espadões de madeira, muito duros e pesados. De resto, arcos e flechas. Tanto os arcos quanto as flechas têm comprimento uma vez e meia maior do que os usados pelos turcos. As flechas são feitas ou de canas marinhas, ou da madeira de uma árvore chamada *airi*, cujas folhas são semelhantes às de uma palmeira. Por ter a madeira uma cor de mármore negro, julgam alguns que ela seria um tipo de ébano. Eu

não penso assim, pois o ébano verdadeiro é mais brilhante. Além do mais, a árvore do ébano não se parece com o airi, que tem o tronco todo espinhento. Acrescente-se que o ébano legítimo provém de Calicute e da Etiópia.

A madeira do airi é tão pesada que não flutua na água, afundando como o ferro. Por isso, preferem-na os selvagens para fabricar seus espadões de guerra. O airi dá um fruto grosso como uma péla, mas ligeiramente pontudo numa das extremidades. Dentro dele existe um caroço branco como neve. Trouxe uma boa quantidade deste fruto para a França.

Ainda desta maneira, fazem os selvagens belos colares. Por ser ela duríssima e resistente (como há pouco dissemos), as flechas que com ela se fabricam podem atravessar o melhor corselete.

A terceira peça de seu armamento é o largo escudo que usam nos combates. Ele é feito do couro de um animal local³⁹, semelhante às nossas vacas no que se refere à cor, mas diferente no tamanho. Estes escudos são tão fortes e resistentes quanto os broquéis barceloneses, não se deixando penetrar nem mesmo pelas balas dos arcabuzes!

E já que falamos de arcabuzes, muitos dos selvagens possuem dessas armas. Conseguiram-nas com os cristãos que freqüentam estas paragens. Todavia, não sabem manejá-las, dando apenas eventualmente alguns tiros para o ar, mas com grande dificuldade, e unicamente para assustar seus inimigos.

³⁹ Jean de Léry diz que estes escudos são feitos de couro de anta. (N. do T.)

CAPÍTULO XXXIX

DE COMO OS SELVAGENS COMBATEM TANTO NA ÁGUA QUANTO EM TERRA

Motivo das guerras que os selvagens travam entre si. — Os selvagens são obstinados e corajosos. — O costume de devorar os inimigos. — Uma expressão. — Os habitantes do Rio de Janeiro são inimigos dos selvagens de Morpião. — Canoas feitas de cascas de árvore. — Superstição dos selvagens referentes ao descascamento das árvores. — Americanos aliados dos franceses. — Tola superstição americana, também encontrada entre os turcos e mouros. — Tamborins, pífaros e outros instrumentos que excitam os espíritos.

Se o leitor perguntar por que estes selvagens fazem guerras uns contra os outros, conquanto quase não existam entre eles diferenças hierárquicas, nem riquezas que despertem cobiças, e sendo que a terra lhes concede até mais do que necessitam, só poderia responder-lhe que as causas de tais guerras são absolutamente fúteis. Move-os apenas o mero apetite de vingança, e nada mais, tal e qual se fossem animais ferozes. Como uma desculpa para sua impossibilidade de selarem um acordo honesto, alegam que seus vizinhos e eles têm sido inimigos desde todo o sempre. . .

Assim sendo, reúnem-se os índios em grande número (conforme relatamos há pouco) e partem para atacar os inimigos, especialmente no caso de terem sofrido alguma agressão recente. Onde quer que se encontrem, batem-se com flechas até que se aproximam suficientemente para passar ao corpo-a-corpo. Aí, então, agarram-se pelos braços ou pelas orelhas, esmurrando-se firmemente. Cavalos, ninguém utiliza, nem mesmo os mais fortes, ao contrário do que se poderia supor.

Nas guerras, demonstram grande obstinação e coragem. Antes de entrarem em luta aberta (o que já descrevemos no capítulo precedente), postam-se no campo onde se travará o combate, afastados do inimigo à distância de um tiro de arcabuz. Durante um certo tempo (às vezes, um dia inteiro), ficam trocando injúrias e ameaças, fazendo uns para os outros as mais cruéis e medonhas caretas que podem, ululando e gritando com tal estridor que não se conseguiria ouvir o ronco de um trovão. Revelam ainda suas terríveis intenções por meio de gestos, erguendo seus braços e mãos, e exibindo suas clavas e tacapes, enquanto vociferam: "Nós somos valentes! Ontem, devoramos vossos pais; hoje, devorar-vos-emos!". A gravura mostra como fazem enquanto gritam estas e outras ameaças semelhantes.

Assim fazendo, os selvagens parecem estar imitando a antiga tática dos guerreiros romanos, que antes de entrarem na refrega gritavam de maneira terrível, proferindo medonhas ameaças. Este modo de agir foi posteriormente utilizado pelos gauleses em seus combates, conforme nos conta Tito Lívio. Tais procedimentos pareceram-me bastante diferentes do sistema empregado pelos aqueus. Revela-nos Homero que este povo, nos momentos que antecediam às batalhas e ataques, evitava fazer qualquer ruído e dizer a menor palavra.

A maior das vinganças praticadas pelos selvagens, a que me parece ser a mais cruel e indigna, é a de devorar os inimigos. Quando capturam prisioneiros de guerra e não têm meios de conduzi-los à sua aldeia, cortam-lhes os braços ou as pernas e, se houver tempo antes de recomençar o combate, devoram-nos ali mesmo, enquanto não chega a hora de se retirarem do local. Caso contrário, cada um leva seu pedaço maior ou menor. Sempre que podem, levam os cativos para a sua aldeia, mas ali também o devorarão posteriormente.

Os antigos turcos, mouros e árabes também procediam de modo quase idêntico. Ainda hoje usa-se entre eles a seguinte expressão corrente: Quisera ter comido teu coração". Também as armas que estes povos empregavam eram bastante semelhantes às dos selvagens. Entretanto, depois que os cristãos lhes revelaram e ensinaram os segredos da fundição dos metais e do fabrico das armas de fogo, empregam-nas hoje em dia em seus combates. Queira Deus que tal não se dê com os demais povos selvagens, sejam os americanos ou sejam outros.

Além disso, esses indígenas também se aventuram nas águas do mar e dos rios, sempre com o objetivo de ir ao encontro do inimigo. É o que fazem, por exemplo, nossos índios do Rio de Janeiro quando vão guerrear os que vivem em Morpião⁴⁰. Tanto os portugueses quanto os índios que aí residem são inimigos dos franceses e dos selvagens instalados na região do Rio de Janeiro.

As embarcações que os índios usam são pequenas canoas, isto é, barcos feitos da casca de certas árvores, sem pregos nem cavilhas, de 5 ou 6 braças de comprimento e 3 pés de largura. Note-se que não lhes interessa construir embarcações mais sólidas, pois não conseguiriam manobrá-las com a necessária habilidade quando se tratasse de fugir dos inimigos ou então de persegui-los.

Os selvagens observam um tolo preceito quando vão despojar as árvores de suas cascas — o que fazem, aliás, tirando a casca desde a raiz até à copa. Nesse dia, nada bebem nem comem. Dizem eles — e nisso acreditam firmemente que estariam sujeitos a grandes azares nas suas navegações se não procedessem desta maneira.

Suas flotilhas de guerra são compostas de cem ou cento e vinte canoas, mais ou menos, levando, cada uma, de quarenta a cinquenta pessoas, entre homens e mulheres. Cabe a estas a tarefa de tirarem fora a água que entra pelas frestas da canoa. Fazem-no com o auxílio de uma pequena vasilha feita da casca de certo fruto do qual extraem a polpa.

Os homens ficam bem abrigados no fundo da embarcação, carregando as armas. As canoas seguem junto à margem. Quando os selvagens deparam com alguma aldeiazinha no trajeto e sentem-se suficientemente fortes para saqueá-la, descem à terra e lançam-se ao ataque, deixando atrás de si um rastro de fogo e de sangue.

Pouco antes de nossa chegada, os selvagens aliados dos franceses tinham aprisionado no mar um pequeno navio português, que tinham abandonado próximo da praia, apesar da resistência oferecida pelos seus tripulantes, que dispunham inclusive de artilharia. Não obstante, a embarcação fora aprisionada e os marujos devorados, salvo alguns que conseguimos resgatar quando ali aportamos. Este episódio serviu para mostrar-nos que se assim trataram os selvagens aos seus inimigos portugueses quando os capturaram, idêntico tratamento teríamos nós os franceses se por infelicidade fôssemos aprisionados pelos índios que se consideram nossos inimigos.

⁴⁰ No original, Morpion. Trata-se de nome indígena da região que se estendia entre a Vila de São Vicente e o litoral de Santa Catarina, habitada pelos tupiniquins. (N. do T.)

De resto, seus combates navais são em tudo semelhantes aos que travam entre si em terra. Se acontece que o mar esteja bravo, jogam às águas uma pena de perdiz ou qualquer outra coisa, acreditando que deste modo conseguirão aplacar a fúria das ondas. De maneira algo semelhante procedem os mouros e turcos em idêntica situação: banham seus corpos nessas águas turbulentas, obrigando os que os acompanham a agir de modo igual, não importa de quem se trate, como aconteceu comigo em certa ocasião.

Quando nossos selvagens regressam vitoriosos a seus lares, são recebidos pelos que lá ficaram com demonstrações de júbilo, ao som de pífaros, tamborins e cânticos. É muito interessante ouvir-se esta música, tocada com instrumentos primitivos, feitos de frutos dos quais se retira a polpa, ou então de ossos de animais (quando não de ossos humanos. . .). Estes instrumentos de guerra são ricamente enfeitados com alguns penachos decorativos. Trata-se de um costume muito antigo, que se conservou inalterado até os dias que correm.

Flautas, tamborins, etc, parecem despertar os ânimos adormecidos, reavivando-os qual sopro de fole no braseiro semi-apagado. Realmente, não me parece haver melhor meio de inflamar os espíritos do que o som destes instrumentos, pois a música excita não apenas os homens, mas até mesmo os cavalos! Não que eu queira com isso fazer qualquer comparação entre ambos, mas os cavalos até parecem estremecer ao som da música, em virtude da alegria que lhes enche o coração. Este fato tem sido freqüentemente observado através dos tempos.

Na verdade, não só os americanos, mas também outros povos bárbaros têm o costume de realizar seus assaltos e combates ao som de medonhos gritos e uivos, como veremos dentro em pouco no capítulo referente às Amazonas.

CAPÍTULO XL

DE COMO ESSES BÁRBAROS MATAM E DEVORAM SEUS PRISIONEIROSD DE GUERRA

Tratamento dado pelos selvagens aos seus prisioneiros. — Os selvagens não temem a morte. — Tratamento dispensado às moças e mulheres aprisionadas. — Cerimônias da execução dos prisioneiros. — *Cauim* (bebida). — Canibais: inimigos mortais dos espanhóis. — Antropófagos.

Após ter relatado como os selvagens da América levam seus inimigos capturados na guerra para suas tabas, resta narrar o modo como os tratam, findas as hostilidades. Os prisioneiros trazidos para a aldeia — cada guerreiro pode trazer quantos quiser, mas geralmente só traz um ou dois — serão ali regamente tratados. Cinco dias depois de sua chegada, entrega-se ao prisioneiro uma mulher, que pode ser até mesmo a filha daquele que o capturou! Ela está encarregada de prover a todas as suas necessidades, inclusive a de fazer-lhe companhia na rede. Ao mesmo tempo, são-lhe servidos os melhores alimentos que se puderem encontrar. O objetivo é o de engordá-lo, qual capão na ceva, até que chegue o dia de matá-lo.

Sabe-se facilmente qual é esse dia da execução pelo exame de um colar de fio de algodão que o prisioneiro traz ao pescoço. Enfiam-se neste colar, como contas de rosário, certos frutos redondinhos, ou então ossos de peixe ou de outro animal. Se os índios querem, por exemplo, manter o prisioneiro durante quatro ou cinco luas, enfiam no colar igual número de contas. Estas irão sendo retiradas à medida que se sucedem as luas, até chegar-se à última. Então, matam-no.

Em outras tabas, ao invés de contas em um colar, colocam no pescoço do prisioneiro tantos colares quantas luas de vida ele ainda terá. A propósito, quero aqui lembrar que os selvagens só sabem contar até cinco, desconhecendo por completo o que sejam horas, dias da semana, meses ou anos. Marcam o tempo apenas por luas. Este mesmo processo foi outrora imposto por Sólon aos atenienses, ou seja, o de marcar-se o tempo pelo curso da Lua.

Se porventura nascerem filhos da união do prisioneiro e da mulher que lhe foi dada, eles serão criados na tribo durante algum tempo, mas depois também serão devorados porque, afinal de contas, são filhos de um inimigo.

Depois que o prisioneiro está devidamente cevado e engordado, matam-no, considerando uma grande honra o ato da execução. E para a solenidade convidam todos os seus amigos, que moram mais distante, para que venham assistir às festas e participar do banquete.

Nesse dia, o prisioneiro é deitado na rede e preso com correntes de ferro (cujo uso, aliás, foi introduzido entre os índios pelos cristãos). Durante todo o dia e toda a noite, o condenado entoia canções como esta: “Meus amigos margajás são pessoas honradas e são

hábeis e fortes guerreiros. Eles prenderam e devoraram grande número de inimigos. Agora serei devorado por eles, no dia marcado. Eu, porém, já matei e devorei muitos parentes e amigos do homem que me aprisionou". E outras canções como esta. Isto mostra claramente que a morte quase não lhes causa preocupação de espécie alguma.

Tive diversas oportunidades de conversar com prisioneiros na véspera de sua morte. Quando perguntava a esses bravos e fortes guerreiros se não se importavam absolutamente com o fato de estarem prestes a ser executados, viravam-se para mim entre risos e zombarias: "Meus amigos virão vingar-me", diziam, seguros de si e cheios de coragem. E se alguém por acaso dissesse que iria tentar libertá-los das mãos dos inimigos, novamente faziam troca de suas palavras.

Quanto às mulheres e moças capturadas na guerra, são conservadas como prisioneiras durante algum tempo, do mesmo modo que os homens, e tratadas de maneira idêntica, salvo pelo fato de que não lhes dão um marido. Por outro lado, não ficam totalmente presas, mas têm liberdade de andar por aqui e ali. Mandam-nas ajudar nos trabalhos agrícolas e na pesca de ostras.

Mas voltemos à execução do prisioneiro. O dono deste, como dissemos, convida todos os seus amigos para o grande dia, para que venham comer sua parte dos despojos e beber muito cauíim (bebida feita de milho e raízes). No dia solene, todos os assistentes adornam-se com belas plumas de diversas cores, ou pintam o corpo inteiro, especialmente aquele que irá desferir o golpe fatal. Este carrasco deverá estar o mais completamente ataviado que puder, trazendo sua espada de madeira ricamente guarnecida de penas. Quanto maiores forem os preparativos para a sua morte, e mais radiante ficará o condenado. Terminados os preparativos, conduzem-no à praça pública, devidamente amarrado com cordas de algodão, acompanhado de dez ou doze mil selvagens. Ali, executam-no do mesmo modo como se mata um porco: a porretadas. Estas, porém, são precedidas de um longo cerimonial. A mulher que tinha sido dada ao prisioneiro, morto este, guardará um luto aliviado.

Logo depois que o matam, os selvagens reduzem o corpo a postas, tomando o cuidado de aparar o sangue. Lavam seus filhos homens neste sangue com o fito de torná-los mais corajosos, conforme pensam, e de mostrar-lhes como deverão proceder com os inimigos quando chegarem à idade adulta. É de crer que os seus contrários procedam de maneira idêntica em relação a eles.

Retalhado o corpo e assado à moda indígena, seus pedaços serão distribuídos entre tantas pessoas quantas ali se encontrem. Cada pessoa recebe seu naco. Geralmente, às mulheres cabem as entranhas. A cabeça, eles a reservam para espetá-la na ponta de uma vara que é colocada sobre suas ocas, como sinal de vitória e triunfo. Causa-lhes prazer especial espetar a cabeça de um português. . .

Os canibais e os que vivem às margens do Rio Marinhão⁴¹ são ainda mais cruéis em relação aos seus inimigos espanhóis, dando-lhes morte incomparavelmente mais atroz, e igualmente devorando-os em seguida.

A História não nos fala de nenhuma outra nação que tenha sido tão bárbara e que tenha tratado seus inimigos com uma tão excessiva crueldade. Sabe-se apenas, de acordo com os escritos de Josefo, que houve algo de semelhante em Jerusalém quando os romanos ali chegaram: Após terem seus habitantes dado cabo de todos os víveres, a terrível

⁴¹ No original, "Marignan". Trata-se do Rio Amazonas, que os espanhóis chamavam de Marañon. Em Portugal ainda se diz "castanha-do-marinhão", ao invés de castanha-do-pará. (N. do T.)

fome que se seguiu obrigou as mães a matar seus filhos e devorá-los! Conhecem-se também os *antropófagos* da Cítia, que se alimentam de carne humana, assim como estes que ora descrevo.

Retomemos a descrição. O selvagem que executou o prisioneiro, cumprida a sua tarefa, retira-se para sua morada, onde permanece todo o dia sem comer nem beber, deitado em sua rede, onde fica durante três dias seguidos sem pôr o pé no chão. Se tiver necessidade de ir a um lugar qualquer, pedirá que para lá o transportem, em virtude da tola e generalizada crendice de que se ele assim não proceder, poderá ser vítima de algum infortúnio, arriscando-se até mesmo a morrer! Depois de um determinado tempo, tomará ele de um instrumento cortante, feito dos dentes de um animal chamado aguti (cutia), e com ele fará diversas incisões e furinhos em vários pontos do corpo, especialmente no peito, que ficará todo marcado. Perguntando a alguns deles o porquê de tal procedimento, responderam-me que era devido ao regozijo pela excelsa glória de ter sido escolhido para executar um inimigo.

Quando censurei a um destes carrascos a crueldade de sua ação, replicou-me ele pronta e indignadamente, dizendo que nós, sim, é que deveríamos nos envergonhar de perdoar nossos prisioneiros de guerra. Melhor faríamos se os matássemos, não lhes fornecendo uma outra oportunidade de iniciar outra guerra contra nós. Eis o modo de pensar deste povo ignorante.

Devo ainda acrescentar, a propósito deste assunto, que também as jovens fazem incisões no corpo, durante os três dias que se seguem ao primeiro fluxo de sangue próprio das mulheres. Em consequência disto, chegam elas às vezes a ficar bem doentes. Durante este tempo, devem abster-se de certos alimentos, de sair de casa e até mesmo de pisar no chão, cumprindo o mesmo ritual dos carrascos, conforme há pouco relatamos. Permite-se apenas que se assentem sobre uma certa pedra, ali colocada unicamente para tal fim.

CAPÍTULO XLI

DE COMO ESSES SELVAGENS SÃO EXTRAORDINARIAMENTE VINGATIVOS

A vingança é proibida aos cristãos. — História de um português aprisionado pelos selvagens. — Honestidade dos selvagens, mas não em relação aos cristãos.

Não é muito de se admirar que este povo, que vive nas trevas porque ignora a verdade, não se dê por satisfeito em somente desejar a vingança, mas efetivamente dispenda todos os esforços possíveis para levá-la a cabo. Digo isto porque os próprios cristãos, a quem tal sentimento é expressamente proibido pelas Escrituras, nem sempre conseguem evitá-lo, agindo como se pretendessem imitar a Melício, para o qual não se deveria jamais perdoar os inimigos. Este erro, que perdurou por longo tempo no Egito, foi contudo abolido posteriormente por um imperador romano. Desejar a vingança significa odiar o próximo, coisa completamente contrária aos preceitos da nossa lei.

Entretanto, no que concerne a esta gente que, conforme por diversas vezes falamos, vive sem fé e sem lei, tal atitude não é de todo estranha. E assim é que todas as suas guerras não se devem senão a um absurdo e gratuito sentimento de vingança. Podeis ficar certos de que os selvagens são e continuarão sendo dominados por este desarrazoado sentimento, a não ser que se consiga modificá-los.

É tamanha a ignorância desses infelizes, que chegam às vias de fato por dá-cá-aque-la-palha! Se um espinho os espeta, ou se uma pedra os fere, enchem-se de cólera e esmagam aquilo que lhes causou a dor, reduzindo-o a cem mil pedaços, como se tal ente inanimado possuísse algum sentimento! Isto é devido unicamente à sua falta de discernimento.

A bem da verdade, sou forçado a acrescentar um certo pormenor, embora o faça com um pouco de vergonha. É que eles se vingam até mesmo dos piolhos e pulgas, mas de um modo antes bestial que razoável: esmagando-os... com os dentes!

Não se pense jamais em reconciliar um silvícola com alguém que ele julgue tê-lo ultrajado, por menor que seja a ofensa. Isto é um sentimento que se transmite de pai para filho. Pode-se vê-los ensinando os seus filhos de três ou quatro anos a manejar o arco e a flecha, exortando-os continuamente a ser corajosos, a tirar vingança de seus inimigos, a não perdoar quem quer que seja — antes morrer! Assim, quando caem prisioneiros uns dos outros, não se pense que procurem algum meio de escapar, pois nada mais esperam do que morrer deste modo, que consideram dignificante e honroso. Por isto, costumam zombar de nós e repreender-nos asperamente por libertarmos nossos prisioneiros, seja a troco de resgate ou seja por que motivo for, considerando este costume indigno de um guerreiro de verdade. “Quanto a nós”, dizem, “jamais faríamos tal coisa”.

Aconteceu de certa feita que um português, tendo caído nas mãos destes selvagens, achou que poderia salvar sua vida com belos discursos. Pôs-se então a suplicar-lhes que o libertassem, empregando as mais ternas e doces palavras de que se lembrou. Entretanto, a

única coisa que conseguiu foi que o matassem a flechadas ali no próprio local onde fora aprisionado. "Que seja assim", disseram, "pois não mereces que te matem honradamente e em boa companhia, como fazemos aos outros!".

Outro fato digno de ser narrado: Certa vez, uns mercadores normandos trouxeram para a França um menino da tribo dos tabajaras, inimigos mortais dos selvagens desta região onde se instalaram os franceses. O menino foi batizado e criado em Ruão, onde se casou e tornou-se homem de bem. Então, já com cerca de 22 anos, resolveu voltar à terra natal em um de nossos navios. Ao chegar, alguns cidadãos revelaram sua identidade aos seus antigos inimigos. Para quê! Estes, imediatamente, tomaram nosso navio de assalto, como cães famintos e raivosos, aproveitando-se do fato de já terem descido quase todas as pessoas. Lá encontraram o rapaz, atirando-se a ele sem dó nem piedade, e fazendo-o em pedaços, sem contudo tocar nos outros que se encontravam por perto. Deus deu-lhe forças para que, durante este massacre, ele lhes demonstrasse sua fé em Jesus Cristo, um só Deus em trindade e pessoas e unidade de essência. E assim morreu o inditoso rapaz entre as mãos dos selvagens, mas como bom cristão. Talvez por isto os índios não o tenham devorado, como costumam fazer com seus inimigos.

Que espécie de vingança poderia ser mais contrária à nossa lei? Não obstante, ainda hoje em dia encontram-se muitos dentre nós que ainda persistem teimosamente em se vingar do próximo, como o fazem os selvagens.

Outras idéias dos indígenas: Se um deles ferir alguém, deverá receber, sem tardança, uma punição igual ou maior. E não deixa de ser um belo espetáculo o vê-los discutindo ou lutando entre si. No mais, são muito honestos uns com os outros. No entanto, em relação aos cristãos, não passam dos mais fingidos e sutis ladrões que se possa imaginar, conquanto não ocultem os objetos furtados sob as roupas, já que não as usam. . . Para eles, trata-se de um ato nobilíssimo roubar de nós o que quer que seja! Digo-o por experiência própria. Aconteceu por volta do Natal, quando eu lá me encontrava. O chefe de uma certa tribo tinha vindo visitar o Senhor de Villegagnon, e os membros da sua comitiva, sabendo que eu me encontrava doente, aproveitaram-se dessa circunstância e surripiaram minhas roupas. . .

Eis uma rápida amostra de sua honestidade e seu modo de agir, encerrando nossa exposição sobre seu caráter obstinado e sua sede de vingança.

CAPÍTULO XLII

DO CASAMENTO ENTRE OS SELVAGENS AMERICANOS

Como se casam os selvagens da América. — Defloração das jovens antes do casamento. — O Senhor de Villegagnon proibiu aos franceses de se amancebarem com as mulheres selvagens. — Antigo costume dos lídios, dos armênios e dos habitantes de Chipre. — Os selvagens têm várias esposas.

É coisa digna da maior comiserção o fato de existirem criaturas que, embora racionais, vivam como animais. Só podemos concluir que esta brutalidade seria uma herança trazida do ventre materno, e que nela teríamos permanecido se Deus não tivesse, com sua bondade, iluminado nossos espíritos. Em vista disso, não é de se esperar que os selvagens americanos ajam com algum discernimento no que se refere aos seus casamentos, já que assim não procedem em relação às outras coisas. Portanto, eles apenas juntam-se, sem quaisquer cerimônias. O primo casa com a prima e o tio com a sobrinha, sem constrangimento nem reprovações; mas os irmãos não se casam entre si.

Quanto mais se notabiliza o homem por seu heroísmo e suas proezas guerreiras, e tanto maior será o número de mulheres que poderá ter a seu serviço. Aos menos valentes, menor número. E diga-se, a bem da verdade, que as mulheres trabalham incomparavelmente mais que os homens, pois é a elas que cabem as tarefas de colher raízes, preparar a farinha e as bebidas, apanhar os frutos, cultivar os campos, e tudo o mais que se refira à faina doméstica. Enquanto isso, apenas eventualmente vão os homens pescar ou caçar alguma coisa nos matos, sendo que alguns se ocupam somente com a confecção de arcos e flechas, deixando todo o restante do trabalho às mulheres.

Cede-se ao visitante uma jovem da tribo, para servi-lo durante o tempo em que ele ali tiver de permanecer, ou enquanto assim o preferir. Ele tem a liberdade de devolvê-la também quando bem o desejar, e é assim que se procede habitualmente. Logo que o visitante chega à aldeia, fazem-lhe esta pergunta: "Ei! O que me darias para que eu te ceda minha filha? Ela é bonita e trabalha bem. Fará a tua farinha e cuidará de tudo o que precisares."

Com o fito de evitar este abuso, logo ao chegarmos fomos proibidos pelo Senhor de Villegagnon, sob pena de morte, de nos amancebarmos com as nativas, coisa que, além do mais, é vedada a qualquer cristão.

Apesar de tudo isso, não costuma a mulher trair o marido depois de casada, pois este, no caso de surpreendê-la em adultério, não hesitará em matá-la, visto que os selvagens consideram esta falta como uma das mais graves que existem. O marido, no entanto, nada fará ao culpado, pois se tocar nele acarretará contra si a inimizade de todos os parentes do outro, dando motivo a um rompimento e, conseqüentemente, a uma guerra perpétua. Todavia, não temem os selvagens repudiar a esposa, o que lhes é permitido em caso de adultério, e também se ela for estéril, além de alguns outros motivos.

Os selvagens jamais têm relações com suas mulheres durante o dia; só à noite. Além disso, e ao contrário do que se acredita entre nós, também não praticam esses atos nos lugares públicos, nisto diferenciando-se dos *cris*, habitantes da Trácia, ou como outros bárbaros de certas ilhas do Mar de Magalhães, que têm este costume detestabilíssimo e indigno de alguém que seja cristão. Neste particular, o modo de agir desta pobre gente pode servir-nos de exemplo.

Quando engravidam, as mulheres não carregam fardos pesados, não fazem trabalhos estafantes e evitam ao máximo ser feridas. Enquanto estão de resguardo, outras mulheres levarão a criança inteiramente nua para banhá-la no mar ou no rio, restituindo-a depois à mãe, que não fica senão 24 horas na cama. É o pai quem corta o umbigo da criança, fazendo-o com os dentes. Isto eu próprio testemunhei quando lá estive. De resto, tratam a parturiente com tantos cuidados quantos os que entre nós também se dispensam.

O alimento do recém-nascido é o leite materno. Entretanto, poucos dias depois já lhe dão alguns alimentos mais pesados, como farinha mofada ou certas frutas. Logo depois do nascimento, o pai colocará nas mãos da criança um arco e uma flecha, simbolizando sua declaração de guerra e perpétua vingança contra seus inimigos.

Há um aspecto, porém, que estraga tudo: antes de casar suas filhas, entregam-nas os pais ao primeiro que aparece, a troco de qualquer ninharia, especialmente aos cristãos que por ali passam, podendo estes fazer com elas o que quiserem, como aliás já dissemos.

Lemos nos livros sobre certos povos cujo modo de agir, em relação a este assunto, aproximava-os, de alguma forma, dos selvagens americanos. Sêneca, nas suas *Epístolas*, e Estrabão, em sua *Cosmografia*, ensinam que os lídios e armênios tinham o costume de enviar suas filhas casadouras para a beira do mar, a fim de que se entregassem a qualquer um que por ali passasse, adquirindo assim o direito de se casar. Conta-nos também Justino que o mesmo faziam as virgens da Ilha de Chipre, com o objetivo de conseguir seu dote de casamento. Mais tarde, a fim de se justificarem por tal ato, ofereciam parte do que conseguiram à deusa Vênus. Acredito que existam entre nós, hoje em dia, muitas que se fazem passar por pias e virtuosas, mas que procedem de modo idêntico, senão pior, sem contudo fazer oferendas ou acender velas. . . Podeis ficar certos de que é a pura verdade!

De resto, quanto à consaguinidade, escreve São Jerônimo que entre os atenienses, era costume casar irmão com irmã, mas não as tias com os sobrinhos. Entre os americanos, pensa-se de modo totalmente oposto. Já na Inglaterra de outrora, as mulheres tinham a liberdade de se casar até com cinco homens, mas o contrário não era permitido. Por outro lado, temos turcos e árabes que possuem diversas esposas, se bem que o Cristianismo considere isto uma coisa desonesta e intolerável.

Em suma, é este o modo de agir dos selvagens americanos. Pelo que se pode ver, é muito raro entre eles que uma jovem se case ainda virgem. Depois de casadas, contudo, as mulheres não ousam trair os maridos, pois estes as vigiam de perto, e são bastante ciumentos. Apesar de tudo, a esposa pode deixar o marido quando este a maltrata, o que amiúde acontece. Aprendemos a respeito dos egípcios que eles também procediam de modo semelhante, antes da regulamentação de suas leis.

Voltando ao assunto da pluralidade das esposas entre os selvagens, há sempre uma entre elas que goza de maior consideração e respeito por parte do marido, não estando sujeita a tantos trabalhos como as outras. Entretanto, todas as crianças que nascem de qualquer uma das esposas são consideradas legítimas, já que para os selvagens, o principal autor da geração é o pai, e não a mãe. É por isto que eles quase sempre matam os meninos de seus prisioneiros, porque eles poderiam futuramente transformar-se em inimigos, assim como o pai.

CAPÍTULO XLIII

DAS CERIMÔNIAS FÚNEBRES, DO SEPULTAMENTO E DOS FUNERAIS QUE OS SELVAGENS REALIZAM

Como os selvagens americanos sepultam seus mortos. — O que pensava Diógenes a respeito de enterro de cadáveres. — Por que o enterro dos corpos é recomendado pelas Escrituras. — Luto dos selvagens pela morte dos chefes de família. — Aves de pio semelhante ao do mocho. — Costumes dos romanos e de outros povos nos funerais dos cidadãos. — Alexandre, o Grande.

Depois de descrevermos os costumes, modos de vida e diversas maneiras de agir dos americanos, resta-nos falar de seus funerais e sepultamentos. Embora sejam extremamente rudes, mesmo assim, os selvagens costumam enterrar os cadáveres, depois que a alma deixa o corpo, no mesmo lugar onde o falecido, quando em vida, passou os seus melhores momentos. Dizem eles não haver um lugar mais nobre para se deixarem os corpos do que a própria terra, da qual se origina e se nutre o homem. É ela que lhe fornece inúmeros bons frutos e outras riquezas tão úteis e necessárias à vida.

Houve outrora diversas pessoas que agiram de modo muito mais impróprio que o destes selvagens, não se importando com o fim que seria dado aos seus próprios corpos, chegando mesmo a recomendar que deixassem seu cadáver exposto aos cães e às aves! Assim pensava Diógenes, por exemplo, que ordenou que seu corpo servisse de alimento às aves e outros animais. Dizia este filósofo que o corpo, depois da morte, não mais sentiria dores, e que ele, portanto, preferia que seu cadáver servisse para alimentar, ao invés de ficar apodrecendo inutilmente. Do mesmo modo pensava Licurgo, legislador dos lacedemônios, tendo ordenado expressamente, de acordo com o que Sêneca nos conta, que depois de sua morte fosse seu corpo atirado ao mar. Já outras pessoas recomendavam que seus corpos fossem cremados e reduzidos a cinzas.

Estes povos selvagens, apesar de sua rudeza e ignorância, mostram-se, após a morte de um parente ou amigo, incomparavelmente mais razoáveis que os partos, cujas leis prescreviam que os corpos, ao invés de serem sepultados honrosamente, fossem expostos aos cães e às aves. Os taxilas, semelhantemente, abandonavam os seus mortos às aves do céu, enquanto que os caspianos os lançavam às feras. Os etíopes atiravam os cadáveres aos rios. Os romanos cremavam os restos mortais e reduziam-nos a cinzas, no que são seguidos por alguns outros povos. Mostram-nos todos estes exemplos que os selvagens americanos não são absolutamente tão destituídos de toda decência que não possuam algo de bom, especialmente se considerarmos que eles não têm fé nem lei, sendo tal procedimento ditado exclusivamente pela Natureza. Eles enterram seus mortos numa fossa, colocando-os assentados, como dissemos⁴², do mesmo modo outrora empregado pelos nasamões.

⁴² Engana-se Thevet, que só tratou deste assunto da posição dos mortos em outra de suas obras, a *Cosmografia Universal* (N. do T.)

O sepultamento dos corpos é aprovado e recomendado pelas Sagradas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, assim como também as cerimônias fúnebres, uma vez que os corpos foram portadores e intermediários da alma divina e imortal. Além do mais, esta prática favorece a esperança da futura ressurreição, pois os corpos ficariam na terra devidamente resguardados, à espera daquele terrível dia.

Poderíamos ainda acrescentar diversos outros pormenores a respeito deste assunto, citando outras errôneas maneiras de agir de diversos povos que não dão aos cadáveres o sepultamento honroso prescrito pelas leis divinas. Entretanto, prefiro deixar este tema para outra oportunidade, dando prosseguimento à nossa narrativa.

LUTO

Entre estes selvagens, quando falece algum chefe de família, suas esposas, seus parentes mais próximos e seus amigos mais chegados guardam pesadíssimo luto, não apenas por três ou quatro dias, mas durante quatro ou cinco meses! Os sinais exteriores deste luto são mais impressionantes nos primeiros quatro ou cinco dias. Nessa época, pode-se escutá-los fazendo um ululante alarido, como se fossem cães e gatos reunidos. Choram homens e mulheres, alguns deitados em suas redes, outros sentados no chão e abraçando-se uns aos outros, como se pode ver na gravura, enquanto dizem em sua língua: "Como nosso pai e amigo era bom! Como era valente na guerra! Quantos inimigos ele derrotou e matou! Era um homem muito forte! Trabalhava na roça e sempre trazia muita caça e muito peixe para nos alimentar. Morreu, ai de nós! Nunca mais o veremos, a não ser depois da nossa morte, quando o encontraremos na terra que nossos pajés contam que viram." Etc. Repetem esta e outras frases semelhantes mais de dez mil vezes, ora de noite, ora de dia, intermitentemente, durando cada sessão entre quatro e cinco horas seguidas.

Decorrido um mês do falecimento, os filhos do morto convidam os amigos para uma festa solene que mandam celebrar em honra do pai. Reúnem-se todos, pintados de diversas cores, ornados de penas, executando mil rituais e cerimônias.

(Aproveitando a ocasião, quero aqui mencionar certas aves cujo piado lúgubre é semelhante ao dos nossos mochos. Os selvagens têm por elas tão grande respeito que nem sequer lhes tocam, dizendo que estas aves choram a morte de seus amigos com aquele canto melancólico, fazendo com que também eles os relembrem.)

Voltando ao assunto, os selvagens reúnem-se, ornados de penas multicoloridas, quando então se entregam a danças, disputas e cantorias, acompanhadas de flautas feitas de ossos dos braços e pernas de seus inimigos, e outros instrumentos típicos. Os mais velhos, enquanto isso, não param de beber durante todo o dia, sem nada comer, servidos pelas esposas e demais parentes do falecido. Este costume, ao que fui informado, tem por fim elevar o espírito dos mais jovens, comover seu coração e incitá-los à guerra, dando-lhes coragem para enfrentar seus inimigos. Também os romanos procediam de modo idêntico. Assim, em seguida ao falecimento de algum cidadão que muito tivesse lutado em prol do engrandecimento da república, organizava torneios, pompas e cantos fúnebres em seu louvor e honra, servindo tais cerimônias como um bom exemplo aos mais jovens, exortando-os a trabalhar em favor da liberdade e da defesa da pátria. Conta Plínio que teria sido um certo Licaon o inventor das belas danças, jogos, cantos e pompas que se realizavam durante estes festejos mortuários.

De maneira análoga, os argivos, habitantes da Grécia, realizavam torneios fúnebres em memória do ferocíssimo leão derrotado por Hércules. E Alexandre, o Grande, após ter visitado a sepultura do valoroso Heitor, ordenou que, em memória de suas proezas, fossem organizadas diversas homenagens e solenidades.

Poderia falar ainda acerca das diversas maneiras usadas pelos antigos quanto aos sepultamentos, todas diferentes de um local para outro. Contudo, a fim de evitar prolixidade, resumir-me-ei à descrição do modo como os fazem os selvagens. Há que frisar, todavia, que tanto as pessoas de antigamente quanto as de hoje em dia cometeram e cometem inúmeros abusos no que tange à realização destas pompas fúnebres, levados principalmente por tola e mundana vaidade. Não se deve esquecer, no entanto, que são grandemente louváveis as cerimônias realizadas em honra do defunto e para o descanso de sua alma, de vez que nos fazem recordar a imortalidade do espírito e a esperança da ressurreição futura.

CAPÍTULO XLIV

DAS "MORTUGABAS" E DA BENEVOLÊNCIA COM QUE OS SELVAGENS TRATAM OS ESTRANGEIROS

Mortugabas (cabanas dos selvagens) e como são construídas. — Árabes e tártaros não têm residência fixa. — Árvores que dão algodão. — *Ini* e *manigô*. — *Ará* (ave). — Fantasia dos selvagens. — Galinhas. — *Arinhana*. — Papagaios. — Total desconhecimento de ouro e dinheiro entre os selvagens. — Generosidade dos selvagens para com o próximo. — Provérbio.

Vamos acrescentar algumas observações a respeito do modo de viver dos selvagens. Nas suas terras não há cidades ou fortalezas importantes, a não ser as que foram edificadas pelos portugueses e outros cristãos para sua própria comodidade. As casas em que vivem são pequenas choças, chamadas em sua língua *mortugabas*⁴³, agrupadas em povoados ou aldeias, semelhantes a algumas das nossas aldeolas.

As mortugabas medem 200 ou 300 passos de comprimento por uns 20 de largura, mais ou menos. São feitas de madeira e cobertas de folhas de palmeira, tudo da maneira mais rústica que se possa imaginar. Cada uma apresenta um teto diferente, todos muito bonitos, mas demasiadamente baixos, de modo que é preciso curvar-se para entrar nelas, assim como quem passa por baixo de um balcão. Em cada um desses abrigos vivem diversas famílias. Cada uma dispõe para si de um espaço de cerca de 3 braças de comprimento.

Acho este modo de vida muito mais tolerável que o dos árabes e tártaros, que jamais constroem residências fixas, vivendo como vagabundos, errando para lá e para cá. Estes povos, por outro lado, governam-se por certas leis, coisa que os selvagens absolutamente não possuem, excetuando-se aquelas que a própria Natureza lhes ensina.

Nas aldeias dos selvagens, portanto, vivem diversas famílias sob um mesmo teto, possuindo cada uma seu espaço reservado. Dentro ficam suas redes, suspensas a sólidos e resistentes pilares, alinhadas uma ao lado das outras. Estas redes são feitas de bom algodão, extraído de certa planta muito abundante nessa terra. Trata-se de uma árvore pequena, da altura de um homem, de frutos semelhantes a grandes botões, como os do carvalho. É bem diferente dos algodoeiros de Chipre, de Malta e da Síria.

Nessas redes, que não são mais grossas que os nossos lençóis, deitam-se eles inteiramente nus, do modo como habitualmente vivem. Chamam à rede de *ini*, e ao algodão de que ela é feita, de *manigô*⁴⁴. As mulheres mantêm continuamente acesas pequenas fogueiras de ambos os lados da rede do chefe da família, pois as noites daí são relativamente frias.

⁴³ No original, *mortugabes*.

⁴⁴ No original, *iny* e *manigot*.

Cada família possui e guarda uma espécie de fruto do tamanho de um ovo de aves-truz, da cor de nossas abóboras, semelhante a uma botella furada em ambas as extremidades e atravessada por um bastão de ébano de pé e meio de comprimento. Uma das pontas fica entida no chão. A outra é toda enfeitada de belas penas arrancadas de uma ave inteiramente vermelha chamada *ará*⁴⁵. Os selvagens tratam este objeto com todo o respeito e devoção, como se ele disto fosse merecedor. Acreditam que ele seja seu *tupã*, e que seus pajés, ao visitar suas cabanas, podem conversar com eles e escutar as coisas que contam, e que tanto podem referir-se a segredos de seus inimigos quanto a notícias enviadas pelas almas dos amigos falecidos.

Em redor das casas, os selvagens não costumam criar animais domésticos, salvo algumas galinhas, e mesmo estas muito raramente e apenas nas poucas áreas em que os portugueses as introduziram (antes disto, os nativos jamais haviam ouvido falar acerca de tais aves). Entretanto, os selvagens não lhe dão muito valor, trocando duas galinhas por uma simples faca. As mulheres não as comem por nada deste mundo, demonstrando mesmo um profundo desagrado quando vêem um cristão comendo quatro ou cinco ovos de galinha (que chamam de *arinhana*) numa única refeição. É que elas acham que cada ovo equivale a uma galinha; por conseguinte, um só já seria suficiente para alimentar duas pessoas!

Os selvagens criam também papagaios, trocando-os com os cristãos por algumas feragens, pois desconhecem por completo o valor do ouro ou do dinheiro. Tendo de certa feita aprisionado um navio português que saía de Morpião carregado com grande quantidade de valiosas moedas, entregaram toda aquela fortuna a um francês, em troca de quatro machados e algumas facas. Aos machados, sim, estimam bastante, e não sem razão, pois são eles que lhes permitem atualmente cortar as árvores, quando outrora tinham de fazê-lo usando instrumentos de pedra ou pondo fogo nos troncos para derrubá-las. Também eram de pedra os instrumentos usados para fabricar seus arcos e flechas.

De resto, são os selvagens muito generosos, pelo menos tanto quanto a natureza lhes permite ser. No que se refere às coisas que consideram mais preciosas, quais sejam todas as que lhes foram dadas pelos cristãos, por exemplo, são extremamente ciosos delas; mas quanto aos produtos locais, ou seja, caças, frutas, peixes, mostram-se totalmente liberais. Ademais, quase não possuem outros bens. E esta generosidade não se resume apenas aos de uma aldeia entre si, mas compreende os indivíduos de quaisquer outras tribos, exceção feita aos inimigos, evidentemente. Assim, mal chega algum visitante à aldeia e já lhe vão providenciando imediatamente comida e moradia, além de uma jovem para seu serviço, como há pouco dissemos. Em seguida, mulheres e moças da aldeia colocam-se em torno do forasteiro, todas assentadas no chão, gritando e chorando em sinal de alegria e boas vindas. Por entre lágrimas, saúdam o prisioneiro com frases como esta: "Bem-vindo! És de fato nosso bom amigo! Quanto trabalho tiveste para vir visitar-nos!" E seguem dizendo outras frases gentis, no que são acompanhadas pelo chefe da família, que também chora deitado em sua rede. Esta tradição de hospitalidade permite que eles viajem por 30 ou 40 léguas, seguindo por água ou por terra, nunca deixando de encontrar abrigo. E, além disso, costumam sempre perguntar entre si se alguém teria necessidade daquilo que eles possuem. O mesmo fazem com os estrangeiros que os visitam.

Outra coisa a respeito dessas pobres criaturas é que elas demonstram grande curiosidade em relação às novidades, apreciando-as enormemente. Afinal de contas, diz o provérbio: *a ignorância é a mãe da admiração*. O que mais apreciam, contudo, é receber presentes

⁴⁵ Thevet refere-se à arara-vermelha ou ararapiranga. (N. do T.)

dos estrangeiros. Para tanto, tratam-nos com tais e tantas amabilidades e gentilezas que se torna difícil recusar-lhes algo. Os homens, por exemplo: Quando alguém de nós visita alguma choça ou cabana, os moradores, após as saudações, aproximam-se do visitante com toda a confiança e familiaridade, apoderando-se imediatamente de seu chapéu, pondo-o na cabeça uns após os outros, ao mesmo tempo em que apreciam o efeito e fazem comentários relativos à beleza daquele adorno. Outros arrebatam a espada ou qualquer outra arma do hóspede, brandindo-a contra imaginários inimigos, aos quais ameaça com gestos e palavras. Assim, tudo o que ele traz será passado em revista, não sendo prudente proibi-los de agir desse modo, pois tal atitude traria como consequência a perda das boas graças, do favor e da amizade da tribo. Além do mais, depois eles devolvem todos os pertences ao dono.

As moças e mulheres adulam o visitante ainda mais que os homens, e sempre com o objetivo de ganhar algum presente. Para nossa sorte, contentam-se com pouca coisa. Como os homens, também elas aproximam-se do visitante com toda a amabilidade, trazendo-lhe algumas frutas ou pequenos objetos — seus presentes habituais — e dizendo em tom de bajulação: *Agaturā* (isto é, “como és bondoso!”), *Eori aça piá* (“mostra-me o que trouxeste”). Elas gostam de ganhar tudo quanto é novidade, especialmente espelinhos, contas de vidro, etc.

Também um bando de crianças segue o visitante, gritando em uníssono *amaba pindā* (“dá-nos anzóis!”), pois gostam muito de pescar com anzol. Se são atendidas, sabem agradecer educadamente, dizendo: *Agaturā* (“como és bondoso!”). Caso contrário, fecham a cara e exclamam: *Ipoxi* (“tu não vales nada!”), *dangaiapá ajugá*⁴⁶ (“mereces que te matem!”). Gritam-lhe ainda diversas outras ameaças e ofensas do mesmo jaez.

Portanto com os nativos é “toma lá, dá cá”. E ai de quem negar-lhes qualquer coisa: ficará marcado para o resto da vida, pois entre eles nunca se esquece uma recusa sofrida!

⁴⁶ Eis a grafia original de todas estas palavras e expressões: *agatouren* — *eori asse pia* — *hamabe pinda* — *hippochi* — *dagaiapa aiouga*. (N. do T.)

CAPÍTULO XLV

DESCRIÇÃO DE UMA DOENÇA CHAMADA "PIÃ", À QUAL ESTÃO SUJEITAS AS POPULAÇÕES DA AMÉRICA, TANTO NAS ILHAS QUANTO NA TERRA FIRME

Piã, doença dos selvagens, e sua origem. — Os selvagens são muito luxuriosos e carnais. — Verdadeira origem da sífilis. — Por que a sífilis é chamada de "vérole" em francês. — Cura desta moléstia. — *Ivuráé* (árvore). — Selvagens acometidos de oftalmias, e de quê procedem elas. — Nem toda doença dos olhos é uma oftalmia. — O doentio vento austral. — Cura destas oftalmias.

É bem sabido que não existe coisa alguma entre a terra e o primeiro céu, quaisquer que sejam suas dimensões e proporções, que não esteja sujeita a contínuas mutações e transformações. O ar que nos rodeia, não sendo um elemento simples, mas sim composto, não se mantém inalterável durante todo o tempo, nem em todos os lugares, mas ora se apresenta de certa maneira, ora de outra. E considerando que todas as doenças provêm ou do ar ou da maneira de viver (são os médicos que no-lo afirmam), achei que viria a propósito descrever uma certa moléstia muito espalhada e freqüente nestas terras ocidentais americanas que foram descobertas nestes últimos tempos. Trata-se da doença chamada *piã*⁴⁷ na língua dos nativos. Este mal não provém da insalubridade atmosférica, visto serem saudáveis e temperados os ares da América, o que se pode constatar pelas frutas que esta terra produz com auxílio deste mesmo ar (sem o qual, aliás, nada se faz, sejam coisas naturais, sejam artificiais). Há ainda que acrescentar o fato de que as moléstias provenientes de ares doentios atacam tanto crianças quanto adultos, tanto ricos como pobres, dependendo apenas da disposição interna da pessoa. Ao que parece, portanto, seria o piã proveniente de certos abusos relacionados ao excesso de contatos carnais entre homens e mulheres, de vez que essa população selvagem é demasiadamente luxuriosa e carnal, além de completamente ignorante, de modo especial as mulheres, que inventam e empregam todos os meios possíveis para arrastar o homem aos prazeres.

Em vista de tudo isso, somos levados a crer que esta moléstia não seja de fato outra que não a famosa sífilis, tão comum hoje em dia na Europa e erroneamente atribuída aos franceses, como se os demais europeus não fossem sujeitos a contraí-la. Chamam-na, portanto, de *mal-francês*. É fato conhecido de todos que este mal assola a França, porém não menos que os demais países. A doença foi trazida para a França por viajantes provenientes de Nápoles, para onde teria sido levada por espanhóis. Estes, por sua vez, tê-la-iam contraído nas ilhas ocidentais descobertas e conquistadas pela Espanha. Presume-se que seja esta sua origem porque, antes do descobrimento destas ilhas, não se encontra qualquer menção à sífilis em nossa pátria, nem na Grécia, nem em parte alguma da Ásia ou da

⁴⁷ No original, *pians*. Refere-se Thevet à boubia ou framboesia. (N. do T.)

África. Lembro-me de ter ouvido algumas vezes o falecido Doutor Sylvius, um dos mais renomados médicos dos nossos tempos, discorrer sobre este assunto. Por esta razão, penso que seria mais correto e razoável denominar-se esta moléstia de "mal-espanhol", lembrando sua verdadeira origem, ao invés de outros nomes que se lhe queiram dar⁴⁸. Em França, aliás, chamamo-la de "vérole", por causa das pústulas ou *véroles* que quase sempre brotam na pele quando a doença se manifesta, dependendo, evidentemente, das condições do tempo e da constituição física de cada um.

Retornemos então ao piã e aos remédios que usam os selvagens para combatê-lo. Este mal contagioso transmite-se tanto aos selvagens quanto aos cristãos pelo simples contato corporal, do mesmo modo que a sífilis na Europa. Ambas as doenças apresentam os mesmos sintomas, sendo também mais perigosas e difíceis de serem curadas nos pacientes mais idosos, podendo inclusive causar-lhes a morte. Se algum cristão que vive na América mantiver relações carnavais com as índias, nem precisará sonhar em escapar do piã, que nos europeus se manifesta bem mais precocemente do que nos nativos.

Para curar o mal e as perturbações que quase sempre o acompanham, usa-se fazer a decoção da casca de uma árvore chamada *iviracé*⁴⁹, sendo seu efeito tão bom ou melhor que o do guaiaco. Na verdade, os nativos curam-se mais facilmente que os europeus, o que presumo ser em virtude de não terem organismos corrompidos pelos vícios como os nossos.

Eis o que pretendia dizer a este respeito. Quem por acaso estiver em dúvida sobre a veracidade dos fatos aqui expostos, que solicite a opinião dos mais sábios doutores acerca da causa da moléstia, de sua prevenção, de quais são os órgãos mais afetados por ela, de sua evolução, etc. A verdade é que tenho ouvido muitas idéias contraditórias e despidas de seriedade a respeito deste assunto, mas que não partem dos mais doutos. E, parece-me, são bem poucas as que atingem o alvo, mormente as daqueles e daquelas que se metem a curar o mal, alguns tão ignorantes que só fazem é piorar o estado do paciente, que, ao invés de ser curado, vê-se precipitado no turbilhonante abismo da mais cruel aflição!

Há também certas oftalmias (das quais já tratamos) ocasionadas pela excessiva exposição à fumaça. Os selvagens acendem fogueiras em muitos pontos de suas choças, que são muito grandes, uma vez que abrigam grande número de moradores. Sei, entretanto, que nem todas as suas oftalmias provêm dessas fumaças, mas sejam quais forem suas causas, prendem-se estas sempre a algum agravo sofrido pelo cérebro. Ademais, nem toda doença dos olhos é oftalmia, como se pode ver entre estes habitantes da América, dos quais estamos falando: muitos deles perderam a vista sem terem nenhuma inflamação nos olhos. Tenho para mim que tal anormalidade não se deva senão a algum humor existente no interior do nervo ótico, que impeça o espírito da visão de chegar até o olho.

Parece-me ainda que este excessivo volume de matéria no cérebro provém do ar e do vento austral quente e úmido, aí muito comum. Já disse acertadamente Hipócrates que

⁴⁸ Engana-se Thievet ao afirmar que boubia e sífilis sejam a mesma doença, conquanto ambas efetivamente apresentem uma certa semelhança. A boubia (piã) é causada pelo *Treponema pertenue*, e a sífilis pelo *Treponema pallidum*. Quanto à questão levantada pelo frade a respeito do nome e da origem da sífilis, podemos aqui lembrar que, além de *mal-francês* ou *gálico*, esta doença é ainda designada como *mal-americano*, *mal-canadense*, *mal-céltico*, *mal-escocês*, *mal-germânico*, *mal-ilírico*, *mal-napolitano*, *mal-polaco*, *mal-turco*, etc. Entretanto, a sugestão de Thievet, "mal-espanhol", não vingou. (N. do T.).

⁴⁹ No original, *hivourahé*. Trata-se do ivuranhê ou buranhêm (*Pradosia lactescens*). (N. do T.)

o cérebro fica sobrecarregado devido a este vento. Mesmo em nosso país, sentimos o corpo pesado, e de modo especial a cabeça, quando sopra o vento sul.

Para curar este mal dos olhos, os selvagens extraem um suco avermelhado dos ramos de uma certa árvore semelhante à palmeira, de caule muito macio, pingando-o nos olhos do doente.

Acrescento, por fim, que este povo, ao contrário de nós, parece ser totalmente imune a certas doenças como lepra, paralisia, úlceras e outros males externos ou superficiais. Ao invés disso, sentem-se quase sempre sadios e bem dispostos, caminhando de cabeça erguida, com a altivez de um cervo.

Eis aí o que tínhamos a dizer rapidamente sobre a mais perigosa doença de nossa França Antártica.

CAPÍTULO XLVI

DAS DOENÇAS MAIS FREQUENTES NA AMÉRICA E DO MÉTODO QUE USAM OS SELVAGENS PARA CURÁ-LAS

Absurdas crendices dos selvagens, referentes aos seus profetas e às suas doenças. — Método que os selvagens empregam para curar suas doenças. — Sistema de vida dos doentes e convalescentes. — Maná, uma fruta excelente. — *Ibucuf* (fruto) e sua utilização.

Qualquer pessoa, por mais obtusa que seja, sabe perfeitamente que os selvagens americanos são constituídos dos mesmos quatro elementos que compõem todos os corpos naturais. Sendo assim, também eles estão sujeitos às mesmas afecções que nós outros, até à dissolução desses elementos. É verdade que as doenças podem ser algo diferentes, em virtude de desiguais temperaturas do ar e sistemas de vida. Assim, os nativos do litoral estão mais sujeitos a moléstias putredinosas, como febres, catarros, etc. E estas pobres criaturas são de tal modo iludidas pelos falsos dons de seus profetas, dos quais já tratamos, que não deixam de chamá-los sempre que estão doentes, na absurda crença de que eles realmente sejam capazes de curá-las. Não se poderia comparar melhor estes nossos heróis senão com os charlatães e impostores que vivem entre nós e que estão sempre enganando as pessoas ingênuas, alardeando que são capazes de curar todas as doenças, até mesmo as incuráveis. . . Eu até poderia acreditar nisto, desde que ciência virasse ignorância e vice-versa.

Portanto, os tais profetas convencem essas ignorantes criaturas de que eles falam aos espíritos e às almas de seus antepassados, e de que coisa alguma lhes é impossível, pois têm o poder de fazer falar a alma no interior do corpo. Assim, quando um doente estertora, em virtude de algum humor, no estômago ou nos pulmões, que ele não conseguiu expelir, seja por causa de sua debilidade, seja por qualquer outra razão, acreditam os selvagens que tais ruídos sejam os queixumes de sua alma.

Pois bem; para curá-los, os tais profetas chupam a parte dolorida, dizendo que estão deste modo sugando o mal para expulsá-lo. Os selvagens imitam este procedimento dos pajés, mas nunca com a mesma certeza e fé.

As mulheres usam outro método. Enfiam pela boca do paciente um fio de algodão de dois pés de comprimento e puxam-no depois, acreditando que a doença sairá junto com ele.

Se alguém ferir um outro, propositalmente ou não, será obrigado a chupar o ferimento até que ele se cure. Enquanto não se curam, devem os pacientes abster-se de certos alimentos considerados contra-indicados.

Outro método que os selvagens empregam é o de fazer incisões nas costas, tirando delas uma certa quantidade de sangue. Para tanto, utilizam uma erva de folha muito afiada, ou então os dentes de certos animais.

Quando estão doentes, mudam seu estilo de vida. Só recebem alimento se solicitarem, devendo, de preferência, passar fome durante um mês. As doenças, como pude observar, não são tão freqüentes entre os selvagens como entre nós, conquanto vivam eles despidos dia e noite. Por outro lado, não se excedem no comer ou no beber. Em primeiro lugar, não gostam nem de frutos podres, nem dos que ainda não tenham amadurecido completamente. Quanto à carne, deve ser bem cozida. De resto, têm grande curiosidade de conhecer as propriedades de cada árvore e de cada fruto, a fim de poder curar suas doenças.

A fruta que geralmente comem quando estão doentes é uma que chama *maná* (ananas), do tamanho de uma abóbora normal. Sua casca é parecida com a da pinha, como se pode ver na gravura. A fruta fica amarela quando amadurece, sendo excepcionalmente boa de se comer, tanto por sua doçura quanto por seu sabor, sendo tão ou mais delicada que açúcar fino. É impossível trazê-la para a França, a não ser em forma de compota, pois ela, quando madura, não se conserva incorrupta por muito tempo. Ademais, trata-se de fruta sem semente, cuja reprodução é feita por meio de pequenos brotos, como os enxertos que nós conhecemos. Antes de amadurecer, entretanto, esta fruta é péssima, tão ácida que fere a boca. A folha desta planta, quando adulta, assemelha-se à de um grande junco.

Tratando das doenças, não poderia esquecer, pela sua singularidade, de um curiosíssimo incômodo que aflige os selvagens, causado por um pequenino bichinho que lhes entra nos pés, ao qual dão o nome de *tom*. Seu tamanho é pouca coisa maior que o de um oução. Acredita-se que eles se formam e se reproduzem no próprio interior do pé, pois encontra-se às vezes um tão grande número deles em um determinado ponto, que ali chega a se formar um tumor do tamanho de uma fava, provocando coceira e dor no local. Nós mesmos experimentamos este incômodo quando ali estivemos, de modo que nossos pés ficaram cobertos de pequenas tumefações. Dentro delas, quando as furávamos, havia somente um bichinho inteiramente branco e uma pequena quantidade de pus.

Para livrar-se do *tom*, os naturais extraem o óleo de um certo fruto chamado *ibucui*⁵⁰, semelhante à tâmara, mas que não é bom de se comer. Guarda-se este óleo em certas cabacinhas que chamam de *caramemôs*, friccionando-o nas partes afetadas. Afir-mam que ele é específico contra os tais bichinhos. Outra coisa que fazem com o óleo é esfregá-lo em todo o corpo quando se sentem cansados. Consideram-no ainda um eficaz remédio contra chagas e úlceras. Foi a experiência que lhes ensinou tudo isto.

Eis o que tínhamos a respeito das doenças dos selvagens americanos e dos remédios que eles usam.

⁵⁰ No original, *hiboucuhu*. Trata-se da ucuuba (*Myristica sebifera*). (N. do T.)

CAPÍTULO XLVII

DA MANEIRA DE COMERCIAR DOS SELVAGENS. DE UMA AVE CHAMADA TUCANO. DAS ESPECIARIAS DESTA TERRA

Comércio dos selvagens. — Descrição do tucano, uma ave americana. — Estranho chapéu feito de penas. — Singularidades americanas trazidas pelo Autor à França. — Antes do uso do dinheiro, a primitiva troca de produtos. — Importância do comércio. — Em que consiste o comércio entre cristãos e americanos. — Uma espécie de pimenta. — Pimenta de Calicute. — Ilha de Corchel. — Ilha de Cebu. — Bornéu. — As Ilhas Molucas e suas especiarias.

Conquanto haja na América grande diversidade de povos selvagens divididos em tribos e facções que estão habitualmente em guerra, não deixam eles, mesmo assim sendo, de comerciar seus produtos tanto entre si quanto com os estrangeiros — destacando-se neste particular os que vivem à beira-mar. O tráfico mais ponderável é o de plumas de avestruz, bainhas de espada feitas de penas desta e de outras aves de deslumbrante plumagem, etc. Estes artigos são trazidos do interior, de mais ou menos 100 ou 120 léguas de distância. Igualmente importantes são seus incontáveis colares brancos e pretos, além daquelas pedras verdes que trazem nos lábios (às quais nos referimos há pouco).

Os habitantes dos pontos da costa freqüentados pelos comerciantes cristãos recebem, em troca destes produtos, machados, facas, adagas, espadas, ferramentas diversas, contas de vidro, pentes, espelhos e outras quinquilharias de pequeno valor. De posse destes artigos, comerciam-nos com seus vizinhos, não conhecendo nenhum sistema de comércio que não seja o da simples troca de produtos. É toma lá isto e dá cá aquilo, sem mais delongas.

No litoral propriamente dito, a mercadoria mais comum são as penas de uma ave chamada *tucano*⁵¹. Aproveitando o ensejo, vamos descrevê-la. O tucano é do tamanho de um pombo. Há uma variedade bastante semelhante a uma pega. Ambas, contudo, apresentam plumagem do mesmo tipo, ou seja, quase inteiramente negra, a não ser na cauda, onde aparecem penas vermelhas por entre as pretas, e abaixo do peito, onde surge uma mancha de penas amarelas de cerca de quatro dedos tanto de comprimento quanto de largura — e não é possível encontrar-se um tom de amarelo mais maravilhoso do que este. Na ponta da cauda do tucano há umas penugens vermelhas como sangue. Os selvagens arrancam-lhe as penas amarelas e com elas confeccionam os adornos de suas espadas, além de mantos, chapéus de penas, etc. Trouxe para a França um belíssimo chapéu de penas, rico e singular adorno que ofertei ao nosso Rei.

Estas aves não são encontradas senão na América, na região que vai desde o Rio da Prata ao das Amazonas. Vivem também algumas no Peru, mas são de menores dimensões. Já na Nova Espanha, na Flórida, no México e na Terra Nova não existem tucanos, pois tais regiões são muito frias, coisa que estas aves detestam profundamente.

⁵¹ No original, *toucan*.

De resto, os tucanos vivem na mata, onde fazem seus ninhos, alimentando-se exclusivamente dos frutos que esta lhes fornece. Conquanto possam algumas pessoas imaginar que estas aves sejam aquáticas, tal idéia não é verdadeira, conforme tive a oportunidade de constatar.

Por fim, o tucano é incrivelmente disforme e monstruoso, tendo um bico quase tão grosso e comprido quanto o resto do corpo. Trouxe para a França uma destas aves que ali ganhei de presente, e também diversas plumagens de cores variadas, umas vermelhas como escarlata, outras amarelas, azuladas, ou de várias outras cores.

Como dizíamos, estas plumagens, grandemente apreciadas pelos selvagens, constituem um de seus principais artigos de comércio. É sabido que, antes do uso do dinheiro, todo comércio era realizado por meio da permuta de uma coisa por outra. Assim, as riquezas dos homens, inclusive dos reis, consistia em seus animais, ou seja, camelos, carneiros, etc. Encontram-se incalculáveis exemplos que provam a veracidade disto, tanto em Beroso como em Diodoro, que nos descrevem a maneira pela qual os povos antigos comerciavam entre si, pouco diferente da que é atualmente empregada pelos americanos e outros povos bárbaros.

Outrora, portanto, comerciava-se trocando umas coisas pelas outras, isto é, ovelhas por trigo, lã por sal, etc. O comércio, se bem o considerarmos, além de sua extrema utilidade, constitui ainda um meio de vida da sociedade civilizada. Por este motivo, tem sido celebrado por todas as nações. Plínio, em seu Livro VII, atribui sua invenção e seu desenvolvimento inicial aos fenícios.

O tráfico dos cristãos com os americanos consiste em macacos, pau-brasil, papagaios, algodão, e outras coisas mais que eles trocam por aqueles artigos que já citamos. Há que citar ainda um tipo de pimenta constituída dos grãos de certa erva ou arbusto de 3 ou 4 pés de altura, cujos frutos assemelham-se aos nossos morangos tanto na cor quanto em outros aspectos. Quando maduro, encontra-se no seu interior uma semente parecida com a do funcho. Os mercadores cristãos carregam seus navios com esta especiaria, que todavia não é tão boa quanto a malagueta que cresce na costa da Etiópia e da Guiné, não sendo tampouco comparável à pimenta de Calicute ou de Taprobana.

(A propósito, deve-se notar que quando se diz "pimenta de Calicute" isto não significa necessariamente que toda ela seja proveniente daquela cidade, podendo vir até mesmo de umas 50 léguas daí, de certas ilhas que não conheço muito bem, especialmente de uma chamada Corchel. Mas por ser Calicute o principal ponto de convergência do comércio das Índias Orientais, costuma-se designar toda a produção desta área como sendo as "pimentas do Calicute".)

Esta última, portanto, é melhor que a proveniente da América. O Rei de Portugal, conforme é mais do que bem sabido, obtém enormes lucros advindos do tráfico destas especiarias, se bem que estes não sejam hoje tão consideráveis como o foram no passado, antes que os espanhóis tivessem descoberto a extensa Ilha de Cebu, localizada bem além do Estreito de Magalhães. Esta ilha possui ouro, gengibre e grande quantidade de porcelana branca. Depois desta, os espanhóis descobriram Aborney⁵², a 5 graus da Equinocial, e muitas outras ilhas habitadas por negros, até que chegaram às ilhas Molucas, que são Atidore, Terrenate, Mate de Machian⁵³, ilhotas bem próximas umas das outras, assim como as Canárias, das quais já falamos. Estas ilhas, a mais de 180 graus de distância da

⁵² Provavelmente, Bornéu.

⁵³ Devem ser as atuais Tidore, Ternate, Morotai e Batjan. (N. do T.)

França na direção do poente, produzem excelentes especiarias que são incomparavelmente melhores que as da América.

Eis uma rápida visão das Molucas, após termos tratado do comércio entre os selvagens americanos.

CAPÍTULO XLVIII

DAS AVES MAIS COMUNS NA AMÉRICA

Descrição do canindé, ave de rara beleza. — *Ajurube*, uma ave de cor verde. — *Marganás*. — Quem primeiro prendeu pássaros em gaiolas. — Abundância de papagaios na América. — A partir de quando tomamos conhecimento da existência dos papagaios. — Repreensão de Marcus Catão aos abusos de sua época. — *Panu*, uma ave estranha. — *Jeraivá*, um tipo de palmeira. — *Quiapiã* (ave). — *Anu* (ave). — Outra espécie de ave. — *Ivuraê* (árvore). — *Gonambixe*, um minúsculo pássaro.

Entre as múltiplas variedades de aves que a natureza produz, dotando-as de características particulares que distinguem umas das outras tornando-as mais ou menos dignas de admiração, não se encontra uma sequer que exceda em perfeição e beleza certa ave muito comum na América: a que os selvagens chamam de *canindé*⁵⁴. Esmerou-se a natureza em embelezar esta ave, revestindo-a de uma plumagem tão linda e original que seria impossível deixar de admirar a autora de tal obra-prima!

O tamanho do canindé não excede o de um corvo. Do ventre ao pescoço, sua plumagem é amarela como ouro fino, enquanto que as asas e a cauda, esta por sinal muito comprida, têm uma belíssima cor azul.

Existe outra ave do mesmo tamanho que o canindé, mas de coloração diferente, sendo sua plumagem vermelha como escarlata fina, ao invés de amarela, e o restante do corpo, azulado.

Estas duas aves são, na verdade, variedades de papagaios, pois possuem a mesma cabeça, o mesmo bico e os mesmos pés destes. Os selvagens apreciam-nas bastante, tirando-lhes as penas três ou quatro vezes por ano para confeccionar cocares, adornos para seus escudos e espaldões de madeira, tapeçarias e diversos outros belíssimos trabalhos. Além disto, estas aves são tão mansas que passam o dia inteiro nas árvores próximas dos abrigos dos selvagens. Quando sobrevém a noite, umas se recolhem às cabanas, outras ao interior da mata. No dia seguinte, no entanto, sempre voltam ao lugar de costume, de modo absolutamente idêntico ao das pombas domésticas européias que fazem seus ninhos nas residências.

Os selvagens possuem muitas outras espécies de papagaios de plumagens totalmente diversas. Existe um por exemplo, que é mais verde que os outros: dão-lhe o nome de *ajurube*⁵⁵. Há outros que têm penugem azuis e verdes na cabeça: são os *marganás*⁵⁶. Entretanto, não existem aí papagaios cinzentos como os que se encontram na Guiné e na alta África.

⁵⁴ No original, *carindé*.

⁵⁵ No original, *ajouroub*. Trata-se do papagaio comum ou *ajuru*. (N. do T.)

⁵⁶ Refere-se o Autor aos *maracanás*. (N. do T.)

Os americanos criam todas essas espécies dentro de suas cabanas, sem necessidade alguma de fazer como nós que as prendemos. Acredito que conseguem isto porque as aves seriam domesticadas desde pequeninas, do mesmo modo como o faziam os antigos, conforme ensina Plínio, referindo-se às aves, no Livro X da *História Natural*. Este autor afirma ainda que foi Estrabão quem primeiro ensinou a como criar pássaros presos em gaiolas. Antes dele, as aves eram criadas em total liberdade.

Entre os selvagens, são especialmente as mulheres que criam um tipo de papagaio semelhante aos nossos verdelhões tanto no tamanho quanto na cor. Tornam-se elas tão afeiçoadas a estes animais que conversam com eles chamando-os de “meus amigos”. De fato, os americanos ensinam estas aves a falar, e elas aprendem, por exemplo, a pedir farinha (que é feita de raízes). No mais das vezes, porém, preferem ensiná-las a dizer frases concitando os selvagens a fazer guerra aos inimigos, a prendê-los e a devorá-los, além de muitas outras coisas mais. A estas aves domésticas, sejam das espécies maiores ou das menores, de modo algum os indígenas dariam frutas para comer. Ao que dizem, elas produzem nos papagaios um verme que lhes perfura o coração.

Nos bosques, há uma infinidade de papagaios selvagens, que os índios caçam a flechadas, em grande número, para comê-los. Seus ninhos, de formato redondo, são feitos no alto das árvores, a fim de evitar o ataque das feras.

Houve um tempo em que os papagaios não eram conhecidos nem dos antigos romanos, nem dos outros povos da Europa. De acordo com alguns autores, quem trouxe os primeiros exemplares para a Europa foi Onesicrito, lugar-tenente de Alexandre, o Grande, quando retornou da missão da qual fora encarregado na Ilha de Taprobana. A partir de então, multiplicaram-se estas aves enormemente, tanto no Levante quanto na Itália, especialmente em Roma. A este respeito, conta-nos Columela, no Livro III dos *Ditos dos Antigos*, que Marcus Porcius Catão (cuja vida e cuja doutrina serviram de exemplo para todo o povo romano), escandalizado, disse certa vez no Senado: “Ó, Pais da Pátria; ó, desventurada Roma! Já não sei mais em que tempos estamos, desde que passei a presenciar em Roma certos absurdos como os de homens carregando papagaios nos dedos ou os de mulheres criando cães com mimos excessivos!”.

Retornemos às aves que se encontram na América. Há também as que pertencem a outras espécies, algumas das quais estranhíssimas (como o tucano, do qual há pouco tratamos), sendo todas diferentes das que vivem em nosso hemisfério, como se pode claramente observar pelas gravuras deste livro e pelas aves empalhadas que eu trouxe da América, as quais apresentam plumagens de cores variadas: amarelas, vermelhas, verdes, purpurinas, azuis, etc. Dei-as de presente a el-Rei, por se tratarem de espécimes singulares dantes jamais vistos por aqui.

Resta-nos descrever outras aves bastante raras e estranhas, entre as quais temos uma espécie de tamanho e coloração iguais aos de um pequeno corvo, exceto na frente do peito, que é vermelho como sangue. Chama-se *panu*⁵⁷, tem o bico cinzento e não se alimenta senão do fruto de uma palmeira denominada *jeraivã*⁵⁸.

Há ainda uma ave do tamanho do melro, inteiramente vermelha como sangue-de-drago, chamada *quiapiã*⁵⁹. Há uma outra espécie, do tamanho de um pardalzinho, e de

⁵⁷ No original, *panou*. Trata-se do sangue-de-boi (*Ramphocelus brasilius*). (N. do T.)

⁵⁸ No original, *jerahuva*. Trata-se provavelmente do coqueiro-jeribá (*Arecastrum romanzoffianum*). (N. do T.)

⁵⁹ É provável que se refira o Autor ao uirapuru-vermelho (*Pipra fasciicauda scarlatina*). (N. do T.)

corpo todo negro. Esta possui um costume bastante estranho: quando se fartou de comer formigas ou outros insetos, vai para algum arbusto e começa a saltitar de galho em galho, subindo e descendo sem nunca parar! Chamam-na de *anu*.

Entre todas as aves desta terra, existe uma que os selvagens não matariam ou mesmo feririam por nada deste mundo: certo pássaro de piado estridente e melancólico como o das nossas corujas. Dizem as pobres criaturas que esse canto lhes faz recordar os entes queridos que se foram. Este pássaro seria um enviado dos mortos, trazendo boa sorte para os amigos que ainda viviam e azar para seus inimigos. Esta ave não é maior que um pombo-trocaz, tendo coloração acinzentada e alimentando-se do fruto de uma árvore chamada *ivuraé*⁶⁰.

Não posso esquecer-me de um outro pássaro chamado *gonambixe*⁶¹, que quase não é maior que um besouro ou um moscardo. Embora seja tão miudinho, não existe nada mais belo do que ele. Seu bico é pequenino e comprido, e sua cor é pardacenta. E conquanto seja, ao que presumo, a menor ave que existe sob os céus, o *gonambixe* canta maravilhosamente, constituindo um verdadeiro prazer escutá-lo.

(Deixo para outra ocasião a descrição das aves aquáticas, tanto as que vivem no mar quanto as das águas doces, as quais são totalmente diferentes das nossas, quer no tamanho, quer na plumagem.)

Não duvido, Leitor, que os modernos autores de livros sobre aves achem muito estranhas as descrições e as gravuras apresentadas neste capítulo. Sem que haja desdouro em dizê-lo, isto deve ser atribuído à sua ignorância no que concerne a esses lugares que eles jamais visitaram, e conseqüentemente do pequeno conhecimento que possuem das coisas lá existentes.

Eis aí, o mais resumidamente que me foi possível, a descrição das aves da França Antártica por nós observadas durante o tempo em que aí permanecemos.

⁶⁰ Ivuranhê ou buranhém. V. nota no capítulo XLV.

⁶¹ No original, *gonābuch*. Trata-se do *beija-flor*, também conhecido como *guanambi*. (N. do T.)

CAPÍTULO XLIX

DAS VEAÇÕES E OUTRAS RAÇAS APANHADAS PELOS SELVAGENS

Método empregado pelos americanos para capturar os animais selvagens. — O javali americano. — O veado americano. — Propriedade dos chifres do veado. — Crendice dos selvagens. — Descrição do *quati*, um estranho animal. — Variedade de faisão. — *Macuacaná*, uma espécie de perdiz. — *Tapiira* (animal). — Descrição da tapiira. — Estranha espécie de peixe.

Creio não ser fora de propósito passar agora à descrição dos animais que vivem nas florestas e montanhas da América, e das maneiras pelas quais os caçam os nativos para sua alimentação. Lembro-me de já ter dito anteriormente que os americanos não criam animais domésticos, mas que nas florestas há uma grande diversidade de animais selvagens de boas carnes, como veados e corças, javalis, etc. Como os animais têm de sair sozinhos em busca de alimentos, os indígenas cavam um buraco bem fundo no lugar por onde eles habitualmente passam, cobrindo-o depois com folhagens. Isto é feito com tal astúcia e habilidade, que os animais dificilmente logram escapar, sendo então capturados vivos, podendo ou não ser depois mortos a flechadas dentro da própria armadilha.

Quanto ao javali, este é bem mais difícil de ser capturado. O javali europeu é um pouco diferente do americano. Este, além de mais feroz e perigoso, possui presas mais compridas e salientes. É inteiramente negro e não tem cauda. Nas costas, possui um tubo respiratório, do mesmo tamanho que o do marsuíno, o qual lhe permite respirar dentro d'água. Pode-se escutar ao longe o formidável guincho que ele emite e o som produzido pelo bater de seus dentes quando o animal está comendo ou fazendo qualquer outra coisa. De certa feita pudemos ver um exemplar capturado pelos selvagens. Apesar de estar fortemente amarrado pelos indígenas, o bicho conseguiu escapar ali sob nossas próprias vistas.

O veado e a corça dessa terra não possuem os pêlos tão finos e lisos como os dos seus similares europeus. Ao contrário, seus pêlos são embaraçados e crespos, conquanto longos. Diferenciam-se também quanto aos chifres, que são menores que os dos cervos europeus. Os selvagens estimam bastante tais chifres, utilizando seus fragmentos para enfiá-los dentro dos orifícios que fazem nos lábios das crianças, a fim de aumentá-los. Aham eles que os chifres, além de não terem veneno algum, possuem a virtude de combater e impedir o surgimento de inflamações locais.

Plínio afirma que o chifre do veado é remédio e antídoto contra qualquer veneno. Incluem-no ainda os doutores entre os medicamentos cordiais, ao lado do marfim e de outros que também apresentam a propriedade de fortalecer e confortar o estômago. Além do mais, a fumaça produzida pela incineração destes chifres teria a virtude de espantar as serpentes. Afirmam certos autores que os cervos renovam os cornos todo ano. Quando sentem que se aproxima a época da muda dos chifres, os machos escondem-se nos matos.

O encontro com veados e lebres era considerado pelos antigos um mau presságio. Atualmente, nem sequer ligamos para tais crendices, que não passam de superstições

absurdas e contrárias à nossa religião. Entretanto, turcos e árabes ainda hoje em dia persistem neste erro.

A propósito deste assunto, também os selvagens americanos têm uma crendice que só mesmo uma pessoa muito habilidosa seria capaz de convencê-los do contrário. É a seguinte: quando caçam um veado ou uma corça, não se atrevem a levar essa presa para casa sem antes cortar-lhe as pernas e quartos traseiros, acreditando que se a levassem com todos os quatro membros, isto tiraria, deles e de seus filhos, a rapidez necessária para alcançar os inimigos em fuga. Têm a cabeça cheia de outras tolices deste tipo. A única explicação que encontram para elas é que o próprio Grande Caraíba lhes teria deixado tais ensinamentos, conforme lhes contam seus pajés e curandeiros.

Eles assam as carnes aos pedaços, mas sem tirar a pele. Depois de assados, os pedaços são distribuídos entre as famílias que vivem no abrigo, e então, como numa refeição de estudantes internos, cada pessoa recebe seu quinhão.

Os selvagens jamais comem carne de animais que se alimentam de carniças ou outras coisas impuras, por mais mansos que estes sejam. Assim, não se preocupam na captura de um certo animal chamado *quati*, do tamanho das nossas raposas, e cujo focinho, de um pé de comprimento, é negro como o da toupeira e fino como o do rato. O quati tem o resto do corpo acinzentado, o pêlo duro, a cauda fina como a de um gato-do-mato, malhada de branco e preto, e orelhas semelhantes às da raposa. Vive na beira dos regatos, alimentando-se dos restos de animais mortos que ali encontra.

Existe ainda nessa terra um certo tipo de faisão grande como um galo capão, mas de plumagem negra, exceto na cabeça, que é cinzenta e tem uma pequena crista vermelha caída, como a de uma peruazinha. Seus pés são vermelhos. Há também uma espécie de perdiz, um pouco maior que a nossa, à qual dão os selvagens o nome de *macuacaná*⁶².

É também muito abundante na América um certo animal que os selvagens chamam de *tapiira*⁶³, estimadíssimo pelos indígenas que o caçam em grande quantidade, não só por sua carne — aliás, excelente — mas principalmente porque seu instinto deformado dá mais valor à sua pele, já que com ela podem fabricar os escudos que usam nas guerras. Esta pele é de fato tão resistente que só com grande dificuldade se consegue atravessá-la com um tiro de bacamarte. Os selvagens empregam na captura deste animal o mesmo sistema que usam para caçar veados e javalis (aquele do qual falamos há pouco). A *tapiira* é do tamanho de um asno adulto, mas seu pescoço é mais grosso. A cabeça é assim como a de um garrote de um ano. Os dentes são afiados e agudos. Todavia, não é um animal perigoso; quando perseguido, sua única defesa é fugir em busca de um lugar para se esconder, correndo mais rapidamente que um veado. Sua cauda minúscula tem apenas três ou quatro dedos de comprimento e é pelada como a da cutia (na América são comuníssimos os animais desprovidos de rabo). Seu pé é fendido, com um casco mais saliente para a frente e outro para trás. O pêlo é avermelhado, como o de algumas mulas e vacas da nossa terra, razão pela qual os cristãos que aí vivem chamam-na de vaca, já que quase não há diferença entre os dois animais, exceto no que se refere aos chifres, que a *tapiira* não possui. Para dizer a verdade, este animal tem tanto de vaca quanto tem de asno, pois é coisa bem rara ver-se um bicho em tudo semelhante a outro de espécie diversa, sem que

⁶² No original, *macouacanna*. De acordo com Estêvão Pinto, a ave em questão seria o *acauã* ou *macaguã*. Ocorre, porém, que o *acauã* é um falconídeo, enquanto que a perdiz é da família dos tinamídeos, assim como o *macuco*, que talvez seja de fato a ave a que alude Thevet. (N. do T.)

⁶³ No original, *tapihire*. A forma *tapiira* ainda persiste, se bem que seja pouco usada. O animal é mais conhecido por *tapiir* ou *anta*. (N. do T.)

ambos apresentem entre si marcantes diferenças. É o caso, por exemplo, de um peixe de água salgada que vimos nas costas da América e que se destacava entre os outros por sua cabeça semelhante à de um bezerro e seu esquisitíssimo corpo.

Estes exemplos permitem constatar o engenho da Natureza, que soube colocar em cada animal, terrestre ou aquático, as características próprias de sua espécie.

CAPÍTULO L

DE UMA ÁRVORE CHAMADA "IVURAE"

Ivuraê (árvore). — Utilidade da casca desta árvore. — Excelência do fruto desta árvore. — O Iódão de Homero.

Não poderia de modo algum deixar para trás, pela sua excelência e singularidade, uma árvore à qual os selvagens dão o nome de *ivuraê*⁶⁴, palavra que significa "coisa rara". Trata-se de uma árvore alta, de casca argentina e cerne avermelhado. A casca tem quase o mesmo gosto do sal, lembrando também o alcaçuz, conforme tive a oportunidade de experimentar por diversas vezes. Os selvagens apreciam-na enormemente, atribuindo-lhe a mesma excepcional propriedade que possui a madeira do guáiac. Há até quem julgue que esta árvore seria de fato o guáiac, coisa com a qual não concordo, pois o fato de uma planta possuir a mesma virtude de outra não significa que ela tenha de ser esta outra. Seja como for, os habitantes dessa terra empregam o *ivuraê* em lugar do guáiac. Refiro-me aqui, entretanto, apenas aos cristãos, pois os selvagens não são tão sujeitos a essa moléstia, da qual tratamos mais amplamente em outro capítulo⁶⁵.

É assim que se usa na América: arranca-se uma certa quantidade desta casca (da qual sai um leite durante algum tempo, logo depois da sua extração). Depois de cortada em pedacinhos, a casca é deixada na água fervente pelo espaço de 3 a 4 horas, até que a decocção adquira a coloração de um vinho clarete. Deve-se tomar esta beveragem durante 15 ou 20 dias, fazendo-se simultaneamente uma leve dieta. Pelo que ouvi dizer, o resultado é de fato notável.

Além de sua utilização na cura dessa afecção, a casca é empregada ainda contra todas as doenças frias e pituitosas, produzindo o alívio e o ressecamento dos humores. É para este fim que a utilizam os selvagens. Afora isto, trata-se de uma boa bebida que pode ser tomada mesmo pelos que estão em gozo de plena saúde.

Outra singular característica desta árvore é a que se refere ao seu fruto, do tamanho de uma de nossas ameixas médias, mas amarelo como ouro fino de ducado. Dentro dele há um pequeno caroço tenro e delicado, muito indicado para os que sofrem de moléstias ou enjôos. Mas um fato que por certo será considerado estranhíssimo, senão mesmo inacreditável para aqueles que nunca viram o *ivuraê*, é que esta árvore só dá frutos de quinze em quinze anos. Afirmaram-me alguns selvagens que ela produziria de vinte em vinte anos, mas isto não é verdade, como vim a saber pela informação mais fidedigna dos anciãos. Um deles a quem pedi que me mostrasse o fruto do *ivuraê* disse-me que em toda a sua vida só por três ou quatro vezes pudera comê-lo.

⁶⁴ A propósito do *hyvourahé*, ver nota no capítulo XLV.

⁶⁵ Ver capítulo XLV, onde se trata da boubá.

Este fruto fez-me lembrar um outro, o da árvore chamada lódão, ao qual se referiu Homero em sua *Odisséia*. Tão delicioso seria esse fruto que os comandados de Cipião, após terem dele saboreado, não mais queriam saber de regressar aos seus navios para comer outros frutos ou viandas.

Por fim, encontram-se nessa terra certas árvores que dão vagens, mas estas não são excelentes como as do Egito ou da Arábia.

CAPÍTULO LI

DE UMA OUTRA ÁRVORE, CHAMADA "IEBEAÇU", E DAS ABELHAS QUE A FREQUENTAM

Descrição da árvore chamada *iebeaçu*. — Duas espécies de abelha. — *Irã* (mel). — *Eirá* (animal). — O uso do mel, tido como altamente recomendável por diversos povos. — Melisso, rei de Creta. — O que fez com que os poetas dissessem que as abelhas teriam voado para a boca de Júpiter. — Sólon. — Resina vermelha.

Quando de certa feita eu me dirigia, em companhia de cinco selvagens e um intérprete cristão, a uma aldeia distante cerca de 10 léguas de nosso local de residência, pus-me a contemplar as incontáveis e diversas árvores que nos rodeavam por todos os lados. Chamou-me a atenção uma daquelas árvores, esta sobre a qual pretendo agora falar. Vendo-a, chega-se a pensar que a planta seja antes artificial do que uma obra da Natureza. É excepcionalmente alta, com ramos que saem uns de dentro dos outros e folhas semelhantes às de couve e fruto de um pé de comprimento. À primeira vista não enxergamos nenhum desses frutos, embora examinássemos todos os galhos. Tendo interrogado um dos meus acompanhantes sobre onde estaria o tal fruto, apontou-me um e mandou-me observar uma infinidade de abelhas que o rodeava, conquanto estivesse ainda inteiramente verde. As inúmeras abelhas que vivem no oco desta árvore, onde fabricam mel e cera, alimentam-se deste fruto.

Há nesta terra duas espécies de abelhas. Uma, do mesmo tamanho que as nossas, vive apenas do que lhes fornecem as flores odoríferas, e também fabrica excelente mel, mas sua cera não é amarelinha como a das abelhas européias. A outra espécie existente tem a metade do tamanho da primeira. Seu mel, que os selvagens chamam de *irã*⁶⁶, é ainda melhor que o da outra. Atribuo ao fato de se alimentarem de substâncias diferentes a explicação da cor negra como carvão que apresenta a cera que elas fabricam abundantemente, especialmente nas proximidades dos rios das Vasas e da Prata.

Encontra-se aí um animal chamado *eirá*⁶⁷, nome que significa "bicho-do-mel" em razão de viver este animal à procura dessas árvores para comer do mel que as abelhas fabricam. É um animal pardo-avermelhado, do tamanho de um gato. Possui a habilidade de tirar o mel com as garras sem com isto molestar as abelhas e sem ser molestado por elas.

Este mel é muito apreciado pelos nativos, que o tomam, quando estão doentes, misturando à farinha feita de raízes. Quanto à cera, usam-na quase que tão somente para guardar suas plumas e penachos ao redor da cabeça, ou então para tapar os canudos de bambu nos quais guardam as penas, que constituem seu maior tesouro.

⁶⁶ No original, *hira*.

⁶⁷ No original, *heyrat*. Não se trata do *eirá* propriamente dito, um felídeo, mas sim do mustelídeo conhecido como *irara* ou *papa-mel* (*Tayra barbara*). (N. do T.)

Também os antigos árabes e egípcios empregavam o mel em suas doenças, utilizando-o mais do que qualquer outro medicamento, de acordo com o que nos conta Plínio.

O que os selvagens do Rio Marinhão habitualmente comem são raízes cozidas com mel, já que este ali destila e escorre das árvores e dos rochedos como o maná do céu, sendo um excelente alimento para esses bárbaros.

A propósito do assunto, e se não me falha a memória, foi Lactâncio quem disse, no Livro I das *Instruções Divinas*, que Melisso, rei de Creta (que foi a primeira pessoa a fazer sacrifícios aos deuses), tinha duas filhas, Amaltéia e Melissa, e que foram elas que criaram Júpiter quando ele era criança, alimentando-o de leite de cabra e de mel. Por esta razão, vendo os cretenses a excelência desta alimentação, também passaram a dar mel às crianças. Daí terem dito os poetas que as abelhas voavam para a boca de Júpiter. Também o sábio Sólon, conhecendo a importância deste alimento, permitia que saíssem da cidade de Atenas quaisquer frutos e vitualhas, mas não o mel. Por sua vez, também os turcos têm o maior apreço possível pelo mel, a ponto de guardarem com fatalismo sua morte acreditando que depois irão para um lugar de delícias onde haverá fartura de todos os alimentos, especialmente do bom mel.

Retornando ao *iebeçu*⁶⁸, esta árvore é uma das que as abelhas mais procuram, embora não seja seu fruto tão bom de se comer quanto os de muitos outros desta terra, talvez porque raramente cheguem a alcançar a maturação, sendo antes disto comidos por estes insetos, como pude constatar. De resto, a árvore produz uma resina vermelha, para a qual encontram os selvagens utilidades.

⁶⁸ Pela descrição do autor, não nos foi possível identificar esta árvore, cuja grafia, no original, era *vhebeassou*. (N. do T.)

CAPÍTULO LII

DE UM ESTRANHÍSSIMO ANIMAL CHAMADO "AÍ"

A América, desconhecida dos antigos. — Descrição de um animal chamado *aiti*. — O Senhor de l'Espiné e o Capitão Mogneville. — Camaleão. — As admiráveis obras devidas ao engenho da Natureza.

Aristóteles e outros que se lhe seguiram esforçaram-se o mais que puderam para desvendar a natureza dos animais, árvores, ervas, etc. Entretanto, pelo que se deduz de seus escritos, não é de se acreditar que tenham tido conhecimento da França Antártica ou América, de vez que esta terra não fora ainda descoberta em sua época. Apesar disto, seus escritos trazem-nos proveito e deleite. Se aqui descrevemos alguns animais raros e desconhecidos, esperamos que tal coisa não seja mal interpretada, mas que, ao invés disso, sirva para satisfazer o leitor, por certo um apreciador de raridades e singularidades, e uma vez que a Natureza não distribuiu suas obras igualmente por todas as regiões. Mas vamos diretamente ao que interessa, ou seja, à descrição de um animal que é o mais disforme que se possa imaginar. Quem nunca o viu, certamente achará esta descrição inacreditável. A este animal, chamam os selvagens de *ai* ou *aiti*⁶⁹. É do tamanho de um mono africano adulto, apresentando uma barriga tão grande que chega quase a se arrastar no chão. A cabeça lembra a de uma criança, assim como também a cara, conforme pode ser visto na gravura tirada ao natural. Quando preso, fica suspirando como uma criança que sente dores. Sua pele é cinzenta e felpuda como a de um ursinho. Tem patas compridas, cada uma com quatro dedos, três dos quais com unhas parecendo grandes espinhas de carpa, com as quais trepa nas árvores onde fica por mais tempo do que em terra. Quase não tem pêlos na cauda, que mede três dedos de comprimento. Outra coisa realmente notável é que pessoa alguma jamais viu este bicho se alimentando, nem mesmo os selvagens que já ficaram espreguindo debalde por longo espaço de tempo, querendo saber o que ele comeria. Foram eles próprios que me contaram tal coisa. A princípio não acreditei, até que dois capitães, um normando chamado De l'Espiné, e um picardo, de nome Mogneville, passeando certo dia por entre as gigantescas árvores da floresta, deram um tiro de arcabuz em dois destes bichos que se encontravam no topo de uma árvore. Ambos caíram no chão, um bastante ferido e outro apenas atordoado. Este último foi-me dado de presente. Vigianto-o pelo espaço de 26 dias, pude constatar que ele não quis comer nem beber, permanecendo sempre do mesmo jeito, até que foi esfaqueado por alguns dos cães que tínhamos trazido conosco.

Dizem alguns que o animal se alimenta somente das folhas de certa árvore que os nativos chamam de *amai*⁷⁰, a mais alta de todas as que aí existem, mas cujas folhas são

⁶⁹ No original, *haū* e *haūthi*, vindo ainda, no título, *haūt*. Trata-se da preguiça ou *ai* (*Bradypus tridactylus*). (N. do T.)

⁷⁰ No original, *amahut*. Trata-se da *ambaiba*, também conhecida como *umbaíba* ou *árvore-da-preguiça* (*Cecropia carbonaria*). Quanto a incompreensível etimologia que vem a seguir, note-se que *ambaiba* significa "árvore oca", enquanto que *ai* é uma onomatopéia do guincho do animal. (N. do T.)

pequenas e delicadas. O nome *ai* vem do fato de que o animal vive constantemente nesta árvore.

Por fim, o *ai*, quando domesticado, cria grande afeição ao seu dono, em cujos ombros sempre tenta trepar, já que é parte do seu natural apreciar os lugares altos. Mas como os selvagens só andam nus, acabam saindo machucados devido às afiadas garras do bicho, mais compridas que as do leão ou de qualquer outra grande fera que eu conheço.

A propósito deste assunto, já tive a oportunidade de observar (em Constantinopla) camaleões presos em gaiolas. Supõe-se que estes animais vivam somente de ar. É por isso que julgo ser verdade isto que os selvagens me contaram acerca do *ai*.

Outro fato notável referente a este animal é que ele pode permanecer pendurado nos galhos, exposto dia e noite ao vento e à chuva (fenômenos aos quais esta terra é muito sujeita) e, apesar disso, continuar tão enxuto como sempre.

Eis algumas admiráveis obras da Natureza, que parece sentir prazer em criar coisas grandiosas e variadas, para as quais o homem não encontra explicação. Constitui impertinência procurar a causa e a razão, como muitos a cada dia mais se esforçam por fazê-lo, pois tais coisas são segredos da Natureza, cujo conhecimento compete apenas ao Criador.

Muitos outros pormenores poderiam ser aqui citados, mas por ora prefiro encerrar este assunto a fim de não atrasar a exposição dos demais.

CAPÍTULO LIII

COMO OS AMERICANOS FAZEM FOGO. DE SUA CRENÇA NO DILÚVIO. DAS FERRAMENTAS QUE USAM.

Processo que usam os selvagens para fazer fogo. — *Tatá e tatatém*. — A invenção do fogo. — Vulcano, o inventor do fogo. — Crença dos selvagens relativa a um dilúvio. — Modo de contar dos selvagens. — Origem dos selvagens. — Maneira primitiva usada pelos selvagens para cortar as árvores.

Após haver tratado de certas plantas singulares e animais desconhecidos não só em nossa terra, mas também, ao que presumo, em todo o resto do mundo habitado (uma vez que essa região só foi descoberta e conhecida de algum tempo para cá), pretendo agora descrever, continuando nosso exame das singularidades da América, a estranha maneira de fazer fogo que os nativos empregam. É bem diferente da nossa, que se baseia no uso de pedra e ferro, e que se trata efetivamente de uma invenção celeste, transmitida divinamente ao homem para ajudá-lo nas suas necessidades. Pois bem, nossos selvagens usam outro processo quase incrível, bem diferente deste nosso que consista em bater o ferro na pederneira. E há que notar que eles habitualmente se servem do fogo para suas necessidades, que são as mesmas nossas, se não maiores, já que precisam dele também para resistir ao espírito maligno que os atormenta e por causa do qual eles não se deitam jamais, onde quer que estejam, sem antes acender uma fogueirinha ao pé da rede. Por isto, tanto dentro quanto fora de casa, nas matas ou nos campos, seja onde for que os obrigue o acaso a permanecer por muito tempo, ou porque saíram em missão de guerra ou porque foram caçar, geralmente levam com eles seus instrumentos de fazer fogo.

Para isto, tomam dois bastões desiguais, um menor, de uns dois pés de comprimento, de madeira muito seca e que tenha medula, e outro mais comprido. Para acender o fogo, põem no chão o bastão maior, que tem no meio um orifício, firmando-o com os pés; colocam a ponta do outro pau dentro do orifício do primeiro, junto com uma certa quantidade de algodão e folhas secas. Aí, à força de girar continuamente o bastão, produz-se um forte calor resultante daquele movimento, fazendo com que as folhas e o algodão comecem a queimar. É assim que fazem o fogo, que chamam em sua língua de *tatá*, enquanto que à fumaça dão o nome de *tatatém*⁷¹.

Dizem os selvagens que este engenhoso processo de fazer fogo lhes teria sido ensinado pelo Grande Carafba, o profeta-mor, que transmitira a seus ancestrais este e muitos outros conhecimentos que eles antes ignoravam.

Sabe-se que existem muitas fábulas referentes à invenção do fogo. Alguns acham que foram uns pastores os primeiros que inventaram um modo de fazer fogo, semelhante ao dos selvagens, ou seja, sem usar pedra ou ferro, mas tão somente madeira. Conclui-se

⁷¹ No original, *thata e thatatin*.

daí que o fogo não provém do ferro ou da pederneira, como corretamente afirmam tanto Afrodiseu, em seus *Problemas*, quanto o tradutor que há pouco verteu esta obra para o francês, em nota referente ao assunto. (Já Diodoro atribui a invenção do fogo a Vulcano, que por causa disto foi eleito rei pelos egípcios). Também os selvagens pensam de maneira quase igual a essa, presumindo que antes da invenção do fogo comiam apenas carnes defumadas⁷².

Quem lhes ensinou esse conhecimento, conforme dissemos, foi o Grande Caraíba, à noite, enquanto dormiam, algum tempo depois de um dilúvio que eles dizem ter ocorrido em priscas eras, conquanto não possuam documentos escritos que o confirmem, vindo tudo o que sabem da transmissão oral de pai para filho. É este seu modo de perpetuar a memória dos fatos, ou pelo menos de conservá-la pelo espaço de trezentos ou quatrocentos anos, o que não deixa de ser uma coisa digna de admiração. Outrossim, demonstram grande interesse em ensinar e contar para seus filhos os fatos memoráveis. Outra coisa não fazem os mais velhos, durante as horas que antecedem a manhã, logo depois que despertam, do que ministrar tais ensinamentos para os mais jovens. Ouvindo um desses anciãos, a gente até pode confundi-lo com um pregador ou um mestre de cátedra. . .

Quanto ao tal dilúvio, dizem eles que as águas subiram tanto que chegaram a cobrir até mesmo as montanhas mais altas dessa terra, fazendo com que todas as pessoas perecessem afogadas. Acreditam nisto tão firmemente quanto nós no que se refere aos fatos narrados pelas Sagradas Escrituras. Entretanto, sua história é bastante suscetível de conter erros, visto que não sabem escrever para guardar a memória dos fatos, e todo o seu conhecimento não vai além dos relatos que escutaram de seus pais.

Como os selvagens não sabem contar senão até cinco, têm de usar pedras ou outros objetos para as quantidades maiores. Outra coisa que já mencionamos anteriormente é que eles contam os meses por luas, dizendo "eu nasci há tantas luas", etc. Assim, pelo tanto de luas que atribuem à ocorrência do dilúvio, pode-se calcular que ele se deu há bem uns quinhentos anos. Eles afirmam e sustentam imperturbavelmente esta sua crença. Se alguém os contradiz, esforçam-se por confirmar suas palavras alegando diversos argumentos.

Segundo relatam, depois que as águas baixaram e se escoaram, apareceu um grande Caraíba, o maior que jamais esteve entre eles, trazendo consigo para aí, de terras muito longínquas, um povo que vivia nu assim como eles presentemente. Este povo multiplicou-se até os dias de hoje, sendo deles que os selvagens presumem descender. Não me parece estar fora de cogitação a possibilidade de ter havido outro dilúvio além daquele dos tempos de Noé. Mas desde que não dispomos de nenhum testemunho escrito deste fato, prefiro encerrar por ora este assunto.

Retornando às finalidades que os selvagens dão ao fogo, podemos acrescentar que são várias, indo desde o cozimento de carnes até à derrubada de árvores, processo que usaram até quando descobriram um modo de cortá-las por meio de instrumentos de pedra, sendo que há pouco aprenderam a usar ferramentas com os cristãos que aí vivem.

Não duvido de que na Europa e em outras regiões fosse outrora desconhecido o uso das ferramentas. Conta-nos Plínio, no Livro VII da sua *História Natural*, que foi Dédalo o inventor da primeira forja, na qual ele mesmo fabricou um machado, um serrote, uma lima e alguns cravos. Já Ovídio, no Livro VIII das *Metamorfoses*, diz que teria sido Pedris,

⁷² Léry, o implacável crítico de Thevet, pergunta ironicamente, no prefácio da "Viagem à Terra do Brasil", como seria possível obter-se a fumaça para secar as carnes se o fogo ainda não fora inventado. . . (N. do T.)

sobrinho de Dédalo, quem inventou a serra, tomando como modelo uma espinha de peixe de dorso arqueado. Pegamos um peixe desta espécie quando passamos pela Linha Equinocial em nosso regresso. Sua espinha dorsal tinha um pé de comprimento. Infelizmente, as circunstâncias não nos permitiram desenhá-lo. Contudo, esperamos poder fazê-lo em outra oportunidade.

Por fim, como alguns selvagens de uns tempos para cá passaram a preferir utilizar estas ferramentas para suas necessidades, acabaram por aprender a forjar os metais, sem que os cristãos lhes tivessem dado qualquer instrução.

Como se pode ver, sou muitas vezes obrigado a mudar continuamente de assunto, sem contudo afastar-me do objetivo deste livro, em virtude da variedade dos temas aqui tratados e de ter eu preferido diversificá-los de um capítulo para outro.

CAPÍTULO LIV

DO RIO DAS VASAS, JUNTAMENTE COM ALGUNS ANIMAIS EXISTENTES EM SEUS ARREDORES, E DA TERRA QUE SE DENOMINA MORPIÃO

Situação do Rio das Vasas. — Marcassitas e outras pedras da França Antártica. — Espécie de mono chamado *cacuiqui*. — *Sagüi* (animal). — *Tatu* (animal). — Conhambeque, o temido rei. — Os *perós*. — Cálculo de quantas pessoas teriam morrido em consequência das batalhas de Júlio César. — Descrição da terra de Morpião. — Fertilidade de Morpião. — *Nandá*. — *Pirá-ípuxi*.

O Rio das Vasas⁷³, tão ou mais famoso para os americanos quanto o Charente, o Loire ou o Sena entre nós, está situado a 25 léguas do Rio de Janeiro, local onde nos estabelecemos e no qual ainda hoje nossos patrícios permanecem. Este rio é muito freqüentado, seja pela abundância e excelência de seus peixes, seja por prestar-se bem às necessidades da navegação. Ele banha uma bela e vasta região onde se sucedem planuras e montanhas. O minério de ouro que ali se encontra não traz grandes lucros para os proprietários, de vez que se volatiliza quase totalmente quando passado ao fogo. Nos arredores deste rio, assim como também em diversos outros pontos da América, existem numerosas rochas contendo grande quantidade de marcassitas brilhantes como ouro fino, mas não tão excelentes quanto as do Levante. Lá não há rubis, diamantes ou outras pedras preciosas. Por outro lado, mármore e jaspé são abundantes nestes mesmos sítios, onde ainda se espera que sejam achadas outras minas de ouro e prata, mas os habitantes ainda não se atreveram a procurá-las por causa das tribos inimigas que vivem naquelas redondezas.

Nas montanhas dessa região vêem-se muitos animais carnívoros, como leopardos e lobos-cervais, mas efetivamente aí não existem leões ou lobos. O que se encontra é uma espécie de mono que os selvagens chamam de *cacuiqui*⁷⁴. É do mesmo tamanho do mono comum, diferindo dele apenas pela barbicha de bode que ostenta no queixo. É, ademais, animal muito inclinado à luxúria. Além dos *cacuiquis*, encontram-se, não só aí como também em muitos outros lugares, numerosos macaquinhos amarelos chamados *sagüis*⁷⁵. Os selvagens caçam estes animais para comê-los; eles, em caso de perigo, põem-se em fuga levando os filhotes ao colo. (Os monos da Barbária são pretos ou cinzentos; os do Peru, da cor das raposas).

Nessa terra não se encontram símios grandes como os da África e da Etiópia. Em compensação há numerosíssimos *tatus*, animais de corpo recoberto por uma couraça. Há alguns que alcançam o tamanho de um leitão, enquanto que outros são menores. Diga-se de passagem que sua carne é de delicadíssimo paladar.

⁷³ É bastante imprecisa a localização deste rio. Paul Gaffarel julga tratar-se do sangradouro da Lagoa dos Patos, ou mesmo da própria lagoa. Estêvão Pinto, examinando as entrelinhas das informações de Thevet, conclui que o Rio das Vasas seria antes o Ribeira de Iguape. (N. do T.)

⁷⁴ No original, *cacuyacu*.

⁷⁵ No original, *sagouin*.

Quanto aos habitantes desta região, são eles mais belicosos que os de qualquer outra parte da América, em virtude de viverem muito próximo de seus inimigos, o que os obriga a se manterem em um contínuo estado de guerra. Seu rei, que se chama Coniambeque⁷⁶, é o mais terrível e temido de todos os chefes indígenas, devido ao fato de ser extremamente aguerrido e belicoso. Penso que nem Menelau, rei e comandante supremo das forças gregas, tenha causado tanto terror aos troianos quanto o que Coniambeque produz em seus inimigos. Os portugueses temem-no mais do que a qualquer outro selvagem, porquanto é ele o responsável pela morte de inúmeros de seus patrícios. Seu palácio, que não passa de uma choça igual às outras que se encontram nessa terra, tem o exterior decorado com cabeças de portugueses, pois os índios têm o costume de colocar, no alto das cabanas, este troféu tomado aos inimigos mortos.

Avisado de nossa chegada, este rei veio pessoalmente visitar-nos logo em seguida, tendo permanecido conosco pelo espaço de dezoito dias. Já desde as 3 horas da manhã punha-se a falar de suas vitórias e vinganças contra seus inimigos, sempre acompanhando as palavras de gestos de ameaças contra os portugueses, aos quais chama de *perôs*. É o mais conhecido e famoso chefe dessa terra. Sua aldeia, enorme, é toda fortificada ao redor com bastiões e plataformas de guerra, possuindo até bocas-de-fogo: alguns falconetes tomados aos portugueses. Quanto a cidades e fortalezas de pedra, isto os selvagens não têm. Eles vivem, como já dissemos, em habitações rústicas bem amplas e espaçosas.

Os cuidados com a defesa não existiam nos primórdios da vida humana, quando as pessoas faziam tão pouca questão de estarem em segurança que não se preocupavam em viver encerradas em cidades muradas ou protegidas por fossos e baluartes. Levavam, ao contrário, uma vida errante e vagabunda, absolutamente idêntica à dos animais, sem lugar determinado para repousar, fazendo-o onde quer que se encontrassem quando a noite chegasse, e sem o menor receio de ladrões. Embora ainda sejam muito selvagens, os americanos já não vivem mais deste modo.

Para concluir, o rei do qual estamos falando julga-se tão poderoso que não sabe falar de outra coisa que não sejam suas façanhas, considerando excelsa glória e honra o fato de ter matado e devorado inúmeras pessoas, tantas e tantas que seu número chegaria a cinco mil (ao que ele diz). Não se conhece nenhum outro povo capaz de tamanha desumanidade. Pelos cálculos de Plínio, Júlio César seria responsável pela morte de 92 110 combatentes inimigos. Sabe-se de muitos outros casos de terríveis combates e pilhagens, mas nunca que os inimigos se tenham devorado uns aos outros. . .

Retornando ao assunto, este rei indígena, e seus súditos vivem perpetuamente guerreando e hostilizando os portugueses de Morpião, e também os outros selvagens vizinhos. Morpião é um lugar dominado pelos portugueses⁷⁷, situado na direção do Rio da Prata e do Estreito de Magalhães, a 25 graus da Linha Equinocial. Sob o comando de um tenente-general, vivem aí numerosas pessoas de todas as categorias sociais, inclusive escravos. O rei de Portugal auferia enormes lucros dos rendimentos de sua exploração. No início da colonização, plantou-se aí muita cana-de-açúcar, mas este cultivo não prosperou depois que os habitantes preferiram a mais rendosa exploração das jazidas de prata descobertas nos seus arredores. O lugar produz enorme quantidade de frutas que são utilizadas na fabricação de suas compotas típicas. Uma das mais usadas é o *nanás*, sobre o qual já falei em outro capítulo.

⁷⁶ No original, *Quoniambec*. Deve tratar-se de algum descendente do famoso Cunhambebe, já que este morreu pouco depois da chegada de Villegagnon ao Rio de Janeiro. (N. do T.)

⁷⁷ Morpião ou Morpion era o nome da região habitada pelos índios tupiniquins. Com este nome, entretanto, Thevet designa apenas a Vila de São Vicente. (N. do T.)

Das árvores frutíferas que aí existem, descreverei uma que se chama *coina*⁷⁸, de folhas semelhantes às do loureiro e frutos do tamanho de abóboras comuns, parecidos com um ovo de avestruz. Embora seus frutos não sirvam para comer, constitui um belo espetáculo ver uma destas árvores carregada. Os selvagens, além de utilizar estes frutos como vasilhas de beber, fazem com eles certos objetos misteriosos e estranhos a mais não poder: depois de tirarem a polpa do fruto, enchem-no de grãos de milho ou sementes, enfiando-o depois na ponta de um bastão cuja extremidade fica cravada no chão. O fruto é todo enfeitado de belas plumagens. Este objeto é guardado em suas cabanas, e cada família possui dois ou três deles, prestando-lhes enorme reverência, pois estes pobres idólatras acham que é o próprio Tupã quem lhes fala quando ele soa ao ser agitado. Acreditam que este chocalho revele aos seus profetas tudo o que eles querem saber, presumindo que ele possua alguma força divinatória. E assim não adoram nenhuma outra coisa concreta senão este instrumento que soa quando chocalhado. Pela sua singularidade, trouxe comigo um deles (que tive de surripiar de um selvagênt), além de numerosas plumagens de diversas cores, que presenteei ao Senhor Nicolas de Nicolai, Geógrafo Real, pessoa de grande competência, amante de colecionar tanto as antiguidades quanto quaisquer objetos curiosos. Ele mostrou estes presentes ao Rei quando Sua Majestade, estando em Paris, foi visitá-lo em sua casa para ver o livro a respeito dos costumes do Levante que o Senhor de Nicolai mandara imprimir. Pelo que este me disse, causou enorme prazer a Sua Majestade o exame daquelas coisas que lhe eram até então desconhecidas.

Para terminar, essa região produz grande quantidade de laranjas, limões e cana-de-açúcar. Trata-se, em suma, de um lugar muito aprazível, que é atravessado por um rio não muito considerável, no qual se encontram algumas pérolas pequenas e abundante pescado, especialmente um peixe chamado *pirá-ipuxi*⁷⁹, ou seja, "peixe ruim". É um animal incrivelmente disforme, originando-se nas costas de um cão-marinho, a quem acompanha enquanto jovem como se fora este seu tutor.

Por fim, nesse lugar denominado Morpião (que, como dissemos, é habitado pelos portugueses) criam-se também numerosas espécies de animais domésticos trazidos de Portugal pelos colonos. Com isto, tornou-se ainda mais rica e bela essa esplêndida região, cuja agricultura prospera mais e mais a cada dia que passa.

⁷⁸ No original, *cohyne*. Trata-se da *árvore-de-cuia*, também conhecida por *coité* ou *cuieira* (*Crescentia cujeste*). (N. do T.)

⁷⁹ No original, *pira-ipouchi*. Pelas descrições de Thevet e de Léry, vê-se que este animal é uma espécie de enguia. (N. do T.)

CAPÍTULO LV

DO RIO DA PRATA E DAS REGIÕES CIRCUNVIZINHAS

O Rio da Prata e o porquê desta denominação. — Primeira viagem dos espanhóis ao Rio da Prata. — Segunda viagem. — Massacre dos espanhóis. — Terceira viagem. — Quarta viagem. — Estratagem do Capitão Arnal. — Selvagens altos como gigantes. — Riqueza da região adjacente ao Rio da Prata. — A *saricuiena*, um animal anfíbio.

Já que estamos tão adiantados em nosso assunto, penso que seria interessante dizer agora algumas palavras acerca deste belo rio americano que os espanhóis denominam Rio da Prata, em razão de sua amplidão⁸⁰, ou então devido às minas de prata que se encontram na região que ele banha. Os nativos chamam-no de *Paranaguaçu*⁸¹, isto é, “mar” ou “imensa acumulação de água”. Ele mede 26 léguas de largura, situando-se a 35 graus da Linha Equinocial e a 670 léguas de distância do Cabo de Santo Agostinho.

Acho que foram os seus primeiros descobridores que lhe deram o nome de *Prata*, pela primeira razão acima mencionada. Apossou-se desses navegantes um intenso júbilo quando aí chegaram e pensaram que fosse este rio a procurada passagem para o outro lado da América (que se alcança através do Estreito de Magalhães). Entretanto, ao darem com o verdadeiro significado daquela descoberta, confabularam e decidiram descer à terra. Os nativos ficaram espantadíssimos, pois nunca dantes tinham visto cristãos por aquelas bandas. Mas estes, com o passar do tempo, conseguiram cativar a confiança dos selvagens do litoral, especialmente dos mais velhos, à custa de presentes e agrados. Com isto, puderam examinar com toda a liberdade aquela região, tendo ali descoberto muitas minas de prata. Depois de fazerem um bom reconhecimento dos locais, reembarcaram nos navios com um grande carregamento de pau-brasil.

Algum tempo depois, em razão da cupidez despertada pelas tais minas de prata, decidiram os navegantes regressar àquele local. Para tanto, equiparam três navios grandes com homens e munições. Em lá chegando, baixaram os escaleres e desceram à terra o capitão e cerca de oitenta soldados, com ordens de resistir aos selvagens se fossem hostilizados por eles. Entretanto, ao invés de se aproximarem, aqueles bárbaros debandaram para todos os lados tão logo viram os espanhóis. Era um ardil, no entanto! Sentindo-se ultrajados desde a primeira estada dos europeus, os selvagens ficaram à espera de ocasião mais propícia para surpreender seus inimigos. Aí, logo após terem estes pisado em terra, caíram-lhes em cima uns 300 ou 400 nativos, furiosos e desesperados como leões esfai-

⁸⁰ Evidentemente, esta primeira explicação de Thevet não se justifica. O nome do Rio da Prata refere-se efetivamente ao metal que se presumia existir na “Terra Argentina”. O que levou o autor àquela interpretação foi o fato de *plate* em francês não significar “prata”, mas sim “plana”, “lisa”. (N. do T.)

⁸¹ No original, *Paranagacu*.

mados. Em questão de alguns minutos já tinham chacinado os espanhóis e, como costumam fazer, zombavam dos que tinham permanecido nos navios, exibindo-lhes as coxas assadas e outras partes do corpo de seus desditosos companheiros, dando-lhes a entender que, se eles ali estivessem, teriam sofrido aquele mesmo fim. Quem me contou isso foram dois espanhóis que tinham ficado naqueles navios. Também os selvagens gostam de citar este episódio quando estão narrando seus feitos memoráveis.

Passado um certo tempo, dirigiu-se para o local uma outra expedição composta de dois mil homens e numerosos navios. Entretanto, em razão das doenças que grassaram entre a tripulação, eles tiveram de regressar sem nada terem podido fazer.

Mais tarde, em 1541, o Capitão Arnal voltou ao mesmo local. Entretanto, vinha ele acompanhado apenas de duzentos homens e cinquenta cavalos. Fazendo uso de certo estratagema, logrou desmoralizar completamente os tais selvagens. Primeiramente, aterrozizou-os com a visão dos cavalos, que eles desconheciam e que presumiram tratar-se de bestas-feras. Em seguida, o capitão ordenou aos seus comandados que eles se apresentassem com as armas bem polidas e reluzentes, usando ainda máscaras medonhas que representavam cabeças de lobos, leões e leopardos, todos com as goelas escancaradas, ou então carantonhas de diabos com chifres. Tudo aquilo causou um tal pânico entre os selvagens, que estes se puseram em fuga desordenada, dispersando-se por aquelas terras a dentro. Foi assim que os espanhóis se tornaram donos e senhores dessa região, e depois de muitas outras adjacentes que eles foram conquistando com o passar do tempo, estendendo seu domínio até às Molucas, no Oceano do Poente, do outro lado da América.

E assim é que hoje em dia dominam os espanhóis todo o vasto território ao redor desse belo rio, tendo aí edificado vilas e fortes, e catequizado os selvagens, com os quais já se haviam reconciliado. A cem léguas daí, no entanto, vivem outros selvagens, inimigos destes, muito belicosos, de alta estatura, verdadeiros gigantes que só se alimentam de carne humana, assim como os canibais⁸². Caminham com muita ligeireza e, quando correm, conseguem alcançar os mais velozes animais. São, dentre os selvagens, os que vivem mais longamente, havendo alguns que chegam à idade de 150 anos! É pena que sejam dominados por um pecado mortal altamente ofensivo a Deus: o da luxúria. Esquivar-me-ei de tecer comentários a respeito deste pecado, por não se referir ele apenas aos povos americanos, mas também a muitos outros. Estes selvagens, portanto, estão em constante guerra contra os espanhóis e também contra os outros selvagens das vizinhanças.

Retomando o assunto, tanto o Rio da Prata quanto sua região circunvizinha são extremamente ricos não só de prata como também de pedras preciosas. As águas do rio sobem durante certa época do ano, à semelhança do que ocorre com o Rio Orellana, no Peru, e com o Nilo, no Egito. Na foz do Prata existem muitas ilhas, sendo algumas habitadas e outras não.

É muito montuosa a terra que se estende do Cabo de Santa Maria até ao Cabo Branco⁸³, assim como também as terras próximas da Ponta de Santa Helena⁸⁴ (a 65 léguas do rio e a 30 das Areias Gordas), e as daí às Terras Baixas (assim chamadas devido

⁸² Estes gigantescos antropófagos são apenas os patagões argentinos. (N. do T.)

⁸³ Cabo de Santa Maria é a Punta del Este, no Uruguai. Cabo Branco é o Cabo de Santo Antônio, na Argentina. Os dois promontórios são as extremidades do estuário do Prata. (N. do T.)

⁸⁴ Grande parte dos nomes geográficos do litoral argentino citados neste parágrafo foi alterada posteriormente, tornando-se um pouco difícil a sua identificação nos documentos cartográficos modernos. Contudo, pela comparação entre os mapas do século XVI e os atuais, pode-se presumir que a "ponta de Santa Helena" (ou melhor, de Santa Apolônia) seja a Punta Mogotes, onde se

aos profundos vales aí existentes). Estas terras ficam a 75 léguas da Baía Funda. O resto deste litoral não é freqüentado pelos cristãos, exceto o trecho compreendido entre o Cabo de São Domingos e o Cabo Branco, e deste ao Promontório das Onze Mil Virgens, situado a 52 graus e meio da Linha Equinocial, junto ao qual fica o Estreito de Magalhães, do qual falaremos dentro em pouco.

Quanto às planícies, são de fato belíssimas, com sua infinidade de cultivos, fontes e rios de água doce, nos quais abundam excelentes peixes. Nas vizinhanças destes rios vive um certo animal chamado pelos selvagens de *saricuiena*⁸⁵, o que significa "bicho guloso". Trata-se de um anfíbio que vive mais na água do que na terra e é pouco maior que um gatinho. Seu pêlo, malhado de cinza, branco e negro, é fino como veludo. Seus pés parecem-se com os das aves aquáticas. Por fim, sua carne é delicada e de ótimo paladar. Nesta terra, para as bandas do estreito, encontram-se muitos outros animais extraordinários e monstruosos, mas não tão ferozes quanto os da África.

Para concluir, devo dizer que esta região se encontra hoje em dia transformada de uma tal forma que poderíamos até confundi-la com outra. Os nativos, com o auxílio dos cristãos, desenvolveram-se tão habilmente nas artes e ciências que chegam a fazer sentirem-se envergonhados numerosos povos da Ásia e da nossa Europa (refiro-me aos desventurados seguidores da lei maometana, esta insana e danada doutrina).

localiza hoje Mar del Plata. "Areias Gordas" (ou melhor, a Costa de las Arenas) são o litoral de Bahía Blanca. As "Terras Baixas" são as que se localizam próximo ao Cabo Raso. O "Cabo de São Domingos" e o segundo "Cabo Branco" seriam as extremidades do Golfo de São Jorge (sendo que o último conservou o mesmo nome). Finalmente, a "Baía Funda" e o "Promontório das Onze Mil Virgens" chamam-se atualmente Baía Grande e Cabo Vírgenes, respectivamente. (N. do T.)

⁸⁵ No original, *saricouienne*. Trata-se da *sarigüéia* ou *gambá*, provavelmente da espécie *Didelphis paraguayensis*. (N. do T.)

CAPÍTULO LVI

DOS ESTREITOS DE MAGALHÃES E DE DARIEN

Situação do Estreito de Magalhães. — Américo Vespúcio. — Viagem de Fernão de Magalhães. — O Cabo das Virgens. — *Tercã*. — *Atorizô*. — Estreito de Darien. — As ilhas das Molucas. — A Terra Austral, à espera de ser descoberta.

Uma vez que chegamos tão perto deste célebre Estreito de Magalhães, não seria impróprio que agora se fizesse a ele uma rápida menção. *Estreito* tanto pode ser o que se chama em grego *póρθμος* (oceano por entre terras) quanto o *istmós* (faixa de terra entre duas águas). Neste último caso, temos o Istmo de Darien, a sul do qual estende-se a América. Já quanto ao primeiro caso, temos o estreito que separa a América de uma terra apenas descoberta, mas não povoada. Trata-se de um estreito idêntico ao de Gibraltar, que separa a Europa da África, e ao de Constantinopla, entre a Europa e a Ásia. Foi chamado de Estreito de Magalhães em homenagem ao seu descobridor. Fica situado a 52 graus e meio abaixo da Linha Equinocial e mede duas léguas de largura, estendendo-se no sentido das latitudes, ou seja, de leste para oeste. Localiza-se a duas mil e duzentas léguas da Venécula⁸⁶, no sentido norte-sul. Do Cabo Deseado⁸⁷, que fica na entrada do estreito, até ao promontório situado do outro lado, no Mar do Sul ou Pacífico, a 40 graus da Equinocial, a distância é de 74 léguas.

Este estreito foi intensamente procurado numa extensão de mais de duas mil e oitocentas léguas, pois através dele poder-se-ia atingir o Mar de Magalhães, também denominado Pacífico, e por este alcançar as Molucas. Américo Vespúcio, um dos mais famosos pilotos que existiram, costeou essa terra desde aproximadamente a altura da Irlanda até ao Cabo de Santo Agostinho, a serviço do rei de Portugal, no ano de 1501. Mais tarde, um outro capitão, no ano de 1534, chegou até à região denominada Terra dos Gigantes⁸⁸, localizada entre o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães. Esta região é habitada por uns indígenas possantes, os chamados *patagões*, verdadeiros gigantes por sua alta estatura e robusta compleição física. Os primeiros descobridores deste litoral conseguiram prender ardilosamente um destes selvagens. Era alto, medindo 12 palmos, e dotado de robustez proporcional à altura. Sua captura foi tão difícil que exigiu a mobilização de vinte e cinco homens. A fim de conservá-lo preso, tiveram de acorrentar-lhe os pés e as mãos ao navio. Mas não conseguiram mantê-lo vivo por muito tempo: ele deixou-se morrer de fome, pungido pela dor e pela melancolia. Ou, pelo menos, assim o dizem.

⁸⁶ Venécula ou Pequena Veneza: o mesmo que Venezuela. O nome foi dado por Alonso de Ojeda devido à semelhança que este navegante viu entre as aldeias lacustres do Lago Maracaibo e Veneza. (N. do T.)

⁸⁷ No original, *d'Esseade*. Thetvet por certo queria referir-se ao Cabo Virgenes, porquanto o Deseado está a cerca de 500 km da boca do estreito. (N. do T.)

⁸⁸ Patagônia.

Esta região possui a mesma temperatura do Canadá e de outras terras vizinhas do Pólo Norte. Em vista disto, cobrem-se os habitantes com as peles de certos animais que chamam de *SU*, palavra que também significa “água”, o que se deve, segundo presumo, ao fato de que ele viveria a maior parte do tempo nas margens dos rios. Trata-se de um animal extremamente curioso e de aspecto exótico, razão pela qual incluí sua gravura neste livro. Outra coisa: quando a fêmea é perseguida pelos nativos que querem tirar-lhe a pele, põe os filhotes nas costas, protegendo-os com sua cauda longa e peluda, e foge em disparada. Mas os selvagens empregam um artil para capturá-la: cavam um profundo buraco perto do lugar onde ela costumeiramente se esconde e recobrem-no de folhas verdes. Sem suspeitar de coisa alguma, o pobre animal, ao fugir, acaba caindo no buraco com os filhotes. Então, tomado de fúria por ver-se preso, dilacera e mata os filhotes, emitindo guinchos tão apavorantes que os próprios selvagens ficam temerosos e assustados. Matam-no finalmente a flechadas, tirando-lhe depois a pele.

Voltemos ao nosso assunto. O corajoso Capitão Fernão de Magalhães, sabendo das riquezas que poderia encontrar nas Ilhas das Molucas, mormente a grande variedade de especiarias, gengibre, canela, noz moscada, âmbar gris, mirobálano, ruibarbo, ouro, pérolas e outras coisas, especialmente nas ilhas de Matel, Maiã, Tidore e Terrenate, localizadas bem próximas umas das outras. Achando que este estreito seria o caminho mais curto e cômodo para alcançá-las, decidiu-se a procurá-lo. Passou pelos arquipélagos das Afortunadas e de Cabo Verde, seguindo daí em linha reta para o Cabo de Santo Agostinho, a 8 graus abaixo da Equinocial. A partir deste ponto, prosseguiu por mais três meses, sempre acompanhando o litoral, até que finalmente alcançou o Cabo das Virgens, a 52 graus da Equinocial, nas proximidades do estreito. Depois de navegar de leste para oeste durante cinco dias, logrou atravessar o estreito rumo ao Oceano, deixando que o próprio vento levasse o navio sem que fosse preciso desfraldar as velas. Assim, rumou diretamente para o Mar do Sul, conseguindo por fim atingi-lo. Foi extraordinário o júbilo da tripulação pela conclusão desta façanha. No entanto, a maior parte dos homens morrera em consequência dos desconfortos do tempo, da viagem em si e, sobretudo, em razão da fome e da sede.

Encontram-se neste estreito numerosas ilhas, algumas muito belas, mas todas desabitadas. Os arredores são muito áridos e montanhosos, ali não se encontrando senão animais carnívoros e diversas espécies de aves, especialmente avestruzes. Vêem-se árvores de todos os tipos, predominando os cedros e uma espécie cujo fruto lembra os da ginjeira, tendo porém um sabor mais delicado. Eis aí como e quando foi descoberto este estreito.

Mais tarde, encontrou-se outro modo de atravessar essa terra, rica entrando-se por um amplo rio proveniente do Peru e que deságua na costa do Nome de Deus⁸⁹, indo daí à região do Chagre, a 4 léguas de Panamá, e de lá ao Golfo de São Miguel, a 25 léguas de distância.

Passado mais algum tempo, um certo capitão⁹⁰ que já tinha uma certa prática de navegar pelos rios daquela região, decidiu aventurar-se pelo interior. O rei dos bárbaros de Terca — nome com que os nativos designavam essa terra — recebeu-o amistosamente, fazendo-lhe presentes de ouro e pérolas (repito o que me foi contado por uns espanhóis que faziam parte desta expedição). Prosseguindo a marcha, tiveram de enfrentar enormes perigos representados pelos animais ferozes, etc. No caminho, encontraram outros povos ainda mais selvagens e temíveis que os primeiros. Entretanto, apesar da desconfiança que

⁸⁹ A denominação atual é Golfo de Darien. (N. do T.)

⁹⁰ O autor refere-se a Vasco Nuñez de Balboa. (N. do T.)

despertavam, todos os nativos encontrados asseguraram obediência e amizade àquele soberano indígena, cujo nome era *Atorizô*. Estes selvagens presentearam o capitão com muitos e belos presentes, entre os quais enormes pepitas pesando cerca de dez libras cada uma. Depois de ter retribuído com objetos tirados da bagagem da tropa e que poderiam ser úteis ou agradáveis aos selvagens (como por exemplo ferragens miúdas, camisas e outras peças de roupa de pequeno valor), conseguiu o capitão bons guias, prosseguindo até atingir Darien. Daí, penetraram pelo interior a dentro até que chegaram ao outro lado da América: estava descoberto o Mar do Sul, no qual se situam as Molucas.

Em vista das vantagens deste caminho, logo depois os espanhóis ergueram fortificações à beira-mar. A passagem por este estreito abreviou consideravelmente o caminho para as Molucas, evitando o longo rodeio até o Estreito de Magalhães, facilitando o tráfego e oferecendo diversas outras vantagens. Foi a partir de então que teve início o comércio com aquelas enormes ilhas, cujos habitantes já estão hoje em dia convertidos ao cristianismo. No passado, porém, suas tribos eram incomparavelmente mais cruéis que as da América, desconhecendo inteiramente o valor das imensas riquezas que sua terra continha.

Na verdade, existem quatro ilhas desta mesma área do Mar do Poente que não são habitadas por seres humanos, mas sim — segundo se afirma — por sátiros! Daí terem sido denominadas *Ilhas dos Sátiros*. E neste mesmo oceano encontram-se dez ilhas denominadas *Maníolas*⁹¹, habitadas por povos selvagens e sem religião alguma. Próximo delas há uns formidáveis rochedos que atraem os navios por causa do ferro de suas chapas. Assim sendo, os que comerciam por essas bandas são obrigados a utilizar pequenos navios com cavilhas de madeira, pois só assim evitam este perigo.

Eis o que tínhamos a dizer a respeito do Estreito de Magalhães. Quanto à chamada Terra Austral⁹², a que fica à esquerda quanto se entra no Estreito de Magalhães, esta ainda é inteiramente desconhecida dos cristãos. Disse-me todavia um certo piloto inglês, homem dos mais experimentados em assuntos de navegação que se possa encontrar, que ele já pisara aquela terra numa das vezes em que atravessara o estreito. Notando minha curiosidade acerca dos seus habitantes, contou-me que os nativos que aí viviam eram possantes e inteiramente negros, uma coisa verdadeiramente inacreditável, conforme eu próprio disse a ele, visto que aquela terra, por estar numa latitude correspondente à da Inglaterra e da Escócia, está imersa num contínuo inverno, estando conseqüentemente toda ela recoberta por gelos perpétuos e rebrilhantes.

⁹¹ Ilhas Manilhas ou Filipinas. (N. do T.)

⁹² Trata-se da Terra do Fogo, ainda não circundada na época de Thevet, e que a imaginação de seus contemporâneos estendia pela Antártida a dentro. (N. do T.)

CAPÍTULO LVII

DO FATO DE SEREM OS NOSSOS ANTÍPODAS AQUELES QUE VIVEM ENTRE O RIO DA PRATA E O ESTREITO DE MAGALHÃES

Há que saber se existem ou não dois mundos. — Diferentes idéias a respeito dos antípodas. — Quais são os povos antípodas e antíctones uns dos outros. — Diferença entre antípodas e antíctones. — Antecos. — Periecos. — O modo de pisar dos antípodas, teoria que nunca foi bem compreendida e nem aprovada pelos antigos.

Conquanto existam, tanto nos mares quanto nos rios, diversas ilhas separadas dos continentes, o elemento de que se constitui a Terra é considerado como um único e mesmo corpo, não havendo mais nenhum outro elemento na composição de sua superfície, que é rotunda, conquanto se nos afigure plana, em virtude de sua enorme e admirável amplidão. Tal era a opinião de Tales de Mileto, um dos sete sábios da Grécia, e a de outros filósofos, conforme nos ensina Plutarco. Hicetes, notável filósofo pitagórico, afirma que a Terra é constituída de duas partes, a saber: uma, esta em que vivemos, e à qual chamamos de *hemisfério*; outra, aquela em que vivem nossos antípodas, à qual denominamos *hemisfério inferior*.

Teopompo, o Historiógrafo, baseando-se em Tertuliano para refutar Hermógenes, conta que Sileno teria outrora afirmado ao rei Midas que havia um outro mundo ou globo terrestre além deste em que vivemos. E Macróbio, para encerrar estas citações, discorre amplamente acerca destes dois hemisférios em que se divide a Terra, podendo o leitor recorrer a esse autor se porventura precisar de uma explanação mais pormenorizada das idéias dos diversos filósofos quanto a este assunto.

O que importa saber é se estas duas partes estariam ou não inteiramente separadas uma da outra, como mundos diferentes que pudessem ser considerados como isolados um do outro. Tal idéia não me parece razoável, considerando-se que a Terra se compõe apenas de um único elemento, conquanto ela seja presumivelmente dividida pelo mar em duas partes, como afirma Solino em seu *Polyhistor*, falando dos povos hiperbóreos. Prefiro antes dizer que o Universo é dividido em duas partes iguais por este círculo imaginário ao qual damos o nome de Equinocial. De fato, quando observamos a imagem da Terra em algum globo ou mapa-múndi, podemos ver claramente que nosso mundo é dividido pelo mar em duas partes desiguais, que os gregos chamaram de *hemisférios*. Uma parte do nosso universo contém a Ásia, a África e a Europa; a outra, a América, a Flórida, o Canadá e as demais regiões compreendidas sob a denominação de Índias Ocidentais, nas quais presume-se que vivam nossos antípodas.

Sabe-se que há diversas teorias a respeito dos antípodas. Há mesmo quem ache que eles efetivamente não existem! Já outros pensam que se porventura existissem antípodas, deveriam ser os habitantes daquele hemisfério que nos fica oculto. Quanto à minha opinião, acho mais acertado dizer que os verdadeiros antípodas entre si são aqueles que

vivem nas imediações dos dois pólos (demonstramos em outra parte que tais regiões são habitadas). Em outras palavras, os verdadeiros antípodos são aqueles que vivem no Setentrião, nas latitudes mais altas e mais próximas do pólo, e os habitantes do pólo oposto, abaixo do Equador. Ao contrário, menor será a condição de antípodos daqueles que vivem mais afastados dos pólos e próximos do Equador. Destarte, eu classificaria como verdadeiros antípodos tanto os habitantes dos dois pólos como também aqueles que vivem em regiões diametralmente opostas, ou seja, no Pólo Oriental e no Ocidental, em relação aos quais seus antíctones seriam os habitantes das partes intermediárias, sem que sejam necessárias maiores explicações.

Não resta dúvida de que os habitantes do Peru (ou seja, os que vivem em Lima, Cuzco e Arequipa) são antes antíctones do que antípodos dos que habitam a região do extenso Rio Indo, o país de Calicute, a Ilha do Ceilão e demais pontos da Ásia. Assim, também os habitantes das Ilhas das Molucas, de onde vêm as especiarias, em relação aos da Etiópia, hoje chamada de Guiné. Por esta razão, quando fala em "Traprobana dos Antípodos", Plínio — como aliás tantos outros — comete o erro de confundir *antípodos* com *antíctones*⁹⁹. Na realidade, os que vivem naquelas ilhas são antíctones dos habitantes da parte da Etiópia compreendida entre as nascentes do Nilo e a Ilha de Meroé, ao passo que os povos do México são verdadeiros antípodos dos povos que vivem na região que vai da Arábia Feliz aos confins do Cabo da Boa Esperança.

Os gregos chamaram de "antípodos" aqueles que caminham com os "pés opostos" uns em relação aos outros, ou, em outras palavras: planta do pé contra planta do pé, como é o caso dos povos acima citados. Já "antíctones" são os que vivem numa terra situada exatamente do lado oposto ao de uma outra, isto é, são os "antecos", como por exemplo os espanhóis, franceses e alemães em relação aos que vivem nas imediações do Rio da Prata. Já em relação aos patagões, que vivem perto do Estreito de Magalhães (dos quais tratamos no capítulo precedente), aqueles povos são seus antípodos. Distintos dos antecos são os "periecos", isto é, pessoas que vivem numa mesma zona (exemplo: franceses e alemães). E conquanto os "antecos" ou "antíctones" não sejam de fato "antípodos", estas palavras são de modo geral usadas indistintamente e muitas pessoas confundem o sentido de uma com o de outra. Daí ter eu observado que os habitantes do Cabo da Boa Esperança não são propriamente nossos antípodos; são nossos antecos, já que não vivem numa terra oposta à nossa, embora localizada à mesma altura da terra dos nossos verdadeiros antípodos, ou seja, a tantos graus para além da Linha Equinocial quantos os nossos para aquém.

Não tenho a menor dúvida de que muitas pessoas não possuem uma exata compreensão da teoria sobre a maneira de pisar dos antípodos, razão pela qual muitos dos antigos chegaram a desaprová-la, inclusive Santo Agostinho, como se vê no nono capítulo do Livro XVI da *Cidade de Deus*. Mas quem se esforçar por compreendê-la, conseguiu-lá facilmente: Se é de fato a Terra um globo esférico suspenso no centro do Universo, ela terá de ser forçosamente rodeada de céu por todos os lados. Disto decorre que nós os habitantes do hemisfério superior avistamos com exclusividade uma determinada parte do firmamento, ao passo que os habitantes do outro hemisfério (dito "inferior" para distinguir-se do nosso que é o "superior") avistam a outra parte do céu que só pode ser

⁹⁹ O erro, neste caso, não é de Plínio, pois as duas palavras são sinônimas. Thevet ora confunde os "antíctones" com os "antecos", que são os que habitam em latitudes simétricas de um mesmo meridiano, ora com os "periecos", habitantes das longitudes opostas de um mesmo paralelo. (N. do T.)

enxergada daquela metade do mundo. Portanto, há uma só e mesma razão e analogia entre um hemisfério e outro, mas deve-se notar que ambos possuem o mesmo centro comum no interior da Terra.

Eis algumas breves considerações acerca dos antípodas, as quais não ampliamos para não nos desviarmos muito do nosso objetivo.

CAPÍTULO LVIII

DE COMO OS SELVAGENS PRATICAM A AGRICULTURA E FAZEM PLANTAÇÕES DA RAIZ DE MANDIOCA. DE UMA ÁRVORE CHAMADA "PENÔ-AÇU".

Ocupações habituais dos selvagens. — A lavoura dos selvagens. — Milho branco e negro. — *Etique*. — Não se usa o trigo na América. — Antiguidade da agricultura. — Utilização primitiva do trigo. — Modo de fabricar a farinha de raízes. — Estranho modo de vida dos selvagens. — Uma espécie de favas brancas. — Como obtêm o sal. — Pão feito de especiarias e sal. — Farinha de peixe. — O nenúfar, planta que lembra uma couve. — *Penô-açu* (árvore). — Um estranho pássaro de rara beleza. — Diversidade de palmeiras. — *Jeraivá* e *iri*.

Em tempo de paz, os americanos quase não se dedicam a nenhuma outra atividade que não as agrícolas, até que chegue a ocasião em que se vejam obrigados a partir para a guerra. É verdade que eles se dedicam eventualmente ao comércio de trocas, como já o dissemos; todavia, a necessidade faz com que todos sejam obrigados a trabalhar a terra para viver, assim como o fazemos nós outros. Com este procedimento, praticamente repetem o costume dos antigos, que no início viveram dos frutos que a terra produzia, sem intervenção do homem. Depois, quando estes frutos foram-se tornando insuficientes para alimentar todas as pessoas, começaram a praticar roubos e invasões, apropriando-se de determinados tratos de terra e separando-os por meio de marcos e limites. Desde então começaram entre os homens os governos populares e as repúblicas.

De modo semelhante, aprenderam os selvagens a lavrar a terra, mas sem utilizarem, como nós, bois ou quaisquer outros animais domésticos, inclusive lanígeros, visto que os desconhecem completamente, mas dependendo apenas do suor e do esforço dos seus corpos, à semelhança do que se vê em determinados lugares do mundo. Entretanto, suas plantações são bem pouco consideráveis, não passando de algumas roças localizadas a cerca de duas ou três léguas da aldeia. Além de uma espécie de milho — que é o único cereal que têm — plantam também certas raízes. Fazem duas colheitas por ano: uma, na época do Natal, o seu verão, quando o Sol está na altura de Capricórnio; outra, por ocasião da festa de Pentecostes. Este seu milho é de grãos brancos e pretos, do tamanho de ervilhas. A planta é alta, lembrando os caniços marinhos.

É assim que preparam suas terras de cultivo: primeiramente, cortam sete ou oito jogadas de mato, deixando em pé apenas as árvores mais altas que um homem. Depois, ateiam fogo nos troncos e ervas, roçando e limpando todo o terreno. Em seguida sulcam a terra com certos instrumentos de madeira (ou de ferro, depois que tiveram conhecimento destes). Em seguida, as mulheres plantam o milho indígena e certas raízes chamadas *etique*⁹⁴, escavando com os dedos uma cova, como se usa entre nós quando plantamos

⁹⁴ No original, *hetich*. Trata-se da *jetica* ou *batata-doce* (*Ipomoea batatas*) (N. do T.)

ervilhas e favas. Adubar e corrigir os terrenos são práticas que desconhecem, de vez que suas terras são férteis e não estão esgotadas como as nossas. No entanto, é espantoso o fato de não medrar o trigo neste solo. Tentei eu próprio semeá-lo (pois tínhamos levado sementes conosco), mas as plantas não vingaram. Presumo que a causa não se relacione com um possível defeito da terra, mas que se deva a algum bichinho que coma os grãos enterrados. Os que ficaram por lá poderão com o tempo certificar-se da verdade. Quanto ao fato de não terem os selvagens conhecimento do trigo, é coisa que nada tem de incrível, pois mesmo na Europa e em outras partes do mundo populações primitivas viviam dos frutos que a própria terra produzia sem ser cultivada. É verdade que a agricultura é bem antiga, como se lê nas Escrituras; porém, ainda que o trigo porventura fosse conhecido desde os primeiros tempos, certamente não se saberia de que modo a planta poderia ser utilizada. Diodoro escreve que o primeiro pão que se viu na Itália foi para lá levado por Ísis, rainha do Egito. Foi ela quem ensinou a moer o trigo e assar o pão.

Antigamente, por conseguinte, só se comiam os frutos da terra, fosse ela cultivada ou não. Ora, que os homens universalmente e em toda a Terra tenham vivido como animais selvagens, é antes uma idéia fantástica do que uma verdade histórica. Só mesmo os poetas é que têm tais idéias, no que são seguidos por aqueles que os imitam. Virgílio expõe esta teoria na primeira de suas *Geórgicas*, mas eu prefiro acreditar nas Escrituras Sagradas, onde se mencionam os trabalhos agrícolas de Abel e as oferendas que ele fazia a Deus.

Portanto, ainda hoje os selvagens fabricam a farinha dessas raízes conhecidas entre nós pelo nome de *mandioca*, que têm a grossura de um braço e um pé e meio ou dois de comprimento, sendo geralmente tortuosas e oblíquas. Dessas raízes nasce um pequeno arbusto que cresce até cerca de 4 ou 5 pés acima do solo, e cujas folhas, em número de 6 ou 7, são quase idênticas às da planta que denominamos *pataleonis*, conforme demonstramos na gravura que delas fizemos. Cada folha fica na extremidade de um ramo e mede meio pé de comprimento por três dedos de largura.

O modo de fazer a farinha é o seguinte: Pilam-se ou raspam-se as raízes secas ou tenras com uma grossa casca de árvore toda engastada de pedrinhas bem duras (do mesmo modo como se faz por aqui com a noz-moscada). Depois, a massa é misturada à água e levada ao fogo numa vasilha, mexendo-se bem esta papa até que se formem pequenos caroços de farinha, semelhantes aos do maná granulado. Esta farinha, além do ótimo sabor que apresenta enquanto é nova, constitui também um excelente alimento. E note-se que ela é encontrada no Peru, no Canadá, na Flórida, em toda a terra firme situada entre o Oceano e o Mar de Magalhães, ou seja, na América, na Terra dos Canibais e até mesmo nas imediações do Estreito de Magalhães⁹⁵, sendo seu uso bastante difundido, conquanto de um extremo ao outro medeie uma distância superior a duas mil léguas de terra. Usam-na os selvagens como acompanhamento de carnes ou de peixe, assim como nós usamos o pão.

É muito estranho o modo pelo qual os selvagens comem a farinha, pois jamais levam a mão à boca, e sim arremessam, com os dedos, punhados de farinha de uma distância de um pé ou mais, no que são extraordinariamente hábeis. Por isso, riem-se dos cristãos pelo fato de comerem de modo diferente.

⁹⁵ Temos aqui uma relação de algumas das regiões em que se costumava dividir o continente americano até à primeira metade do século XVI. "Peru" era o noroeste da América do Sul, do Chile ao Panamá. "Canadá" era só o sudeste deste país. A "Flórida" estendia-se até às Montanhas Rochosas. Por fim, a "Terra dos Canibais" compreendia as Guianas e o Amapá. (N. do T.)

Todo o processo de plantio, colheita e preparo das raízes é deixado às mulheres, pois os homens consideram tal ocupação indigna deles.

Os americanos plantam também umas favas inteiramente brancas e bastante achatadas, mais largas e compridas que as nossas. São também ali muito abundantes umas pequenas vagens brancas, em nada diferentes das que se vêem na Turquia e na Itália. Comem-nas depois de cozinhá-las em água de sal. Para a obtenção do sal, fervem a água do mar até que seu volume se reduza à metade, empregando depois um determinado processo para separá-lo. Utilizam-no ainda misturado a uma certa pimenta moída para fazer uma espécie de pão do tamanho de uma cabeça de homem, que muitos gostam de comer com carne ou com peixe, sobretudo as mulheres. Além disto, às vezes misturam a pimenta à farinha, antes de esta ser pulverizada, ou seja, logo que acabou de cozinhar. E fazem também farinha de peixe seco, ótima de se comer acompanhada de certa mistura que só eles sabem fazer.

Não posso esquecer-me de uma espécie de couve que lembra bastante a planta aquática que se chama nenúfar. E também uma outra planta cujas folhas são assim como as da sarça, crescendo de modo absolutamente idêntico ao dos espinheiros grandes.

Resta-nos falar de uma árvore que eles denominam *penô-açu*⁹⁶. Seus frutos, redondos como pélas, são do tamanho de maçãs grandes. Se são ou não gostosos, pouco importa, já que possuem um veneno muito perigoso. Dentro dele há seis coquinhos parecendo amêndoas, mas um pouco mais largos e achatados que estas. No interior de cada um há um carocinho que, segundo afirmam os selvagens, é maravilhosamente indicado para curar chagas. De fato, usam-no quando sofrem ferimentos, especialmente das flechadas que recebem em guerra. Quando voltei trouxe comigo certa quantidade destes frutos e distribuí-os entre os amigos. Os selvagens aplicam nas partes ofendidas o óleo avermelhado que se obtém esmagando-se os caroços.

A casca desta árvore tem um cheiro muito estranho, e suas folhas, sempre verdes, têm a espessura de uma moeda de tostão e são parecidas com as da beldroega. Pousa muito freqüentemente em sua copa um pássaro do tamanho de um picanço, tendo na cabeça um longo penacho amarelo como ouro fino. Sua cauda é negra; o resto do corpo, amarelo e negro, aparecendo umas faixinhas onduladas de várias cores. Em volta dos olhos é vermelho; entre o bico e os olhos, escarlate. E, como dissemos, é muito comum ver-se este pássaro pousado no *penô-açu*. A causa é que ele se alimenta dos bichinhos que vivem em seu tronco. Aqui apresentamos uma gravura desta ave, podendo-se ali ver o grande comprimento que tem seu penacho.

De resto, deixando de lado diversas espécies de árvores e arbustos para resumir o assunto, direi apenas que lá existem cinco ou seis tipos de palmeiras. Seus frutos desconhecidos dos europeus, em nada se parecem com as tâmaras do Egito, sendo bem diferentes destas. Alguns são grandes como pélas, outros são enormes. Entre essas palmeiras, as mais comuns são a *jeraivá*⁹⁷ e a que se chama *iri*⁹⁸. Seus frutos são diferentes. Há ainda uma cujo fruto é inteiramente redondo e lembra, quando maduro, uma ameixa, tanto no tamanho quanto na cor. Quanto ao gosto, porém, lembra mais o de uvas recém-colhidas. Os selvagens comem seu caroço, que é inteiramente branco e tem o tamanho de uma avelã.

⁹⁶ No original, *peno-absou*. Conquanto Hoehne (citado por E. Pinto) tenha identificado esta árvore com a andiroba (*Carapa gulanensis*), a descrição que se segue adapta-se melhor, a nosso ver, ao abacate-do-mato (*Salacia brachypoda*). (N. do T.)

⁹⁷ Sobre a *gerahuva*, ver nota no capítulo XLVIII.

⁹⁸ O *iri* ou *airi* (no original, *iry*) é a mesma brejaúba (*Astrocaryum auri*). (N. do T.)

Eis o que tínhamos a dizer acerca da América, de modo bem sumário, após termos observado as coisas mais singulares que esta terra apresenta. Talvez ainda voltemos a tratar mais pormenorizadamente de outras numerosas árvores, arbustos, ervas, etc, citando também suas propriedades que os nativos descobriram às custas da experiência. Por ora deixamos de fazê-lo para evitar de sermos prolixos.

No capítulo seguinte iremos dizer algumas palavras sobre a Terra do Brasil.

CAPÍTULO LIX

COMO FOI DESCOBERTA A TERRA AMERICANA E ENCONTRADO O PAU-BRASIL, ALÉM DE NUMEROSAS OUTRAS ÁRVORES QUE SÓ EXISTEM NESSA TERRA

A Terra do Brasil, descoberta pelos portugueses. — O *orabutã* ou pau-brasil. — *Dalmagim*. — Viagem ao Oriente realizada por Onesicrito, capitão de Alexandre, o Grande. — Madeira amarela. — Madeira cor de púrpura. — Uma batalha esculpida em madeira cor de púrpura. — Madeira branca. — Bétula. — Diversidade dos tipos de terras.

Sabe-se ao certo que foi Américo Vespúcio quem primeiro descobriu esta grande terra continental banhada por dois mares. Embora não a tenha examinado inteiramente, Vespúcio reconheceu a sua maior parte. Depois vieram os portugueses que, não contentes com as terras que já haviam descoberto, continuaram esforçadamente em busca de outras, sempre procurando tirar proveito disso através do comércio dos produtos locais, já que eram hábeis para persuadir os nativos a que lhes trouxessem. Assim foi que enquanto estavam eles pesquisando atentamente essa terra, quais troianos em território cartaginês, tiveram a atenção despertada para os diversos tipos de plumagens que já constituíam um bom artigo de comércio, especialmente as vermelhas. Tendo inquirido os nativos sobre a tinta com a qual tingiam essas penas, mostraram-lhes estas a árvore do pau-brasil. Esta árvore, que na língua dos selvagens recebe o nome de *orabutã*⁹⁹, é uma planta de rara beleza. A casca, cinzenta por fora, recobre um tronco que é tanto mais vermelho quanto mais próximo do cerne, sua parte mais excelente e procurada.

A partir de então, passaram os portugueses a embarcar grandes quantidades desses troncos, coisa que fazem até hoje. Este comércio aumentou depois que também os franceses dele tiveram conhecimento. Na verdade, os portugueses não admitem que os franceses naveguem por aquelas paragens e freqüentem quaisquer pontos do litoral dessa terra, de cujas riquezas presumem eles ser os únicos proprietários, alegando terem descoberto e tomado posse do lugar. O que não deixa de ser verdade.

Retornemos à descrição do pau-brasil. Esta árvore possui folhas miúdas como as do buxo, porém mais grossas e numerosas. Diferentemente das outras árvores que aí se encontram, esta não tem resina, nem dá frutos. Sua madeira já foi mais apreciada no passado do que é hoje em dia, especialmente nos países do Levante. Acreditou-se, a princípio, que o pau-brasil fosse o *dalmagim*, que a Rainha de Sabá levou de presente para Salomão, conforme se vê no Primeiro Livro dos Reis¹⁰⁰. Também o grande Capitão Onesicrito, ao regressar de Taprobana, uma ilha do Oriente localizada no Oceano Índico, trouxe consigo,

⁹⁹ No original, *oraboutan*.

¹⁰⁰ Thevet refere-se ao ébano (*muguim*), citado em III Reis, Cap. X, vers. 12. (N. do T.)

entre diversas coisas curiosas, um grande carregamento desta madeira, o que seu soberano Alexandre muito apreciou.

O pau-brasil do litoral do Rio de Janeiro, de Morpião e do Cabo Frio é melhor que o da Terra dos Canibais e da costa do Marinhão. Quando os cristãos, sejam franceses ou espanhóis, vão a esses locais em busca de troncos, são os próprios nativos que derrubam as árvores e as cortam em pedaços, trazendo-as às vezes de três ou quatro léguas de distância até aos navios. Imagine-se o trabalho que têm apenas pelo desejo de ganhar uma simples roupa forrada ou algumas camisa. . .

Há também nessa terra uma certa medeira amarela com a qual os selvagens costumam fazer seus espadões. Há ainda uma outra que tem a cor de púrpura, com a qual eu penso que se poderiam fazer belos trabalhos. Entretanto, não creio que a mesma se trate daquela citada por Plutarco quando este relata que Caio Mário Rútílio, primeiro ditador romano da ordem popular, mandou gravar em certa madeira purpurina uma cena de batalha cujos personagens não teriam mais do que três dedos de altura. Esta madeira fora trazida da alta África, o que mostra quão grande era a curiosidade dos romanos pelas coisas raras e singulares.

Há ainda árvores cuja madeira é branca como papel fino, mas que, por ser também muito tenra, não é apreciada pelos selvagens. Não me foi possível saber quais seriam suas propriedades, mas lembrei-me, ao vê-la, de certa madeira que Plínio chama de *bétula* e descreve como sendo igualmente branca e macia, dizendo que era com ela que se faziam as varas que se conduziam diante dos magistrados romanos.

Assim como há nessa terra inúmeras árvores e frutas diferentes tanto na forma quanto nas cores ou em outros aspectos também existem aí diversos tipos de terras (solos), umas mais gordas, outras menos, além dos barros-fortes¹⁰¹ com os quais os nativos, assim como o fazemos em nossa pátria, fabricam vasilhas diversas, usando-as para comer, para beber, etc.

Eis o que tínhamos a dizer a respeito da América, não tendo eu aqui discorrido sobre tudo o que de fato vi, mas apenas sobre aquilo que me pareceu mais digno de ser dito para satisfazer a curiosidade do distinto leitor, ao qual peço que tenha, ao ler estas observações, a mesma paciência que eu tive para escrevê-las, após os consideráveis trabalhos e riscos de tão árdua e longínqua viagem. Sei que muitos criticarão esta narrativa por considerá-la assaz reumida, ao passo que outros haverão de achá-la demasiado longa. Foi por esta razão que preferi adotar um meio termo, buscando com isso satisfazer a ambas as partes.

¹⁰¹ O mesmo que *caulim*. (N. do T.)

CAPÍTULO LX

DE NOSSA PARTIDA DA FRANÇA ANTÁRTICA OU AMÉRICA

Nosso regresso da América. — Cabo de Santo Agostinho. — Cabo da Boa Esperança e o porquê do seu apelido de "Leão do Mar". — O perigoso Cabo de Santo Ângelo. — O descobrimento desta região pelo Capitão Pinzón. — Castelmarm. — Fernambom.

Nos capítulos anteriores citamos e descrevemos pormenorizadamente certos costumes e particularidades dessas nações, os quais ainda não haviam sido descritos ou celebrados pelos historiadores antigos, já que estes nem sequer tinham conhecimento dessas terras. Assim, depois de ter permanecido ali o tempo suficiente para o que me propusera fazer, e tendo satisfeito minha curiosidade a respeito dessa terra e das coisas nela existentes, passamos a aguardar que surgissem a oportunidade e os meios de regressar, uma vez que, além do mais, não era nossa intenção prolongar ali demasiadamente a nossa estada. Por fim embarcamos. Nosso comandante foi o Senhor Bois-le-Comte, Capitão da Real Armada fundeada na França Antártica, homem magnânimo e possuidor de altas virtudes, sendo além do mais tão versado em assuntos náuticos que parecia não ter jamais feito outra coisa em toda a sua vida que não navegar.

O caminho que seguimos na viagem de volta foi inteiramente diferente do que percorrêramos na vinda, em razão do sentido dos ventos. Esta volta tem provavelmente umas quatrocentas ou quinhentas léguas a mais que a ida, sendo também um caminho mais difícil. Assim, no último dia de janeiro, às 4 horas da manhã, fizemos-nos à vela sem outros companheiros senão os marujos da tripulação, saindo do Rio de Janeiro e seguindo pelo imenso mar a fora, tendo agora à direita a costa da Etiópia que ficara à esquerda na vinda. Os ventos, por ocasião da partida, estavam bastante propícios, coisa que pouco durou, pois logo em seguida começaram a soprar furiosamente, pela proa, ventos que vinham do norte e do noroeste. O mar tornou-se instável e inseguro, fazendo com que nos desviássemos de nossa rota. Éramos jogados para cá e para lá. Só com grande dificuldade é que finalmente avistamos o Cabo Frio, onde havíamos desembarcado durante a vinda. E ali novamente ficamos parados durante oito dias até que no nono começou a soprar-nos pela popa o vento sul, conduzindo-nos pelo mar a dentro, deixando-nos longe do litoral e ao largo de Mauaque¹⁰², o que nos foi vantajoso por causa dos perigos que esse lugar representava. Há ali uma fortaleza dos portugueses e tanto eles quanto os selvagens que aí vivem são hostis a nós, como já dissemos em outro trecho deste. De dois anos para cá foram aí encontradas algumas jazidas de ouro e prata; foi por isso que os portugueses construíram a fortaleza e diversas habitações para os colonos.

Prosseguimos por este mar com grandes dificuldades até à altura do Cabo de Santo Agostinho. Para que conseguíssemos enfrentar e dobrar este cabo, tivemos de ficar

¹⁰² No original, *Mahouac*. Para Gaffarel, o lugar seria Macaé, o que é pouco provável, já que Thevet referiu-se a este local designando-o por *Maqueh*, como se vê no capítulo XXII. Estevão Pinto presume que se trate do "litoral de Mboab", na costa capixaba. (N. do T.)

navegando a esmo pelo espaço de uns dois meses, tal a sua enormidade. E não há nada de extraordinário nisso, pois sei de pessoas que se lembram de ter aí demorado três ou quatro meses. Se o vento não nos tivesse sido favorável, teríamos corrido o perigo de continuar aí parados, tendo talvez de enfrentar outros inconvenientes.

Localizado a cerca de 302 léguas do nosso ponto de partida, a largura deste cabo é de umas 8 léguas. Ele penetra pelo mar a dentro pelo menos por cerca de umas nove ou dez léguas, vindo daí o grande receio que lhe têm os navegantes. É tão temido quanto o Cabo da Boa Esperança, na costa da Etiópia, o qual foi por esta razão apelidado de "Leão do Mar", conforme o disse num capítulo anterior. Ele faz lembrar também um outro cabo bastante perigoso situado na Acaia (ou Moréia, como é conhecida hoje em dia): o Cabo de Santo Ângelo, no Mar Egeu. Quem deu a esse promontório o nome de Cabo de Santo Agostinho foram seus descobridores prováveis, os espanhóis Pinzón (pai e filho). É este também o nome que lhe é dado em nossas cartas marítimas. Os Pinzón descobriram ainda diversas outras terras dantes totalmente desconhecidas.

No ano de 1501, Dom Manuel, rei de Portugal, enviou três grandes navios à América Meridional, com a finalidade de procurar os estreitos de Furnas e Darien, a fim de que se pudesse atalhar a rota das Molucas, evitando ter de descer até ao Estreito de Magalhães. Navegando por esta costa, descobriram este promontório. Desembarcando, viram que se tratava de um lugar muito bonito e bem temperado, conquanto estivesse situado a 8 graus de latitude e a 340 graus de longitude. Com o passar do tempo, vários outros navios portugueses já haviam levado para lá numerosos colonos. Estes, depois de estarem familiarizados com os selvagens, construíram um forte denominado Castelmairim¹⁰³. Depois, bem próximo deste, um outro, chamado Fernambom¹⁰⁴. Neles comerciavam os portugueses com os selvagens, que lhes vendem algodão, peles de animais, especiarias e até prisioneiros de guerra. Estes são levados a Portugal para serem vendidos como escravos.

¹⁰³ Castelmairim, ou melhor, Castelo de Mairi: Olinda. (N. do T.)

¹⁰⁴ Fernambom, ou melhor, Pernambuco: Recife. (N. do T.)

CAPÍTULO LXI

DOS CANIBAIIS DA TERRA FIRME E DAS ILHAS. DE UMA ÁRVORE CHAMADA "ACAJU".

Ilha de São Paulo. — Selvageria dos canibais. — A grande inimizade entre espanhóis e canibais. — Fertilidade da Terra dos Canibais. — Árvores mortíferas. — *Aunai*. — Riquezas da Terra dos Canibais. — O Rio Marinhão separa o Peru da Terra dos Canibais. — Rio Orellana, no Peru. — A riquíssima Ilha de Trinidad. — Uma espécie de árvore semelhante à palmeira.

Após termos enfrentado e por fim conseguido dobrar aquele enorme promontório (conquanto a duras penas), teríamos agora de tentar a sorte e avançar o máximo que pudéssemos, quaisquer que fossem os ventos que soprassem. Todavia, não deveríamos afastar-nos muito da terra firme. Teríamos de costear bem de perto a ilha de São Paulo e outras ilhotas desabitadas¹⁰⁵ que se localizam perto da terra firme onde vivem os canibais, na região da fronteira entre as possessões do rei de Espanha e os territórios portugueses (isto será explicado oportunamente).

Já que alcançamos a Terra dos Canibais, vamos dizer algumas palavras a respeito desses selvagens. Os canibais, cujas terras vão do Cabo de Santo Agostinho às proximidades do Marinhão, são os mais cruéis e desumanos de todos os povos americanos, não passando de uma canalha habituada a comer carne humana do mesmo jeito que comemos carne de carneiro, se não até mesmo com maior satisfação. E posso ainda assegurar que é custoso arrancar-lhes um prisioneiro das mãos depois que o agarraram, tal é a avidez que têm de devorá-lo, parecendo leões famintos. Não há fera dos desertos d'África ou d'Árabia que aprecie tão ardentemente o sangue humano quanto estes brutíssimos selvagens. Por isso não há nação que consiga aproximar-se deles, seja cristã ou outra qualquer. E se alguém pretender traficar com eles ou visitar seu território, não será de modo algum recebido, a não ser que lhes traga reféns, pois são demasiadamente desconfiados. Suspeitam até mesmo uns dos outros. Os mais dignos dentre eles não são merecedores de nenhuma confiança. Eis por que os espanhóis e portugueses lhes fazem eventuais represálias, em memória das quais só Deus sabe como devem ser tratados pelos selvagens quando estes os prendem para devorá-los. Portanto, como vivem em inimizade e perpétua guerra contra os cristãos (dos quais já sofreram sérias derrotas), achamos preferível permanecer aí menor tempo possível.

Os canibais enfiam nos lábios, como os demais selvagens, pedras verdes e brancas. Diferente dos outros, contudo, usam pedras incomparavelmente maiores, algumas chegando até à altura do peito.

¹⁰⁵ De acordo com Estêvão Pinto, as ilhas citadas seriam os Rochedos de São Pedro e São Paulo e os Recifes das Rocas. Há que considerar, porém, que Thevet as localiza próximo à Costa dos Canibais. Os recifes, a 200 km do litoral, ainda podem ser considerados próximos; os rochedos, porém, estão a 950 km de distância. De fato, não conseguimos identificar essas ilhas. (N do T).

Seria bem melhor que esta região estivesse em outras mãos que não as desta canalha. Aí são abundantes as árvores frutíferas e as ervas e raízes cordiais. Destaca-se, pela quantidade, a árvore denominada , *acaiú*¹⁰⁶ de fruto do tamanho de um punho fechado ou de um ovo de gansa. Embora não seja muito bom de se comer, alguns preparam com ele uma bebida cujo gosto lembra o de sorva mal amadurecida. Na extremidade deste fruto há uma espécie de noz do tamanho de uma castanha e do formato de um rim de lebre. Seu caroço interno adquire excelente sabor quando levado ligeiramente ao fogo. A casca é rica em óleos e de gosto muito ácido. Estes frutos são abundantes que sua colheita poderia ser mais considerável que as de nozes na Europa, desde que os selvagens o quisessem. As folhas desta árvore são semelhantes às da pereira, mas de pontas mais finas e cor avermelhada. De resto, também a casca é avermelhada e de sabor muito amargo. Os selvagens não empregam sua madeira por ser esta muito macia. Apenas os das ilhas usam-nas para fazer fogo, já que praticamente não existem ali outras árvores senão esta e o guaiaco. Eis o que eu tinha a dizer a respeito do *acaju*, cuja ilustração é apresentada à frente.

Na região existem ainda certas árvores de frutos perigosos de se comerem. Uma delas é a *ainai*¹⁰⁷.

De resto, trata-se de uma região bastante montuosa e aurífera. É numa rica e alta montanha que os selvagens colhem as pedras verdes que põem nos lábios. Assim sendo, não é impossível que se pudessem aí encontrar esmeraldas e outras riquezas, desde que estes vis e obstinados selvagens permitissem a exploração de seus territórios com segurança. Sabe-se, contudo, que lá existem mármore brancos e negros, além de jaspe e pórfiro.

Ocupando todo o território situado entre o Cabo de Santo Agostinho e o Rio Marinhão, os canibais têm um modo de vida idêntico ao dos selvagens do Cabo Frio. Separando o Peru da Terra dos Canibais, o Rio Marinhão tem cerca de 15 léguas na embocadura, onde se localizam algumas ilhas povoadas e ricas em ouro. Os selvagens que ali vivem aprenderam um modo de fundir este metal e fazer uns anéis bem largos que usam como brincos, além de pequenos crescentes que penduram nas asas das narinas e nas bochechas. Aham tais ornatos muito belos, magníficos! Nesta foz, segundo os espanhóis, conflui com o Marinhão o grande Rio Orellana que vem de Peru¹⁰⁸.

Pouco acima deste rio há uma outra ilha, chamada Trindade¹⁰⁹, a 10 graus da Linha Equinocial, possuindo cerca de 30 léguas de comprimento por 8 de largura e sendo uma das ilhas mais ricas do mundo, porquanto nela há metais de toda a ordem. Pretendendo conquistá-la, aí desembarcaram inúmeras vezes os espanhóis, mas foram repellidos e expulsos das terras mais ricas devido aos maus tratos que inflingiram aos nativos. Nesta ilha produz-se abundantemente um certo fruto que dá numa árvore semelhante à palmeira. Dele se faz uma bebida. Como nas outras ilhas próximas da terra firme, tam-

¹⁰⁶ No original, *acaíou*, que talvez seja *acajou*, já que nos textos quinhentistas não se diferencia o "i" do "j". Evidentemente, trata-se do *cajueiro* (*anacardium occidentale*). (N. do T.)

¹⁰⁷ No original, *hournay*. Trata-se do agai (*Thevetia ahoai*). (N. do T.)

¹⁰⁸ Vê-se por este trecho que o Marinhão de Thevet não é o Amazonas (que ele chama de "Aurelane"), mas o Tocantins, que de fato ainda hoje é conhecido pelo nome de *Maranhão* nas cabeceiras. Para Thevet, o Amazonas não passaria de um rio-gêmeo deste, senão mesmo um afluente. A complicação aumenta no parágrafo seguinte, quando o autor confunde a foz do Amazonas com a do Orinoco! (N. do T.)

¹⁰⁹ Não se trata aqui, evidentemente, da Ilha da Trindade brasileira, mas da Ilha de Trinidad, a 11 km da costa venezuelana, defronte ao delta do Orinoco. (N. do T.)

bém nesta encontra-se um excelente incenso e a hoje em dia tão decantada madeira de guáiaço.

Defronte a esta região fronteira entre o Peru e a Terra dos Canibais (aos quais há pouco nos referimos) existem numerosas ilhas também denominadas "dos Canibais"¹¹⁰, situadas bem próximas da terra de Zamaná¹¹¹, estando a maior delas a cerca de 30 léguas de Ilha Hispaniola¹¹². Em todas essas ilhas presta-se total obediência a um rei que os insulares chamam de "cacique". A maior delas¹¹³ tem 60 léguas de comprimento por 48 de largura, sendo agreste e montanhosa como a Córsega. Nela reside habitualmente o cacique. Os selvagens desta ilha são inimigos mortais dos espanhóis, e de tal maneira que não admitem sequer comerciar com eles. Por fim, trata-se de um povo de aspecto assustador, sendo além do mais arrogante, corajoso e muito dado ao furto.

Há numerosas árvores de guáiaço e uma outra espécie de árvore cujo fruto é do tamanho de uma péla, belo de aspecto, mas venenosa. Em vista disto, os selvagens costumam mergulhar no suco desta planta as flechas a serem utilizadas contra os inimigos.

Existe uma outra árvore da qual escorre, quando se arranca sua casca, um líquido tão venenoso quanto o arsênico. Todavia, sua raiz é comestível servindo para fazer uma farinha que lhes serve de alimento, assim como a farinha de mandioca para os americanos, conquanto essas duas plantas tenham troncos, ramos e folhagens inteiramente diferentes. Presentes na mesma planta o veneno e o alimento. . . Deixo aos filósofos a explicação.

O modo de guerrear desses selvagens é o mesmo utilizado pelos americanos e pelos canibais de terra firme, salvo pelo fato de que usam fundas feitas de peles de animais ou de cascas macias. São bastante destros no uso desta arma, a ponto de não ser possível acreditar que os próprios inventores da funda (ou seja, os baleares, segundo Vegécio) tenham sido melhores fundibulários do que eles. . .

¹¹⁰ As pequenas Antilhas (N. do T.)

¹¹¹ Refere-se o autor provavelmente à região de Cumaná, no litoral venezuelano. (N. do T.)

¹¹² Nome dado por Colombo à Ilha de São Domingos. (N. do T.)

¹¹³ Porto Rico.

CAPÍTULO LXII

DO RIO DAS AMAZONAS* TAMBÉM CHAMADO ORELLANA, PELO QUAL É POSSÍVEL NAVEGAR À TERRA DAS AMAZONAS E À FRANÇA ANTÁRTICA

O Mar Pacífico ou Magalânico. — Situação do Rio da Prata. — Situação e excepcionais dimensões do Rio Orellana. — Origem do Nilo. — O Orellana, ou Rio das Amazonas. — A Ilha de Santa Cruz. — Estatura dos Selvagens.

Aproveitando que estamos com a pena na mão escrevendo sobre os lugares descobertos e povoados que se situam além da Linha Equinocial, entre o Meridiano e o Poente, e procurando ilustrar tudo o que podemos a fim de facilitar o entendimento dessas coisas, ocorreu-me colocar no texto a descrição de uma viagem tão extensa quanto árdua, empreendida ousadamente por uns espanhóis que seguiram por águas e terras até às costas do Mar Pacífico, também chamado Magalânico, onde se localizam as Molucas e diversas outras ilhas.

Para que melhor se compreenda este assunto, é preciso lembrar que o príncipe da Espanha mantém sob seu domínio vastas extensões territoriais, compreendendo tanto ilhas quanto terras firmes das Índias Ocidentais, mormente no Peru e na América. A pacificação dessas terras, conseguida depois de muito tempo, permitiu que delas se retirassem grandes rendimentos. Vai daí que um certo capitão espanhol, destacado para o Peru por ordem do príncipe, resolveu seguir por terras e águas a fim de descobrir um caminho para o Rio da Prata (que fica a setecentas léguas do Cabo de Santo Agostinho, que está, por sua vez, a trezentas léguas das ilhas do Peru). Estava ele disposto a arrostar quaisquer dificuldades que surgissem: a grande extensão do percurso, a inacessibilidade das montanhas, o medo das tribos e feras selvagens, etc. Pela execução de tão alta empresa, esperava poder entrar na posse de formidáveis riquezas e adquirir imortal renome, legando à posteridade uma glória imorredoura. Depois de tudo pronto e devidamente arranjado, já que tal empreendimento exigia considerável equipagem, principalmente mercadorias que pelo caminho pudessem ser trocadas por víveres, bastante munição, partiu o capitão, acompanhado de cinquenta espanhóis, um certo número de escravos para o serviço pesado e alguns insulares que já se haviam convertido ao cristianismo e que deveriam servir de guias e intérpretes. E assim embarcaram em pequenas caravelas rumo ao Rio Orellana. Garanto que este rio é o mais largo e extenso de todo o mundo, pois sua largura é de 59 léguas e seu comprimento ultrapassa mil léguas! Muitas pessoas preferem designá-lo por Mar Doce. Tanto este quanto o Rio Marinhão procedem das encostas das altas montanhas de Muiubamba¹¹⁴, estando suas nascentes, porém, a 104 léguas de distância. A cerca de 600 léguas desse ponto, confluem os dois rios na planície. A maré invade-lhe o leito por cerca de umas 40 léguas. Assim como o Nilo, que banha o Egito e, segun-

¹¹⁴ No original *Moullubēba*. A cidade de Moyobamba, no Peru, fica a cerca de 400 km das nascentes do Marañon, um dos formadores do Amazonas. (N. do T.)

do a opinião de alguns, procederia das Montanhas da Lua (coisa que me parece bastante razoável), também o Orellana tem enchentes em determinadas épocas do ano.

Esse rio foi batizado com o nome daquele que primeiro completou sua longa navegação a jusante. Seu descobrimento, entretanto, foi anterior, tendo seus descobridores atribuído inicialmente a ele o nome de Rio das Amazonas em suas cartas geográficas. Trata-se de um rio excepcionalmente difícil de ser navegado, em virtude das correntezas que apresenta durante todas as épocas do ano. Ademais, não é fácil passar pela sua embocadura, devido aos consideráveis rochedos ali existentes e que só com grande esforço podem ser evitados. Conseguindo-se penetrar por este rio durante uma certa extensão, depara-se com belas ilhas, umas povoadas e outras não. Além do mais, o Rio Orellana é perigoso em todo o seu curso, por ter as águas e margens ocupadas e repletas de diversos povos extremamente cruéis e bárbaros, de longa data inimigos dos estrangeiros, acreditando que estes entram em suas terras com uma única intenção: roubar-lhes tudo. Assim, quando o destino faz com que encontrem forasteiros, matam-nos sem a menor piedade, comendo-os em seguida, assados e cozidos como qualquer outra carne. . .

Como jámos dizendo, os espanhóis embarcaram numa das ilhas do Peru, a que se chama Santa Cruz ¹¹⁵, em alto mar, indo à procura da barra desse rio. Alcançando-a passaram por ela com o auxílio de um vento excepcionalmente propício; daí, seguiram rente à margem com o objetivo de reconhecer a terra, os habitantes e seus costumes, e também em virtude das vantagens que este tipo de navegação oferece. Assim, costeando ora uma, ora a outra margem, de acordo com as conveniências do momento, os viajantes iam prosseguindo, sempre avistando os naturais que, postados nas praias, manifestavam seu espanto ao ver aquela estranha frota de embarcações de guerra com sua numerosa tripulação. Por sua vez, também não estavam menos surpresos os espanhóis com a visão daquela incalculável multidão de indivíduos rudes e inteiramente selvagens, em suma: com cara de que roubariam, se pudessem, tudo o que os espanhóis possuíam. Por essa razão, tiveram de prosseguir por longo espaço de tempo, sem se atreverem a ancorar ou a desembarcar. Não obstante, acabaram por ser obrigados pela fome e por outras razões a arriar as velas e deitar âncoras, fundeando providentemente não muito perto da margem, à distância de um tiro de arcabuz. Em seguida, por meio de gestos amistosos e outros expedientes, solicitaram dos distintos senhores selvagens que fizessem o obséquio de lhes fornecer alguns víveres e dessem permissão para que eles descessem à terra a fim de repousar. Atraídos de longe por aqueles gestos, alguns dos selvagens tomaram das canoas que usam habitualmente para navegar nos rios e ousaram aproximar-se dos cristãos, mas não sem algum receio, de vez que nunca haviam chegado assim tão próximos de tais pessoas. E como seu temor aumentava visivelmente à medida que se aproximavam, tiveram os espanhóis de jogar para eles algumas das facas e ferramentas reluzentes que há pouco lhes haviam sido exibidas. Depois de terem recebido aqueles pequenos presentes, empenharam-se ativamente os selvagens em buscar os víveres solicitados. E, de fato, voltaram com uma grande quantidade de peixes e frutos saborosos. Aconteceu até que um dos selvagens trouxe para os espanhóis dois membros humanos assados, que era o que sobrara de quatro prisioneiros que ele matara no dia anterior! O presente foi prontamente recusado.

¹¹⁵ A Ilha de Santa Cruz é a maior das ilhas virgens. A narrativa de viagem que se segue seria, de acordo com Gaffarel e Estêvão Pinto, um péssimo relato da epopéia de Orellana. Na realidade, em pouquíssimos pontos a descrição de Thevet empata com a outra, da qual ele tinha conhecimento, conforme o demonstra no início do parágrafo precedente. (N. do T.)

De acordo com as descrições dos espanhóis, esses selvagens seriam de alta estatura e boa compleição, vivendo nus como todos os outros indígenas, mas trazendo, acima do estômago, largos crescentes feitos de ouro fino bem polido, lembrando espelhos redondos. Se os espanhóis trocaram suas mercadorias por essas belas riquezas, é coisa que nem é preciso perguntar. E se acaso não conseguissem convencer os selvagens, tenho plena certeza de que não seria pelo fato de não terem feito tudo quanto estava a seu alcance. . .

Tendo então descansado, recuperado as forças e armazenado uma nova provisão para o futuro, fizeram mais uma distribuição de presentes antes de se despedirem e, então, trataram de seguir em frente, desfraldando as velas e tentando recuperar o tempo perdido. Com essa disposição, navegaram por mais de cem léguas sem desembarcar, observando nas margens, em toda a extensão do percurso, uma grande quantidade de povos selvagens semelhantes aos que eles haviam encontrado, donde não pretender deter-me em sua descrição, evitando ser prolixo. Prefiro tratar a seguir do local onde os espanhóis desembarcaram pela segunda vez.

CAPÍTULO LXIII

DESEMBARQUE DOS ESPANHÓIS NA REGIÃO EM QUE ENCONTRARAM AS AMAZONAS

As amazonas da América. — Os três tipos de amazonas da Antigüidade. — Diferentes opiniões sobre o nome das amazonas e sua etimologia. — Filostrato. — As belicosas amazonas. — A Ásia como tributária dos citas pelo espaço de 500 anos. — Lampedo e Martésia, as primeiras rainhas das amazonas. — Modo de vida das amazonas da América. — Como tratam as amazonas a seus prisioneiros de guerra. — A incerta origem das amazonas americanas. — Chegada dos espanhóis à terra das amazonas; como foram recebidos.

Foram tão proveitosas as jornadas dos espanhóis dos quais estávamos falando, que logo alcançaram a região habitada pelas amazonas. Ninguém contava com isso, pois os historiadores jamais haviam mencionado tal coisa, já que não tiveram conhecimento dessas terras, só há pouco descobertas. Poder-se-ia argumentar que não seriam estas as verdadeiras amazonas, mas sou de opinião contrária, visto que o modo de vida dessas mulheres é absolutamente idêntico ao que conhecemos das amazonas asiáticas. E antes de seguir em frente, quero lembrar-lhes de que essas amazonas das quais ora tratamos vivem longe de todos, numas ilhotas que lhes servem de fortalezas, tendo como única atividade a guerra perpétua que movem contra certas tribos vizinhas, ou seja, procedendo de modo exatamente igual ao das amazonas que os historiadores descreveram. Essas belicosas amazonas americanas, isoladas e fortificadas em suas ilhas, sofrem constantes ataques por parte de seus inimigos, que alcançam suas ilhas em canoas ou outras embarcações, atacando-as sempre a flechadas. Elas, por sua vez, defendem-se corajosamente deste mesmo modo, enquanto vociferam ameaças, ululam e assumem as mais medonhas atitudes que se podem conceber. Seus escudos são feitos de cascos de tartaruga, como se pode ver na ilustração.

Aproveitando a oportunidade, vamos tratar neste capítulo das amazonas, mulheres tão rudes e selvagens que seu contato não traz consolo algum aos seus infelizes vizinhos.

Contam-nos os livros de História que havia três tribos distintas de amazonas, absolutamente idênticas em tudo, salvo quanto aos lugares onde moravam e ao tipo de habitação que usavam. As mais antigas eram as da África, destacando-se entre elas as górgones, cuja rainha foi Medusa. As outras amazonas viviam na Cítia, nas proximidades do Rio Tanais. Foram estas que mais tarde reinaram sobre a parte de Ásia que fica perto do Rio Termonte. E a quarta tribo é a das amazonas americanas, que ora estamos descrevendo.

Há diversas opiniões acerca da origem do nome das amazonas. A mais comum é a que atribui esta denominação ao fato de que essas guerreiras queimavam seus seios na juventude, assim o fazendo para se tornarem mais destros nos combates. Encaro tal prática com uma certa estranheza, de vez que — pergunto aos médicos — será que tais

partes do corpo poderiam ser assim tão cruelmente extirpadas em que não morresse a pessoa, especialmente quando se sabe que as partes em questão são muito sensíveis e ficam bem próximas do coração? Não obstante, a maior parte das pessoas está de acordo com essa idéia. No caso de ser verdade, presumo que para cada moça que escapasse haveria umas cem que morreriam. . .

Já outros dão a etimologia da palavra como sendo constituída da partícula *a*, negativa, e de *maza*, que significa "pão", pois elas não comiam pão, e sim outros alimentos. Esta hipótese não é menos absurda que a precedente, pois neste caso diversos povos da época das amazonas deveriam ter esta mesma denominação, visto que também não comiam pão. É o caso dos trogloditas e de diversos outros povos, e isto sem falar nos nossos atuais selvagens americanos.

Há ainda os que dão a palavra como proveniente de *a* (negação) e *mazos*, o que lhe daria a seguinte significação: "aquelas que não se nutrem do leite dos peitos". Esta explicação, defendida por Filostrato, é mais aceitável. Também o é uma outra que da a palavra como derivada do nome ou de uma nínfa chamada Amazônida, ou de uma certa Amazona que teria sido rainha de Éfeso e sacerdotisa de Diana. Considero estas últimas hipóteses mais razoáveis que a da cauterização dos seios. Discorde quem quiser.

Seja como for, o consenso geral é de que estas mulheres são muito belicosas. Vamos dar uma explicação mais pormenorizada: Após ter sido expulsa do Egito a tribo cita dos tártaros, estes bárbaros subjugaram e dominaram a maior parte da Ásia, que se lhes tornou inteiramente tributária. Longo tempo demoraram nesta expedição de conquista, devido à resistência dos bravos asiáticos. Neste ínterim, suas mulheres, aborrecidas pela prolongada ausência dos homens (assim como a boa Penélope pela demora de seu marido Ulisses), enviaram-lhes diversas cartas e mensagens amáveis, concitando-os a voltar. Caso contrário, aquela longa e intolerável ausência acabaria por levá-las a contrair novas alianças com os povos vizinhos, já que a antiga linhagem dos citas corria o risco de desaparecer. Porém os citas, sem levar em conta os doces apelos de suas mulheres, continuaram corajosa e obstinadamente na Ásia, que lhes ficou submissa pelo espaço de 500 anos, até tê-la Nino por fim libertado dessa miserável servidão. Durante esse tempo as mulheres citas jamais contraíram laços matrimoniais com seus vizinhos, acreditando que o casamento, ao invés de lhes proporcionar a liberdade, antes reduzi-las-ia à dependência e à escravidão. Em vez disso, todas elas, de comum acordo e com virtuosa intenção, deliberaram armar-se e exercitar-se na arte da guerra, já que acreditavam descender do próprio Marte, o deus da guerra. E assim, sob as ordens de suas rainhas Lampedo e Martésia, que governavam alternadamente, executaram tão firmemente tal propósito que não só defenderam seu território da invasão dos inimigos, conservando-o extenso e livre, como ainda conquistaram vastas e excelentes terras na Europa e na Ásia, estendendo seus domínios até ao rio que há pouco citamos. Nesses lugares, especialmente em Éfeso, edificaram inúmeros castelos, vilas e fortalezas. Isso feito, parte da tribo regressou para sua terra, trazendo ricos despojos. O restante permaneceu na Ásia. Por fim, tendo em mira a continuação de seu sangue, prostituíram-se voluntariamente as dignas mulheres, mas sem se unirem com seus vizinhos por qualquer forma de casamento. Da descendência resultante, matavam os filhos homens, criando as meninas com todo o desvelo e instruindo-as no uso das armas.

Elas sempre preferiam exercícios de combates e de caça a quaisquer outras atividades. Suas armas eram arcos e flechas, além de umas espécies de escudos. Conta-nos Virgílio, na *Eneida*, que foram estas as armas que elas usaram durante o cerco de Tróia, quando foram em auxílio dos troianos e contra os gregos. Pretendem alguns que tenham sido elas as primeiras pessoas que montaram e que combateram a cavalo.

Agora é tempo de voltarmos às amazonas americanas e aos espanhóis a cujo respeito falávamos. Estas mulheres vivem apartadas dos homens, sendo muito raros os seus contactos e encontros, que têm uma época determinada para serem realizadas. Eventualmente ocorrem alguns encontros noturnos e fortuitos. Elas habitam pequenas cabanas e cavernas nos rochedos, vivendo de peixes e outras veações, raízes e certas frutas típicas de sua terra. Também elas costumam matar os filhos homens tão logo eles sejam dados à luz, conquanto por vezes prefiram entregá-los ao presumível pai. Quando nesce menina, criam-na de modo idêntico ao das primitivas amazonas.

Estão continuamente em guerra contra determinadas nações, e tratam mui desumanamente seus prisioneiros de guerra. Para matá-los, prendem-nos por uma perna num galho de árvore bem alto, deixando-o lá por algum tempo. De regresso, caso não tenha morrido o prisioneiro, desfecham-lhe milhares de flechadas até matá-lo. Diferentemente do procedimento dos outros selvagens, não devoram os prisioneiros mortos, preferindo queimá-los até reduzi-los a cinzas. Quando em combate, sempre avançam emitindo os mais terríveis e medonhos gritos, buscando com isso afugentar os inimigos.

Não é fácil saber-se ao certo qual seria a origem das amazonas nessa terra. Pretendem alguns que as antigas amazonas, após terem (como já dissemos) participado da guerra de Tróia, tendo ali lutado sob as ordens de Pentésiléia, dispersaram-se mais tarde para todos os lados. Outros acreditam que elas tenham emigrado de certos pontos da Grécia para a África, e dali teriam sido expulsas por um certo rei cruelíssimo.

Conhecemos diversos exemplos de proezas e feitos de guerra destas e de outras mulheres, todos extraídos dos livros históricos gregos e latinos. (É verdade, contudo, que muitos autores tratam este tema um tanto ou quanto negligentemente). Deixo aqui de citá-los para poder prosseguir com o nosso assunto principal.

Estávamos começando a contar como os nossos viajantes tinham tão poucas vezes desembarcado, fazendo-o apenas para repousar rapidamente e conseguir alguns víveres. Foi então que essas mulheres, espantadas com a visão desta equipagem que tão estranha lhes parecia, começaram a se reunir logo em seguida e, em menos de três horas, ali já havia umas dez ou doze mil amazonas, moças e mulheres inteiramente nuas, todas empunhando seus arcos e flechas, gritando como sempre o fazem quando avistam o inimigo. Este encontro não terminou sem que algumas flechas fossem atiradas, mas os espanhóis preferiram não oferecer resistência, retirando-se e pondo-se a salvo. Mas antes de levantar as âncoras e despregar as velas, os espanhóis à guisa de adeus, saudaram-nas com alguns tiros de canhão — só se viu mulher em debandada. Todavia, não é de se acreditar que tenham todas escapado sem nenhuma baixa. . .

CAPÍTULO LXIV

DA CONTINUAÇÃO DA VIAGEM A MORPIÃO E AO RIO DA PRATA

Continuação da viagem dos espanhóis à terra de Morpião. — Parte da companhia separa-se e marcha em direção ao Rio da Prata. — Excelente jazida de prata. — Jazidas de ouro e prata. — O porquê do nome do *Rio da Prata*. — Estreito de Magalhães. — Mar Pacífico. — As Molucas, ilhas colonizadas pelos espanhóis.

Continuaram navegando os espanhóis por cerca de umas 120 léguas, sempre consultando o astrolábio, a fim de conhecerem a latitude do lugar onde se encontravam. Este instrumento é grandemente necessário à navegação, especialmente para os que viajam por terras longínquas, de vez que não poderiam prosseguir com segurança se não o possuíssem. É por isto que a arte de medir a altura do sol excede todas as outras, tendo sido uma ciência que os antigos muito estimaram e praticaram, incluindo-se entre eles Ptolomeu e outros notáveis mestres.

Neste ponto, os espanhóis abandonaram suas caravelas, afundando-as em seguida. Aí, cada tripulante ficou encarregado do transporte dos víveres, das munições e das mercadorias, especialmente os escravos, já que tinham sido incluídos na expedição justamente para isso. Caminharam durante nove dias através de montanhas cobertas de todas as espécies de árvores, arbustos, flores, frutos e ervas, até que por fim alcançaram um grande rio proveniente das altas montanhas. Ali encontraram uns selvagens que, amedrontados, fugiram ou treparam nas árvores, tendo permanecido nas cabanas apenas alguns velhos. Buscando conquistar suas boas graças, os espanhóis presentearam-nos com facas e espelhos, o que eles muito apreciaram. Os bons velhos então passaram a chamar os outros, dizendo-lhes que os forasteiros recém-chegados eram pessoas de condição nobre que não pretendiam de modo algum prejudicá-los, mas que só queriam presentear-lhes com parte de sua riquezas. Os selvagens, encantados com essa liberalidade, trataram de trazer-lhes víveres, isto é, peixes, caças e frutos da terra. Vendo isto, os espanhóis decidiram passar ali o inverno, aguardando melhor ocasião para prosseguir e aproveitando a oportunidade para explorar o local e pesquisar se por ali haveria alguma jazida de ouro, de prata ou de qualquer outra coisa que lhes propiciasse a obtenção de lucros. Assim, ali permaneceram durante sete meses completos. Todavia, vendo que as coisas não corriam do modo como haviam sonhado, retomaram seu caminho. Desta vez partiram levando consigo oito selvagens como guias. Seguindo com eles por cerca de 80 léguas, nas quais foram freqüentes os encontros com outros selvagens muito mais rudes e intratáveis que os da aldeia que os tinha acolhido, esses guias logo tiveram a oportunidade de se mostrarem tão importantes quanto necessários.

Foi então que, sabendo da existência ali perto de um lugar dominado por portugueses denominado Morpião, alguns dos membros da expedição, esgotados pela tão longa peregrinação, resolveram abandonar os companheiros e seguir para o tal lugar. Outros, contudo, preferiram prosseguir até ao Rio da Prata, que ainda estava a 300 léguas por terra. Em vista disto, decidiu o capitão que uma parte seguisse para Morpião e outra para o Rio da Prata.

Enquanto rumava para Morpião, os viajantes exploraram todos os locais por onde passaram, sempre à cata de possíveis riquezas, até que chegaram a um rio no sopé de certa montanha. Bebendo de suas águas, repararam em umas pedras reluzentes como prata. Recolheram algumas amostras e levaram-nas para Morpião, a 18 léguas daquele ponto. Ali ficaram sabendo, após o exame das pedras, que estavam diante de rico minério de prata. A partir de então a exploração daquele local e a extração das pedras, que eram ali infinitas, passaram a produzir enormes rendimentos ao rei de Portugal.

Tão logo sentiram-se repousados e restabelecidos entre seus vizinhos portugueses, trataram os espanhóis de seguir no encalço dos que haviam marchado rumo ao Rio da Prata, distante de Morpião umas 250 léguas por mar, ou então 300 por terra. Naquele rio já haviam sido outrora descobertas pelos espanhóis grandes jazidas de ouro e prata, donde sua denominação de *Rio de la Plata*. A fim de poderem estabelecer-se ali, eles haviam construído algumas fortalezas. Mais tarde, alguns destes homens, na companhia de outros recém-chegados ao mesmo lugar e que, como eles, estavam insatisfeitos com a fortuna que tinham conseguido, aventuraram-se a navegar até ao Estreito de Magalhães, assim denominado em homenagem ao seu descobridor. Este estreito é o limite meridional da América. Daí seguiram eles pelo Mar Pacífico, o que banha o lado de lá da América, nele descobrindo inúmeras e belíssimas ilhas, até que por fim chegaram às Molucas, tendo-se ali estabelecido e mantendo-se até hoje na posse destas ilhas, das quais o príncipe espanhol retira avultados tributos em ouro e em prata.

Eis, resumidamente, em que consistiu essa expedição. O relato que aqui dei foi baseado em narrativas que ouvi durante minha viagem de volta, contadas por alguém que asseverou ter tomado parte nessa expedição.

CAPÍTULO LXV

A PARTILHA DOS TERRITÓRIOS DO REI DE ESPANHA E DO REI DE PORTUGAL

Cabo das Três Pontas. — Terras do rei de Espanha. — Território que coube ao rei de Portugal. — Terras ainda não descobertas.

Os reis de Espanha e Portugal, após as inúmeras vitórias e felizes conquistas que suas tropas aliadas alcançaram em terras e mares do Levante e do Poente que até então não eram conhecidas ou mesmo descobertas, por fim decidiram dividir e delimitar os seus novos domínios. Com isso pretendiam ganhar sua segurança e evitar outras possíveis querelas como as que ambos tiveram quanto ao território aurífero do Cabo das Três Pontas, situado na Guiné, ou as referentes às Ilhas de Cabo Verde, etc. Ademais, sabem todos que jamais poderia um reino estar sujeito a dois reis, assim como também a Terra não comporta dois sóis. Resolveram então que as terras a partir do Rio Marinhão, entre a América e as Antilhas, indo do Peru à Flórida, até perto da Terra Nova, pertenceriam ao príncipe espanhol, o mesmo acontecendo com o vasto território da América que vai da parte meridional do Peru, na costa oceânica, até ao Rio Marinhão, conforme se disse. Couberam ao rei de Portugal todas as terras situadas a sul do mencionado Rio Marinhão, estendendo-se seu domínio até ao Rio da Prata, localizado a 36 graus da Linha Equinocial.

Das regiões compreendidas dentro da parte que coube a Portugal, Morpião é a que fica mais perto do Estreito de Magalhães. A segunda é Mauac¹¹⁶, onde se encontram várias ocorrências de ouro e prata. A terceira é Porto Seguro, próximo ao Cabo de Santo Agostinho. A quarta é a ponta de Crouest Mouron, Chasteaumarín e Fernambú¹¹⁷, nos limites com as terras dos canibais da América. A relação de todos os locais que se encontram entre os dois grandes rios, quais sejam Curtana e Caribes, próximos dos rios Doce e Real, assim como sua situação e outros pormenores, é coisa que me escusarei por ora abordar. Basta saber que os portugueses frequentam todos esses locais mencionados, sabendo muito bem como tratar os selvagens que aí habitam, de maneira que conseguem conviver pacificamente e desenvolver intenso comércio com eles. Nesses lugares, os portugueses construíram moradias e fortes com a finalidade de se protegerem dos inimigos.

Voltando ao príncipe espanhol, este não ficou para trás na parte que lhe coube e que dissemos estender-se do Marinhão para o poente¹¹⁸, indo até às Molucas; portanto, referindo-se tanto a um quanto ao outro lado do continente e abrangendo ilhas tanto do

¹¹⁶ Ver nota no Cap. LX

¹¹⁷ "Crouest Mouron", pelas indicações de Thevet, parecia localizar-se no litoral capixaba (V. Cap. XXII). Agora, contudo, sua localização é dada como sendo entre o Cabo de Santo Agostinho e Olinda (Chasteaumarín), ou seja, no litoral de Pernambuco. Quanto a "Fernambou", trata-se de Recife (V. Cap. LX). (N. do T.)

¹¹⁸ Efetivamente, a linha de Tordesilhas coincide, a grosso modo, com o percurso do Rio Tocantins. O "Marinhão" de Thevet. (N. do T.)

Oceano quanto do Pacífico, e incluindo a terra firme do Peru. Assim sendo, o conjunto dessas terras apresenta uma excepcional extensão, e isto sem contar as regiões vizinhas a elas e que deverão ser exploradas daqui a algum tempo: Cartagena¹¹⁹, Cate, Palmária, a grande e a pequena Parise, etc.

Ambos os reis, especialmente o de Portugal, descobriram também diversas terras no Levante, sempre com o objetivo de estabelecer o comércio, se bem que este ainda não exista em numerosos pontos da América e do Peru. De fato, para que se explorem essas terras é necessário antes de tudo granjear a amizade dos selvagens, pois caso contrário eles se revoltam e passam a atacar a tudo e a todos. Há também que levar em consideração as suas alianças, querelas, amizades e inimizades.

Nem se pense que tais descobrimentos não tenham sido seguidos de grandes derramamentos de sangue humano, especialmente no que se refere aos desditosos cristãos que expuseram suas vidas sem levar em conta a crueldade e a desumanidade desses povos, ou mesmo outras dificuldades quaisquer. O mesmo já ocorreu na Europa, quando os primitivos romanos, visando expandir seu império, dominaram um território bem vasto (conquanto pequeno, comparado com as terras que se conquistaram de sessenta anos para cá); tiveram, entretanto, de derramar muito sangue para consegui-lo. Sangue inimigo, quando não o seu próprio. E o que se viu depois não foi o mundo sempre dominado pela ferocidade e pelas horríveis violações da lei, da disciplina e da maneira honesta de viver? A causa fora as guerras civis de Sila e Mário, Cina e Pompeu, de Bruto, de Antônio e de Augusto, que foram ainda mais terríveis que as primeiras. E mais tarde vemos a Itália arruinada pelos godos, hunos e vândalos que chegaram também a invadir a Ásia e a dismantelar o império dos gregos. A tais fatos parece referir-se Ovídio quando escreve:

“As coisas do mundo estão sempre mudando
E o povo que estamos a ver dominando
Outrora era fraco, de nada valia,
E o que antes foi forte, é servo hoje em dia.”

Conclusão: todas as coisas humanas estão sujeitas a transformações, mais lentas ou mais rápidas conforme sejam elas mais ou menos consideráveis.

¹¹⁹ No original, Cartagere.

CAPÍTULO LXVI

DIVISÃO DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS EM TRÊS PARTES

Antes de prosseguir a descrição dessa terra hoje em dia chamada com justiça — penso eu — de França Antártica (outrora denominada América, como já foi explicado), achei melhor, em virtude das extraordinárias dimensões das Índias Ocidentais, dividi-las em três partes, possibilitando ao leitor uma compreensão melhor do assunto.

Ao conjunto de todas as terras recém-descobertas, abrangendo a América, o Peru, a Flórida, o Canadá e outras regiões circunvizinhas, estendendo-se até ao Estreito de Magalhães, tem-se dado a denominação geral de Índias Ocidentais. A razão disso é que seus habitantes andam nus e possuem costumes bárbaros e rudes quase idênticos aos que se vêem nas Índias do Levante, assim designadas, conforme nós já dissemos em outro capítulo, por causa do nome do Rio Indo. Este grande rio que deságua no Mar do Levante, também conhecido como Índico, após dividir-se em sete bocas (como o Nilo em sua foz no Mediterrâneo), tem suas nascentes nas montanhas arvicianas e becianas. O Rio Ganges, que também deságua no mesmo mar por cinco bocas, divide a Índia em duas, separando uma parte da outra. Estando então esta região tão distante da América (pois uma fica no Oriente e a outra estende-se do Meridiano ao Ocidente), não saberíamos explicar de outro modo a razão de terem seus primeiros descobridores atribuído a esta outra aquele mesmo nome, senão pela semelhança que viram entre a bestialidade e crueldade dos americanos, tão bárbaros e tão sem fé ou lei quanto diversos povos das Índias, da Ásia e da Etiópia, aos quais refere-se Plínio demoradamente em sua *História Natural*. Eis como se deu a essas terras o mesmo nome das Índias que ficam na Ásia, por serem idênticos os costumes, a ferocidade e a barbaria (como há pouco dissemos) dessas populações ocidentais e de algumas do Levante.

A primeira parte¹²⁰ desse vasto continente abrange as terras meridionais que começam no Estreito de Magalhães, situado a 52 graus e 30 minutos da Linha Equinocial, latitude austral. Nela não se incluem, entretanto, as terras localizadas além do estreito, já que elas não foram jamais habitadas e ainda não estão sequer conhecidas. Fazem parte, porém, as regiões compreendidas entre o estreito e o Rio da Prata. Dali para o poente, ou seja, de um mar ao outro, estão compreendidas as províncias da Patália¹²¹, de Parana-guaçu, dos Margajás, dos Patagões (ou "Região dos Gigantes"), de Morpião, dos Tabajaras,

¹²⁰ A divisão de Thevet pode ser assim resumida: — 1ª parte: toda a América do Sul, exceto os países andinos. — 2ª parte: a América Andina, a América Central, o México e os Estados Unidos a leste das Montanhas Rochosas. — 3ª parte: o restante da América do Norte. (N. do T.)

¹²¹ Nem mesmo em mapas quinhentistas é possível acompanhar perfeitamente a relação que se segue. O autor, além de grafar os nomes de modo inteiramente pessoal, não obedece a uma sequência lógica, chegando até a relacionar uma mesma região — a Patália — tanto na 1ª quanto na 2ª parte da sua divisão. . . (N. do T.)

dos Tupinambaús, das Amazonas, a Terra do Brasil (que vai até o Cabo de Santo Agostinho, a 8 graus da Equinocial) e a Terra dos Canibais ou Antropófagos. Todas estas são regiões da América compreendidas entre o nosso Mar Ocenao e a parte sul do Mar Pacífico, também chamado Magalânico. Esta parte das Índias estende-se até ao Rio das Amazonas, notável rio de 50 léguas de largura e que, à semelhança do Ganges que corre para leste dividindo a Índia em duas, também segue na mesma direção, separando as Índias Americanas das Índias do Peru.

A segunda parte começa neste último rio e compreende diversos reinos e províncias, como todo o Peru, o estreito de terra onde se localiza Darien, Furnas, Popaiã, Auzerma, Carapa, Quimbaia, Cali, Pasto, Quito, Canares, Cuzco, Chile, Patália, Parias, Temistitã, México, Cataí, Panuco e a Terra dos Pigmeus, até os limites da Flórida, situada a 25 graus de latitude aquém da Linha Equinocial. Deixo de incluir as ilhas nesta parte, embora não sejam elas ilhas menos consideráveis que a Sicília, a Córsega, Chipre ou Candia. Assim, fica sendo a Flórida nosso limite ocidental.

Não resta senão descrever a terceira parte, que começa na Nova Espanha e compreende todo o território das províncias de Anauac, Iucatã, Culiacã, Xalix, Chalco, Mixtecapã, Fazenco, Guzanas, Apalaches, Xancho, Ante e o reino de Micuacã. Engloba ainda as terras que se estendem da Flórida até à Terra dos Bacalhaus (vasta região que abrange a Terra do Canadá e a província de Chicorá, situada a 33 graus aquém da Equinocial), a Terra do Labrador e a Terra Nova, banhada a norte pelo Mar Glacial.

Aqui enumeramos sumariamente as regiões que compõem as Índias Ocidentais, sem especificar muitas áreas situadas entre seus pontos extremos: o Estreito de Magalhães e a ponta da sua terra mais setentrional. As Índias ocidentais estendem-se por mais de 4800 léguas entre esses dois pontos extremos. O comprimento permite adivinhar a largura, já que esta é proporcional, exceto no já mencionado istmo de Paria. Daí a razão de estar-se espalhando a designação de "Índias Maiores" para as ocidentais, que são incomparavelmente mais vastas que as do Levante.

Para encerrar, rogo ao leitor que receba de bom grado esta pequena divisão. Espero que praza a Deus conceder-nos brevemente as condições de ampliá-la, quando então poderemos dissertar com mais vagar a respeito deste continente. Foi minha intenção, ao incluir esta divisão no presente capítulo, acrescentar este esclarecimento suplementar à parte final do nosso trabalho.

CAPÍTULO LXVII

DA ILHA DOS RATOS

Naufração de um navio português. — A Ilha dos Ratos e o porquê deste nome. — Vantagens apresentadas pela Ilha dos Ratos. — É habitável a zona entre os trópicos. — Abundância de ratos. — *Soiatã*, uma espécie de rato. — *Ieruçu*, outra espécie. — *Jerará* e *teirab*, duas espécies de serpentes. — *Uperu*, uma espécie de peixe. — Estranha espécie de peixe.

Deixando, tão logo pudemos, a região dos canibais (pois era muito pequeno o proveito que dela poderíamos tirar), vogamos, levados pelo vento sul, até uma belíssima ilha localizada a 4 graus de distância da Linha Equinocial¹²². Não se pode abordá-la sem correr grande risco, sendo a dificuldade que tal empresa apresenta a mesma que se encontra quando se enfrenta algum considerável promontório. Primeiro, porque ela avança bastante pelo mar a dentro; segundo, por causa dos recifes rochosos que a rodeiam. Esta ilha foi descoberta por acaso, e grande foi o transtorno daqueles que primeiro a avistaram. Foi um navio português que, passando de certa feita por estas paragens, chocou-se, por imprudência e imperícia, contra um dos recifes vizinhos da ilha. Em razão disso, despedaçou-se a embarcação, submergindo com toda a tripulação. Salvaram-se apenas 23 homens que conseguiram nadar até à ilha, onde permaneceram pelo espaço de dois anos. Ao fim deste tempo, somente dois haviam conseguido sobreviver, alimentando-se apenas dos ratos, das aves e de alguns outros animais. Por essa época, passando por ali um navio normando que regressava à América, aconteceu de resolverem os tripulantes descer à ilha para descansarem. Foi então que encontraram os dois pobres sobreviventes, trazendo-os consigo para bordo. Foram estes naufragos portugueses os autores da denominação de Ilha dos Ratos, assim batizada devido à variedade e abundância desses animais na referida ilha. São eles tão numerosos que, de acordo com os sobreviventes, a morte de seus companheiros teria ocorrido em parte pela repugnância por estes bichos. Realmente, ainda hoje é muito difícil, para os que ali arribam, defender-se desses ratos. Eles alimentam-se de ovos, sejam os que as tartarugas botam nas praias, sejam os das numerosíssimas aves que ali vivem.

Também nós, quando descemos nesta ilha à procura de água doce (da qual tínhamos tanta necessidade que alguns dos nossos estavam sendo obrigados a beber a própria urina, pois a sede já durava três meses e a fome a quatro), avistamos um incalculável número de aves, todas tão mansas que facilmente poderíamos carregar com elas um navio! Não conseguimos encontrar água doce, mas é bem verdade que não exploramos suficien-

¹²² Trata-se da ilha de Fernando de Noronha, que Gaffarel, estranhamente, não conseguiu identificar, apesar de ser praticamente exata a localização que lhe atribui Thevet. Além, do mais, chama-se "Rata" a segunda maior ilha do arquipélago de Fernando de Noronha. (N. do T.)

temente o interior da ilha. Afora isto, trata-se de uma ilha maravilhosa, repleta de árvores que se conservam verdes durante a maior parte do ano, o que a faz assemelhar-se a um prado verdejante em pleno mês de maio, embora ela se localize a 4 graus da Linha Equinocial.

Não é impossível que esta ilha se torne um dia habitada, assim como o são diversas nesta mesma zona equatorial, como por exemplo as Ilhas de São Tomé e outras. E se se der tal coisa, posso garantir que ela se transformaria num dos lugares mais belos e também mais ricos do mundo. Poder-se-ia aí produzir com fartura cana-de-açúcar da boa, além de especiarias diversas e outros cultivos que dariam bons lucros. Estou ciente de que muitos cosmógrafos defendem a idéia de que seja inabitável a zona intertropical, em razão do seu excessivo ardor solar. A experiência, no entanto, tem demonstrado o contrário, sem que sejam necessárias maiores discussões. Dá-se o mesmo no que concerne às zonas polares e à sua frialdade. Heródoto e Solino afirmam que os Montes Hiperbóreos são habitáveis, o que também se aplica ao Canadá, que fica bem próximo do Setentrão, e a outras terras que ficam ainda mais próximas, banhadas pelo Mar Glacial, conforme dissemos em outro capítulo.

Já que não há necessidade de prosseguir essa discussão, voltemos à Ilha dos Ratos, que recebeu com razão tal nome em vista da abundância e variedade dos ratos que aí vivem. Um deles é o *soiata*¹²³, que os selvagens da América comem. Sua pele é cinzenta. A carne é gostosa e delicada como a de um lebracho. Existe também uma outra espécie chamada *ieruca*¹²⁴, maior do que o precedente, porém de carne menos saborosa. São tão grandes quanto os que vivem no Egito e recebem o nome de *ratos-do-faraó*. Há ainda os de uma outra espécie do tamanho de fuinhas, que os selvagens não comem porque nem bem esses bichos morrem e já começam a feder como carniça, conforme eu próprio pude constatar!

Entre as variedades de serpentes que ali se encontram, destacam-se a *jerará* e a *teirab*¹²⁵. Nenhuma das duas é comestível. Das serpentes dessa terra, inúmeras espécies nada têm de venenosas, nem se parecem com as serpentes européias, não sendo mortal sua mordida e às vezes nem mesmo perigosa. Algumas dessas cobras são vermelhas e listradas de diversas cores. Outras são tão verdes que nem mesmo as folhas de loureiro se lhes podem comparar! Elas não são tão grossas como as nossas, mas são bem mais compridas. Quanto ao fato de que os selvagens comam sem problema ratos e cobras, não é de se admirar: já dissemos em outra parte que eles devoram até mesmo lagartos. . .

Perto dessa ilha e em toda a costa americana encontra-se um tipo de peixe muito perigoso e do qual os selvagens têm verdadeiro pavor, visto tratar-se de um bicho tão voraz e terrível quanto um leão ou um lobo esfaimado. Chamam-no de *Uperu*¹²⁶. Ele come todos os outros peixes, exceto um, do tamanho de uma carpa pequena, que sempre o acompanha, como se houvesse alguma simpatia e amizade oculta entre ambos. Pode também ser que o pequeno siga o grande como garantia e defesa contra os outros peixes. Os selvagens entram na água para pescar esse terrível peixe inteiramente nus, como aliás sempre estão. Não obstante, temem-no extraordinariamente, e não sem razão: quando

¹²³ No original, *sohiatan*. Trata-se provavelmente do *sauia* ou *rato-de-espinho* (*Echimy's armatus*). (N. do T.)

¹²⁴ No original, *hierousou*. Não foi possível identificá-lo ao certo.

¹²⁵ No original, *gerara* e *theirab*: O primeiro é a jararaca, do gênero *Bothrops*; o segundo não conseguimos identificar. (N. do T.)

¹²⁶ *Uperu* ou *iperu*: tubarão. No original, *houperou*. (N. do T.)

este animal consegue pegá-los, arrasta-os para o fundo e os despedaça; ademais, onde quer que morda, sempre arranca um pedaço! Por isso os selvagens evitam comê-lo, mas se porventura o pegam vivo (o que fazem às vezes por vingança), matam-no a flechadas.

Ainda permaneci aí durante algum tempo. Nesta minha estada, perambulando por aqui e por ali, observei muitos peixes estranhos que não conhecemos na França. Destaco dois incrivelmente monstruosos, tendo penduradas na garganta duas espécies de tetas de cabra, e no queixo uma barbel que chega a lembrar uma barba de verdade. O resto do corpo pode ser visto na ilustração.

Eis como se diverte a Natureza, a artífice-mor, em diversificar suas criações, tanto aquáticas quanto terrestres, de modo idêntico ao do grande artista, que enriquece sua obra, dando-lhe formas e cores muito além das normas habituais de sua arte.

CAPÍTULO LXVIII

A CONTINUAÇÃO DE NOSSA VIAGEM E A DESCRIÇÃO DO ASTROLÁBIO NÁUTICO

Instabilidade dos ares perto da Linha Equinocial. — Explicação do astrolábio náutico.

Por não terem nossos trabalhos produzido resultados apreciáveis na Ilha dos Ratos, resolvemos suspender imediatamente nossa estadia e tratamos de desfaldar as velas, aproveitando os ventos propícios que nos levariam até à Linha Equinocial, em cujas imediações o mar e os ventos são assaz inconstantes. Ali só deparamos com tempos instáveis: quando de um lado estava o ar sereno, do outro tínhamos ameaça de tempestade. Durante a maior parte do tempo só ocorrem ali chuvas e trovoadas, que sempre representam um perigo para os navegantes. Por isso, logo que se aproximam desta linha, os bons pilotos e os marinheiros experientes sempre consultam seus astrolábios, a fim de conhecerem a distância e a situação dos lugares nos quais se encontram. E já que veio à baila este assunto, aproveito a ocasião para dizer algumas palavras sobre este instrumento tão necessário à navegação, visando ao esclarecimento daqueles que se interessam pela ciência náutica, tão vasta que nunca poderia ser inteiramente compreendida pelo entendimento humano. Tudo isso que acabei de dizer quanto ao astrolábio aplica-se igualmente à bússola ou agulha de marear, à custa da qual também é possível guiar corretamente o navio. Esse instrumento é tão útil e simples, que um mero palmo de papel ou pergaminho — onde estão traçadas determinadas linhas representando os ventos — e uma pequena agulha de ferro são o que basta para fabricá-lo. Pela própria virtude natural que é transmitida à agulha por uma certa pedra, ela aponta, movimentando-se espontaneamente sem que ninguém lhe toque, o oriente, o ocidente, o setentrião e o meridiano. Indica ainda todos os 32 ventos da navegação, e isto não só em um determinado local, mas em toda e qualquer parte do mundo! E há ainda diversas outras informações que a bússola pode fornecer, mas prefiro não mencioná-las por ora.

Pelo exposto pode-se claramente verificar a importância do astrolábio, da agulha e das cartas náuticas, sendo deveras admirável sua utilidade e perfeição, mormente quando nos lembramos de que algo tão imenso quanto o mar está ali representado em um tão diminuto espaço. É admirável também a mestria com que são feitos, pois é a eles que se recorre quando se pretende navegar pelo mundo.

O precioso e exato astrolábio outra coisa não é que a esfera terrestre reduzida e representada no plano, tendo indicados na borda circular os 360 graus correspondentes à circunferência do universo, que se divide neste número de graus. Aquele desenho circular é dividido em 4 partes iguais, contendo cada uma 90 graus, marcados de 5 em 5. Deve-se suspender o instrumento pelo anel até uma altura em que os raios solares penetrem no orifício de alidade. Há que levar em consideração a declinação referente ao ano, ao mês e ao dia em que se tira a altura. Quando o sol estiver para o sul, que é o lado da América,

e o observador estiver no norte, é preciso subtrair da altura encontrada tantos graus quantos os do afastamento do Sol para sul da Linha Equinocial. Ao contrário, se quando for tomar a altura do Sol estiver o observador a sul da Equinocial e o Sol a norte desta linha, deverá ele subtrair tantos graus quantos os da declinação setentrional do Sol. Outro caso é quando se calcula a altura do Sol estando este entre a Equinocial e o observador. E necessário, então, para se calcular a posição da pessoa (quer esteja ela no mar ou na terra), acrescentar à altura encontrada os graus correspondentes à declinação do Sol. Só assim é que se poderá obter o resultado final, valendo este método tanto para o Pólo Ártico quanto para o Antártico.

Eis aqui, leitor, algumas rápidas palavras sobre o astrolábio. Se houver algo mais que o leitor queira saber acerca do funcionamento e da utilização deste instrumento, deixo a explicação a cargo dos matemáticos, que disto fazem profissão ordinária. Penso ser sucinta explicação do que considero ser um conhecimento essencial referente à navegação, especialmente para os leigos e os menos versados no assunto.

CAPÍTULO LXIX

PASSAGEM DO EQUADOR OU LINHA EQUINOCIAL

Passagem do autor pela Linha Equinocial. — Água pluvial infeccionada. — Dimensão do universo. — Divisão do grau. — Como se pode conhecer a latitude, a longitude e a distância dos lugares. — Espécie de peixe-voador. — *Pirauena*. — Albacora (peixe).

Acho que não existe nenhuma pessoa culta que ignore o fato de tratar-se a Equinocial de uma linha ou círculo imaginário que passa pelo meio do mundo, do levante até ao poente, dividindo-o em duas partes iguais, de tal modo que de qualquer ponto desta linha a qualquer um dos dois pólos medeia uma distância de 90 graus, conforme nós já explicamos amplamente em outro trecho. Falta ainda acrescentar alguns pormenores que foram atrás omitidos, relacionados com a temperatura do ar, com o mar e os peixes da região equatorial, aproveitando a nossa passagem pelo local durante a viagem de volta.

Cruzamos o Equador por volta do dia 1º de abril. Era então o vento tão propício que pudemos prosseguir tranqüilamente o nosso caminho em linha reta, sempre com as velas desfraldadas, mantendo inalteravelmente o rumo norte. A única coisa aborrecida era a contínua chuva que dia e noite não parava de cair. É bem verdade que aquela água servia para matar a sede que a falta de água doce nos vinha obrigando a suportar há cerca de dois meses e meio, já que não tínhamos podido fazer aguada no caminho. Só Deus sabe a alegria com a qual enchíamos os baldes e bebíamos até mais não poder, em vista do sufocante calor que nos abrasava. Todavia, a água de chuva nestas regiões é corrompida, por causa da infecção do ar pelo qual ela passa e da matéria igualmente corrompida que se encontram nas partes onde se formam estas chuvas. Assim, quando alguém lava as mãos com ela, eis que logo depois lhe brotam algumas empolações e pústulas. Quanto a este assunto, bem sei que os filósofos não acreditam de modo algum que seja sadia a água de chuva, diferenciando-as das outras águas e provando-o com argumentos que aqui não citarei para evitar que me torne prolixo. Fosse qual fosse a infecção contida na água, todos preferíamos bebê-la, mesmo que ela nos causasse a morte! Outra coisa, sobre esta água: quando ela cai em algum pano, deixa uma nódoa que só sai com muita dificuldade.

Tão logo cruzamos a Linha Equinocial, passou-se a contar em ordem crescente os graus que medeiam entre ela e a Europa, do mesmo modo que se faz quando se ultrapassa esta linha rumo às terras americanas. Sabe-se que os antigos mediam a Terra, podendo-se ainda fazê-lo hoje em dia do mesmo modo, não por graus, como nós, mas por estádios, passos e pés. É o que nos ensinam Plínio, Estrabão e outros. Algum tempo depois, porém, Ptolomeu inventou os graus que permitem medir terras e águas em conjunto (coisa dantes impossível de ser feita), sendo este sistema bem mais fácil que o anterior. Ptolomeu dividiu a Terra em um total de 360 graus, tanto em comprimento quanto em largura, valendo cada grau 70 milhas, o que equivale a 17 léguas e meia, conforme disseram os

pilotos que viajavam conosco, todos muito experientes na arte de navegar. Assim se dá também em relação ao Universo que, incluindo o céu e os elementos em sua circunferência, mede também os mesmos 360 graus, sendo dividido em doze signos iguais, cada qual compreendendo 30 graus, pois doze vezes dão exatamente 360. Um grau contém 60 minutos; 1 minuto, 60 segundos; 1 segundo, 60 terços; 1 terço, 60 quartos; 1 quarto, 60 quintos, e assim por diante até 60 décimos (as dimensões celestes exigem a utilização destas tão numerosas subdivisões aqui citadas). Portanto, é em graus que até hoje calculamos a longitude, a latitude e a distância dos lugares. A latitude é contada a partir da Linha Equinocial, sendo 90 o número de graus existentes entre a dita linha e cada um dos pólos. Os graus de longitude são contados a partir das Ilhas Afortunadas, no Levante.

Do que expusemos, chegamos à conclusão de que há três aspectos a serem considerados pelo piloto que vai viajar: primeiro, conhecer a latitude do lugar onde se encontra e a daquele aonde pretende chegar; segundo, calcular a distância ou afastamento entre esses dois pontos; terceiro, saber quais os ventos que lhe serviriam em sua navegação. Tudo isto poderá ser previsto e calculado pelo exame das cartas e por meio dos instrumentos náuticos.

Prosseguindo sempre em nossa derrota, mantivemo-nos em rumo ao norte até à latitude de 6 graus aquém da Equinocial. Esta já havíamos alcançado no dia 15 de abril. Foi então que tivemos o Sol exatamente no zênite, em razão do quê tivemos de suportar um calor verdadeiramente abrasador, como bem pode imaginar o leitor em vista do calor que faz em nosso país quando o Sol está no Trópico de Câncer, o que, para nós da Europa, ainda é bem distante do nosso zênite. . .

Antes de prosseguir, falarei a respeito dos peixes-voadores, omitidos no capítulo em que tratamos dos peixes da zona equatorial. Faço-o agora observando inicialmente que esses peixes são abundantes na faixa compreendida entre os 10 graus aquém e além do Equador. Pode-se vê-los voando alto, sempre fugindo de algum perseguidor ávido por comê-lo. Pelo número de peixes que passam voando, pode-se facilmente deduzir a quantidade dos outros que procuram apanhá-los. Entre estes destaca-se a dourada (da qual falamos naquele outro capítulo), o mais ferrenho de seus inimigos, sempre atrás desse peixe atraído por sua carne delicada e saborosa.

Há duas espécies de peixes-voadores. Uma grande como um arenque, é a que os outros peixes mais perseguem. Esta possui quatro asas; duas grandes, semelhantes às do morcego, e duas menores, perto da cauda. A outra espécie lembra uma grande lampreia. Essas espécies praticamente não são encontradas a mais de 15 graus da Equinocial, tanto para norte quanto para sul, sendo este um dos muitos pormenores que são sempre esquecidos pelos autores dos tratados sobre os peixes, conforme já por diversas vezes observei.

Os americanos chamam o peixe-voador de *pirauena*¹²⁷. Seu vôo é quase igual ao da perdiz. O pequeno voa melhor e mais alto que o grande. Especialmente à noite, é comum serem avistados enormes cardumes de peixes-voadores, sendo o seu número tão exagerado que muitos deles estão freqüentemente chocando-se contra as velas do navio, caindo depois no convés.

Outro peixe dessas águas é o que se chama *albacora*. Bem maior que o marsuíno está sempre perseguindo o peixe-voador de modo idêntico ao da dourada. Sua carne é ótima, senão mesmo a melhor de todas as carnes de peixe de água salgada, quer seja dos

¹²⁷ No original, *pirauene*. (N. do T.)

mares ocidentais, quer seja dos orientais. O difícil é pegá-la. Para tanto é preciso recortar um pedaço de lençol em forma de peixe, puxando-o por sobre a água de modo tal a simular a maneira de nadar do peixe-voador. É este o stratagemma que mais comumente se emprega na pesca da albacora.

CAPÍTULO LXX

DO PERU E DAS SUAS PRINCIPAIS PROVÍNCIAS

O Peru, a terceira parte das Índias Ocidentais. — A região do Peru e a origem deste nome. — As províncias mais notáveis do Peru. — A região de Quito. — A província de Canares. — Santiago do Porto Velho. — Taxamilca. — Cuzco. — O reino dos Ingas. — Canar, uma região muito fria. — A região de Callao. — O Lago Titicaca. — Carcas, uma região peruana. — Plata, grande e rica cidade. — A terra do Peru lembra a figura de um triângulo. — Darien, um istmo. — Superstição de alguns povos peruanos. — Os *Boitis* (sacerdotes). — Idolatria desses povos. — Os espanhóis assenhorearam-se de todo o Peru. — Riquezas das Ilhas do Peru. — *Ingas*, um povo riquíssimo e belicoso. — Completo desconhecimento do trigo e do vinho nas terras ocidentais. — A *caçava*, uma espécie de alimento. — O Peru pode ser considerado hoje em dia como quase uma segunda Europa.

Prosseguindo nossa viagem contando com o auxílio de ventos assaz favoráveis, costeamos a Terra do Peru e as Ilhas do Mar Oceano situadas próximo à costa peruana — denominadas *Ilhas do Peru* — até à altura da Hispaniola (da qual trataremos particularmente no capítulo seguinte). Esta Terra do Peru, que de acordo com aquela nossa divisão é uma das três partes das Índias Ocidentais, mede 700 léguas de norte a sul e 100 de leste a oeste. Começando em Temistitã¹²⁸, estende-se pela terra-firme até o istmo de Darien, entre o Oceano e o mar que chamam de Pacífico. Seu nome foi tirado do de um rio chamado Peru, que tem de largura uma légua miúda. (Muitas outras províncias da África, da Ásia e da Europa tiraram seus nomes dos seus rios mais famosos, como é o caso do Senegal, que já contamos). Portanto, esta região é cercada pelo Oceano e pelo Mar do Sul, sendo toda ela recoberta de espessas florestas e constituída de montanhas que tornam quase inacessíveis diversos trechos dela, especialmente se se tentar alcançá-los transportando carros e animais carregados, à semelhança do que se faz nas planícies da Europa.

Nesta Terra do Peru existem inúmeras províncias, sendo algumas belíssimas. Uma das mais famosas é a província de Quito, mais ao norte, que mede de comprimento, ou seja, de leste a oeste, cerca de 60 léguas. Sua largura é de 30 léguas.

Em seguida à de Quito segue-se a província de Canares, a leste da qual fica o Rio das Amazonas. Seu território montanhoso é habitado por tribos muito cruéis que ainda não foram catequizadas.

Além desta província fica a que os espanhóis denominaram Santiago do Porto Velho. Esta começa a 1 grau acima da Linha Equinocial.

¹²⁸ Cidade do México (Tenochtitlan). (N. do T.)

A quarta, que se chama Taxamilca¹²⁹, estende-se até à grande cidade de Tongille¹³⁰. Foi após o envenenamento do rei Atabaliba¹³¹ que Pizarro, vendo a fertilidade dessa terra, mandou que aí se edificasse uma cidade e algumas fortalezas.

Segue-se outra província, Cuzco, na qual por longo tempo reinaram os *ingas*¹³², assim chamados porque eram senhores poderosos (a palavra *inga* significa “rei”). Naquele tempo seu reino e seus domínios eram tão amplos que se estendiam por mais de mil léguas de uma extremidade à outra. Esta província, como muitas outras, tomou o nome de sua capital, à semelhança de Rodes, Mitilena, Candia e outras terras que igualmente tiraram seus nomes de suas cidades mais famosas, conforme acabamos de dizer. De certa feita encontrei-me no Cabo Finisterra, na Espanha, com um espanhol que viveu por algum tempo em Cuzco. Disse-me ele que moram nessa região uns selvagens cujas orelhas são tão compridas que lhes pendem até aos ombros. Enfeitam-nas singularmente com grandes rodela de ouro fino, reluzentes e bem polidas. Este é o mais rico de todos os povos do Peru. Acredito mais nas palavras deste homem do que nas de boa parte dos historiadores modernos que escrevem por ouvir dizer, como mexeriqueiros, descrevendo coisas que jamais viram, o que me faz lembrar especialmente daqueles que nos quiseram impingir a crença de que na alta África haveria certos selvagens com orelhas que desciam até aos calcanhares, coisa evidentemente absurda.

A quinta província é Canar, banhada a oeste pelo Mar do Sul. Trata-se de uma região extremamente fria, com neve e gelo durante o ano todo. Nenhuma outra região peruana apresenta um clima assim tão excessivamente frio, havendo em todas elas uma grande abundância de frutas. Canar apresenta uma temperatura amena no verão, enquanto que as demais regiões, durante essa época, possuem ares extremamente quentes e mal temperados, provocando o apodrecimento de todas as coisas, especialmente das frutas. É por isso que os animais venenosos não se encontram tanto nas regiões muito frias quanto nas muito quentes. Conclui-se, então, que não é de bom alvitre afirmar-se que determinada região seria preferível a uma outra, de vez que toda vantagem é acompanhada de suas inconveniências.

Há ainda uma outra região chamada Colao¹³³, cujo tráfico, maior que o de qualquer outra província do Peru, é responsável por ser esta a mais povoada de todas as regiões peruanas. Limita-se a leste com as montanhas dos Andes e a oeste com as Montanhas Nevadas¹³⁴. Seus povos (*xuli, chilane, acos, pornata, cepita e trianguanacho*)¹³⁵, embora selvagens e bárbaros, são todavia muito dóceis, devido a estarem habituados ao tráfico que ali se pratica; caso contrário, seriam tão rudes quanto os demais povos americanos. Nessa região há um grande lago chamado Titicaca¹³⁶, palavra que significa “ilha das penas”, pois nele há umas ilhotas freqüentadas por uma tal quantidade de aves de todos os tamanhos e espécies que é até difícil de acreditar!

¹²⁹ Trata-se de Cajamarca (ou Caxamalca, conforme vem grafado nos mapas antigos). (N. do T.)

¹³⁰ Trujillo.

¹³¹ Atahualpa (Atabaliba) foi executado — e não envenenado — em 1553. (N. do T.)

¹³² No original, ora *inges*, ora *ingas*. Trata-se, evidentemente, dos incas. (N. do T.)

¹³³ Provavelmente, Callao.

¹³⁴ No original, “Navados”.

¹³⁵ Nomes de antigas tribos e aldeias peruanas, bolivianas e chilenas. Gaffarel identifica a última com Tiahuanaco (na Bolívia). (N. do T.)

¹³⁶ No original, Titicata.

Falta falar da última região do Peru, a de Carcas¹³⁷, próxima do Chile, na qual, está situada a bela e próspera cidade de La Plata¹³⁸. É uma excelente região, possuindo bons rios e ricos minérios de ouro e prata.

Eis aí em que consiste este imenso reino, que se estende, conforme dissemos, da cidade de La Plata até Quito, e cujas principais regiões e províncias acabamos de enumerar. Esta terra continental tão vasta possui o formato de um triângulo equilátero. Diversos autores modernos classificam este tipo de terra como "ilha", de certo porque não sabem ou não querem fazer distinção entre *ilha*, *península* e *continente*. Assim sendo, não há dúvida de que se trata de terra firme a que vai do Estreito de Magalhães, a 52 graus e 30 minutos de latitude e a 303 graus de longitude, até à altura de mais de 68 graus aquém da Linha Equinocial¹³⁹. De fato, se a faixa de terra situada entre a Nova Espanha¹⁴⁰ e o Peru, medindo apenas 17 léguas de largura do Mar Oceano ao Mar do Sul, fosse atravessada de um mar ao outro por um estreito, então poderia o Peru ser considerado como uma ilha, coisa que a existência do istmo de Darien (cujo nome provém do Rio Darien) torna impossível.

Passemos agora a tratar de outros assuntos referentes ao Peru. No que concerne à religião dos selvagens ainda não catequizados, uma de suas mais extravagantes credenças é a de que por dentro de um certo garrafão (que eles guardam como relíquia) teria outrora passado todo o mar, com suas águas e peixes! Guardam também um grande vaso de onde acreditam que teriam saído o Sol, a Lua, o primeiro homem e a primeira mulher. . . Quem lhes inculcou tais absurdos foram seus hipócritas sacerdotes, os *boitis*. Por longo tempo acreditaram eles nessas idéias, até que por fim vieram os espanhóis e desmoralizaram a maior parte dessas fantasias e imposturas. De resto, os peruanos são mais idólatras do que qualquer outro povo. Cada pessoa adora aquilo que mais lhe apraz. Os pescadores, por exemplo, adoram um peixe chamado *liburon*¹⁴¹. Já outros adoram diversos animais e aves. Os agricultores adoram a terra. Geralmente, porém, todos eles adoram o Sol que, juntamente com a Lua e a Terra, são seus principais deuses. Eles acreditam que todas as coisas são governadas e dirigidas pelo Sol e pela Lua. Ao fazerem algum juramento, tocam a terra com a mão, enquanto voltam o olhar para o Sol. Crêem também, assim como os americanos, que houve outrora um dilúvio, após o qual teria chegado, das bandas do setentrião, um profeta capaz de fazer prodígios. Ressuscitar era uma de suas façanhas!

Os espanhóis ocupam toda a terra firme entre o Rio Marinhão e a região de Furnas e Darien, dominando também a estreita faixa de terra que avança para o ocidente e pela qual se passa para se alcançar o arquipélago das Molucas. Estendem-se ainda até ao Rio das Palmas. Estão estabelecidos em todas as partes desse vasto reino, terra verdadeiramente maravilhosa pelas riquezas que lhes proporciona. Quase todas as Ilhas do Peru¹⁴² possuem jazidas de ouro, prata, esmeraldas e turquesas (cuja cor, porém, não é tão viva quanto a das que vêm de Malaca ou de Calicute).

¹³⁷ Gaffarel estranha que Thevet localize *Carcas* (que ele identificou como *Caracas*) perto do Chile. Na realidade, o autor refere-se à província de *Charcas*, cujo território corresponde atualmente a quase toda a Bolívia. (N. do T.)

¹³⁸ Hoje, Sucre. (N. do T.)

¹³⁹ Ou seja, todo o Continente Americano. (N. do T.)

¹⁴⁰ México.

¹⁴¹ Estêvão Pinto presume tratar-se de erro tipográfico. O peixe citado seria o *tiburão*, sendo desta palavra caraíba que provém a denominação portuguesa do *Tubarão*. (N. do T.)

¹⁴² As Antilhas. (N. do T.)

Os chamados *ingas* são, entre os povos e nações do Peru, os mais ricos e também os mais belicosos de todos. Criam bois, vacas e todos os outros tipos de gado, havendo ali maior quantidade de animais de criação do que entre nós, especialmente porque sua terra é bastante apropriada para tal fim. Devido a isso desenvolveu-se aí um intenso tráfico de couros de todos os tipos, costumando esse povo matar os animais tão somente para tirá-los a pele. Todavia, a maior parte dos animais domésticos tornou-se selvagem, porquanto em virtude de seu enorme número, foram os *ingas* obrigados a deixá-los à solta pelas matas dia e noite, impossibilitados de prendê-los em currais ou estábulos. Para apanhá-los, têm de sair em seu encalço e empregar certos ardis parecidos com os que se usam entre nós para prender cervos e outros animais selvagens.

O trigo, segundo ouvi dizer, aí não se desenvolve, e isto tanto nas ilhas quanto na terra firme do Peru, do mesmo modo que na América. É por isso que todas as pessoas que aí estão, incluindo os gentis-homens, vivem de um tipo de alimento chamado *caçava*¹⁴³, uma espécie de torta feita de raiz de mandioca. Ademais, aí há abundância de milho e peixe. Quanto às videiras, não crescem. Assim, em lugar do vinho, tomam certas bebidas feitas por eles mesmos.

Eis o que tínhamos a dizer quanto à terra continental do Peru que, juntamente com as ilhas de mesmo nome — das quais falaremos logo a seguir — desenvolveu-se de tal modo que hoje lá se encontram cidades, castelos, vilas, povoados, casas, sedes de bispado, repúblicas, enfim, um tal estilo de vida que a gente poderia até julgar que se encontrava numa segunda Europa. São essas coisas que nos testemunham quão imensos são o poder e a bondade de Deus e sua providência em favor do gênero humano, pois quanto mais os turcos, mouros e bárbaros, inimigos da Verdade, se esforçam por aniquilar e destruir nossa religião, tanto mais ela se recupera, cresce e se multiplica.

É isto, portanto, o que tínhamos a relatar sobre o Peru, terra que ficou à esquerda durante a nossa viagem de volta, do mesmo modo que tivemos a África quando a costeamos na vinda.

¹⁴³ No original, *cassade*.

CAPÍTULO LXXI

DAS ILHAS DO PERU (ESPECIALMENTE A HISPANIOLA)

A Ilha Hispaniola, dantes denominada *Haiti* ou *Quisqueia*. — Os três promontórios da Ilha Hispaniola: Tiburon, Higuey e Lobos. — O Rio Orana. — São Domingos, principal cidade da ilha. — Rios mais importantes. — A primitiva religião dos insulares. — Caio Calígula, imperador romano. — Casco e Apina, ilhas ricas e férteis. — Fertilidade e riquezas da Ilha Hispaniola. — Descrição do *manati*, um estranho peixe. — Pedras que desfazem os cálculos. — Diversos ornatos plumários feitos pelos selvagens. — *Hulias* e *Caris*, duas estranhas espécies de animais selvagens. — A Ilha de Santiago. — A Ilha de São João.

Após termos escrito sobre a terra continental do Peru, vamos falar agora de umas ilhas assim denominadas por estarem muito próximas dessa região, as quais costeamos na continuação de nossa viagem de volta, chegando até à altura de uma delas, a que se conhece hoje em dia pelo nome de Hispaniola. Este nome foi dado pelos navegantes que a descobriram há alguns anos¹⁴⁴. Sua denominação antiga era *Haiti* (que significa "terra áspera"), ou então *Quisqueia* ("terra grande"). Trata-se realmente de uma ilha enorme e muito bela, estendendo-se por 50 léguas no sentido leste-oeste e por 40 no sentido norte-sul. Seu circuito mede umas 400 léguas. Está a 18 graus da Equinocial, tendo a levante a Ilha de São João¹⁴⁵ e numerosas ilhotas muito perigosas e temidas pelos navegantes. A poente ficam as ilhas de Cuba e Jamaica. Do lado norte ficam as Ilhas dos Canibais¹⁴⁶ e a Sul o Cabo da Vela, situado em terra firme¹⁴⁷.

Essa ilha lembra de certo modo a Sicília, outrora denominada *Trinácia* por causa dos seus três promontórios muito salientes. Essa outra possui igualmente três promontórios que avançam bastante pelo mar a dentro. O primeiro chama-se Tiburon, o segundo Higuey e o terceiro Lobos (este situado próximo a uma ilha chamada Beata, quase toda recoberta por florestas de guaiaco).

Na Hispaniola correm belíssimos rios, entre os quais há que se destacar o Orana, que passa próximo à sua principal cidade, que os espanhóis denominaram São Domingos. Os outros rios são o Nequêe, o Hatibonice e o Haqua, todos excepcionalmente ricos em peixes de delicioso sabor, o que se deve à temperatura do ar e à boa qualidade das terras e das águas. Quase todos esses rios deságuam na costa oriental, depois de se reunirem em um único curso d'água muito amplo e navegável até para grandes embarcações.

Antes que esta ilha fosse descoberta pelos cristãos, seus habitantes eram selvagens adoradores do Diabo, que costumava aparecer-lhes assumindo grande diversidade de as-

¹⁴⁴ Foi Cristóvão Colombo quem descobriu e batizou esta ilha em 1492. (N. do T.)

¹⁴⁵ Porto Rico.

¹⁴⁶ As Baamas.

¹⁴⁷ No extremo norte da Colômbia.

pectos. Isto explica o quanto são diferentes seus vários ídolos, pois retratam suas visões e fantasias noturnas. Encontram-se deles em quase todas as ilhas e terras dessa região. Os primitivos selvagens ainda adoravam diversos deuses, especialmente um que consideravam como o moderador de todas as coisas, representando-o como um ídolo de madeira esculpido na própria árvore, sendo esta guarnecida de folhagens e plumagens. Adoravam também o Sol e outros corpos celestes. Hoje em dia não já procedem deste modo porque estão civilizados e convertidos ao cristianismo. Sabe-se que ainda existem alguns que conservam as antigas crenças, mas número não é muito considerável.

(Lemos sobre Caio Calígula, imperador de Roma, que ele, apesar de um certo desprezo que votava à divindade, tremia de pavor quando surgia algum sinal da ira de Deus.)

Antes que essa ilha da qual tratamos tivesse sido conquistada e dominada pelos espanhóis, seus bárbaros nativos, segundo me informaram pessoas que tomaram parte nesta conquista, mataram mais de dez ou doze mil cristãos, até que estes construíram numerosas fortificações, conseguindo então derrotá-los e escravizar grande número deles. Deu-se o mesmo nas ilhas de Cuba, São João, Jamaica, Santa Cruz, Canibais, etc, e também em diversas regiões da terra firme. Os espanhóis e portugueses, nos primeiros tempos da colonização, adaptaram-se à maneira dos selvagens e, a fim de dominá-los mais facilmente, fomentavam sua boa vontade, cativando-os com presentes de palavras gentis. Todavia, à medida que se tornavam mais fortes, começaram a subjugar-los, tomando-os como escravos e obrigando-os a cultivar a terra, já que de outro modo jamais teriam alcançado os objetivos de sua empresa.

Os reis mais poderosos dessas terras são os de Casco e Apina, ilhas ricas e famosas não só pelo ouro e pela prata que aí se encontram, como também pela fertilidade de seu solo. Todos os ornatos dos seus nativos são feitos de ouro. Usam por exemplo, uns brincos enormes, que pesam duas e até três libras. Devido ao peso destes enfeites que trazem pendurados nas orelhas, estas vão crescendo até atingir meio pé de comprimento, donde o apelido de "orelhudos" que lhes deram os espanhóis.

Essa ilha, é excepcionalmente rica em jazidas de ouro, como aliás também o são muitas outras ilhas dessa área. O raro aí é encontrar-se uma ilha que não seja rica em ouro ou em prata. . .

Outra coisa a ser citada a propósito da Hispaniola é a sua grande abundância de gado cornífero (bois, vacas, carneiros, cabras) e uma infinidade de porcos e de bons cavalos. A maior parte destes animais tornou-se selvagem, à semelhança do que ocorreu na terra firme. Quanto a trigo e uvas, são cultivos que não se vêem na Hispaniola, só existindo aí quando trazidos de outros lugares. Os naturais não comem pão, usando em seu lugar a *caçava*, feita com farinha de certas raízes. Comem-na bastante. Já o vinho é substituído por umas excelentes bebidas doces feitas de frutas, semelhantes à sidra-da-normandia.

Há aí uma infinidade de bons peixes, mas alguns são muito estranhos, como é o caso do *manati*, que pode ser apanhado tanto nos rios quanto no mar¹⁴⁸, se bem que os marinhos sejam mais raros. O aspecto deste peixe lembra um odre de couro de bode ou de cabra cheio de azeite ou vinho. Saem-lhe da altura do ombro duas patas que ele utiliza para nadar. A partir do umbigo, seu corpo vai afinando em direção à cauda. Sua cabeça lembra a de um boi, se bem que a cara seja um pouco mais delgada e o queixo mais carnudo e volumoso. Para um corpo medindo 10 pés de largura e 20 de comprimento,

¹⁴⁸ O *manati* fluvial e o marinho constituem efetivamente duas espécies diferentes de um mesmo gênero. O fluvial é o "peixe-boi" (*Trichechus ininguis*) e o outro é a "vaca marinha" (*Trichechus manatus*). (N. do T.)

seus olhos são bem pequeninos. A pele é cinzenta e coberta de pêlos tão grossos como os de boi. Usam-na os nativos para a confecção de seus caçados. Por fim, as patas inferiores lembram as do elefante, redondas, cada uma apresentando quatro unhas muito compridas. É o peixe mais disforme que já se viu por essas bandas, mas sua carne é muito saborosa, se bem que não tenha gosto de peixe: lembra antes veação. Os ilhéus armazenam a banha deste peixe, utilizando-a no preparo dos couros de cabra com os quais fabricam confortáveis marroquins. Os escravos negros costumam esfregá-la no corpo, a fim de torná-lo mais disposto e ágil, assim como o fazem os africanos com o azeite de oliva.

Existem umas pedras na cabeça desse peixe que são muito estimadas pelos insulares por serem comprovadamente boas contra quaisquer cálculos, quer dos rins, quer da bexiga. Estas pedras possuem uma propriedade oculta que cominui e pulveriza os cálculos.

As fêmeas do manati parem os filhos já vivos, sem terem de botar ovos; dá-se o mesmo com as baleias e as lobas-marinhas. E assim como as fêmeas dos animais terrestres, também elas têm duas tetas com as quais amamentam seus filhotes¹⁴⁹. Um espanhol que por longo tempo residiu nessa ilha afirmou-me que um certo fidalgo criou um manati dentro de um lago pelo espaço de 30 anos. Durante este tempo, o animal foi-se acostumando com ele e tornou-se tão manso que no final já estava até deixando que o acariciassem. . . Os selvagens geralmente pegam esse peixe junto às margens, pois ele está sempre chegando até ali para pastar.

Não irei falar sobre a grande variedade de belas aves revestidas de diferentes e ricas plumagens com as quais os nativos confeccionam tapeçarias enfeitadas com desenhos representando homens, mulheres, animais, aves, árvores e frutos, usando como material nada além destas plumas de cores variegadas, as quais aplicam caprichosamente sobre um pano, dispondo-as aí convenientemente. Empregam as penas também na confecção das vistosas guarnições de seus chapéus, barretes e mantos.

Quanto a quadrúpedes exóticos, os que aí existem são os mesmos que já descrevemos quando falamos sobre as outras regiões, salvo duas espécies chamadas *hulias* e *caris*, ambas do tamanho de um coelho e igualmente saborosas.

O que eu disse a respeito dessa ilha aplica-se igualmente à de Santiago, dantes denominada Jamaica a leste da qual está a Ilha de São Domingos. Aí perto fica outra bela ilha cuja denominação nativa é *Burica*¹⁵⁰ se bem que nas cartas náuticas ela seja designada pelo nome de *São João*. A leste dela temos a Ilha de Santa Cruz e diversas outras ilhotas, umas habitadas e outras não. São João mede, de leste a oeste, cerca de 52 léguas, localizando-se a exatamente 300 graus de longitude.

Por fim, existem muitas outras ilhas nessa região. Todavia, prefiro não descrevê-las, pois seu incalculável número não mo permitiria. Ademais, não valeria a pena analisá-las uma por uma. Há um pormenor, entretanto, que não posso deixar de mencionar: em todas essas ilhas não se encontram animais ferozes, à semelhança do que ocorre na Inglaterra e na Ilha de Creta.

¹⁴⁹ Como se vê Thevet costuma designar por *peixe* qualquer animal aquático, mas conhece perfeitamente as diferenças entre os peixes propriamente ditos e os mamíferos aquáticos. (N. do T.)

¹⁵⁰ No original, *Bouriquan*: trata-se de Porto Rico. (N. do T.)

CAPÍTULO LXXII

DAS ILHAS DE CUBA E LUCAIAS

Descrição da Ilha de Cuba. — Montanha de Sal. — Sal-gema. — Uma espécie de perdiz. — Um maravilhoso líquido que escorre de certa montanha. — A resina do breu. — Por que foram outrora consideradas tão resistentes as muralhas de Babilônia. — As Ilhas Lucaias. — A Montanha de Potosi, riquíssima em minerais preciosos.

A fim de completar esta nossa sumária descrição das Ilhas do Peru, cabe agora falar das singularidades da Ilha de Cuba e de algumas outras ilhas vizinhas, embora não seja possível acrescentar quase nada ao que já se disse a respeito da Hispaniola.

Cuba é a mais comprida e larga de todas as Ilhas do Peru, medindo 300 léguas do seu promontório mais oriental ao mais ocidental, e 70 léguas de norte a sul. No que se refere à disposição dos seus ares, são estes muito bem temperados, não apresentando excessos de calor ou de frio. Encontram-se ricas jazidas de ouro, de prata e de outros metais preciosos. Vêem-se do mar suas altas montanhas, das quais descem belíssimos ribeiros cujas excelentes águas abrigam abundância de peixes.

Antes de ser descoberta, era esta a ilha que abrigava o maior número de selvagens. Hoje, contudo, são os espanhóis que a dominam e governam.

O centro da ilha está a exatamente 290 graus de longitude e 20 graus de latitude. Próximo do mar fica uma montanha toda de sal, mais alta que a de Chipre. Fica realmente junto ao mar, num local coberto de árvores de algodão, pau-brasil e ébano. Como explicar que o sal seja extraído de uma alta montanha litorânea? A gente imagina tratar-se de um caso idêntico ao da Ilha de Chipre, em cujo litoral também existe uma montanha da qual se extrai o sal-gema que os gregos chamam de *oryktos*. Além disto, aí também há grande abundância de lazurita, vermelhão, alume, nitro, salitre, galena e outras substâncias que se arrancam das entranhas da terra. E quanto às aves, aí existe uma espécie de perdiz anã, avermelhada por fora, mas de plumagem toda variegada. Sua carne é delicadíssima. Os montanhesees criam-nas em suas casas do mesmo modo como nós criamos galinhas.

Existem ainda nesta ilha algumas maravilhas dignas de ser observadas e descritas. A primeira é um vale de três léguas de comprimento, apertado entre duas montanhas, no qual há uma infinidade de pedras redondas de todos os tamanhos — grandes, médias e pequenas. Vendo essas pedras redondas como pélas dir-se-ia que não teriam sido originadas aí nesse local, pois antes parecem objetos artificiais. Algumas são tão grandes que quatro homens teriam dificuldade em movê-las. As outras são menores, havendo umas tão pequenas que não passam de grãosinhos redondos.

A segunda maravilha é uma montanha situada nas proximidades do litoral, da qual escorre um líquido espesso semelhante ao breu que se produz nas Ilhas Afortunadas, sobre o qual já falamos. Esse líquido goteja da montanha e escorre para o mar. Quinto Cúrcio, nos livros em que narra os feitos de Alexandre o Grande, conta que tendo este

chegado a uma cidade chamada Memi, logo teve a curiosidade de ir ver uma profunda fossa ou caverna da qual minava uma resina mineral extraordinariamente forte, própria para ser utilizada como material de construção, achando aquele autor que seria esta substância a responsável pela resistência das muralhas de Babilônia. Essa resina não é encontrada apenas em Cuba, mas também na região de Temistitã e nas vizinhanças da Flórida.

Quanto às Ilhas Lucaias¹⁵¹ (assim chamadas por serem muito numerosas), elas estão situadas a norte das ilhas de Cuba e São Domingos. São mais de quatrocentas ilhotas, todas pequenas e desabitadas, exceto uma, a maior, cujo nome designa todo o arquipélago: a Ilha Lucaia. Seus habitantes permutam os produtos com os nativos do continente e os das ilhas vizinhas. Tanto os homens quanto as mulheres que aí vivem são geralmente mais claros que os outros selvagens dessa região.

Já que falamos dessas ilhas e de suas riquezas, não posso deixar de dizer alguma coisa a respeito das riquezas de Potosi¹⁵², nome de uma alta montanha medindo uma boa légua de altura e meia de circuito, elevando-se em forma de pirâmide. Esta montanha é extraordinariamente rica, especialmente nas alturas do cume, onde foram descobertos minérios de prata, cobre e estanho, sendo o de prata tão excelente que de um quintal deste minério é possível extrair meio quintal de prata puríssima. Os escravos não fazem outra coisa senão carregar grandes quantidades dele para a principal cidade da região, edificada pelos espanhóis no sopé dessa montanha. Data a sua fundação da época em que se deu o achado.

Todas as terras continentais e insulares que constituem o Peru são habitadas por selvagens que também vivem inteiramente nus, assim como os nativos da América. E eis o que tínhamos a dizer acerca do Peru e de suas ilhas.

¹⁵¹ O arquipélago das Baamas.

¹⁵² Num salto de quase 6 000 km, Thevet deixa as Baamas e retoma a descrição das minas de prata bolivianas, iniciadas no Cap. LXX. (N. do T.)

CAPÍTULO LXXIII

DESCRIÇÃO DA NOVA ESPANHA, SITUADA NAS ÍNDIAS OCIDENTAIS, E DA GRANDE CIDADE DE TEMISTITÃ

Temistitã. — A Nova Espanha, antes Anauac. — Situação da Nova Espanha. — A teoria dos dois lagos. — Comparação de Temistitã. — Fernão Cortés. — Mutueczuma. — Sistema de comércio desta cidade.

Como a nenhuma pessoa seria possível, durante a sua existência, observar pessoalmente tudo o que há no mundo inferior, quer pela contínua mutação das coisas, quer pelas enormes distâncias entre os lugares e países, concedeu-nos Deus os meios de poder transmitir estas coisas tanto através dos escritos como também das ilustrações, frutos da indústria e do labor daqueles que as viram. Acredito que se sinta idêntico prazer na contemplação tanto das ilustrações de cenas das fábulas antigas (como as de Jasão, Adônis, Acteonte, Enéias e Hércules) quanto nas figuras de coisas que podemos ver todo dia em sua própria essência, como por exemplo as numerosas espécies de animais. Assim pensando, decidi descrever, do modo mais simples e sucinto possível, a vasta e populosa cidade de Temistitã¹⁵³, mormente quando se sabe que são bem poucos os leitores que já tiveram a oportunidade de saber algo a este respeito, e ainda menos numerosos os que poderiam porventura visitá-la um dia, por causa da mui longa, perigosa e difícil travessia marítima que tal empresa exigiria.

Temistitã é uma cidade situada na Nova Espanha, região que começa no istmo de Darien, limitando-se com o Peru, estendendo-se para o norte até ao Rio Panuco. Antes de que seus descobridores e colonizadores espanhóis lhe tivessem dado este nome de Nova Espanha, chamavam-na os nativos de *Anauac*. Entre as terras e províncias que a compõem, a de povoamento mais antigo é a que se chama Iucatã. Esta província termina numa ponta de terra que avança pelo mar a dentro, assim como a Flórida. É uma pena que esta notável característica tenha sido esquecida na representação dos nossos cartógrafos modernos, pois ela bem que poderia servir para embelezar os seus mapas. Esta ponta de terra é rodeada pelo imenso Oceano por quase todos os lados, ou seja, a levante, a poente, a sul e até mesmo a nordeste. A norte ficam as terras habitadas do Novo Mundo e também outras que permanecem desconhecidas nestes nossos dias, motivo pelo qual prefiro nada mais dizer a este respeito.

Temistitã é a principal cidade dessa província. Trata-se de uma imensa e riquíssima cidade fortificada, situada no meio de um grande lago, ligada à terra por um caminho não muito largo, medindo apenas dois lanços. Seu nome lembra o do príncipe Tenuth, filho mais moço do rei Iztacmircoatz, que foi quem lançou seus primeiros fundamentos. A

¹⁵³ Temistitã, ou melhor, Tenochtitlán era a capital dos astecas, construída onde hoje se localiza a cidade do México. No original, Themistitan. (N. do T.)

cidade só tem duas portas, uma para entrar e outra para sair. Não longe dela existe uma ponte de madeira de 2 pés de largura, construída por causa do fluxo e refluxo das águas do lago que, como as do mar, também sobem e descem. Além desta, muitas outras pontes existem, todas construídas para atender à defesa da cidade cujo aspecto lembra o de Veneza, edificada dentro do mar.

Altas montanhas rodeiam a região de Temistitã. A planície adjacente mede cerca de 150 léguas de circuito e encerra dois lagos que ocupam boa parte de sua área, já que cada um tem 50 léguas de circuito. Destes, um é de água doce e outro de água salgada. No primeiro são abundantes uns peixinhos de sabor muito delicado. A água salgada do outro, além de amarga, é venenosa, fazendo com que não haja peixes no segundo lago. Como se vê, nada justifica a idéia dos que presumem que só exista um lago na região de Temistitã. Os lagos estão separados da planície de terra firme por umas colinas. Os dois, por sua vez, são separados entre si por uma língua de terra, da qual partem os barcos que conduzem à cidade, construída no meio do lago de água salgada. De lá à terra firme, seguindo na direção do aterro, a distância é de 4 léguas. A não ser Veneza, nenhuma outra cidade se lhe poderia comparar. Pode-se entrar e sair da cidade por quatro caminhos calçados de pedra e ladeados por condutos de 2 passos de largura e da altura de um homem. Um deles leva a água doce até ao centro da cidade, edificada a 5 pés de altura acima do nível do lago. Os habitantes usam desta água para beber e para todas as outras necessidades. Um dos canais fica sempre vazio, exceto na época de limpar o outro ou quando têm de jogar fora as imundícies da cidade. Como os canais passam pelas pontes e por certos trechos por sobre os quais vai e vem a água salgada, os que conduzem a água doce têm um passo de altura.

No lago que rodeia a cidade, os espanhóis construíram diversas casas de moradia e de recreio, umas sobre pilaretes de pedra, outras sobre estacas de madeira.

Outra coisa é que Temistitã está situada a 20 graus aquém da Linha Equinocial e a 272 graus de longitude. Ela foi conquistada por Fernão Cortés, a quem o imperador concedeu o título de Capitão dessas terras, no ano da graça de 1521. Havia nela, então, 70 000 moradias entre grandes e pequenas. O palácio do rei Mutueczuma¹⁵⁴, assim como os dos grãos-senhores da cidade, eram vistosos, emponentes, espaçosos. Os moradores, naquele tempo, costumavam reunir-se de cinco em cinco dias numa praça destinada a servir de mercado. Os artigos que ali traficavam consistiam principalmente em penas de aves trabalhadas e utilizadas em confecções, das quais havia grande variedade, destacando-se os mantos e os tapetes. Este comércio era feito principalmente pelos velhos, aproveitando os dias em que os moradores iam ao seu enorme templo em forma de teatro, construído no centro da cidade. Para lá eram levados e sacrificados os prisioneiros de guerra, que eles depois devoravam como parte de suas cerimônias religiosas.

Outros de seus artigos de comércio eram as peles de animais, com as quais se confeccionavam túnicas, calças e um tipo de agasalho que serve para proteger tanto do frio quanto dos mosquitos que aí são muito incômodos. Os moradores, dantes tão cruéis e desumanos, aos poucos foram mudando seus procedimentos e adquirindo melhores costumes, deixando de ser bárbaros e cruéis para se tornarem presentemente humanos e corteses. Assim, não mais se praticam ali os antigos atos de incivilidade, desumanidade e selvageria, como por exemplo os de se matarem uns aos outros, de comerem carne humana, de terem relações com a primeira mulher que encontrassem, não lhes importando laços de sangue e parentesco, além de outros vícios de imperfeições que tais.

¹⁵⁴ Montezuma, o segundo e último deste nome entre os astecas. (N. do T.)

As casas dessa cidade são magnificamente construídas, destacando-se entre elas um maravilhoso palácio onde estão guardadas as armas da cidade. Suas ruas e praças são tão retas que de uma porta se enxerga a outra, sem que nada o impeça.

Em suma, trata-se de uma cidade fortificada e rodeada de sólidas muralhas e bastiões semelhante aos que se vêem nas nossas. Na verdade, ela é uma das mais consideráveis, belas e ricas cidades existentes em toda a extensão das Índias Ocidentais, que compreendem as terras que vão desde o Estreito de Magalhães, a 52 graus além da Equinocial, até aos confins do Labrador, a 51 graus de latitude norte.

CAPÍTULO LXXIV

DA PENÍNSULA DA FLÓRIDA

Um mar como um pântano. — Estrela de cauda. — Situação da Flórida. — Flórida: o porquê deste nome. — Touros selvagens. — Cabo da Baixa. — Ostras contendo pérolas. — Terra dos Bacalhaus. Ponta dos Bacalhaus. — Bacalhau (peixe). — Ilhas de Cortés. — Viagem do inglês Sebastião Caboto.

Como já fiz algumas menções, em outros pontos deste trabalho, à terra conhecida pelo nome de Flórida, achei que seria oportuno dizer agora algumas palavras a seu respeito, embora não nos tenhamos aproximado muito dela, de vez que não houve necessidade de fazermos um desvio assim tão considerável. Foi a necessidade de aproveitar o vento leste que fez com que tivéssemos rumado naquela direção. Neste capítulo vamos dizer também alguma coisa acerca da Terra do Canadá, situada ao norte da Flórida, e desta separada apenas por algumas montanhas¹⁵⁵.

Prosseguíamos nossa viagem de volta à Europa e seguíamos por um caminho não tão rápido e direto quanto desejaríamos. Mantivemos-nos à altura da Hispaniola, que então ficou à nossa direita. O mar mostrava-se bastante favorável. Num determinado momento, desejando observar o mar, pus a cabeça para fora do navio e então pude ver que as águas estavam juncadas de ervas até onde a vista alcançava, havendo mesmo até flores em alguns trechos! As tais ervas eram quase idênticas ao nosso zimbro. Ao vê-las, presumi imediatamente que estivéssemos nas cercanias de alguma terra, considerando-se que eu nunca dantes encontrara um mar com tal aspecto. Logo em seguida, porém, constatei meu engano e vi que aquelas plantas procediam do próprio mar. E assim durante quinze ou vinte dias de viagem, continuamos a ver o mar recoberto por estes vegetais. Quanto a peixes, aí quase não os há; o mar deste local parece tratar-se antes de um pantanal do que de outra coisa qualquer.

Logo em seguida apareceu-nos outro sinal de presságio: uma estrela de cauda cruzou o céu, vindo do Levante e seguindo para o Setentrião. Prefiro deixar a explicação deste fenômeno, e dos presságios que ele representa, aos mais versados nessa matéria.

O pior de tudo o que sucedeu depois, quando fomos perturbados durante nove dias por ventos ponteiros, até chegarmos à altura da Flórida, uma ponta de terra que avança pelo mar a dentro por umas 100 léguas, tendo 25 de quadrado, situada a 25 graus e meio aquém da Linha Equinocial e a 100 léguas do Cabo da Baixa. Vista de longe, parece ser uma ilha em pleno mar, representando por isto um grande perigo para os navegantes que demandam o litoral de Cataí, dos Canibais, de Panuco e de Temistitã. Acrescente-se a isso que suas águas possuem traiçoeiras e impetuosas correntes marítimas, além de serem continuamente açoitadas por ventanias e temporais.

¹⁵⁵ À época de Thevet, a Flórida compreendia os territórios situados entre o Canadá, a Nova Espanha (México) e a Nova Granada (a oeste das Montanhas Rochosas). (N. do T.)

Ficam a levante da terra firme da Flórida a província de Chicoma e as ilhas chamadas Baama e Lucaia. A poente fica a província de Anauac, pertencente à Nova Espanha, a respeito da qual acabamos de falar no capítulo precedente. Entre as melhores e mais férteis províncias da Flórida destaca-se a de Paunac.

Os nativos da Flórida são robustos, sangüinários e idólatras. Quando querem que chova ou faça sol para que possam cultivar as raízes que constituem seu alimento de cada dia, prosternam-se diante de seus ídolos cujo aspecto é meio humano e meio animalesco. Nas guerras, agem com mais cautela e astúcia que os peruanos. Quando se dirigem para os locais onde serão travados os combates, levam consigo seu rei, que é transportado numa enorme rede confeccionada de peles, carregada por quatro homens trajados com vestes adornadas de ricas plumagens. O rei vai todo revestido de peles finas. Ele jamais abandona o campo de batalha, permanecendo entre os combatentes durante todo o tempo que dura a refrega. Se por acaso demonstrar medo e quiser abandonar a luta, sentindo que seus guerreiros estão em inferioridade, matam-no ali mesmo imediatamente, assim como se usa até entre os persas e outros povos bárbaros do Levante.

Suas armas, feitas de madeira, são arcos, flechas envenenadas e chuços em cuja extremidade, ao invés de ferro, usam agudíssimos ossos de animais selvagens ou de certos peixes. Alguns devoram os inimigos que aprisionaram, assim como o fazem os americanos, conforme foi dito. Embora sejam idólatras, conforme também já dissemos, os nativos da Flórida acreditam que a alma seja imortal e que haja um lugar destinado aos maus, uma terra muito fria para a qual eles são enviados pelos deuses como punição pelos seus pecados. Acreditam ainda que haja um número infinito de homens vivendo no céu e outro tanto no interior da terra. Têm, além destas, milhares de outras tolas crendices semelhantes, apenas comparáveis às que se podem ler nas *Metamorfoses* de Ovídio. Suas idéias só servem mesmo para povocar-nos o riso. Não obstante, eles crêem tão firmemente na veracidade de tais absurdos quanto os turcos e árabes nos ensinamentos do Alcorão.

São pouco férteis as regiões da Flórida que se estendem junto ao mar. Devido ao pequeno contato que tiveram com os povos civilizados, os nativos desta região são mais rudes que os do Peru e da América. "Flórida" foi o nome dado pelos seus descobridores em 1512, logo que pela primeira vez a avistaram toda verdejante e recoberta de uma infinidade de flores de todas as cores.

Entre a Flórida e o Rio da Palma encontram-se diversas espécies de animais monstruosos, entre os quais podemos citar certos touros enormes, com chifres de apenas um pé de comprimento e apresentando nas costas um como que tumor ou saliência semelhante à do camelo¹⁵⁶. Seu corpo é todo revestido de pêlos longos, quase idênticos na cor aos pêlos das mulas fouveiras, especialmente os que ficam debaixo do queixo. De certa feita levaram para a Espanha dois espécimes vivos. Eu próprio tive ocasião de ver o couro de um deles, mas não os animais vivos, pois eles não duraram muito. Segundo se afirma, este animal não consegue sobreviver nas proximidades dos cavalos, pois sente por estes uma inimizade mortal. . .

Entre a Flórida e o Cabo da Baixa existe um riacho no qual os escravos pescam ostras. Estas contêm pérolas no interior. E já que tocamos no assunto, não posso deixar de descrever como se procede por aqui para pescar e produzir pérola, já que o método é o mesmo tanto nas Índias Orientais quanto nas Ocidentais. Os chefes de família que são proprietários de numerosos escravos, desde que não tenham alguma tarefa mais importante na qual necessitem empregá-los, enviam-nos à "pesca de ostras" (é assim que se diz).

¹⁵⁶ Thevet refere-se ao bisão americano. (N. do T.)

Estes, depois de encherem as cestas que levaram, trazem-nas de volta aos patrões, que mandam passar as ostras para um recipiente com água pela metade. Conservadas ali por alguns dias, elas se abrem ficando as pérolas ou pedras no fundo. Então, esvazia-se o recipiente para tirarem-se as pérolas, fazendo a água passar por um orifício sob o qual foi colocado um lençol ou um outro pano qualquer. Assim, o pano coa a água, não deixando passar as pérolas. E quanto ao seu aspecto, essas pérolas diferem bastante das nossas na cor e no bizarro aspecto das conchas. O mais incrível é o burquinho que elas apresentam em cima: através dele pode-se ligá-las umas às outras! Ao vê-los a gente chega a pensar que sejam artificiais. . .

Eis o que desejava dizer-lhes rapidamente a propósito desse assunto. Quanto ao mais, vamos lembrar que são encontradas dessas pérolas — Além de diversas outras pedras — no Peru. Porém, as mais finas são as dos rios da Palma e Panuco, a 13 léguas de distância um do outro. Estas, entretanto, praticamente não há como pescá-las: não o permitem esses selvagens que ainda nem sequer foram convertidos e que até hoje adoram os corpos celestes e atribuem caráter divino à respiração (como aliás muitos povos antigos, entre os quais os citas e os medas).

Por causa dos ventos ponteiros, tivemos de prosseguir costeando a Flórida, que ficou à nossa esquerda. Assim, chegamos até bem perto do Canadá e da região denominada Terra dos Bacalhaus. Esta parte da viagem foi bastante penosa e desconfortável, em razão do rigorosíssimo frio que nos molestou pelo espaço de 18 dias seguidos.

A Terra dos Bacalhaus é uma ponta que avança profundamente pelo mar a dentro — cerca de duzentas léguas. Localiza-se a apenas 48 graus da Linha Equinocial (latitude Setentrional). Seu nome vem de uma certa espécie de peixe que ali existe, o *baccalos*¹⁵⁷.

Entre esta ponta e o Cabo Delgado existem diversas ilhas povoadas. No entanto, elas são difíceis de se abordar devido aos numerosos escolhos que as rodeiam. Chamam-nas de Ilhas do Cortés. Para alguns, não seriam ilhas, mas trechos de terra firme, um prolongamento da Ponta dos Bacalhaus.

Quem descobriu a Terra dos Bacalhaus foi o inglês Sebastião Caboto¹⁵⁸. Ele convenceria Henrique VII, rei da Inglaterra, de que iria facilmente encontrar uma passagem setentrional para as terras de Cataí, de onde poderia voltar com especiarias e ricos artigos, assim como o faziam os súditos do rei de Portugal ao regressarem das Índias. Ademais, propôs-se a ir ao Peru e à América, prometendo que iria colonizar essas terras, povoá-las de novos habitantes e ali estabelecer uma Nova Inglaterra. Não pode concretizar esse tal intento, se bem que tenha deixado trezentos homens em certas terras situadas a norte da Irlanda¹⁵⁹, tendo o frio dizimado quase todos eles, conquanto ainda se estivesse no mês de julho!

Quem mais tarde empreendeu por duas vezes a viagem até essa terra foi Jacques Cartier. Disse-me ele pessoalmente que o fizera nos anos de 1534 e de 1535.¹⁶⁰

¹⁵⁷ No original, ora *baccales*, ora *baccalos*. Trata-se, evidentemente, do bacalhau, peixe que Thevet conhecia, mas não por este nome, e sim por *morue*, como se diz em francês. A outra palavra é *basca*. (N. do T.)

¹⁵⁸ No original, *Sebastian Babate*, que aliás não era inglês, mas genovês, embora sempre tenha trabalhado para o rei da Inglaterra. (N. do T.)

¹⁵⁹ Estranha maneira de definir a ilha russa de Nova Zembla, no litoral Ártico. (N. do T.)

¹⁶⁰ Cartier deve ter dado esta informação a Thevet antes de 1541, ano no qual ele fez sua terceira e última viagem ao Canadá. (N. do T.)

CAPÍTULO LXXV

DA TERRA DO CANADÁ (OU DOS BACALHAUS, COMO FOI PRECEDENTEMENTE DESIGNADA), DESCOBERTA NESTES NOSSOS TEMPOS, E DA MANEIRA DE VIVER DOS SEUS HABITANTES

Viagem de Jacques Cartier ao Canadá. — Situação da Terra do Canadá. — Cabo da Lorena ou Terra dos Bretões. — A pesca do bacalhau. — Situação do Cabo da Lorena. — O rio da Baía do Calor. — Rio Cheloguea.

Uma vez que essa terra setentrional foi recentemente descoberta pelo bretão Jacques Cartier, mestre-piloto e capitão, pessoa versada na teoria e na prática das ciências náuticas, então a serviço do falecido rei Francisco I (que Deus o tenha), resolvi escrever algumas linhas sobre os principais aspectos do Canadá, embora esta descrição devesse vir no capítulo precedente, de acordo com a sequência de nossa viagem de regresso. Levou-me a isto o fato de que tal assunto ainda não haja sido tratado por escrito por quem quer que seja, conquanto ele se refira a algo deveras importante, pelo menos no meu modo de entender. Ademais, foi através do relato pessoal do próprio Cartier, seu descobridor, que tomei conhecimento do Canadá. Esta terra, localizada pouco abaixo do Pólo Ártico Zenital, limita-se a ocidente com a Flórida e as Ilhas do Peru, sendo banhada pelo Oceano até à altura da Ponta dos Bacalhaus, a cujo respeito dissertamos no capítulo precedente — e que acredito ser o mesmo local denominado “Canadá” por estes navegantes aos quais ora nos referimos (como sói acontecer quando se desconhece o outro nome que alguém porventura tenha dado a um determinado lugar). O Canadá limita-se a oriente com um mar proveniente da Zona Glacial ou Hiperbórea, e de outro lado com uma terra firme chamada “Campestre de Berge”, à qual está ligado pelo lado sudeste. É ali que fica um promontório denominado “Cabo da Lorena”¹⁶¹ (ou então “Terra dos Bretões”, em homenagem aos seus primeiros descobridores), situado a 10 ou 12 léguas da Terra Nova, onde hoje em dia se pescam bacalhaus. Entre a Terra Nova e o dito cabo, a nordeste deste, fica uma ilha extensa e comprida, medindo umas 4 léguas de circuito¹⁶².

O Canadá propriamente dito começa logo após este cabo, estendendo-se inicialmente para sul e, em seguida, desviando-se para és-nordeste e oés-sudoeste até chegar à Flórida, que apresenta uma conformação semicircular, projetando-se na direção de Temistitã. Mas voltemos ao Cabo da Lorena. Defronte dele, a norte, os navegantes encontraram uma terra banhada pelo Mar Mediterrâneo ou qual já nos referimos¹⁶³, assim como a Itália,

¹⁶¹ Trata-se de “Cape Breton”, ilha da província de Nova Escócia. (N. do T.)

¹⁶² Sua denominação atual é “Ilha do Príncipe Eduardo”. (N. do T.)

¹⁶³ Nas páginas precedentes, ao contrário do que diz o autor, não há a menor alusão a este “Mar Mediterrâneo”, ou seja, ao Golfo de São Lourenço. (N. do T.)

que está ladeada pelos mares Adriáticos e Ligústico. E seguindo do dito cabo em direção oeste-oés-sudoeste, os franceses costearam o litoral por cerca de 200 léguas, durante as quais nada mais avistaram senão areiais e areias, sem sinal de porto ou enseada. A região revelou-se densamente povoada, sendo seus habitantes muito corpulentos e ferozes. A maior parte deles trazia a cara toda pintada com riscos vermelhos e verde-azulados, de tintas extraídas de certos frutos.

Conforme dissemos quem descobriu esta terra e penetrou neste mar interior foi o Senhor Cartier, natural de Saint-Malô, em 1535. Usando alguns barcos com a capacidade de 60 a 80 homens, ele costeou esse litoral, então desconhecido, até que chegou a um extenso e amplo rio que seus marujos batizaram de Baía do Calor¹⁶⁴. Ali o pescado é excelente e abundante, mormente no que se refere aos salmões. Navegantes e nativos permutaram seus artigos em diversos pontos do litoral, tendo aqueles oferecido machados, facas, anzóis, roupas, etc, em troca de peles de gamo, de lontra e de outros animais, ali abundantes. Os bárbaros da região fizeram-lhes efusiva acolhida, com isto demonstrando o enorme prazer que lhes causava a chegada desses novos amigos.

Deixando aquele local e prosseguindo em sua viagem de reconhecimento, encontraram pouco além um outro povo quase inteiramente diverso do primeiro no que se referia à língua e aos costumes. Disseram estes últimos que haviam descido o grande Rio Chelagua¹⁶⁵ com o objetivo de guerrear aqueles outros selvagens. A informação foi fornecida ao Capitão Cartier por sete selvagens, que ele capturara juntamente com o barco que eles levavam. Destes sete homens, dois foram trazidos ao rei de França pelo Capitão. Por ocasião de sua segunda viagem ao Canadá, Cartier levou-os consigo, mas eles preferiram voltar para a França, acabando por se converterem ao Cristianismo. Aqui residiram até que a morte os levou.

Nada se sabia até então acerca da maneira de viver desses bárbaros e das características dessa terra, com a qual ainda não se havia estabelecido nenhuma comunicação ou tráfico.

¹⁶⁴ Esta baía fica ao sul do estuário do São Lourenço e conserva hoje em dia a primitiva denominação francesa de "Chaleur". Não se trata de um rio, como afirma Thevet, mas de uma *ria*, isto é, um antigo vale fluvial invadido pelo mar. (N. do T.)

¹⁶⁵ "Hochelagua", conforme escreve Cartier, era o nome indígena do Rio São Lourenço. Também este era o nome da aldeia que se transformou mais tarde na cidade de Montreal. (N. do T.)

CAPÍTULO LXXVI

DE UMA OUTRA REGIÃO DO CANADÁ

Outra região do Canadá descoberta por Jacques Cartier. — Maneiras amistosas dos canadenses. — Umas espécies de raquetas. — Emprego dessas raquetas. Como os canadenses caçam gamos e outros animais selvagens. — Soberrano remédio que tomam para curar suas doenças.

A outra região do Canadá, na qual vivem e por onde perambulam os selvagens que mencionamos, foi mais tarde descoberta por Jacques Cartier que, a mando do rei de França, entrou pelo Rio Chelouga por cerca de trezentas ou quatrocentas léguas. Do mesmo modo que em sua primeira viagem, também nessa segunda deparou Cartier com uma região densamente povoada, cujos nativos eram excepcionalmente pacíficos e amistosos. Os franceses logo confraternizaram com os naturais como se desde sempre tivessem convivido com eles, sem qualquer sinal de animosidade ou inimizade. Ali Cartier erigiu um fortim no qual deveria passar o inverno com sua tripulação, protegendo-se contra o rigorosíssimo frio que ali faz. Não obstante, deram-se todos muito bem com a região e a estação, principalmente porque os nativos os visitavam diariamente, trazendo seus barcos carregados de pescado, especialmente enguias e lampreias, assim como também de animais caçados, tudo em grande quantidade.

Os canadenses são hábeis caçadores, não só no verão como também no inverno, quando empregam certos engenhosos artefatos, como por exemplo umas espécies de raquetas feitas de cordas entrelaçadas lembrando peneiras. Estas raquetas medem dois pés e meio de comprimento e um pé de largura, podendo ser vistas na ilustração que aqui se traz. Quando neva, colocam-nas sob os pés, especialmente se vão partir para a caça, pois elas impedem que se enterrem na neve quando estão perseguindo a caça.

O que os canadenses vestem são peles de gamo, preparadas e confeccionadas à sua moda. Para apanhar estes animais, reúnem-se dez ou doze nativos armados de longas lanças ou chuços que medem 15 ou 16 pés de comprimento, tendo na ponta, em vez de ferro, um osso de gamo ou de algum outro animal, o qual mede cerca de um pé. Também suas flechas são guarnecidas de ossos semelhantes. Marcham então pela neve, à qual estão habituados durante quase todo o ano, seguindo as pegadas dos gamos, enquanto vão abrindo um caminho. Nesta trilha fincam alguns ramos de cedro (árvore que se mantém verde durante todo o ano), dispondo-os de modo a formarem uma verdadeira malha, sob a qual se escondem, armados do modo como já dissemos. Tão logo chega o gamo pela trilha aberta, atraído pelas folhas verdes, atiram-se os nativos contra ele, atacando-o com lanças e flechas, à vista do quê o animal é obrigado a abandonar o caminho aberto e fugir pela neve a fora, nela se afundando até à barriga. Por fim, não mais consegue mover-se. Aí os nativos golpeiam-no até que morra e escorcham-no ali mesmo. Em seguida, partem-no em pedaços, envolvendo-os no próprio couro do animal, e arrastam-nos pelas neves até suas casas. É este também o modo que empregam para transportar as carnes e os couros que comerciam no fortim dos franceses, trocando essas mercadorias por ferramentas e diversas outras miudezas.

Não quero aqui omitir um fato assaz singular: quando os selvagens são acometidos de febre ou de qualquer outra moléstia interna, tomam das folhas de certa árvore muito semelhante ao cedro que se encontra nos arredores da Montanha de Tarare, no Lyonnais, extraindo delas o suco que bebem. E a verdade é que não há doença instalada no corpo, por mais grave ou pertinaz que seja, que esta beberagem não cure 24 horas depois, como por diversas vezes os próprios cristãos puderam experimentar, motivo pelo qual muitos deles trouxeram mudas desta planta para nossa terra.

CAPÍTULO LXXVII

SOBRE A RELIGIÃO E A MANEIRA DE VIVER DOS POBRES CANADENSES, E DE COMO RESISTEM ELES AO FRIO

O casamento entre os canadenses. — *Osannaha*. — *Anduanhi*, o deus dos canadenses. — Crença dos canadenses na imortalidade da alma. — *Donacona Aguanna*, rei do Canadá. — O frio excessivo da Terra do Canadá. — As choças dos canadenses. — Por que os povos setentrionais são mais corajosos que os meridionais. — O Mar Glacial. — Por que a fome é freqüente no Canadá. — A Terra do Labrador, descoberta pelos espanhóis. — A vida comunitária entre os canadenses. — Seu modo de lavar a terra. — O milho (legume). — Favas brancas. — As abóboras e seu preparo. — Certa espécie de erva. — Maneira de fumar esta erva.

O modo de viver e o sistema de governo dos canadenses aproximam-se bastante das leis da Natureza. No casamento, por exemplo, toma o homem duas ou três esposas sem quaisquer cerimônias, do mesmo modo como os americanos, acerca dos quais já nos referimos. Quanto à religião, também não possuem cerimônias ou fórmulas para reverenciar ou orar a Deus. Contentam-se em ficar contemplando a lua crescente, que chamam de *Osannaha*, dizendo ter sido o próprio *Anduanhi*¹⁶⁶ quem lhe deu este nome e que permite que ela vá aparecendo pouco a pouco, causando com isto o avanço e o recuo das águas. Por conseguinte, estão plenamente cientes da existência de um Criador maior que o Sol, a Lua e as estrelas; aquele que tudo tem sob seu controle. Chamam-no de *Anduanhi*, mas não conhecem fórmulas ou rituais para o reverenciarem. Alguns canadenses de uma determinada região, porém, adoram ídolos, sendo que alguns dentre eles guardam nas suas cabanas até quarenta ou cinquenta imagens diferentes! Contou-me isto um piloto português que tinha visitado duas ou três aldeias desse povo, tendo então examinado o interior de algumas choças.

Os canadenses acreditam que a alma seja imortal e que, se alguém procede mal, depois da morte vem uma ave enorme para arrebatá-la e levá-la consigo. Quando é o contrário que ocorre, a alma será transportada para um lugar repleto de belas árvores e pássaros de canto mavioso. Quem nos pôs a par de tudo isto foi *Donacona Aguanna*, rei do Canadá, o qual morreu na França como bom cristão, falando francês fluentemente, após ter vivido durante quatro anos entre nós.

A fim de evitar que fique muito longa esta descrição dos canadenses, acrescentaremos somente que este desditoso povo está continuamente afligido pelo eterno frio que ali domina, qual decorre, como se sabe, da ausência de Sol. Eles vivem em aldeias e povoados, morando em cabanas semicirculares, de vinte a trinta passos de comprimento por dez de largura, cobertas de cascas de árvores ou então de juncos marinhos. Só Deus sabe o frio

¹⁶⁶ No original, *Andouagni*, que era o deus supremo entre os iroqueses, (N. do T.)

que nelas penetra, pois são mal construídas, precariamente cobertas e tão mal sustentadas que muitas vezes seus pilares e vigas cedem e caem em razão do peso da neve acumulada sobre o teto. Mas apesar desse frio exagerado, os canadenses são robustos, belicosos, e sempre dispostos para o trabalho.

Como estes, todos os outros povos setentrionais são corajosos, uns mais, outros menos; em contrapartida os que vivem mais para os lados do pólo oposto, especialmente nas proximidades dos trópicos e da Equinocial, são exatamente o contrário, devido ao ar escaldante que lhes suga e dissipa o seu calor natural. Por isto, estes últimos são quentes por fora, mas frios por dentro, enquanto que os primeiros conservam dentro de si o calor natural, que neles se mantém como defesa contra o frio externo, fazendo com que sejam robustos e valentes, de vez que a força e as faculdades de cada parte do corpo dependem deste calor natural. Também o mar que circunda esta terra é tanto mais gelado quanto mais nos aproximamos do Pólo Norte, e isto, porque essa região fica muito afastada do caminho que o Sol percorre de oriente para ocidente, passando obliquamente pelo meio do Universo. Quanto maior é o calor natural, tanto melhor se faz a concocção e a digestão dos alimentos no estômago, o que resulta em aumento do apetite. E visto que os povos do Setentrião comem muito mais que os do outro lado da Terra, isto faz com que sejam freqüentes as crises de fome no Canadá, mormente porque as raízes e os frutos de que se sustentam os nativos durante todo o ano ficam congelados, assim como também os seus rios, durante cerca de três ou quatro meses.

As cascas de árvores, conforme dissemos, são por eles utilizadas para cobrir suas casas. Mas elas são usadas também para a construção dos barcos com os quais os canadenses praticam a pesca, tanto nos rios quanto no mar. Diversos outros povos vizinhos destes, como por exemplo os nativos do Labrador (terra descoberta pelos espanhóis, que acreditavam poder encontrar nessas paragens um estreito que os levasse às Molucas, as ilhas de onde vêm as especiarias), todos igualmente sujeitos aos rigores do frio, cobrem suas cabanas com peles de peixes¹⁶⁷ e de animais selvagens.

Outra coisa referente aos canadenses é que eles moram comunitariamente, assim como os americanos, cada um trabalhando de acordo com aquilo que sabe fazer. Uns fabricam potes de barro; outros, pratos, escudelas e colheres de pau; estes fazem arcos, flechas, cestos; aqueles, as capas de pele que usam para se protegerem do frio.

As mulheres trabalham a terra, revolvendo-a com certos instrumentos feitos de pedras compridas. São elas também que semeiam as plantas, especialmente um tipo de milho de grão do tamanho de ervilhas e de cores diversas, empregando para tanto um processo semelhante ao que se usa entre nós para o plantio de legumes. A haste cresce do mesmo modo que a da cana-de-açúcar, cada uma dando três ou quatro espigas, uma das quais sempre maior que as outras, assim como nas alcachofras.

Os canadenses também plantam umas favas chatas, brancas como a neve, muito saborosas; são daquela mesma espécie que se encontra na América e no Peru. São também muito comuns as abóboras, que os nativos comem depois de assá-las na brasa, como costumamos fazer com as peras.

Há ainda certos grãosinhos bem miudinhos, lembrando os da manjerona, produzidos por uma erva bem alta. Esta planta é extraordinariamente apreciada por eles, que após colherem grande quantidade dela, secam-na ao sol, colocando depois um punhado da erva

¹⁶⁷ É bom lembrarmos-nos de que Thevet designava pelo nome genérico de "peixes" quaisquer animais aquáticos, inclusive os mamíferos. (N. do T.)

seca nos saquinhos feitos de pele de certos animais, os quais trazem costumeiramente pendurados no pescoço. Carregam consigo também uma espécie de canudo furado, no qual colocam um pouco desses grãos, após tê-los esfregado nas mãos. Em seguida, ateiam fogo nos grãos e aspiram a fumaça, colocando a boca na outra extremidade do canudo. Sorvem a fumaça em tal quantidade que ela até lhes sai pelos olhos e pelo nariz. Assim, fumam a qualquer hora do dia. A maneira de fumar dos americanos, descrita em outra parte deste livro, é inteiramente diferente desta.

CAPÍTULO LXXVIII

DO VESTUÁRIO DOS CANADENSES, DE COMO TRAZEM AS CABELEIRAS

E DE QUE MODO CRIAM OS FILHOS

Vestimentas dos canadenses. — Quem descobriu o uso da lã. — Como os canadenses usam seus cabelos. — Martas zibelinas. — Como se trajam as mulheres canadenses. — As canadenses e o casamento. — *Agahanna*. — A viuvez é muito respeitada entre as canadenses. — Como as canadenses criam seus filhos. — Superstição dos turcos.

Os canadenses, que são bem mais adiantados que os habitantes da América, costumam cobrir-se com peles de animais selvagens, sabendo prepará-las à sua moda sem lhes tirar os pêlos, conforme dissemos há pouco. É provável que o único motivo que os leve a isso seja o frio, que não preocupa os americanos, fazendo com que, por esta razão, estes últimos vivam inteiramente despidos, sem sentirem vergonha uns dos outros. Quanto aos canadenses, especialmente os homens, eles não andam propriamente vestidos, mas apenas envoltos em um couro peludo semelhante a um avental, cobrindo-lhes somente a frente e as partes pudendas, passando por entre suas pernas e sendo abotoado à altura das coxas. Por cima dessa veste eles usam uma cinta bem larga e justa, deixando expostos os braços e as pernas, a não ser quando vestem por cima de tudo um longo manto feito de peles costuradas entre si. Ele é tão bem confeccionado que se poderia, dizer trabalhado pelo mais hábil dos peleiros. Para a confecção destes mantos, usam-se peles de lontra, de urso, de marta, de pantera, de raposa, de lebre, de rato, de coelho, etc. Os canadenses sabem como prepará-las sem tirar-lhes os pêlos. É por vestirem esses mantos peludos que eu presumo ter-se originado o falso conceito espalhado pelos ignorantes de que os canadenses seriam selvagens muito peludos. . .

Certos autores afirmam que Hércules da Líbia, tendo chegado à França, deparou com um povo vivendo de maneira quase idêntica à dos selvagens das Índias do Levante ou da América, isto é, desprovidos de qualquer civilização, homens e mulheres inteiramente nus, salvo alguns poucos que se cobriam com peles de animais diversos. Também foi esta a primitiva condição do gênero humano, a princípio rude e inculto, até que, com o passar do tempo, a necessidade obrigou as pessoas a inventar diversas coisas para a conservação e manutenção da vida. Os pobres selvagens encontram-se ainda nesse estágio de rude incivilidade, admirando nossas vestimentas, indagando como é que elas foram feitas e qual o material empregado na sua confecção. De certa feita, na América, perguntaram-me quais são as árvores das quais se extrai a lã, imaginando que ela desse em árvores, assim como o seu algodão. . .

A utilidade da lã permaneceu ignorada durante largo tempo, até que foi descoberta pelos atenienses, conforme afirmam diversos autores. Há porém os que atribuem a Palas este conhecimento, visto que a lã já seria usada antes da fundação de Atenas. Seria por terem recebido este enorme benefício que os atenienses dedicavam à deusa excepcionais

honras e altas reverências. Seja como for, é de se presumir que os atenienses e outros povos da Grécia se cobrissem com peles à maneira dos canadenses e à semelhança do primeiro homem, que com este exemplo, conforme testemunha São Jerônimo, mostrou à posteridade que as pessoas não deveriam viver inteiramente nuas. Com isto vemos que nunca poderemos louvar suficientemente a Deus e testemunhar-lhe nosso reconhecimento pela singular afeição que Ele dedica à Europa, a única entre todas as partes do mundo que foi favorecida por não adotar tal costume.

Falemos agora sobre a maneira canadense de arrumar os cabelos, que é bem diferente da que os americanos costumam usar. Os canadenses têm cabelos pretos e tanto os homens quanto as mulheres usam-nos bem compridos. A única diferença é que os homens enrolam os cabelos, deixando-os como um rabo de cavalo e prendendo-os com umas espécies de alfinete de madeira. Por sobre os cabelos põem uma pele de tigre, de urso ou de algum outro animal. Vendo-os assim ataviados, chegamos a acreditar que estejam caracterizados de Hércules, prontos para entrar num palco, lembrando realmente a figura do herói do modo como é representado nas gravuras, quer as feitas hoje em dia, que as que se faziam no passado para recreação dos romanos.

Alguns dentre eles costumam envolver a cabeça com peles de martas-zibelinas, assim chamadas por causa do nome de uma região situada ao norte, na qual estes animais são muito comuns. Eles são considerados preciosos em virtude de sua raridade, sendo suas peles, por esta razão, reservadas para ornamento dos príncipes e dos grãos-senhores, pois sua beleza é proporcional à sua raridade.

Os canadenses, assim como os brasileiros, não usam barba, arrancando os pêlos tão logo estes surjam. Quanto às mulheres, cobrem-se estas com peles de gamo preparadas à moda local, sem que se perca um só pêlo. Neste particular, a técnica dos canadenses é superior à nossa. Por sobre esta pele, envolvem todo o corpo numa cinta bem larga, dando-lhe três ou quatro voltas, mas deixando sempre um dos braços e um dos seios a descoberto, pois ela fica presa apenas num dos ombros como uma charpa de peregrino.

Prossigamos a nossa descrição. As mulheres do Canadá usam calças muito bem confeccionadas à sua moda, feita de couro curtido que elas tingem com substâncias extraídas de certas ervas e frutos, ou então de alguma das terras tintoriais, das quais existem ali vários tipos. Usam também uns calçados feitos deste mesmo material e trabalhados de idêntica maneira.

Entre eles o casamento é encarado com seriedade e respeito. O adultério é evitado a todo o custo. Não obstante, cada homem pode ter duas ou três esposas, conforme dissemos alhures. Seu chefe, ao qual denominam *Agahanna*, pode ter tantas mulheres quantas achar melhor. As moças não ficam mal vistas por terem servido a um ou mais rapazes antes de se casarem, como aliás também ocorre na América. Para tanto, existem na aldeia umas cabanas isoladas, nas quais homens e mulheres marcam encontros e têm relações, longe dos meninos e meninas.

As viúvas, sejam quantas forem na tribo, jamais se casam de novo, guardando luto para o resto da vida, sempre se apresentando com o rosto todo enegrecido, passando nele uma mistura de pó de carvão e óleo de peixe, os cabelos caindo no rosto, sem prendê-los atrás como as outras. Mantêm-se assim até à morte.

No que se refere ao seu modo de cuidar das crianças, elas costumam cingi-las em quatro ou cinco peles de marta costuradas entre si, prendendo-as depois firmemente numa prancha ou tábua de madeira, furada no local onde se assenta o traseiro, de modo a deixar exposta esta parte do corpo. Entre as pernas, colocam-lhe uma espécie de funil ou goteira,

feita de casca macia, a fim de que suas águas sejam vertidas por ali sem molhar ou sujar seu corpo, tanto a parte da frente quanto a de trás, assim como também as peles que as envolvem. Se o Canadá fosse vizinho da Turquia, eu diria que seu povo teria aprendido esse costume com os turcos (ou vice-versa). Não quero dizer com isso que os canadenses considerem pecadora a criança que se molha com sua própria urina, assim como pensam os supersticiosos habitantes da Turquia. Procedem desta forma, na realidade, por um princípio de civilização que os coloca num plano superior ao dos turcos, o que mostra um maior desenvolvimento desses povos rudes no tocante a este particular.

A ponta inferior da tábua é fincada no chão, deixando-se nela a criança, que se acostuma a dormir em pé, com a cabeça inclinada.

CAPÍTULO LXXIX

DO MODO DE GUERREAR DOS CANADENSES

Os belicosos canadenses. — Os tontanianos, inimigos dos canadenses. — O Hochelaga e o Saguenay, dois rios do Canadá. — Preparativos bélicos dos canadenses. — Tradicional stratagema de guerra usado pelos canadenses. — Outro stratagema. — Como marcham os canadenses quando em guerra. — Como são seus tambores e de que maneira os carregam. — Seu modo de combater. — De que maneira guerreavam os antigos. — Combate das virgens, nas festas de Minerva. — O primitivo modo de combater dos tebanos e lacedemônios. — Como os canadenses tratam seus prisioneiros.

Como os canadenses parecem ter costumes quase idênticos aos dos outros bárbaros selvagens, também entre eles não se encontra uma aldeia que não esteja sempre pronta a atacar outra, coisa que o fazem freqüentemente e de maneira bem semelhante à daqueles silvícolas, exceto por algumas pequenas diferenças. Os tontanianos, os gualdalpes e os chicorins¹⁶⁸ estão sempre em guerra contra os canadenses e contra os numerosos povos que habitam as margens do grande rio Hochelaga e do Saguenay¹⁶⁹. Estes rios são excepcionalmente extensos e belos, sendo suas águas muito ricas em excelentes peixes. Pode-se subi-los por umas 300 léguas, passando-se pelas terras dos canadenses e de seus inimigos. Mas isto só pode ser feito em pequenas embarcações, pois os grandes navios não estariam a salvo do perigo representado pelos seus rochedos. Ao que dizem os antigos moradores dessa terra, basta subir esses rios durante algumas “luas” — sua maneira de contar o tempo — para que se alcancem os territórios de povos bem diversos dos litorâneos, em cujos domínios o ouro e a prata são abundantes. Esses dois rios correm a princípio separados um do outro, mas depois convergem para um mesmo ponto onde se confluem, como fazem o Ródano e o Saona em Lião, prosseguindo juntos por uma boa extensão pela Nova Espanha a dentro, pois estas duas terras são limítrofes, assim como a França e a Itália.

Quando os canadenses estão em guerra, seu *agahanna* (isto é, “rei” ou “senhor”) ordena aos chefes das suas aldeias que venham ao seu encontro acompanhados de sua gente devidamente equipada de víveres e armamentos, conforme é de seu costume. Eles atendem imediatamente à convocação, envidando todos os esforços para cumprirem as ordens recebidas, sem reclamações e sem deixar coisa alguma para trás. Seguem por água em suas compridas e estreitas canoas feitas de casca de árvores e semelhantes às que se usam na América e regiões adjacentes. Depois de se reunirem, partem ao encontro de seus inimigos. Quando estão prestes a encontrá-los, põem-se em ordem de batalha e começam a recorrer a seus costumeiros ardis e stratagemas.

¹⁶⁸ Tribos do sudeste da América do Norte. Estêvão Pinto presume que os *chicorins* sejam os *cherokeses*. (N. do T.)

¹⁶⁹ No original *Ochelagua* e *Saguené*. O primeiro é o São Lourenço. O *Saguenay*, que conserva até hoje este mesmo nome, é afluente do São Lourenço. (N. do T.)

Enquanto isso, a aldeia que vai ser atacada prepara-se para a defesa. Seus moradores fortificam as choças e cabanas, depois amontoam galhos, ramos e outros pedaços de madeira, passando neles gordura de lobo-marinho ou outro peixe, a fim de envenenar os atacantes pela fumaça espessa e negra que a fogueira produz. Esta fumaça é muito perigosa de se aspirar, devido à sua excessiva fetidez (tão terrível que sua inalação pode até causar a morte). Ademais, este fumo cega os inimigos, impedindo-os de se verem uns aos outros. Os situados escolhem um local adequado para acender a fogueira de modo que a fumaça desprendida seja levada pelo vento ao lugar onde se encontram os inimigos. Usam também venenos feitos de folhas de árvores e de ervas de frutos secos ao sol, colocando-os também na lenha da fogueira, acendendo-a somente quando avistam os inimigos ao longe.

Quando ali se encontravam aqueles que primeiro descobriram essa terra, os selvagens quiseram defender-se deles incendiando seus navios ancorados perto da praia. Para tanto, vieram à noite, sorrateiramente, trazendo suas graxas e óleos. Alertados desta sua intenção, os europeus tomaram as devidas providências e não chegaram a ser incomodados. Todavia, fiquei sabendo que os pobres selvagens só tinham maquinado esse ataque movidos por uma justificada e razoável revolta contra os maus tratos que tinham sofrido nas mãos dos descobridores. Acontece que quando estes desceram à terra, alguns dos rapazes, por pândega, resolveram divertir-se de maneira estúpida e inconseqüente: perversa e abusivamente, cortaram braços e pernas de alguns infelizes nativos, explicando que assim o faziam unicamente para experimentar se suas espadas estavam cortando bem! E, não obstante, tinham sido acolhidos fidalgamente por esses desditosos bárbaros, dos quais só haviam recebido provas de simpatia e amizade. Foi a partir de então que eles passaram a não mais permitir que os cristãos descessem em seus territórios, evitando manter com eles qualquer tipo de comércio, pois a experiência já lhes havia mostrado o que podiam esperar receber como pagamento. . .

Retornemos ao nosso assunto. Os canadenses, quando em formação de batalha, marcham de quatro em quatro. Quando avistam os inimigos ou pressentem sua proximidade, gritam e uivam medonhamente, do mesmo modo que as Amazonas assim fazendo para assustar e levar o pânico às hostes inimigas. Carregam consigo diversas insígnias confeccionadas de penas e plumas de cisne. Seus tambores são feitos de peles esticadas e retesadas, lembrando a forma dos bastidores nas quais se faz o pergaminho. São levados por dois homens de cada lado, enquanto atrás vai um outro batendo-lhe com dois paus o mais vigorosamente que pode. Suas flautas são feitas de ossos de animais, especialmente tíbias de gamo.

As armas com que os canadenses combatem são flechas, clavas roliças, cacetes de quatro faces, lanças de chuços de madeira com pontas de ossos, ao invés de ferro. Trazem seus escudos (que são enfeitados de penachos) pendurados ao pescoço, cobrindo às vezes o peito, às vezes as costas, de acordo com a necessidade do momento. Alguns usam uma espécie de morrião, feito de espessas peles de urso, a fim de protegerem a cabeça.

Os antigos combatiam de modo idêntico ao dos selvagens, golpeando-se com punhos e pés, dando mordidas, puxando os cabelos, etc. Posteriormente passaram a usar pedras, atirando-as contra os inimigos, conforme a própria Bíblia Sagrada nos ensina. Refere-se Heródoto, no seu Livro IV, a certo povo que usava clavas e porretes para guerrear. Conta ainda que todos os anos, no dia da festa de Minerva, as virgens dessa terra, em homenagem à deusa, lutavam entre si com pedras e porretes. Diodoro, no Livro I, conta que Hércules, em seus combates, usava como armas somente a clava e a pele de leão, uma vez que em sua época não se utilizava nenhuma outra coisa. Quem consultar Plutarco, Justino e outros autores verá que os antigos romanos combatiam inteiramente despídos. Os tebanos e lacedemônios atacavam os inimigos com barras de ferro e grossos porretes de madeira. Podemos

presumir, portanto, que estes povos do passado fossem tão corajosos quanto os atuais, mormente se considerarmos que eles combatiam nus, sem as grossas peles com que se protegem os canadenses hoje em dia, e sem conhecer os estratagemas e ardis de guerra que estes tão bem sabem empregar.

Eu ainda poderia citar diversos autores que escreveram sobre a maneira de guerrear dos antigos, mas bastam por ora os exemplos que demos, pois não podemos nos esquecer do nosso tema principal, isto é, os habitantes do Canadá.

Os canadenses não dão aos seus prisioneiros o mesmo destino reservado aos vencidos na América, ou seja, o de serem devorados pelos seus aprisionadores. O castigo que lhes infligem os canadenses é bem mais tolerável, pois consiste apenas em arrancar -lhes as peles da cabeça e do rosto, estendendo-as dentro de um arco para secar. Em seguida, levam as peles secas para sua aldeia como um emblema de vitória, exibindo-as triunfante-mente aos amigos, às mulheres e aos anciãos que, em razão de sua idade avançada, não mais podem tomar parte nas refregas.

Por fim, não são os canadenses tão inclinados à guerra quanto os peruanos e os selvagens do Brasil, talvez pelas dificuldades que encontrem, em consequência das neves e de outros fatores existentes naquelas bandas.

CAPÍTULO LXXX

DAS MINAS, DAS PEDRARIAS E DE OUTRAS SINGULARIDADES

EXISTENTES NO CANADÁ

Excelência da Terra do Canadá. — Árvore cujo suco sabe a vinho. — O cutom (árvore). — Videiras nativas do Canadá. — Pedras da cor de pepitas. — Minérios de ferro e de cobre. — A expressão “diamante do Canadá”. — Teorias sobre a concreção do cristal. — Cristal do Canadá. — O quanto era estimado o cristal pelos antigos e quais as aplicações que se lhe davam. — Jaspes e calcedônias.

O Canadá fica numa região muito bela e bem situada, excelente sob todos os pontos de vista, exceto no que concerne à rudeza do clima, que muito a desfavorece, como bem se pode imaginar. Esta terra produz diversas árvores e frutos de que por aqui não temos conhecimento. Entre as árvores, existe uma que lembra, na grossura e no porte, as nogueiras européias. Foi por muito tempo considerada uma árvore inútil, até o dia em que alguém precisou de cortar seu tronco e provou do suco que dele saiu, constatando que seu gosto era tão bom e delicado quanto o do bom vinho de Orleães ou de Beaume. Foi esta também a opinião dos nossos patrícios que dele provaram, dentre os quais o Capitão e outros gentis-homens de sua companhia, que no mesmo instante recolheram quatro ou cinco potes do dito licor. O leitor pode imaginar como os canadenses, depois que adquiriram o gosto por esta bebida, passaram a vigiar com grande zelo o *cutom*¹⁷⁰ — como chamam à árvore em sua língua — que lhes fornece este suco tão excelente.

Há no Canadá uma singularidade que poderia até parecer inacreditável para quem não teve a oportunidade de ali estar: as belas videiras nativas existentes em diversos pontos dessa terra. Crescem sozinhas, sem ser cultivadas, produzindo grande quantidade de uvas enormes, suculentas e deliciosas. Não consta, porém, que o vinho dessas uvas seria tão bom quanto elas. É de se presumir a estranheza e a admiração dos descobridores dessa terra quando avistaram tais videiras.

Essa região é um nunca-acabar de montanhas e planuras. Em suas altas montanhas existem umas pedras que lembram pepitas de ouro, tanto no peso quanto na cor. Todavia, quando se resolve examiná-las para ver se são legítimas, elas não resistem ao fogo, reduzindo-se a cinzas. Mas não é impossível que um dia aí se descubram minérios tão ricos quanto os das Ilhas do Peru, desde que se aprofundem as escavações já feitas. Quanto aos minérios de ferro e cobre, estes são abundantes.

Há que citar ainda umas pedrinhas talhadas à feição de pontas de diamante, provenientes tanto das planícies quanto das montanhas. Seus primeiros descobridores acharam que tinham ficado subitamente ricos, presumindo que elas fossem diamantes de verdade.

¹⁷⁰ No original, *couton*. (N. do T.)

Regressando à Europa, trouxeram consigo enormes quantidades dessas pedras. Foi depois disso que nasceu a expressão "é um diamante do Canadá," que hoje todos conhecem. A pedra lembra deveras os diamantes de Calicute e das Índias Orientais. Trata-se, efetivamente, segundo afirmam alguns entendidos, de um fino cristal. Nada posso dizer a este respeito, a não ser lembrar a teoria de Plínio, que dá o cristal como proveniente das neves e águas solidificadas em consequência de um excessivo congelamento. Dá-se tal fato evidentemente, nas regiões sujeitas a gelos e neves quando uma parte destas substâncias vai secando com o passar do tempo até transformar-se num corpo sólido, brilhante e transparente: o cristal.

Solino discorda completamente desta teoria de que o cristal provenha exclusivamente da neve, argumentando que, se assim fosse, tal rocha só seria encontrada em regiões frias, como o Canadá, por exemplo. No entanto, a prática tem demonstrado o contrário, pois o cristal é encontrado nas ilhas de Chipre e Rhodes, e em inúmeros pontos do Egito e da Grécia. Eu mesmo pude constatar tal fato quando estive nessas terras e observei seus cristais, então produzidos abundantemente, como aliás ainda o são até o dia de hoje. E é justamente este o principal argumento dos que não aceitam a idéia de ser o cristal originário da água congelada, uma vez que nas citadas regiões o calor, além de constante, é incomparavelmente mais ardente do que o do Canadá, terra sujeita à perpétua friagem.

Diodoro diz que o cristal se origina da concreção de água pura, mas não devido ao congelamento pelo frio, e sim ao ressecamento provocado pelo calor excessivo. Seja como for, o certo é que o cristal do Canadá é mais brilhante e apresenta maior semelhança com pedra preciosa do que o de Chipre e outros lugares.

Os antigos imperadores romanos apreciavam sobremaneira os cristais finos, empregando-os na fabricação de vasilhas de mesa. Usavam-nos também para fazer simulacros, guardando-os cuidadosamente trancados em seus camarins, junto com outras preciosidades. De modo idêntico, os reis do Egito, no tempo em que Tebas, a Grande, florescia, decoravam suas tumbas com cristais finos importados da Armênia Maior e das vizinhanças da Síria. Destes cristais eram feitas efígies dos reis em tamanho natural, na presunção de que assim se perpetuaria eternamente a sua memória.

Vimos como o cristal era apreciado pelos antigos, e os diversos fins que estes lhe destinavam. Atualmente, o cristal é empregado na fabricação de vasos e taças. E apesar de ser um material tão frágil, continua sendo bastante apreciado.

Por fim, nessa terra há grande abundância de jaspes e de calcedônias.

CAPÍTULO LXXXI

DOS TERREMOTOS E DAS SARAIVAS AOS QUAIS ESTÁ

MUITO SUJEITO O CANADÁ

Por que o Canadá está sujeito aos tremores de terra. — Saraivas são frequentes no Canadá. — Os terremotos são perigosos. — O que pensam alguns filósofos a respeito dos terremotos. — Em que consiste o vento. — Funestas conseqüências dos tremores da terra. — Por que o templo de Diana, em Éfeso, foi assentado em um local alagadiço. — Os terremotos são extremamente violentos no Canadá.

A terra do Canadá é excepcionalmente sujeita aos terremotos e às chuvas de pedra. Em razão disto, os pobres nativos, ignorantes das causas dos fenômenos naturais, mormemente dos celestes, vivem apavorados, embora tais fenômenos ali sejam frequentes e comuns. Os canadenses acreditam que quem os produza sejam os deuses, quando estão aborrecidos ou irritados. Na realidade, os terremotos são ocorrências naturais causadas unicamente por ventos que se introduziram pelas cavidades da terra, os quais, agitando-se no seu interior, produzem tremores na superfície, do mesmo modo que balançam as árvores quando sopram sobre elas, como sabiamente ensina Aristóteles no seu livro *Meteoros*.

Quanto às saraivas frequentes, nada há de espantoso neste fato, em razão da intemperança e inclemência do ar, tão frio nas altitudes médias quanto nas baixas, o que se explica pelo afastamento do Sol, que só se aproxima algum tanto desta terra quando se encontra na altura do nosso trópico. Assim, estando o ar continuamente frio, nada mais natural que esteja quase sempre congelada a água que cai do céu, precipitando-se em forma de neve ou de granizo.

Os nativos, tão logo constatarem o início de alguns desses desagradáveis fenômenos, ficam aflitos e correm para esconder-se em suas cabanas, levando para lá até mesmo seus animais domésticos. Lá dentro, prosternam-se diante de seus ídolos, cujo aspecto pouco difere do que se atribuía à mitológica Melusina de Lusignan, metade serpente, metade mulher, já que eles se compõem de uma grosseira cabeça guarnecida de basta cabeleira. Dentro do conceito selvagem de arte, trata-se de uma primitiva e tosca representação da cabeça feminina, sendo em forma de serpente todo o resto do corpo. Isto poderia dar aos poetas a idéia de que esses ídolos, que os selvagens geralmente têm em suas cabanas, fossem realmente representações de Melusina, aquela que fugia voando, personagem do famoso romance tão declamado pelos cantadores.

Embora sejam evidentes as causas dos terremotos, eles nem por isso deixam de ser perigosos. E já que este assunto veio à baila, vamos aproveitar o ensejo para lembrar o que pensam a respeito disso os filósofos naturalistas, e para citar os inconvenientes que os tremores de terra acarretam. Tales de Mileto, um dos sete sábios da Grécia, dizia que a água era o princípio de todas as coisas, e que a terra, flutuando no meio desta água como uma nau em alto mar, sofre contínuos abalos que podem ser maiores ou menores. Demócrito,

que também partilhava desta mesma idéia, acrescentava ainda que a água subterrânea, originada da chuva, não podendo ser contida nas cavidades e fendas da terra, em razão de sua excessiva quantidade, provocava esses abalos, sendo delas também que se originavam os mananciais e as fontes.

Já para Anaxágoras, o que causaria os terremotos seria o fogo subterrâneo, subindo à superfície, como é de seu natural, a fim de juntar-se ao fogo elementar, provocando com isso os tremores de terra e certas aberturas e rachaduras no chão, tão comuns em certas áreas. Como confirmação de sua teoria, lembrava que as chamas brotavam sobre a terra em diversos locais.

Anaximenes assegurava que a causa dos tremores devia ser procurada na própria Terra, dantes inteiramente rachada devido ao excessivo calor solar. Por essas fendas penetrava o ar com grande volume e violência. Aos poucos, porém, foi-se fechando e cicatrizando a superfície, impedindo que o ar subterrâneo encontrasse frinchas por onde escapar. Presso, o ar agita-se para lá e para cá no ventre da terra; daí os tremores. Deve ser esta última, ao que eu penso, a teoria mais razoável e próxima da verdade, pois encontra apoio nos princípios de Aristóteles concernentes ao vento, que outra coisa não seria senão ar, porém violentamente agitado. Há que considerar, todavia, a possibilidade de que os terremotos não provenham necessariamente de causas naturais, podendo muito bem ser meras manifestações dos ignorados e insondáveis desígnios do Todo Poderoso.

A destruição de cidades e vilas é a catastrófica consequência dos terremotos, como ocorreu a sete cidades da Ásia na época de Tibério César, à metrópole de Bitínia durante o reinado de Constantino e a muitas outras que foram engolidas pela terra ou que submergiram nas águas, como foi o caso de Elicéia e Bura, perto de Corinto.

Rapidamente, gostaríamos ainda de lembrar que os terremotos são por vezes tão violentos que podem até destacar partes da terra firme, formando ilhas, como se deu na Sicília, em alguns trechos da Síria, etc. Podem também provocar o fenômeno inverso, ou seja, a anexação de antigas ilhas ao continente, como ensina Plínio que aconteceu em Dromisco, Perna e Mileto. Acredita-se também que diversos lagos da África Antiga eram outrora simples baixadas recobertas por campos.

Encerrando, queremos citar o caso relatado por Sêneca, de um rebanho de quinhentas ovelhas e diversos outros quadrúpedes e aves que numa determinada ocasião foram tragados pela terra, em consequência de um terremoto, tendo então desaparecido todos aqueles animais. É por causa disto que a maioria das pessoas prefere estabelecer-se à beira dos mares e rios, a fim de evitar os terremotos. É a experiência — e não razão — quem lhes diz que as várzeas pantanosas, ao contrário das terras firmes, geralmente não sofrem abalos. A explicação deste fato foi dada pouco acima, quando vimos qual seria a causa dos tremores de terra. E foi por isso que o suntuoso e célebre templo de Diana, em Éfeso, construído com tamanha magnificência que mereceu ser considerado como uma das maravilhas do mundo, foi assentado sobre pilares no meio de um alagadiço, visto que este tipo de terreno não está sujeito aos tremores de terra. Em razão disto, o templo durou mais de duzentos anos, até o dia em que foi incendiado e reduzido a cinzas por um insensato chamado Helvídio (ou Eratóstenes, segundo alguns¹⁷¹, que praticou este ato de vandalismo movido pelo desejo de tornar-se famoso e comentado. A mesma precaução levou os romanos a edificarem um belíssimo templo, que foi dedicado a Hércules, às margens do Tibre, nele fazendo seus sacrifícios e orações.

¹⁷¹ O templo de Ártemis (Diana) foi incendiado por Erostrato — e não Eratóstenes — No século IV A.C. (N. do T.)

Os tremores de terra do Canadá chegam a ser por vezes tão violentos que podem derrubar umas duas mil árvores num raio de 5 ou 6 léguas das aldeias, tanto nas áreas montanhosas quanto nas planícies, provocando ainda desabamento de rochas, avalanches, desmoronamentos e afundamentos de terrenos, tudo em consequência da movimentação e trepidação da terra. Fatos idênticos podem ocorrer em todas as terras sujeitas a este fenômeno.

Vamos encerrar por aqui este assunto, a fim de retomarmos o fio da nossa narrativa.

CAPÍTULO LXXXII

DA REGIÃO DENOMINADA TERRA NOVA

As Ilhas dos Demônios. — O Cabo Marco. — O azeite da banha de um certo peixe. — Superstição comum a diversos povos do Levante. — De que peixes se alimentam as baleias. — É muito perigoso bater contra uma baleia em alto mar. — Um peixe que é inimigo natural das baleias. — Prenúncios de tempestades. — Animais estranhos. — Duas espécies de águias. — Modo de guerrear dos selvagens da Terra Nova. — Seus curiosos estandartes.

Após termos deixado as paragens do Golfo do Canadá¹⁷², tratamos de prosseguir rumo ao norte, na direção da Terra do Labrador, das Ilhas dos Demônios¹⁷³ e do Cabo Marco¹⁷⁴, distante 56 graus da Equinocial. Assim, costeamos à esquerda a região denominada Terra Nova, onde o frio é incrível — o que explica a breve permanência dos seus descobridores e dos mercadores que aí eventualmente desembarcam.

A Terra Nova constitui uma das extremidades do Canadá. Existe ali um rio que, em razão de sua largura e extensão, pode ser quase considerado um mar. Chamam-no de Rio dos Três Irmãos¹⁷⁵. Fica a cerca de quatrocentas léguas dos Açores e novecentas de nossa França. É ele que separa a província do Canadá da Terra Nova. Há determinadas pessoas hoje em dia que julgam tratar-se este rio de um estreito de mar, semelhante ao de Magalhães, pelo qual seria possível ir-se do Mar Oceano ao Mar do Sul ou Pacífico. O próprio Gema Frísio, tão versado nas matemáticas, caiu no erro de considerar este rio como um estreito, indicando-o como tal em seu mapa-múndi, sob a designação de “Passagem Setentrional”. Se fosse verdade tal coisa, teria sido vão todo o esforço empreendido pelos espanhóis e portugueses na procura de um estreito, a 3 000 léguas de distância deste ponto, pelo qual se pudesse atingir o Mar do Sul e alcançar as Molucas, as ilhas das especiarias.

Essa região é habitada por bárbaros que, à semelhança dos que vivem no Canadá, cobrem-se com peles de animais selvagens. São muito cruéis e intratáveis, como bem o sabem os nossos pescadores de bacalhau que navegam nessas paragens. Os moradores do litoral alimentam-se quase que exclusivamente de peixes, muito abundantes nessas águas. Eles pescam principalmente os lobos-marinhos, cuja carne consideram excelente. Usam também a gordura deste peixe, derretendo-a para obter um azeite de cor avermelhada que tomam às refeições, assim como nós bebemos vinho ou água. O mesmo que fazem com as

¹⁷² Golfo de São Lourenço (N. do T.)

¹⁷³ Um dos “arquipélagos fabulosos” dos mapas quinhentistas, geralmente colocado entre a Terra Nova e a Groenlândia. (N. do T.)

¹⁷⁴ Antigo nome dado à ponta setentrional da Baía de Hamilton, no Labrador, a 54° N de latitude (e não 56°, como diz Thevet). (N. do T.)

¹⁷⁵ Rio Hochelaga, Rio Canadá e Rio dos Três Irmãos: antigas denominações do Rio São Lourenço. (N. do T.)

peles dos grandes animais selvagens, fazem-no também com a deste peixe forte e corpulento, isto é, usam-na para confeccionar seus mantos e demais peças do vestuário. É deveras admirável que num elemento tão úmido quanto o mar, que é constituído da própria umidade, possa viver um bicho cuja pele é tão dura e seca quanto a dos animais terrestres!

Ali também há peixes revestidos de couro bem resistente (marsuínos, cães-marinhos e outros) ou recobertos por duras carapaças (tartarugas, ostras, mexilhões, etc.). Por fim, são abundantes todos os diversos peixes que eles usam habitualmente como alimentos, havendo tanto os grandes quanto os pequenos.

É verdadeiramente espantoso que os turcos, gregos, judeus e outros povos do Levante não admitam que se coma a carne do delfim ou a de qualquer outro peixe desprovido de escamas, quer sejam de água doce, quer de água salgada. Em vista disto, sou levado a concluir que os nativos dos quais estamos tratando sejam mais sensatos na escolha de seus alimentos, possuindo um paladar mais apurado para petiscos delicados do que o dos turcos, árabes e toda essa malta de povos supersticiosos.

Nessas águas vivem baleias, mas só no alto mar, evidentemente, pois estes peixes jamais se aproximam do litoral. As baleias só se alimentam de peixes pequenos, especialmente de um que não é maior que as nossas carpas, o que chega a ser quase inacreditável, tendo em vista seu enorme tamanho. A explicação, de acordo com alguns entendidos, está no fato de que a baleia possui uma goela muito estreita em relação ao seu corpanzil, donde não lhe ser possível devorar grandes bocados. Trata-se de uma singularidade desconhecida dos antigos e mesmo de muitos dos modernos autores de obras sobre os peixes.

A fêmea da baleia só dá à luz um filhote de cada vez, parindo-o do mesmo modo que os animais terrestres que não põem ovos, e não como os outros peixes ovíparos. O mais admirável é que elas amamentam as crias, sendo por isto que possuem tetas na barriga, abaixo do umbigo, particularidade que não é encontrada nos outros peixes de água doce ou salgada, exceção feita ao lobo-marinho. Assim o diz Plínio.

O choque de uma embarcação com o corpo de uma baleia é de fato uma coisa muito perigosa, conforme advertem os baleeiros baioneses, pela experiência que têm neste assunto. A propósito, narro um caso que aconteceu quando estávamos na América: De certa feita revirou a embarcação de um mercador que negociava por aquela costa, indo ao fundo com toda a carga, tudo por causa da rabanada que levou de uma baleia com a qual ele se chocara!

Na mesma área em que vive a baleia encontra-se também freqüentemente o seu perpétuo inimigo, um peixe que lhe espeta o ventre — a parte menos resistente de seu corpo — sempre que a encontra, usando para tanto sua língua afiada e aguda qual lanceta de barbeiro. Afirmam tanto os habitantes da Terra Nova como todos os pescadores, de modo geral, que esse ferimento é quase sempre mortal, raramente conseguindo a baleia escapar viva.

Nos mares que rodeiam a Terra Nova existe uma outra espécie de peixe que tem um bico semelhante ao do papagaio. Os bárbaros locais chamam-no de *hehec*. Há ainda diversos outros peixes de escamas, além de grande abundância de delfins, vistos geralmente à flor d'água, saltando e cabriolando sob as ondas. Muitos acreditam que isso seja o prenúncio de tormentas e tempestades acompanhadas de ventos violentos, sempre soprando dos lugares de onde saíram os delfins. Isto foi dito por Plínio e repetido por Isidoro nas suas *Etimologias*; porém, acima da autoridade de Plínio ou de qualquer outro autor antigo, foi a minha própria experiência que me convenceu definitivamente desta verdade.

Sem fugir muito do assunto, gostaria apenas de lembrar que seriam cinco os tipos de previsões e prognósticos de tempestades sobre o mar, conforme ensinam certos autores, entre os quais Políbio, que esteve com Cipião Emiliano na África.

Completando a relação, na Terra Nova são abundantes os mexilhões, sendo os daí realmente enormes. Quanto aos animais terrestres, existe uma grande variedade de feras extremamente bravas e perigosas, entre as quais uns ursos grandes e quase inteiramente brancos. (Esta característica que acabo de citar estende-se também às aves, cujas plumagens são tirantes a branco, o que atribuo ao clima glacial que aí domina). Os ursos perturbam os selvagens dia e noite, invadindo suas cabanas para comer os peixes e o azeite que eles guardam dentro delas. Uma vez que já explicamos, na *Cosmografia do Levante*, como é o processo usado pelos nativos para aprisionar essas indesejáveis feras, vamos aqui descrevê-lo em poucas palavras. Junto das árvores e dos rochedos, os selvagens cavam fossos profundos, cobrindo-os depois com ramos e folhagens a fim de disfarçá-los. Escolhem sempre os lugares próximos dos ninhos de abelhas, sabendo que os ursos estão sempre procurando mel, pois são ávidos por este alimento. Acredito que não comam mel apenas para matar a fome, mas sim para curar suas vistas, fracas por natureza, e também o cérebro, pois as picadas das abelhas fazem sair o excesso de sangue do corpo, principalmente da cabeça, causando-lhes, por conseguinte, um grande alívio.

Aí também existem uns animais grandes como búfalos, de chifres muito largos e pele cinzenta, da qual os nativos fazem suas roupas. Há muitos outros animais de peles raras e preciosas.

De resto, a Terra Nova é montanhosa e pouco fértil; de um lado, por causa da inclemência do tempo; de outro, pela própria condição da terra, pouco povoada e mal cultivada. Quanto às aves, não são nem tão numerosas e nem tão belas quanto as da América e do Peru. Há duas espécies de águias, uma das quais vive junto à água, alimentando-se quase só de peixe, inclusive dos que são revestidos por grossas escamas ou mesmo por conchas. (Para poderem comer estes últimos, as águias agarram-nos e voam com eles para bem alto, soltando-os para que caiam no chão e se quebrem). Esta ave nidifica nas altas árvores do litoral.

Banham a região numerosos rios que, além de belos, são ricos em bons peixes. Os nativos só se interessam pelos que lhes são estritamente necessários à subsistência, de sorte que não se preocupam em comer alimentos exóticos e nem vão buscá-los em lugares longínquos. Seus alimentos são sadios; disto decorre que eles nem sequer saibam o que sejam doenças, vivendo em permanente saúde e paz, sem que entre eles germine a semente da inveja. Ali não se cobiçam os bens ou cabedais do próximo, visto que quase todos possuem praticamente os mesmos haveres, consistindo sua maior riqueza na completa aceitação de sua pobreza comum. Este povo também não possui um local destinado à administração da justiça, já que entre eles não se praticam atos passíveis de reprovação. Quanto às suas leis, as únicas que possuem são as da própria Natureza, de modo idêntico ao que ocorre entre os americanos e outros povos da terra continental que lhes fica de frente.

Os que vivem no litoral alimentam-se quase somente de peixe, conforme dissemos há pouco. Já os que vivem longe do mar contentam-se com os frutos que a terra produz, conquanto geralmente não seja esta cultivada ou trabalhada. Era deste mesmo modo que viviam os antigos, ensina-nos Plínio. Ainda nos nossos dias pode-se ver a terra produzindo por si própria, sem carecer cultivá-la. Conta Virgílio que quando a produção da floresta de Dordônia começou a ficar cada vez mais insuficiente, devido em parte à decadência prove-

niente dos anos, em parte à sua incapacidade de satisfazer ao crescente número de pessoas que dela viviam, isso acabou por levar seus usuários a trabalhar a terra, retirando dela sua subsistência. Foi assim que surgiu a agricultura.

Quanto ao mais, esse povo é pouco dado à guerra, entregando-se a ela apenas quando seus inimigos vêm atacá-lo. Neste caso, preparam sua defesa de maneira idêntica à dos canadenses. Seus instrumentos de incitação à batalha são constituídos de peles de animais esticadas e recortadas em forma de círculo — seus tambores — e flautas feitas de ossos de gamo, semelhantes às dos canadenses. Logo que percebem ao longe o inimigo, empunham suas armas de guerra, ou seja, seus arcos e flechas. Então, antes de se lançarem ao combate, seu chefe, que eles consideram como um rei, desfila perante os guerreiros, todo revestido de ricas peles e plumagens, sentado aos ombros de dois robustos selvagens, a fim de que todos possam reconhecê-lo e estejam prontos a obedecer a seus comandos. Se porventura alcançam a vitória, só Deus sabe o quanto ele é cumprimentado! Neste caso, regressam jubilosos para suas cabanas, empunhando seus estandartes constituídos de ramos de árvores adornados de penas de cisne que ficam farfalhando ao vento. Em sinal de vitória, colocam sobre os estandartes as peles dos rostos dos inimigos, como pequenas máscaras circulares, conforme pode ser visto na ilustração.

CAPÍTULO LXXXIII

DAS ILHAS DOS AÇORES

O porquê do nome das Ilhas dos Açores. — Razão do temor que lhe têm os navegantes. — Os “essores”. — Fertilidade destas ilhas. — *Hirci*. — *Oracantim*, uma espécie de cedro. — Cofre de cedro. — Navio de cedro. — Uma determinada expressão. — Ilha de São Miguel. — Cabo Finisterra. — Epílogo do autor. — Cartas do Autor contendo a situação e as distâncias entre os lugares.

Finalizando o relato de nossa viagem, falta apenas tratar de umas ilhas denominadas Açores, que costeamos à destra. Ali corremos sérios riscos de naufrágio, porquanto a 3 ou 4 graus aquém e além dessas ilhas sopra com relativa freqüência um vento incrivelmente frio e impetuoso a mais não poder. Daí a razão de ser tão temida a região dessas ilhas, considerada quer pelos pilotos quer pelos marinheiros como a passagem mais perigosa tanto para os que se dirigem às Índias quanto para os que vão à América. Saiba o leitor que jamais é calmo o mar neste trecho. Ocorre com freqüência alçaram-se as águas corregadas pelo vento, do mesmo modo que o turbilhão — como dizemos vulgarmente — levanta a poeira ou a palha do chão. Seu aspecto, no mar ou na terra, é o de uma língua de fogo em forma de pirâmide. Já vi por diversas vezes tal fenômeno e acredito que ele se dava à movimentação circular do vento no sentido de baixo para cima, conforme expliquei em outra parte deste livro.

O nome “Açores” vem de “essor”, isto é, da excessiva evaporação que estas ilhas apresentam, em virtude dos ventos que aí sopram. “Essorer” significa o mesmo que “secar” ou “enxugar”.¹⁷⁶

Do arquipélago à França medeia uma distância de dez graus e meio. As ilhas são em número de nove. As principais estão presentemente habitadas por portugueses, que para aí levaram numerosos escravos com a finalidade de trabalhar e lavar a terra. Por sua diligência, tornaram-se as ilhas ricas de todos os bons frutos necessários à vida humana, entre os quais sobressai o trigo, cuja abundante produção permite que todo o abastecimento de Portugal seja feito nos Açores. O trigo é transportado por grandes navios, juntamente com outros frutos aí colhidos, nativos ou não. Destes, um dos mais importantes é o *hirci*, trazido das Índias, o qual não existia outrora nem nesse arquipélago e nem nas Ilhas Afortunadas.

No passado, antes que as pessoas — inclusive as da nossa própria Europa — comessem a cultivar a terra, plantando e semeando os frutos, contentavam-se todos meramente com aquilo que a terra por si mesma produzia naturalmente. A bebida que tomavam era a pura e cristalina água. Suas vestes consistiam em cascas de árvores, folhagens e peles, como já dissemos. Evidencia-se assim, mais uma vez, a admirável providência do bom Deus que espalhou, pelas águas do Mar Oceano, do Mediterrâneo e de todos os outros mares, enorme quantidade de ilhas, umas maiores, outras menores, mas todas sempre resistindo incólumes

¹⁷⁶ A palavra *açores* é portuguesa e designa os pequenos falcões encontrados nessa ilhas pelos seus primeiros colonizadores. (N. do T.)

às vagas e tempestades, sem que seus habitantes sejam por elas perturbados. Pois, como diz o profeta, o Senhor estabeleceu os limites do mar, e as águas não os poderão ultrapassar. Algumas dessas ilhas, dantes desertas, estão presentemente habitadas, enquanto que outras foram um dia abandonadas por suas populações. Sabe-se que a mesma coisa ocorreu com muitas cidades do Império Grego, da Trebizonda e do Egito. E é tal a ordem estabelecida pelo Criador, que todas as coisas aqui de baixo não se conservam inalteráveis em suas essências, mas estão sujeitas a contínuas transformações. Foi por esta razão que os cosmógrafos dos nossos tempos tiveram de atualizar as tábuas de Ptolomeu, acrescentando-lhes as descobertas ulteriores aos conhecimentos da época em que elas foram elaboradas, pois de lá para cá muitas novidades surgiram.

As Ilhas dos Açores, na época em que foram descobertas pelos portugueses¹⁷⁷, eram completamente despovoadas e recobertas por uma infinidade de árvores de toda sorte. Entre estas havia uma espécie de cedro que os atuais moradores chamam de *oracantim*. Sua madeira é utilizada na confecção de mesas, cofres e até mesmo embarcações. Trata-se de uma madeira fortemente aromática e que está sujeita à putrefação como as demais, ainda que fique enterrada ou mergulhada. Deve-se a Plínio a constatação desta característica, pois na sua época foram encontrados, entre duas lápides de um sepulcro romano, alguns livros de Filosofia guardados dentro de um pequeno cofre feito de madeira de cedro, que se conservara incorrupto sob a terra pelo espaço de uns quinhentos anos. Lembro-me também de ter lido algures que Alexandre, o Grande, quando passou por Taprobana, ali encontrou um navio de cedro encalhado na praia, ali abandonado há mais de duzentos anos sem que sua madeira apresentasse o menor sinal de corrupção ou putrefação. É daí que vem a expressão latina *digna cedro*, aplicada às coisas que merecem ser eternamente recordadas.

Parece-me que os cedros dos Açores não são nem tão altos e nem tão aromáticos quanto os do Estreito de Magalhães, embora esta região esteja quase na mesma altura das aludidas ilhas.

Nos Açores há também diversas e excelentes árvores frutíferas, especialmente na ilha mais considerável e mais povoada do arquipélago, a que se chama São Miguel. Nela construiu-se recentemente uma belíssima cidade junto ao forte onde atracam os navios espanhóis e portugueses quando regressam das Índias. Aí fazem eles última escala antes de chegarem aos seus países.

Numa dessas ilhas há uma montanha quase tão alta quanto a de Tenerife¹⁷⁸, da qual já tratamos. Cultiva-se aí abundantemente o pastel-dos-tintureiros e a cana-de-açúcar. Existem também alguns vinhedos. Aí não há animais ferozes, mas apenas cabras selvagens e diversas aves que vivem pelos bosques.

Tendo ultrapassado essas ilhas, prosseguimos até o Cabo Finisterra, na costa espanhola, onde paramos para conseguir novos víveres, dos quais há muito estávamos em falta. Daí, retomamos nosso caminho, até que chegamos à Bretanha, região pertencente à jurisdição da França.

Eis aí, senhores, o relato de minha longínqua viagem ao Poente. Escrevi-o na esperança de que seja de alguma utilidade, já que ninguém até hoje publicou a narrativa desta

¹⁷⁷ Não se sabe ao certo quem descobriu os Açores. Sabe-se, contudo, que Gonçalo Velho Cabral, em 1431, arribou à ilha mais oriental do arquipélago, dando-lhe o nome de Santa Maria, que ela conserva até hoje. (N. do T.)

¹⁷⁸ Trata-se da Ilha do Pico, onde se eleva a montanha que lhe dá o nome, estando seu cume a 2 320 m acima do nível do mar. (N. do T.)

mesma viagem. Fi-lo o mais resumidamente que pude, e sinto que minhas palavras não pos-
suam a eloquência que merecem vossos delicados ouvidos e seletos julgamentos. Infeliz-
mente, Deus não me concedeu a graça de poder dedicar-me às belas letras durante a minha
juventude, pois já desde cedo estive às voltas com a navegação, e assim não pude adquirir a
correção de linguagem que tantos outros possuem. Assim sendo, suplico-vos que afetuosamente
me perdoeis. Todavia, se puderdes receber de bom grado esta obra escrita sob o tu-
multo das tempestades e as agruras sofridas tanto na terra quanto no mar, dar-me-ei ânimo
para prosseguir o meu trabalho.

No momento; encontro-me aqui em França, recuperando as forças e repousando o
espírito, pois meus pensamentos ainda estão como que dispersos por todos os lados. Pre-
tendo, contudo, escrever depois mais amplamente a respeito da situação e das distâncias
dos lugares que pude observar pessoalmente no Levante, no Meridião e no Poente, enrique-
cendo o trabalho com ilustrações bem vivas, a fim de que possais ter desses lugares uma me-
lhor visão do que as fornecidas pelas cartas modernas. Estas — e ousou dizê-lo sem ofender a
honra de quem quer que seja — apresentam diversas falhas, talvez pela carência de desenhis-
tas, gravadores e outros artistas. Ademais, é bastante difícil, senão mesmo impossível, re-
presentar com exatidão os lugares e sítios notáveis, suas situações e distância, sem tê-los vis-
to pessoalmente, já que este é o melhor modo de se conhecer alguma coisa, como todo o
mundo bem sabe. Lembremo-nos de que vivemos por longo tempo ignorando a existência
de diversos lugares, tanto ilhas quanto terras firmes, limitados apenas àquilo que os antigos
havam visto e descrito. Foi de algum tempo para cá que os navegantes se aventuraram pe-
los mares. Assim sendo, hoje em dia já se completou o descobrimento de todo o nosso He-
misfério, tendo-se constatado a sua total habitabilidade. E dizer que Ptolomeu e tantos ou-
tros não lhe haviam reconhecido senão a metade. . .

A presente edição de AS SINGULARIDADES DA FRANÇA ANTÁRTICA, de autoria de André Thevet, foi traduzida por Eugênio Amado, é o volume número 45 da Coleção Reconquista do Brasil, dirigida por Mário Guimarães Ferri, da Universidade de São Paulo. Foi composta em IBM Polyester-Film, com tipos da Família Press Roman, corpo 10/12. Notas em corpo 8/8 da mesma família. A mancha tipográfica é de 30 x 49 paucas, em máquina IBM Eletronic Composer, operada por Cincero Diniz Chaves e Grécia Soares de Oliveira nos estúdios da própria Editora. O papel é de fabricação nacional, no formato 76 x 112 - 85 g/m², especialmente fabricado para esta edição e fornecido por KSR - Comércio e Indústria de Papel S.A., à Av. Antônio Carlos, 276 - Belo Horizonte. A capa foi concebida pelo artista plástico Cláudio Martins. Os fotolitos da capa foram executados por YANGUER - Estúdio Gráfico Ltda., à Rua Mem de Sá, 134 - São Paulo. Planejado e diagramado por Alceu Letal. Impressa na Gráfica Bisordi Ltda., à Rua Santa Clara, 54 - Brás - São Paulo, para a Editora Itatiaia Limitada, à Rua da Bahia, 902 - Belo Horizonte, em regime de co-edição com a EDUSP-EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, em março de 1978, e no catálogo geral levaro número 519, ☆☆☆☆☆☆☆☆

Nada disso tira o mérito desta narração da viagem de ida, da França até o litoral paulista, ao longo da costa da África, e do regresso, costeando a América até o Canadá. Há erros, há incongruências, há narrativas por ouvir dizer, mas é dos primeiros grandes livros sobre a nova terra e a nova gente, ao lado de Hans Staden. Isto não se lhe pode negar.

Chamamos a atenção dos leitores para as 178 notas de pé de página do jovem tradutor Eugênio Amado. Nas pegadas do pai, o polígrafo Milton Amado, revela a mesma incansável preocupação de tudo esclarecer, de retificar o que deva ser retificado, de identificar vocábulos desaparecidos, quiçá inventados por fértil imaginação. É tradução, no sentido exato da palavra.

André Thevet é, na verdade, o ponto de partida dos estudos brasilianistas, se bem que o Brasil propriamente dito ocupe a menor parte de suas narrativas. Jean de Lery, Paul Gaffarel, Estêvão Pinto e outros preocuparam-se com suas falhas, suas etimologias fantasiosas, esquecendo-se apenas de que não o devemos considerar (embora ele o pretendesse), como um cientista no sentido moderno da palavra, mas como um cronista. E, quanto a isso, ao contrário do que ele pensa e diz, é delicioso de ler-se.

As Singularidades da França Antártica é livro que não podia faltar à coleção "Reconquista do Brasil", Ei-lo, em apurada tradução, em edição crítica, enfim, com todo o aparato que o torna indispensável à estante do estudioso.

J.E.F.

LIVRARIA ITATIAIA EDITORA LTDA.
EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO